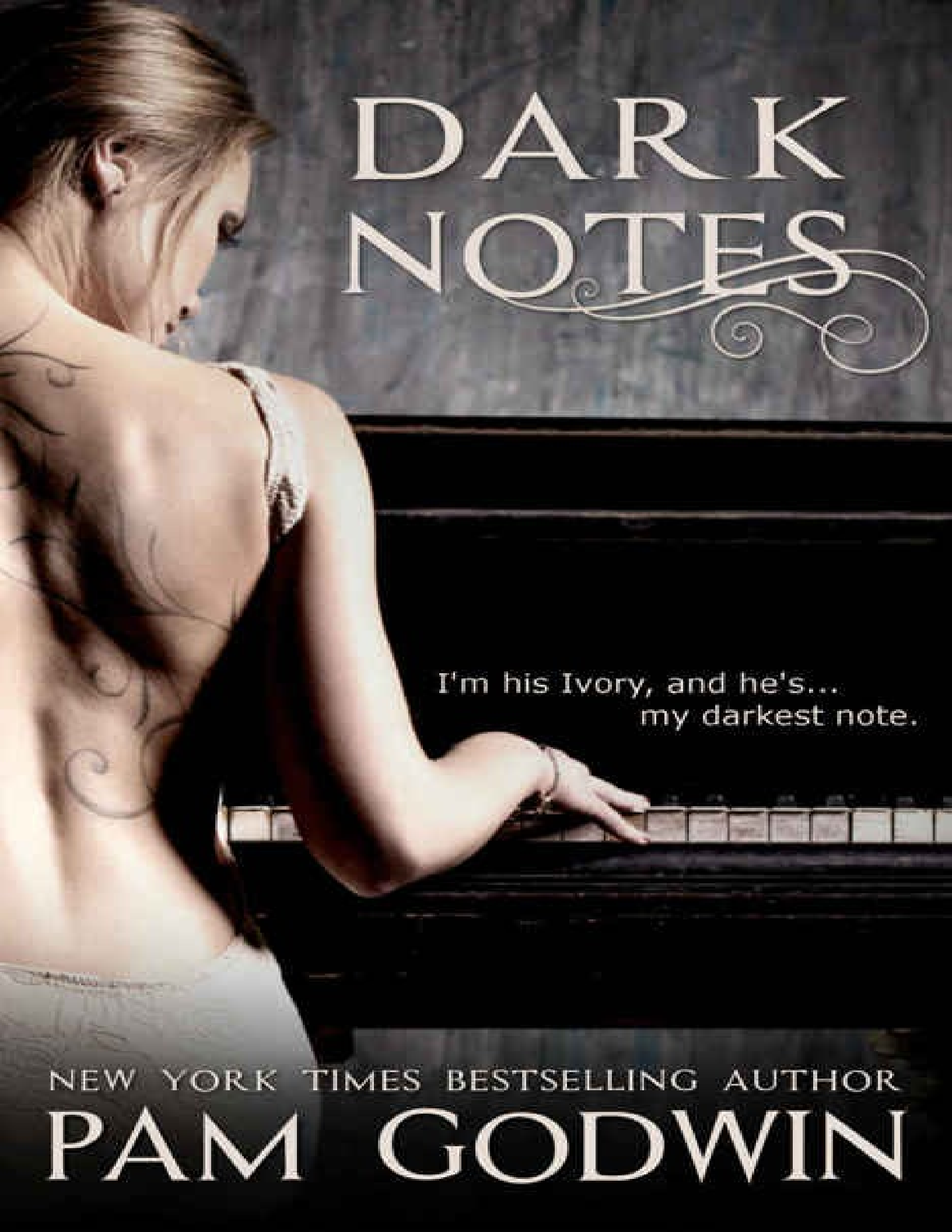

DARK NOTES
I'm his Ivory, and he's...
my darkest note.
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PAM GODWIN

# DARK NOTES

PAM GODWIN




Disponibilizado: Stella Marques
Tradução e Revisão: Mamis, Cacau Nigri
Leitura Final: Niquevenen, Ly
Formatação: Niquevenen

Eles me chamam de vagabunda. Talvez eu seja.
Às vezes faço coisas que eu desprezo.
Às vezes os homens tomam sem pedir.

Mas eu tenho um dom musical, em
apenas um ano deixo o ensino médio,
e tenho um plano.
Com um obstáculo.

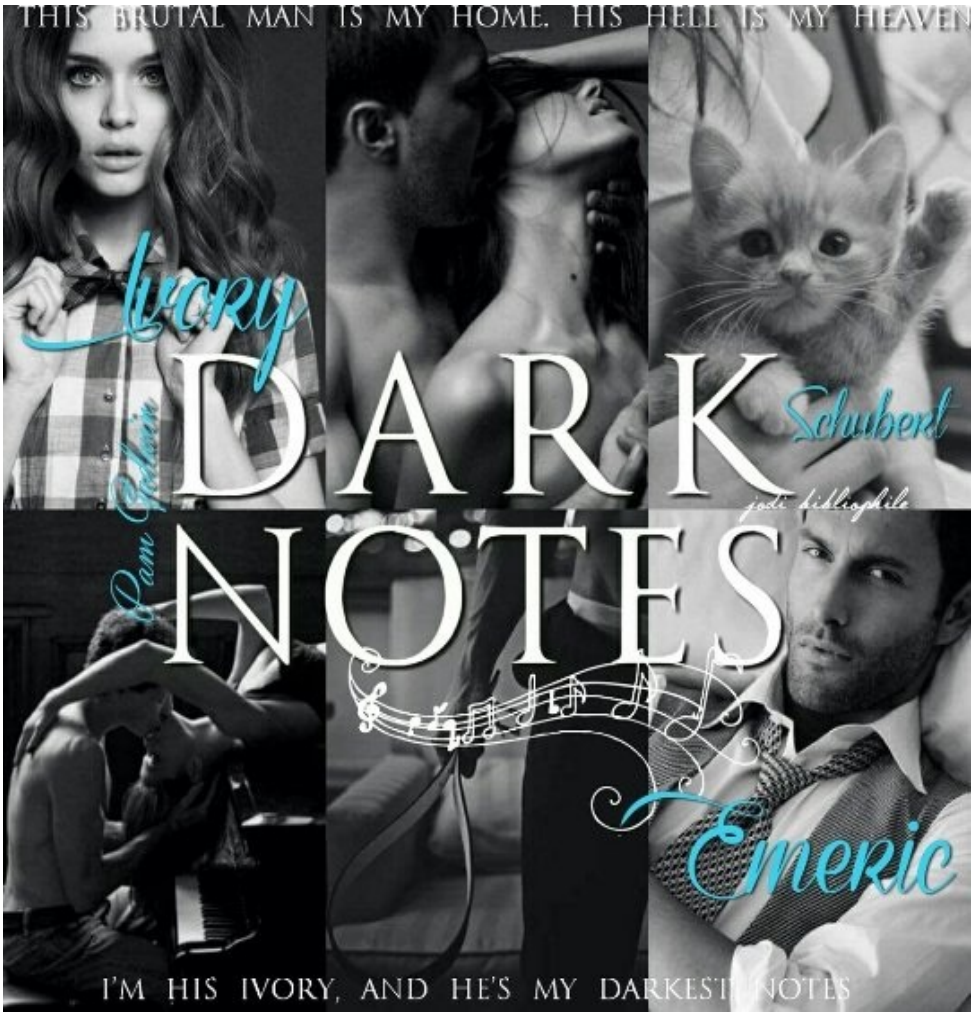
Emeric Marceaux não apenas toma.
Ele agarra a minha força de vontade e bate como uma nota escura.

Quando ele me manda jogar,
eu quero dar-lhe tudo.

Eu me ajoelho para seus castigos,

tremo por seu toque,
e arrisco tudo por  nossos momentos roubados.

ELE É MINHA OBSESSÃO,
MEU SENHOR,
MINHA MÚSICA.
E MEU PROFESSOR.


THIS BRUTAL MAN IS MY HOME. HIS HELL IS MY HEAVEN
Ivory
Schubert
DARK
NOTES
Pam Godwin
jodi bibliophile
Emeric
I'M HIS IVORY, AND HE'S MY DARKEST NOTES

# 1
# IVORY



Pobreza.

Ela costumava ser mais fácil.

Talvez porque eu não me lembre muito mais de quando era uma criança. Porque eu era feliz.

Agora tudo o que resta é tristeza e gritos e contas a pagar.

Aos dezessete anos, eu não sei muito sobre o mundo, mas acho que não ser desejada e infeliz é mais difícil de suportar do que não ter nada para comer.

O nó no meu estômago aperta. Talvez se eu vomitar antes de sair de casa, isso vai soltar meus nervos e limpar a minha cabeça. Só que eu não posso me dar ao luxo de perder  calorias.

A respiração profunda confirma que os botões da minha camisa mais bonita estão se mantendo firmes, meu decote considerável ainda assim é conservador e oculto. A saia até o joelho se encaixa melhor nesta manhã do que ela fez no brechó, e as sapatilhas... Esqueça. Não há nada que eu possa fazer sobre as solas rachadas e rasgos nos dedos dos pés. Eles são os únicos sapatos que possuo.

Eu saio do banheiro e vou na ponta dos pés até a cozinha, penteando os dedos trêmulos por meu cabelo. Os fios molhados caem nas minhas costas e molham minha camisa. Merda, será que meu sutiã está aparecendo através do

tecido úmido? Eu deveria ter usado meu cabelo para cima ou seco, mas eu estou sem tempo, o que endurece ainda mais o meu estômago.

Jesus, eu não deveria estar tão ansiosa. É apenas o primeiro dia de escola. Já fiz isso várias vezes.

Mas é meu último ano.

O ano que vai determinar o resto da minha vida.

Um erro, um GPA menos-que-perfeito, uma violação do código de vestimenta, a infração mais ínfima vai orientar os holofotes longe do meu talento e brilho na *menina pobre de Treme*. Cada passo que dou nos salões de mármore de Le Moyne Academy é um esforço para provar que sou mais do que apenas aquela garota.

Le Moyne é uma das escolas secundárias de artes de palco mais reconhecidas, de elite, e caras do país. É intimidante. Aterrorizante, porra. Não importa se eu sou a melhor pianista em Nova Orleans. Desde meu primeiro ano, a academia foi à procura de uma razão para me expulsar, para preencher o meu lugar competitivo com um estudante que traz talento *e* dotes financeiros.

O fedor de fumaça envelhecida me trás de volta à realidade da minha vida. Eu aperto o interruptor da parede da cozinha, iluminando pilhas de latas de cerveja esmagadas e caixas de pizza vazias. Pratos duros enchem a pia, pontas de cigarro jogadas no chão, e o que diabos é isso? Eu me inclino ao balcão e aperto os olhos no resíduo queimado na base de uma colher.

*Filho da puta*. O meu irmão usou nossos melhores utensílios para cozinhar coca? Eu lanço-a no lixo, com uma onda de raiva.

Shane afirma que ele não pode pagar as contas, mas o bastardo sem emprego tem sempre dinheiro para festa. Não só isso, a cozinha estava impecável quando adormeci, não obstante o padrão florescendo nas paredes e o laminado descamando das bancadas. Esta é a nossa casa, maldição. A única coisa que nos resta. Ele e minha mãe não têm idéia do que tenho sofrido para manter atualizados os pagamentos da hipoteca. Para o seu bem, espero que eles nunca descubram.

Pêlo macio escova meu tornozelo, chamando minha atenção para o chão. Olhos dourados enormes olham atentos de uma face do gato malhado laranja, e meus ombros soltam imediatamente.

Schubert inclina seu queixo desalinhado e esfrega os bigodes contra a minha perna, sua cauda se contorcendo no ar. Ele sempre sabe quando eu preciso de carinho. Às vezes eu acho que ele é o único amor deixado em casa.

— Eu tenho que ir, menino doce, — eu sussurro, estico-me para baixo até arranhar suas orelhas. — Seja um bom gatinho, ok?

Eu removo a última fatia de pão de banana de seu esconderijo na parte de trás da despensa, aliviada que Shane não tinha encontrado. Eu envolvo-o em uma toalha de papel e tento fazer uma fuga tão tranquila quanto possível pela porta da frente.

Nossa casa em ruínas é um espaço com cinco salas de comprimento. Não há corredores. Com os quartos criados um a frente do outro e todas as portas alinhadas, eu poderia ficar na varanda em volta, disparar uma espingarda na porta da frente, e não bater em quaisquer paredes.

Mas eu poderia acertar em Shane. Deliberadamente. Porque ele é um fardo da porra e um desperdício de vida. Ele também é nove anos mais velho, 68 quilos maior, e o único irmão que eu tenho.

As tábuas de madeiras de cem anos de idade gemem sob os meus pés, e eu chupo a respiração, esperando que o rugido não perturbe a embriaguez de Shane.

Silêncio. *Obrigada, Jesus.*

Segurando o pão embrulhado contra o meu peito, eu passo pelo quarto de mamãe pela primeira vez. Eu caminhei por aqui trinta minutos atrás, meio dormindo e me arrastando para o banheiro no escuro. Mas, com a luz da cozinha brilhando através da porta, o nó em sua cama parece inconfundivelmente humano.

Eu tropeço com surpresa, tentando me lembrar da última vez que a vi. Duas... Três semanas?

A vibração agita atrás do meu esterno. Talvez ela tenha voltado para casa para me desejar sorte no meu primeiro dia?

Três passos tranquilos me levam para cama. Os quartos retangulares são apertados e estreitos, mas o teto sobe três metros e meio ou mais alto. Papai costumava dizer que o telhado inclinado e o layout de frente para trás longo foi um projeto de ventilação para garantir que todo o seu amor poderia fluir.

Mas papai se foi, e tudo o que resta a circular pela casa é o mofo, e a tosse da pulverização das janelas.

Curvo-me no colchão, esforçando-me para ver o cabelo cortado da mãe nas sombras. Em vez disso, estou reunindo-me com o mau cheiro amargo de cerveja e de ervas. *Claro*. Bem, pelo menos ela está sozinha. Não tenho nenhum interesse em conhecer o homem-do-mês com quem ela estiver no momento.

Devo acorda -la? O instinto me diz que não, mas caramba, me dói para sentir seus braços em volta de mim.

— Mãe? — Eu sussurro.

A protuberância se movendo, e um gemido profundo ressoam dos cobertores. Gemidos de um homem, que eu conheço com uma intimidade terrível.

Sinto o aperto frio na espinha quando eu embaralho para trás. Por que o melhor amigo do meu irmão está na cama da mamãe?

O grosso braço de Lorenzo oscila para cima e sua mão pega a parte de trás do meu pescoço, me puxando em direção a ele.

Eu deixo cair o pão na minha tentativa de me afastar, mas ele é mais forte, covarde, e nunca aceita um não.

— Não, — eu digo de qualquer maneira, o medo amplifica minha voz, meu pulso rugindo em meus ouvidos. — Pare com isso!

Ele me derruba na luta para cama, empurrando meu rosto para baixo sob seu corpo suado. A respiração de cerveja quente me sufoca. Em seguida, o seu peso, suas mãos... Oh Deus, a sua ereção. Ele golpeia minha bunda, minha saia de merda levanta, sua respiração pesada e ofegante raspando meus ouvidos.

— Me solta! — Eu me debato descontroladamente, meus dedos agarrando os cobertores, me levando a lugar nenhum. — Eu não quero isso. Por favor, não—

Sua palma da mão dá uma tapa sobre minha boca, fechando-a assim como sua força limita meus movimentos.

Meu corpo cresce frio, insensível, caindo como uma coisa morta, separando da minha mente. Deixo-me escapar, minha concentração no domínio daquilo que sei com segurança, o que eu amo, quando embrulho todo o meu ser com uma atmosfera escura, traços de luz de teclas de piano, ritmo atonal. Sonata N°.9 de Scriabin[1]. Eu vejo meus dedos deslizarem através da peça para piano, escuto a melodia assombrando, e sinto cada nota tremendo me puxando ainda mais para a massa negra. Longe do quarto. Longe do meu corpo. Longe de Lorenzo.

Uma mão serpenteia sob o meu peito, apertando o meu peito, puxando a minha camisa, mas eu estou perdida nas notas dissonantes, recriando-as com cuidado, distraindo os meus pensamentos. Ele não pode me machucar. Não aqui com a minha música. Nunca mais.

Ele se mexe, empurrando a mão entre as bochechas da minha bunda, dentro da minha calcinha, sondando mais ou menos no buraco na parte de trás que ele sempre faz sangrar.

A sonata quebra em minha mente, e eu tento remontar os acordes. Mas seus dedos são implacáveis, forçando-me a suportar seu toque, sua palma abafando meu grito. Eu suspiro para o ar e freneticamente chuto minhas pernas perto da mesa de cabeceira. Meu pé colide com a lâmpada e envia-a caindo no chão.

Lorenzo congela sua mão apertando a minha boca.

A batida forte vibra na parede e pela minha cabeça, um punho batendo no quarto de Shane. Meu sangue corre frio.

— Ivory! — A voz de Shane ressoa através da parede. — Porra, me

acordou sua inútil do caralho, puta!

Lorenzo pula de cima de mim e se apoia para o feixe de luz da porta da cozinha. Tatuagens tribais marcam seu peito, e calça de moletom folgada pendura de seus quadris estreitos. Uma pessoa modesta pode considerar seu físico reforçado e forte características latinas atraentes. Mas as aparências são apenas a pele da alma, e sua alma está podre.

Eu rolo para fora da cama, empurrando para baixo a minha saia, e pego o pão embrulhado do chão. Para chegar à porta da frente, eu tenho que passar pelo quarto de Shane, em seguida, a sala de estar. Talvez ele não tenha se arrastado para fora da cama ainda.

Com um impulso tremendo, eu disparo na caverna escura como breu do quarto de Shane e — *Oomph!* Eu bato em seu peito nu.

Esperando sua reação, eu desvio do caminho do seu primeiro soco, apenas para expor a minha bochecha para a tapa da outra mão. O impacto me envia de volta para o quarto de mamãe, e ele me acompanha, seus olhos caídos em uma névoa de álcool e drogas.

Eu pensava que ele usava para se parecer com o papai. Mas isso foi antes... Todos os dias, o couro cabeludo loiro de Shane recua ainda mais, suas bochechas afundam mais profundo em seu rosto pastoso, e sua barriga pendura para baixo sobre aqueles shorts de treino ridículos.

Ele não tem trabalhado desde que desertou da Marinha, quatro anos atrás. O ano que nossas vidas foram uma merda.

— Por quê. Oh. *Foda-se...* — Shane diz, empurrando seu rosto no meu, — você está acordando a casa maldita às cinco da manhã, porra?

Tecnicamente, é quase seis horas, e eu tenho uma rápida parada para fazer antes do trajeto de quarenta e cinco minutos.

— Eu tenho escola, idiota. — Eu endireito minha coluna, que está mais alta, apesar do medo terrível azedar meu estômago. — O que você deveria estar se perguntando é por que Lorenzo está dormindo na cama da mamãe, por que ele coloca suas mãos sobre mim, e porque eu estava gritando para ele parar.

Eu sigo o foco de Shane ao seu amigo. Tinta desbotada rabisca até os lados do rosto de Lorenzo, indiscerníveis sob a sombra escura de suas costeletas. Mas a tatuagem fresca em sua garganta queima como negrito e é preto como seus olhos. *Destroy*, diz. O jeito que ele está olhando para mim é uma promessa.

— Ela veio para mim de novo. — O olhar de Lorenzo permanece no meu, sua expressão uma tela aberta de malícia. — Você sabe como ela é.

— Mentira! — Eu viro para Shane, minha voz suplicante. — Ele não vai me deixar em paz. Toda vez que você vira as costas, ele está tirando a minha roupa e—

Shane agarra meu pescoço e me joga de cara para o batente da porta. Eu tento evita-lo, empurrando contra a força de sua ira, mas minha boca se conecta com a curva fechada.

Dor irrompe através do meu lábio. Quando sinto gosto de sangue, eu puxo meu queixo para fora para manter a bagunça fora de minhas roupas.

Ele me libera, seus olhos sem brilho e de pálpebras pesadas, mas seus golpes de ódio através de mim mais afiados do que nunca. — Se você piscar seus peitos para os meus amigos de novo, foda-se, eu vou corta-los. Você me ouviu?

Minha mão voa para o meu peito e meu coração afunda quando a palma da mão desliza através do *V* escancarado da minha camisa. Pelo menos dois botões se foram. Merda! A academia vai notificar -me, ou pior, me expulsar. Eu examino desesperadamente na cama e no chão, em busca dos botões pequenos de plástico no mar de roupas espalhadas. Eu nunca vou encontra -los, e se eu não sair agora, haverá mais sangue e botões em falta.

Viro-me e corro pelo quarto de Shane, seus gritos furiosos me impulsionando mais rápido. Na sala de estar, eu pego minha bolsa do sofá onde dormi e estou fora da porta na próxima respiração, exalando meu alívio no céu cinzento. O sol não vai sair por mais uma hora, e tudo está calmo na rua deserta.

Quando eu dou um passo para fora do gramado da frente, tento disseminar os últimos dez minutos da minha mente para compartimentar em

bagagens. O tipo de estilo antigo, encadernado em couro marrom com aquelas pequenas fivelas de bronze. Então eu imagino a bagagem assentada na varanda. Ela permanece aqui, porque eu não posso levar tanto.

Uma corrida curta leva-me para a linha 91. Se eu me apressar, ainda tenho tempo para verificar Stogie antes do próximo ônibus.

Virando em torno dos buracos que ondulam as ruas arborizadas imponentes, eu passo fileiras de casas shotgun house[2], cada uma pintada vibrantemente em todas as cores e adornadas com as marcas comerciais do extremo sul. Grades de ferro forjadas, lâmpadas a gás, janelas de guilhotina e empenas gravadas com rolos ornamentados, está tudo lá se alguém puder olhar além das varandas cedendo, pichações e lixo podre. Vazias, lotes cobertos de vegetação espinhosa assinalam a paisagem urbana, como se nós precisamos de lembretes do último furacão. Mas a ressonância de Treme prospera no solo fértil, na história cultural, e nos sorrisos das pessoas resistentes que chamam a parte de trás da cidade de sua casa.

Pessoas como Stogie.

Eu alcanço à porta fortemente barrada de sua loja de música e encontro a maçaneta desbloqueada. Apesar da escassez de clientes, ele abre a loja no momento em que acorda. Esta é a sua vida, depois de tudo.

O sino acima ressoa quando eu entro, e minha atenção se lança compulsivamente ao velho Steinway[3] no canto. Eu passei todos os verãos desde que me lembro, batendo nas teclas deste piano até que minhas costas doíam e os meus dedos perdiam a sensibilidade. Eventualmente, essas visitas se transformaram em emprego. Eu lido com os seus clientes, contabilidade, inventário, tudo o que ele precisa. Mas somente nos verões quando eu não tenho os meios para ganhar a minha *outra* renda.

— Ivory? — A voz de barítono rouca de Stogie ressoa através da pequena loja.

Eu coloco o pão de banana no vidro da porta e grito. —Apenas

deixando o café da manhã.

O som arrastado de seus sapatos sinaliza sua abordagem, e seu corpo curvado emerge de seus aposentos na sala da frente. Noventa anos de idade e o homem ainda pode mover-se rapidamente, cruzando a loja como se seu corpo frágil não fosse sacudido com artrite.

O esmalte nebuloso em seus olhos escuros denota sua deficiência visual, mas quando ele se aproxima, seu olhar encontra imediatamente os botões em falta na minha camisa e o corte inchado no meu lábio. As rugas debaixo da aba do boné de beisebol se aprofundam. Ele viu a obra de Shane antes, e eu sou tão grata que ele não perguntou ou ofereceu piedade. Eu poderia ser a única menina branca neste bairro, e eu definitivamente sou a única criança com um ensino privado, mas as diferenças terminam aí. Minha bagagem é tão comum em Treme como miçangas atiradas no Bourbon Street.

Enquanto ele me olha da cabeça aos pés, ele coça a barba, os pequenos pêlos brancos gritantes contra a sua pele preto-carvão. Tremores visíveis patinam através de seus braços, e ele enquadra seus ombros, sem dúvida, uma tentativa de disfarçar sua dor. Estive a ver o seu declínio de saúde por meses, e eu sou impotente para detê-lo. Eu não sei como apoiá-lo ou aliviar o seu sofrimento, e isso está lentamente me matando por dentro.

Eu vi suas finanças. Ele não pode pagar medicamentos ou consultas médicas ou até mesmo coisas básicas, como comida. Ele certamente não pode pagar um empregado, o que fez o meu último verão em sua folha de pagamento ser amargo. Quando me formar na Le Moyne na primavera, eu vou deixar Treme, e Stogie já não se sentirá obrigado a cuidar de mim.

Mas quem vai cuidar dele?

Ele puxa um lenço do bolso da camisa, com a mão tremendo enquanto ele levanta-o ao meu lábio.

— Você parece poderosa e inteligente esta manhã. — Seus olhos astutos perfuraram os meus. — E nervosa.

Eu fecho meus olhos enquanto ele limpa o sangue. Ele já sabe que a

minha mais forte aliada na academia renunciou sua posição como a instrutora principal de música. Meu relacionamento com a Sra. McCracken tinha três anos produtivos. Ela era a única pessoa no Le Moyne que cobria minhas costas. Perder seu aval para uma bolsa é como começar de novo.

— Eu só tenho um ano. — Eu abri meus olhos, olhando para Stogie. — Um ano para impressionar um novo instrutor.

— E tudo que você precisa é de um momento. Apenas certifique-se que você está lá para isso.

Vou pegar a linha 91 a poucos quarteirões de distância. A viagem de ônibus dura vinte e cinco minutos. Em seguida, uma caminhada de dez minutos para o campus. Eu verifico o meu relógio. Eu estarei lá, botões faltando, lábio rebentado, mas meus dedos ainda funcionam. Eu vou fazer valer cada momento.

Eu corro minha língua sobre o corte e me assusto com o inchaço em torno da pele quebrada. — É perceptível?

— Sim. — Ele me desliza um olhar estreitado. — Mas quase não tão visível como o seu sorriso.

Espontaneamente, os meus lábios enrolam, o que tenho certeza de que era sua intenção. — Você é tão encantador.

— Só quando ela vale a pena. — Ele abre a gaveta de desordem próxima ao seu quadril e cava uma mão trêmula através das palhetas, juncos, unhas... O que ele está procurando?

*Oh!* Eu arrebato o pino de segurança ao lado de seu dedo sondando e procuro outro. — Você tem mais algum?

— Apenas um.

Depois de alguns ajustes estratégicos, consigo fixar a frente da minha camisa junta e dou-lhe um sorriso agradecido.

Com uma tapinha suave na minha cabeça, ele faz um movimento de enxotar. — Continue. Caia fora daqui.

O que ele está realmente dizendo é: Vá à escola para que possa sair dessa casa. Fora de Treme. Fora dessa vida.

— Estou pensando nisso. — Eu deslizo o pão sobre o balcão.

— Oh não, agora. Leve-o com você.

— Eles vão me alimentar na escola.

Eu sei que ele ouve a mentira, mas o aceita de qualquer maneira.

Quando me viro para sair, ele agarra meu pulso com mais força do que pensava que ele era capaz.

— Eles têm sorte de ter você. — Os olhos escuros brilham. — Sortudos filhos-de-cadelas. Não os deixem esquecer você.

Ele tem razão. Só porque minha família não pode oferecer doações ricas ou conexões poderosas não faz de mim um caso de caridade. Meus quatro anos de matrícula foi pago integralmente quando eu tinha dez anos, e eu passei nas audições necessárias quando tinha quatorze anos, assim como meus colegas. Enquanto eu continuar a ofuscar os outros em curso, recitais, ensaios e comportamento, a academia pode não ser tão duramente pressionada para soltar-me.

Com um beijo na bochecha enrugada do Stogie, eu sigo em direção à parada de ônibus, incapaz de parar o medo de voltar para o meu estômago. E se o meu novo instrutor de música me odiar, se recusar a me orientar ou me apoiar no processo de matrícula para a faculdade? Papai ficaria devastado. Deus. É a minha maior dor. Papai está me assistindo? Tem visto as coisas que eu fiz para pagar as despesas? As coisas que eu vou ter que fazer de novo, esta noite? Será que ele sente falta de mim tanto quanto eu sinto falta dele?

Às vezes o terrível buraco que ele deixou para trás dói tanto. Eu não posso suportá-lo. Às vezes eu quero ceder para a dor e me juntar a ele, onde quer que esteja.

É por isso que eu estou movendo o meu maior desafio para o topo da minha lista de tarefas.

Hoje, eu vou sorrir.

# 2
# EMERIC



Quando a primeira reunião da manhã com o corpo docente é encerrada, os novos colegas que me foram apresentados saem da biblioteca em monocromáticos ternos engomados e saltos clicando. Continuo sentado à mesa, esperando o rebanho se dispersar enquanto observo Beverly Rivard com o canto do meu olho.

Ela não mudou sua postura autoritária da cabeceira da mesa, não me deu tanto como um piscar de olhos desde que ela me apresentou no início da reunião. Mas ela vai, assim que a sala limpar. Sem dúvida, ela tem mais um item da agenda para discutir. Em particular.

— Sr. Marceaux. — Seus olhos cortam os meus enquanto ela desliza pelo chão de mármore, surpreendentemente tranquila em seus sapatos pretensiosos, e fecha as portas atrás do último membro do pessoal. — Uma palavra rápida antes de ir.

Vai ser mais do que uma palavra, mas eu não vou usar a semântica para desequilibrar a posição que ela pensa que tem sobre mim. Há maneiras mais inventivas para coloca -la sobre os joelhos. Dobrando minhas mãos no meu colo, eu reclino na cadeira de couro, um cotovelo na mesa e um tornozelo no meu joelho. Dou-lhe toda a força do meu olhar, porque ela é o tipo de mulher que quer algo de todos, algo poderoso que pode manipular de acordo com sua

própria vontade e visão. Por enquanto, tudo o que ela está recebendo de mim é minha atenção.

Beverly passeia em volta da mesa longa, sua modesta saia do terno para caber seu corpo esguio. Vinte anos mais velha, ela carrega sua idade com elegância notável. Alta, maçãs do rosto pronunciadas. Estreitas características aristocráticas. Quase sem rugas em sua tez pálida.

Difícil dizer se seu cabelo é cinza ou loiro onde se reúne em sua nuca. Aposto que ela nunca o usa para baixo. Atrair a atenção dos homens não é sua vaidade especial. Não, o seu orgulho feroz encontra-se em seu senso de superioridade em dar ordens, e assistir subordinados lutando para beijar seu traseiro.

Nosso primeiro e único encontro face-a-face durante o verão expôs um pouco de sua natureza. O resto eu deduzi. Ela não se tornou a decana do Le Moyne através da bondade de seu coração ou pela redução da concorrência.

Eu sei em primeira mão o que é preciso para supervisionar uma escola preparatória como esta.

Também sei como é fácil perder essa posição.

Enquanto ela passeia em direção a mim, os olhos afiados passam os cantos entre as estantes de mogno, a mesa bibliotecária vazia, e os sofás vagos na extremidade. *Sim, Beverly. Estamos sozinhos*.

Ela abaixa-se na cadeira ao meu lado, com as pernas cruzando na altura dos joelhos, e me olha com um sorriso calculado. — Tudo se estabeleceu em sua nova casa?

— Não vamos fingir que você se importa.

— Tudo bem. — Ela arrasta as unhas aparadas sobre sua saia. — O advogado de Barb McCracken entrou em contato. — Como se vê ela decidiu não ficar em silêncio.

Não é problema meu. Eu dou de ombros. — Você disse que iria lidar com isso.

Talvez Beverly não seja tão competente quanto eu assumi.

Ela cantarola, segurando em seu sorriso, mas é mais apertado agora. — Eu lidei com isso.

— Você jogou mais dinheiro nisso?

Seu sorriso desliza. — Mais do que se justificava, os pequenos gananciosos... — Seus lábios estreitam quando ela se inclina para trás na cadeira e olha através da sala. — De qualquer maneira. Está acabado.

Eu relaxo minha boca no meio-sorriso, um sinal deliberado de diversão. — Então já adivinhou nosso acordo?

Ela passa rapidamente seu olhar de volta para mim. — Você é um risco, Sr. Marceaux. — Seus olhos se afunilam em rodelas geladas enquanto ela gira a cadeira para me encarar. — Como muitas ofertas de trabalho você já teve desde o seu fiasco em Shreveport? Hum?

Sua provocação desperta uma torrente de raiva e traição que retrocede acima do meu pulso. Minha garganta arde para atacar, mas tudo que eu dou-lhe é uma sobrancelha arqueada.

— Certo. Bem. — Ela funga com insolência. Ou incerteza. Provavelmente, ambos. — Le Moyne tem uma reputação inigualável que eu sou responsável por sustentar. A partida de McCracken e minha vontade de contrata - lo como seu substituto tem causado suspeita indesejada.

Enquanto Shreveport destruiu a minha reputação profissional, o motivo da minha demissão nunca foi tornado público. No entanto, as pessoas falam. Eu suspeito que a maioria das famílias, professores e estudantes do Le Moyne vão ouvir os sussurros. Prefiro expor a verdade a me sujeitar a julgamentos com base em rumores torcidos. Mas os termos de Beverly para a oferta de emprego exigem o meu silêncio.

— Lembre-se de nosso acordo. — Seus cotovelos pressionam contra seus lados, com os olhos muito brilhantes, quase vítreos. — Mantenha a boca fechada e deixe-me pastorear as ovelhas e suas conversas frívolas.

Ela diz isso como se eu deveria ficar impressionado pelas suas práticas de negócios antiéticas. Mas o que ela inadvertidamente fez é mostrar sua mão.

Seu medo é palpável. Ela injustamente despediu uma professora de música muito querida e pagou a mulher para calar a boca, tudo para me trazer aqui para o seu ganho pessoal. Se ela realmente tinha o controle da situação, ela não teria sentido a necessidade de iniciar esta conversa. Ela é sangue-frio o suficiente para destruir a vida das pessoas, mas isso não significa que ela está preparada para jogar este jogo. Meu jogo.

Eu esfrego o polegar sobre meu lábio inferior, deliciando-me com a forma como seus olhos seguem com relutância o movimento.

A pele acima de seu colarinho abotoado ruboriza. — É fundamental que nós mantenhamos a atenção em suas realizações como educador. — Ela levanta o queixo. — Eu espero que você se defina como um exemplo profissional na sala de aula.

— Não me diga como fazer meu trabalho. — Eu era um instrutor muito respeitado antes de eu subir os escalões administrativos. Foda-se ela e sua audácia hipócrita.

— Como a maioria dos professores, parece que você tem um problema com a aprendizagem. Portanto, tente prestar atenção. — Ela inclina-se para frente, seu tom de voz baixo e cortante. — Eu não vou ter suas perversões escurecendo os cantos da minha escola. Se a sua má conduta em Shreveport é repetida aqui, o negócio está desfeito.

A lembrança do que eu perdi causa faíscas de um incêndio em meu peito. — Essa é a segunda vez que você menciona Shreveport. Por quê? Você está curiosa? — Eu nivelo um olhar desafiador para ela. — Vá em frente, Beverly. Faça suas perguntas ardentes.

Ela quebra o contato visual, seu pescoço enrijecendo. — Eu não contratei uma prostituta para ouvir sobre suas façanhas.

— Oh, eu sou uma puta agora? Você está mudando os termos do nosso acordo?

— Não, Sr. Marceaux. Você sabe por que eu o contratei. — Sua voz levanta uma oitava. — Com a estipulação expressa de que não haveria

indiscrições. — Ela abaixa o tom de voz. — Eu não quero ouvir mais uma palavra sobre isso.

Eu permiti-lhe a mão superior desde o momento em que ela entrou em contato comigo. É hora de ver como ela navega através de uma pequena humilhação.

Dobrando para frente, eu aperto os braços de sua cadeira mantendo-a cercada. — Você está mentindo, Beverly. Eu acho que você quer ouvir todos os detalhes sujos das minhas *indiscrições*. Acaso descrever as posições que foram usadas, os sons que ela fazia, o tamanho do meu pau—?

— Pare! — Ela suga uma respiração, um tremor de mão contra o peito antes de cerrar o punho e rebocar sobre a expressão digna que ela mostra ao mundo. — Você é nojento.

Eu sorri e descanso para trás na cadeira.

Ela pula de pé, olhando para mim. — Fique longe de minha faculdade, especificamente as mulheres em meu serviço.

— Eu verifiquei as ofertas na reunião desta manhã. Você realmente deve atualizar a paisagem.

Havia algumas professoras com corpos... Apertados, a abundância de interessados em meu caminho, mas eu não estou aqui para isso. Tenho dezenas de mulheres prontas para curvar-se ao meu chamado, e meu erro em Shreveport... Meu queixo endurece. É um que eu não vou fazer novamente.

— Você, por outro lado... — Eu deixei meu olhar viajar sobre sua postura rígida. — Parece que poderia usar uma boa foda.

— Você está fora de linha. — Seu tom de aviso perde seu efeito com a oscilação de seus saltos enquanto ela se afasta.

Ela se vira e foge em direção à cabeceira da mesa. Quanto mais ela se move para longe de mim, mais forte se torna seu andar. Mais alguns passos e ela olha por cima do ombro como se esperasse para pegar meus olhos em sua bunda plana. Eu estremeço. A cadela arrogante realmente acha que eu estou interessado.

Levanto, deslizo a mão no bolso da minha calça, e passeio em direção a ela. — O Sr. Rivard não satisfaz as suas exigências no quarto?

Ela chega ao fim da mesa e reúne os seus papéis, recusando-se a encontrar meus olhos. — Continue com esse comportamento, e eu vou ter certeza de que você nunca verá o interior de uma sala de aula novamente.

Sua ilusão de controle faz com que seja muito duro para manter os meus proverbiais dentes embainhados.

Dou um passo em seu espaço, abordando ela. — Ameace-me de novo, e você vai se arrepender do resultado.

— Mova-se para trás.

Inclinando-me, deixo minha respiração escovar seu ouvido. — Todo mundo tem segredos.

— Eu não...

— O Sr. Rivard está aquecendo outra cama?

É apenas um palpite, mas o ligeiro tremor em sua mão me diz que eu estou em alguma coisa.

Suas narinas flamejam. — Ultrajante.

— E o seu filho perfeito? O que ele fez para coloca -la nessa posição precária?

— Ele não tem feito nada de errado!

Eu não estaria aqui se isso fosse verdade. — Você está tremendo, Beverly.

— Esta conversa acabou. — Ela dá um passo em volta de mim, os olhos na porta, e caminha.

Ela perde o equilíbrio, papéis caem de suas mãos, e ela cai de joelhos aos meus pés. *Perfeito.*

Ela me lança um olhar assustado e, quando percebe que eu não faço nenhum movimento para pegá-la, com o rosto virado para cima aprofunda em uma sombra singela de vermelho.

Encaixando os olhos para o chão, ela recolhe suas coisas com

movimentos irados. — Contratar você foi um erro.

Eu olho para a página que está pegando e olho para baixo no topo de sua cabeça. — Então me demita.

— Eu... — Ela olha para o couro de pele de cobra em relevo no meu Doc Martens[4], com a voz baixa, desanimada. — Basta usar suas conexões.

Para obter o que seu filho não merece em Leopold, a faculdade de música de classificação mais elevada no país. Esse era o acordo.

Ela me deu um emprego de professor quando ninguém mais o faria, e eu vou segurar a minha parte no trato. Mas eu *não* vou me dobrar ou encolher como seus subordinados. Ela não tem idéia com quem está lidando. Mas ela vai aprender.

Eu piso no papel que ela esta puxando em direção aos seus dedos e seguro-o com o meu sapato. — Eu acho que estamos claro sobre os termos… — Eu levanto meu pé, permitindo-lhe arranca-lo... — bem como as nossas posições neste arranjo.

Ela endurece a cabeça pendurada mais baixa.

Humilhação completa.

Viro-me e passeio para fora da biblioteca.

# 3
# IVORY



*— Ouvi dizer que ela enche o sutiã.*

*— Que é uma vagabunda.*

*— Ela não usou esses sapatos no ano passado?*

Os murmúrios ondulam através do salão lotado, falado por trás de mãos cuidadas e ainda destinadas a alcançar meus ouvidos. Depois de três anos, como é que estas meninas não vêm com material novo?

Quando eu passo o grupo de sussurros, todas com roupas de marcas, iPhones de edição limitada, e cartões pretos American Express, eu reforço o meu sorriso com o lembrete de que, apesar de nossas diferenças, eu mereço estar aqui.

*— Eu quero saber de qual cama, ela se arrastou para fora esta manhã.*

*— Sério, eu posso sentir seu cheiro daqui.*

Os comentários não me incomodam. Eles são apenas palavras. Sem imaginação, imaturos. Palavras vazias.

Quem estou enganando? Alguns desses comentários são verdadeiros o suficiente, de modo que ouvi-los manifestou o ódio sugando o ar de meus pulmões. Mas eu aprendi que as reações chorosas só iriam incentivá-las.

*— Prescott disse que tinha que tomar três chuveiros após foder com alguém tão baixo como ela.*

Eu paro no centro do corredor. O fluxo de pessoas andando em torno de mim quando puxo uma respiração profunda e caminho de volta e me aproximo delas.

Quando elas me veem chegando, várias das meninas se dispersam. Ann e Heather permanecem, observando-me aproximar-me com os mesmos mórbidos olhares de curiosidade que os meus vizinhos de rua dão aos turistas. Olhos sem piscar, costas retas, pernas de dançarinas como modelos imóveis debaixo de saias na altura do joelho.

— Hei. — Eu falo para elas no salão e contra os armários ao lado delas, sorrindo enquanto elas trocam olhares. — Eu vou lhes dizer uma coisa, mas vocês tem que mantê-lo para si mesmas.

Seus olhos se estreitam, mas há interesse lá. Elas adoram fofocas.

— A verdade é... — Eu gesticulo em meus seios. — Eu odeio essas coisas. É difícil encontrar camisas que se encaixam... Elas raramente os seguram... E quando eu uso, olhe para isto. — Eu cutuco o pino de segurança. — Perco botões. — Passo a mão nos meus peitos de cima abaixo, e enquanto eu sinto uma pitada de inveja para suas figuras esbeltas, eu escondo-a debaixo de um tom sarcástico. — Deve ser bom não ter de se preocupar com isso...

A garota mais alta, Ann, dá uma bufada indignada. Toda magra e elegante e cheia de confiança, ela é a dançarina mais bem classificada no Le Moyne. Ela também é intimidantemente bonita, com seus olhos avaliando e lábios cheios, fixados em uma pele marrom escura acentuada com tons frescos da meia-noite.

Se Le Moyne tivesse danças formais, ela seria a rainha do baile. E por alguma razão, ela sempre me odiou. Ela nunca sequer deu-me uma chance de ser de outra maneira.

Depois, há a sua ajudante. Estou certa de que Heather fez o comentário do sapato, mas ela é mais fria do que Ann, demasiada escrupulosa para ser cruel no meu rosto.

Eu levanto um pé, torcendo-o para que possam ver os furos no plástico.

— Eu usava estes nos últimos anos. E no ano anterior. E no ano anterior. Na verdade, estes são os únicos sapatos que você já me viu calçada.

Os dedos de Heather entrelaçados e olhar castanhos fixamente em meus sapatos desgastados com a testa franzida. — Qual tamanho você usa? Eu poderia dar um a você.

— Eu não quero seus sapatos usados.

Eu os quero, mas não há nenhuma maneira que eu esteja admitindo isso. É duro o suficiente me defender por mim mesma nessas salas. Então com certeza não vou fazer isso em sapatos emprestados.

Desde o primeiro dia, eu confronto suas farpas com franqueza e honestidade. Isso é o que papai teria feito. No entanto, aqui estamos nós, um ano novo, e elas já estão zombando de mim com veneno suficiente para queimar através da minha pele.

Então eu decido tentar uma tática diferente, uma mentira inofensiva para cala -las. — Estes eram os sapatos de minha avó, as únicas coisas que possuía quando ela emigrou para os Estados Unidos. Ela entregou-os para minha mãe, e elas passaram para mim como um símbolo de força e resistência.

Eu não tenho uma avó, mas a expressão de culpa de Heather me diz que posso ter finalmente explodido sua preciosa bolha dourada.

Triunfo em espirais faz seu caminho até minha espinha. — Da próxima vez que você abrir a boca condescendente, considere o fato de que você não sabe de nada.

Heather suga uma respiração, como se eu tivesse a ofendi.

— Continuando... — Eu inclino-me em direção a elas. — Aqui está a coisa sobre Prescott Rivard... — Eu olho em volta do salão lotado, quando dou a mínima para quem pode me ouvir. — Ele tem um problema sexual. Todos os caras fazem. Eles querem isso, e se você não os der, eles levam-no, sabe?

Ann e Heather me olham fixamente. Sem noção. Como é que elas não sabem disso?

Eu ajusto a alça da bolsa no meu ombro, minha pele coçando com as

verdades que estou deixando de fora. — Alguém tem que acelerar e fazer os caras felizes. Eu só estou fazendo a minha parte para manter a violência sexual fora da nossa escola. Você deveria me agradecer.

Eu fiz esse som muito mais caridoso do que realmente é. Eu faço o que faço para sobreviver. Foda-se todos os outros.

Ann olha por baixo do seu nariz amassado para mim. — Você é uma vagabunda.

Um rótulo que eu usei desde o meu primeiro ano aqui. Eu nunca desencorajei os seus pressupostos sobre mim. Má conduta sexual exige a prova. Enquanto isso não acontecer nas dependências da escola e eu não aparecer grávida, eu não vou ser chutada para fora. É claro, os rumores mancham minha reputação já repugnante, mas eles também distraem da verdadeira razão de eu passar o tempo com os rapazes no Le Moyne. Porque a verdade iria me fazer ser expulsa em um piscar de olhos.

— Uma vagabunda? — Eu abaixo a minha voz em um sussurro conspiratório. — Eu não tive relações sexuais desde... Quero dizer, tem sido como quarenta e oito horas. — Eu me afasto, esperando por seus suspiros, e giro para trás, sorrindo para Ann. — Mas seu pai prometeu compensar seu lapso esta noite.

— Oh meu Deus. — Ann se dobra, agarrando sua cintura e colocando sua boca aberta. — Bruta!

O pai dela? Eu não sei, mas o sexo em geral é grave. Horrível. Insuportável.

E esperado.

Eu deixo-as em silêncio chocado e deslizo até a primeira metade do dia sem perder o meu sorriso. As manhãs no Le Moyne são uma brisa, composta por todas as classes de bloco A/B fácil, como o Inglês e História, Ciências e Matemática, e idiomas do mundo. Com a aproximação do meio-dia, as classes se dispersam por uma hora para almoçar e trabalhar fora antes de mudar de marcha e ir para nossas aulas especializadas.

O exercício diário e comida são requeridos como parte da dieta musical equilibrada, mas comer é um inconveniente, vendo como eu não tenho comida ou dinheiro.

Quando eu estou no meu armário no Campus Center, a dor vazia no meu estômago desperta com um gemido. Camadas em cima da fome é um pacote apertado de medo. Ou excitação.

Não, definitivamente pavor.

Eu olho para baixo, para a impressão do meu horário da tarde.

*Teoria Musical*

*Seminário de Piano*

*Desempenho Master Class*

*Aulas particulares*

A última metade do meu dia está em Crescent Hall. Sala 1A. Tudo ensinado por Marceaux.

Durante a aula de Literatura Inglesa, ouvi algumas das meninas tagarelando sobre a gostosura que é Sr. Marceaux, mas eu não tenho lidado até obter a coragem de caminhar para Crescent Hall.

Minhas entranhas enrolam apertadas quando eu resmungo em voz alta, — Por que ele tem que ser um *ele*?

A porta do armário do meu lado oscila fechada, e Ellie rodeia ao redor do meu braço, olhando para o meu horário. — Ele é muito bonito, Ivory.

Eu giro em direção a ela. — Você o viu?

— Um vislumbre. — Ela mexe seu nariz um pouco tímida. — Por que o que importa seu sexo?

Porque eu estou mais confortável em torno das mulheres. Porque elas não me dominam com músculos e tamanho. Porque os homens são tomadores. Eles tomam a minha coragem, minha força, minha confiança. Porque eles estão

apenas interessados em uma coisa, e não é a minha capacidade de tocar os últimos compassos de Estudos Transcendentais N°2[5].

Mas eu não posso compartilhar tudo isso com Ellie, minha doce, protegida, amiga criada-dentro-de-um-rigoroso-lar-Chinês. Eu acho que posso chamá-la de uma amiga. Nós nunca realmente estabelecemos isso, mas ela é sempre boa para mim.

Enfio a programação na minha mochila. — Eu acho que estava esperando por alguém como a Sra. McCracken.

Talvez o Sr. Marceaux seja diferente. Talvez ele seja suave e seguro como papai e Stogie.

Uma cabeça mais baixa do que eu, Ellie suaviza a mão sobre o topete de seu cabelo preto… e faz essa coisa saltitante na ponta dos pés. Acho que ela está tentando esticar sua altura, mas principalmente apenas parece que ela precisa fazer xixi. Ela é tão pequena e adorável que eu quero dar um puxão em seu rabo de cavalo. Então eu faço.

Ela bate na minha mão, sorrindo comigo, e cai de volta para seus calcanhares. — Não se preocupe com Marceaux. Vai ficar tudo bem. Você verá.

Fácil para ela dizer. Ela já tem um lugar como violoncelista no Conservatório de Boston no próximo ano. Seu futuro não depende sobre se Marceaux irá ou não gostar dela.

— Eu estou indo para o ginásio. — Ela escorrega uma mochila metade de seu tamanho por cima do ombro. — Você está vindo?

Em vez de uma classe PE[6] organizada, Le Moyne fornece um centro completo de fitness, personal trainers, e uma miríade de aulas de condicionamento como ioga e kickboxing.

Eu prefiro cortar meus dedos 5-4-3 do que pular em um quarto espelhado com meninas me desaprovando. — Nah. Eu estou indo para uma corrida do lado de fora.

Nós nos despedimos, mas minha curiosidade sobre Marceaux me tem

chamando atrás dela.

— Ellie? Quão bonito exatamente?

Ela se vira, andando para trás. — Chocantemente bonito. Foi apenas um vislumbre, mas eu estou dizendo a você, eu senti bem aqui. — Ela dá uma tapinha seu estômago e alarga os olhos angulares. — Talvez um pouco mais abaixo.

Meu peito aperta. Os mais bonitos tem o interior mais feios.

Mas eu sou também, não sou? Disseram-me que eu nem tanto por pessoas em quem confio e mais frequentemente por pessoas que não o faço.

Talvez meu interior seja feio também.

Quando Ellie salta para longe e pisca seu sorriso para mim por cima do ombro, eu estou me corrigindo nas minhas generalizações. Não há nada feio sobre Ellie.

No vestiário, eu troco-me em shorts e uma blusa, em seguida, ando para fora para a trilha de vinte acres que circunda o campus.

A umidade impede a maioria dos trezentos estudantes de se aventurar fora do A/C[7] nesta época do ano, mas alguns descansam sobre os bancos do parque, rindo e comendo seus almoços. Um par de bailarinos praticam seus exercícios de aquecimento sincronizados sob as torres imponentes do prédio do Campus Center.

Quando eu estico as pernas sob a sombra de uma grande árvore de carvalho, eu olho para fora sobre as áreas de vegetação abundante e trilhas emborrachadas para caminhada. As mesmas trilhas que eu caminhei com o papai quando minha cabeça mal alcançava seu quadril. Eu ainda posso sentir a sua grande mão engolindo a minha enquanto ele me levava junto. Seu sorriso era tão cheio de sol quando ele apontava a velha catedral de pedra trabalhada de Crescent Hall e especulava sobre a grandeza das salas de aulas dentro.

Le Moyne era o seu sonho, um que seus pais não podiam pagar. Ele nunca pareceu triste com isso. Porque ele não era um tomador, nem mesmo

quando ele sonhava. Em vez disso, deu o seu sonho para mim.

Dobrando na cintura, eu alcanço meus dedos dos pés e deixo o alongamento aquecer meus tendões enquanto as memórias aquecem meu sangue. Eu pareço com a mamãe com o meu cabelo e olhos escuros, mas eu tenho o sorriso de papai. Eu gostaria que ele pudesse me ver agora, de pé aqui no campus, vivendo seu sonho, e usando seu sorriso.

Eu sorrio mais amplo, porque o seu sonho, seu sorriso... Eles são meus também.

— Santa Mãe de Deus, eu perdi essa bunda.

Eu estalo em linha reta, o sorriso desapareceu e meu corpo muito duro vira-se na direção da voz que faz com que os meus ombros alinhem em torno de meus ouvidos. — O que você quer Prescott?

— Você. Nua. Enrolada no meu pau.

Meu estômago afunda e uma gota de suor escorre pela minha testa. Eu endireito minha coluna. — Tenho uma ideia melhor. Que tal você dobrar seu pau entre as pernas, dançar como Buffalo Bill, e ir se foder.

— Você é tão desagradável, — Prescott diz com um sorriso em sua voz enquanto ele anda na minha linha de visão.

Ele pára a uma distância apropriada, mas não suficientemente longe. Eu ando para trás.

Seu cabelo longo para em seu queixo, os fios loiros clareados pelo sol do Caribe ou onde quer que ele passe seus verões. Se a gravata e camisa de botão estão sufocando-o com este calor, ele não o mostra quando leva o seu tempo me irritando com seu olhar errante.

Eu não entendo por que as meninas em Le Moyne brigam por ele. Seu nariz é muito longo, o dente da frente é torto, e sua língua se contorce como um verme, sempre que ele a empurra na minha boca.

— Jesus, Ivory. — Seu foco se concentra em meu peito, queimando minha pele abaixo da blusa. — Seus seios cresceram outro tamanho de taça ao longo do verão.

Eu luto para manter meus ombros em uma posição relaxada. — Se você está pedindo minha ajuda este ano, tente novamente.

Seus olhos permanecem bloqueados no meu peito, seus longos dedos apertando ao redor de seu lanche. — Eu quero você.

— Você me quer *fazendo sua lição de casa*.

— Isso também.

A rouquidão em sua voz me faz tremer. Eu envolvo meus braços em volta do meu peito, odiando como perceptível meus peitos são, odiando o modo como ele de forma flagrante olha para eles, odiando que eu dependo dele.

Seu olhar finalmente eleva, e pára na minha boca. — O que aconteceu com seu lábio? Pregou-o em um anel peniano?

Eu dou de ombros. — Foi realmente um grande... Anel.

Sua expressão escurece com ciúme, e eu odeio isso também.

— Você deve obter um. — Eu inclino a cabeça para o som forçado de sua risada. — Por que não? Ele aumenta o prazer. — Eu não sei nada sobre piercings, mas eu não posso deixar passar a piada. — Se você tivesse um, você poderia realmente fazer uma menina gozar.

Sua risada tensa corta com uma tosse. — Espere, o quê? — Seus olhos endurecem. — Eu faço você gozar.

Sexo com ele é muito parecido com a remoção de um tampão. Um puxão rápido que leva a uma confusão repulsiva que eu descarto da minha mente até que isso tem que ser feito novamente. Eu não me incomodo dizendo-lhe isso. Ele pode ver tudo isso em meu olhar.

— Isso é besteira. — Ele anda para frente, cruzando a fronteira do que os espectadores consideraria uma conversa amigável.

Quando ele chega para o meu braço, eu olho para o edifício Central do Campus e encontro a janela vazia do escritório do reitor. — Mamãe pode estar em observação.

— Você é uma cadela. — Ele não olha para cima, mas deixa cair sua mão.

— Se você quer minha ajuda, eu vou precisar de um adiantamento.

Ele late uma risada de nojo. — Inferno, não.

— Como quiser. — Eu decolo numa corrida, mantendo-me à grama ao longo da pista onde não queima os pés descalços.

Leva apenas alguns segundos para as longas pernas de Prescott me acompanhar. — Segure-se, Ivory. — Suor forma-se em seu rosto enquanto ele corre ao meu lado em sua camisa com colarinho. — Será que você pode parar por um minuto?

Eu desacelero meus passos, segurando meus punhos em meus quadris, e espero por ele para recuperar o fôlego.

— Olha, eu não tenho nenhum dinheiro comigo agora. — Ele puxa os bolsos de suas calças. — Mas eu vou pagar-lhe hoje à noite.

*Esta noite*. Meu estômago encolhe, mas eu sorrio para ele e arranco o lanche da sua mão. — Isso vai servir até lá.

O almoço é o único adiantamento que eu precisava de qualquer maneira. Ele tem um saldo ilimitado no refeitório, por isso não é como se ele fosse passar fome.

Ele olha para os meus pés descalços, no saco de papel na minha mão, e faz uma pausa no meu lábio rebentado. Para um cara que luta com álgebra, ele não é estúpido. Mais como desinteressado. Desinteressado em meus problemas. Desinteressado no currículo.

Nenhum de nós está aqui para estudar equações de segundo grau ou biologia celular. Viemos para o programa de artes, para dançar, para cantar, para tocar nossos instrumentos, e para ser aceito no conservatório de música de nossa escolha. Prescott prefere dedicar seu tempo para tocar a merda de guitarra clássica, ao invés de escrever um relatório de história *em Francês*. Sorte para ele, que ele não tem que se preocupar com cursos acadêmicos. Não quando ele pode me pagar para fazer isso por ele.

Ele não é o único canalha intitulado em Le Moyne, mas eu limito meus serviços para aqueles com as maiores carteiras e mais a perder. Nós todos

sabemos os riscos. Se um de nós vai para baixo, todos nós vamos para baixo. Infelizmente, o meu pequeno círculo de trapaceiros é em grande parte composto de Prescott e seus amigos.

E às vezes eles levam mais do que pagam.

Eu perscruto o saco de almoço, salivando ante a visão de carne assada no pão duro, uvas, e bolachas de chocolate. — Hoje à noite, onde?

— O usual.

O que envolve me pegar a dez quadras da escola, estacionar o seu carro em um lote vago, e fazer muito mais do que a lição de casa. Mas eu sou a única que estabeleceu as regras. Nada de trocando tarefas de casa na propriedade da escola ou em locais públicos. É muito arriscado, especialmente com a forma como a decana observa seu filho.

— A vejo na sala de aula. — Ele caminha para longe, sua atenção bloqueada na janela da reitora e a sombra da silhueta dentro.

Ele jura que ela não suspeita de nada, mas ela está atirando contra mim desde que ela entrou em cena como reitora no meu segundo ano. Talvez seja a minha reputação de vagabunda ou a falta de riqueza. Ou talvez seja a minha escolha de faculdade.

O Conservatório Leopold de Nova York é a universidade mais seletiva no país e aceita apenas um músico de Le Moyne cada ano. Isto é, se eles aceitam qualquer um de nós em tudo. Dezenas de meus colegas se candidataram, incluindo Prescott, mas a Sra. McCracken disse que eu sou a melhor. Eu sou a única que ela estava indo recomendar. O que me faz a maior concorrente de Prescott. Pelo menos, eu era. Sem a referência dela, eu posso muito bem estar de volta para um quadrado.

Enrolando-me debaixo de uma árvore, eu devoro o almoço de Prescott e me convenço a não me preocupar com isso. Marceaux vai gostar de mim. Ele vai ver que eu mereço a recomendação. E hoje à noite... Hoje à noite, eu não vou ficar no carro de Prescott. Nós podemos passar por cima de suas atribuições na calçada, e se ele tiver um problema com isso, eu vou embora. Que ele falhe com

seu curso e caia fora da corrida para Leopold. Eu vou encontrar outro preguiçoso para compensar a perda de renda.

Quando eu corro a faixa de três milhas ao redor da ventilada propriedade coberta de árvores, eu fortaleço minha mente e corpo com a solidez do plano.

Quando a campainha toca avisando dos cinco minutos restantes através dos edifícios, estou no banho, me visto e teço através das multidões em Crescent Hall, meu estômago cambaleando em um turbilhão.

*Tudo que você precisa é de um momento.*

A confiança de Stogie em mim ilumina meus passos, mas é a memória da energia de papai que eleva os meus lábios. Se ele estivesse no meu lugar, andando pelos corredores que ele sonhou, ele estaria vibrando com entusiasmo desenfreado e gratidão. Eu posso sentir isso, seu dinamismo infeccioso, bombeando meu sangue e correndo meus passos quando eu entro na sala 1A, a mesma sala de música que estava no ano passado.

Uma impressionante exibição de instrumentos de bronze, corda, e de percussão alinha-se na parede oposta. Seis ou mais dos meus colegas músicos se reúnem em torno das mesas no centro do enorme espaço em forma de L. Se eu virasse a esquina, eu iria ver o piano de cauda Bösendorfer na alcova. Mas a minha atenção cai sobre o homem na frente da sala.

Situado à beira da mesa, os braços cruzados sobre o peito, ele assiste a congregação de estudantes com uma expressão chocada, irritada. Graças a Deus ele não me notou ainda, porque eu não consigo desgrudar meus pés do chão ou desviar o olhar.

Ele é inesperadamente jovem, não jovem para ser um estudante, mas talvez a idade do meu irmão. Seu perfil é robustamente esculpido, sua mandíbula limpa raspada, mas tão escura. Eu suspeito que a navalha mais afiada não raspe a sombra.

Quanto mais eu olho, mais percebo que não é o seu rosto que se parece jovem. É o seu estilo, tão diferente de outros professores com seus ternos

conservadores e comportamentos modestos.

É a maneira como seu cabelo preto é organizado, curto nos lados, longo e confuso em cima, como se um empurrão de seus dedos deixou-o cair sobre a testa em perfeito caos. Suas pernas longas parecem estar envoltas em jeans escuro, mas um exame mais minucioso confirma que ele está vestindo calças que são cortadas como jeans. As mangas de sua camisa de botão enroladas até os cotovelos, e sua gravata tem um design xadrez diferente, o que não combina, mas de alguma forma funciona totalmente. O colete equipado marrom é do tipo que um homem usa por baixo de um paletó. Exceto que não há jaqueta.

Sua aparência geral é casual cosmopolita, profissional com personalidade, desafiando o código de vestimenta sem violá-lo.

— Sente-se. — Sua voz potente reverbera através da sala, sacudindo meu interior, mas não é dirigido a mim.

Eu exalo um momento de alívio, antes que ele gire em direção a mim. Seus olhos azuis se movem primeiro, seguido por todo o seu corpo. Suas mãos apertam na borda da mesa enquanto seu rosto entra em plena vista. Doce misericordia, palavras como *muito chocante* diluem o efeito de sua imagem. Sim, o primeiro vislumbre é um choque, mas não é apenas a sua atratividade. É a sua presença, a sua projeção de autoconfiança e de comando que me faz sentir desorientada, sem fôlego, e realmente muito estranha no fundo do meu núcleo.

Ele olha para mim por um segundo eterno, sem expressão, e as sobrancelhas escuras puxam para um V.

— Você é...? Ele olha para o corredor atrás de mim e volta para o meu rosto. — Você não estava na reunião da equipe esta manhã.

— Reunião da equipe? — Realização me dá um soco no estômago.

Ele acha que eu sou uma professora, e agora ele está olhando para mim como todos fazem, seu olhar arrastando sobre o meu corpo e despertando uma doença torcida na minha barriga. Faz-me lembrar do quão diferente eu pareço das outras meninas da minha idade e quanto eu odeio essas diferenças.

Eu puxo minha bolsa sobre meu peito, escondendo minhas partes mais

visíveis. — Eu não sou... — Eu limpo minha garganta e forço meus pés em direção à mesa mais próxima. — Eu sou estudante. Piano.

— Claro. — Ele levanta as mãos deslizando em seus bolsos, a voz rouca. — Sente-se.

Seus austeros olhos gelados seguem-me, e maldição, eu não quero ser intimidada por eles. Eu tento fortalecer meus passos rápidos com a curta confiança que eu sinto, mas minhas pernas estão bambas.

Quando eu abaixo a mochila ao lado de uma mesa vaga, sua impaciência troveja mais alto, mais nítida. — Se apresse!

Eu caio na cadeira, com as mãos tremendo e meu batimento cardíaco um martelo pesado na minha cabeça. Se eu fosse mais forte, mais confiante, eu não me importaria que seu olhar estivesse perfurando em mim e faz tropeçar meu pulso.

Se eu fosse mais forte, eu seria capaz de desviar o olhar.

# 4

# EMERIC



Pego de surpresa. Essa é a melhor explicação para o volume austero da minha voz e aperto na minha expressão normalmente composta. Eu não estava preparado para isso. Não por uma alta, voluptuosa mulher, toda-sexy-além-da-razão andando em minha sala de aula. Meu primeiro pensamento? Beverly Rivard encontrou a professora de música mais quente no país para colocar no meu emprego. Para me testar.

*Mas ela não é uma professora.*

Eu relaxo meus dedos sobre a borda da mesa. Cristo, isso teria sido um terrível inconveniente.

Exceto que isso é pior.

O olhar de aço desconfiado da menina quando ela me estuda da primeira fila. Sentada rigidamente na cadeira, ela puxa a barra da saia sobre os joelhos e mantém as pernas fechadas. Não é a reação das mulheres que eu estou acostumado, ou meninas do ensino médio, para esse assunto.

Eu me orgulho de ser um rigoroso educador, respeitável. Eu sei como os estudantes do sexo feminino olham para mim, e eu sou imune à paixão borbulhante de coração em seus olhos inocentes. Mas não há uma sugestão de adoração ingênua nos olhos profundos de mogno olhando para mim agora. Nos meus seis anos de ensino, eu nunca encontrei um aluno no que me diz respeito,

me olhando como se ela estivesse me resumido em um piscar de olhos e desaprovando as minhas intenções.

Talvez esta menina ouvisse falar sobre os erros que eu fiz com Joanne, a *libertinagem* que a levou tomar o meu trabalho. Bem, foda-se esse trabalho. Apenas meus pais sabem a profundidade do que eu perdi em Shreveport e a natureza das minhas intenções.

O que quer que esta garota acha que sabe, eu não estou além de usar intimidação ou uma demonstração de poder para exigir seu foco na sala de aula.

Eu seguro seu olhar incisivo ao falar para a classe. — Encontrem um banco e coloquem seus telefones a distância.

Vários estudantes chegam e uma contagem rápida de onze meninas e nove meninos confirma que todos estão presentes.

Quando o sino toca, os retardatários escolhem os seus lugares. Eu reconheço o filho de Beverly das imagens exibidas em seu escritório. Prescott Rivard é a pretensão em pessoa, vestindo um sorriso afetado em vez de um sorriso fotogênico. Ele se instala ao lado da beleza de olhos castanhos e se inclina sobre a mesa para torcer um dedo através de seu cabelo.

Ela empurra para longe. — Pare com isso.

O menino moderno do outro lado dela inclina-se em direção a ela, seu corpo magro espremido em calças apertadas, uma camisa xadrez e uma gravata de arco xadrez. Ele olha para a sua boca através de óculos de armação preta e sussurra algo muito baixo para eu ouvir.

Seus lábios estreitam em uma linha, e a expressão sombria no rosto parece vir de um lugar muito mais profundo do que uma simples irritação.

Eu preciso saber o que ele está dizendo a ela. É uma espécie estranha de curiosidade, pulsando no meu peito, quando eu nivelo um olhar para o menino sussurrando. — Qual o seu nome?

Ele se reclina e curvar-se irreverentemente com as pernas esticadas debaixo da mesa. — Sebastian Roth.

Eu ando em direção a ele e dou um pontapé na ponta do sapato

alertando que se impulsione para sentar-se em linha reta. — O que você disse a ela, Sr. Roth?

Ele olha malicioso para a garota, esfregando a boca para esconder seu sorriso. — Eu estava apenas comentando sobre o quão grande ela... Uh... — Ele olha para o peito dela e ergue o olhar para sua boca. — Seus lábios. Quão grande é os seus lábios.

Prescott cai na gargalhada, seguido por vários rapazes sentados em torno dele.

Foi quando eu notei a segregação nos assentos. Meninas de um lado. Os meninos do outro. Com exceção da garota que se parece com uma mulher. Se ela escolheu seu assento na urgência ou para sentar-se deliberadamente onde os meninos de-pau-duro poderiam se reunir em torno dela, pretendo descobrir.

Com as pontas dos meus dedos em meus bolsos, polegares para fora, eu viro para ficar diante dela. — Seu nome?

O lábio inferior está, de fato, cortado e inchado. Ela suga-o entre os dentes, enquanto os ombros fazem um movimento decente para autoconfiança. Em seguida, ela levanta o queixo e atende meus olhos. — Ivory Westbrook.

*Ivory*. Isso evoca uma imagem de teclas de piano pálidas com rígidas bordas desgastadas ou dentes. Não se assemelha a ela em tudo. Ela é um retrato sombrio de curvas suaves e cabelos castanhos com profunda pele dourada que parece absorver sombras na sala que eu não tinha notado até agora.

Porra, eu estou definitivamente devaneando aqui e precisando transar hoje à noite.

— Srta. Westbrook, encontre um lugar com menos distrações. — Eu aponto para as meninas.

Os enormes olhos de corça de Ivory olham para mim, como se travado no brilho das luzes do palco. Ela pisca, olha para as meninas, e olha para baixo em sua mesa onde pôs os sapatos pouco atraentes. Isso responde à minha pergunta sobre a sua escolha de lugar.

— Eu não estou aqui para entrar em suas sensibilidades. — Eu bato a

mão sobre a mesa, fazendo-a saltar. — Mova-se.

Com uma inspiração entrecortada, ela pega sua mochila e caminha em direção às meninas rindo silenciosamente, seu andar pesado e ainda determinado.

Cada macho na sala olha seus passos ao longo da primeira fila de mesas, e eu não tenho que seguir o mesmo caminho para saber o que eles vêem. Pernas de pole-stripper, seios todo-poderosos, e uma alta bunda redonda que flexiona com cada passo.

A parte primitiva, com fome em mim quer juntar-se em sua apreciação enquanto a parte protetora quer cobri-la com um casaco de grandes dimensões. Em vez disso, o disciplinador assume e aterra uma admoestação com uma tapa na parte de trás da cabeça juvenil mais próxima.

Sebastian recua e me lança um olhar assustado. — O que foi isso?

Eu arranco o telefone de sua mão e lanço-o nas proximidades de minha mesa. Ele ultrapassa, desliza para fora do outro lado, e bate no chão.

O resto da sala irrompe em um turbilhão, empurrando telefones nos bolsos e bolsas. Todos, exceto Ivory. Mãos dobradas sobre a mesa e sem telefone à vista, ela me olha com uma expressão cautelosa.

Sebastian brinca com uma moita de seu cabelo oleoso. — Se você quebrou meu telefone...

Eu arqueio as sobrancelhas, meu tom duro. — Continue.

Ele dá de ombros. — Meu pai vai me comprar um novo.

Claro, e seria hipócrita eu condenar esse garoto por ser um idiota intitulado. Eu não era diferente na sua idade, com pais ricos e um senso inflado de autoimportância. Inferno, eu ainda sou um idiota, só que agora estou condenado pelas minhas ações.

Eu movo-me para frente da sala, com as mãos cruzadas atrás das minhas costas. — Bem-vindos à Teoria Musical do décimo segundo grau. Eu sou o Sr. Marceaux, e vou ser seu professor de música pelo seu último ano aqui no Le Moyne Academy. Após esta classe, vocês irão para as suas classes master em

disciplinas específicas. Estudantes de piano permanecerão comigo. Antes de começar, o que vocês querem saber sobre mim?

A menina asiática que Ivory escolheu para se sentar junto levanta a mão.

Faço um gesto em direção a ela. — Apresente-se, por favor.

Ela está ao lado de sua mesa. — Ellie Lai. Violoncelo. — Ela salta na ponta dos pés. — Qual é a sua experiência?

Dou-lhe um aceno de cabeça e espero até que ela se instale em seu assento. — Tenho um Mestrado de Música no Conservatório Leopold de New York. Eu sou um membro da Orchestra Symphony de Louisiana. E o meu trabalho mais recente foi chefe da escola em Shreveport Preparatory, onde também dirigia o programa de música.

Prescott faz uma demonstração de alongamento e sorrir. Então ele calmamente joga um braço no ar e fala sem a minha solicitação. — Você tem, tipo... Vinte e sete? Vinte e oito? — Sua voz projetada com antagonismo. — Como você conseguiu fazer a coisa de ensino e tornar-se reitor mestre, tudo em tão pouco tempo? Como me explica isso, Sr. M?

*Eu trabalhei a porra do meu rabo fora por isso, seu pequeno preguiçoso filho da puta.*

E pensar que, em um slide apressado de um zíper, eu perdi tudo, incluindo algo que nunca me propus a ter, que acabou por ser a única coisa que importava.

O próprio pensamento de Joanne sentada atrás da minha mesa em Shreveport faz minha caixa torácica vibrar com raiva. Mas imaginá-la continuar sua vida sem mim evoca uma fumaça tóxica de veneno tão invasiva que eu posso sentir o cheiro da traição a cada respiração asfixiada.

Eu lentamente rolo meu pescoço, limpando os meus pensamentos e controlando-me. — Eu recebi minha graduação cedo e ensinei no ensino médio em Manhattan enquanto trabalhava no meu mestrado. Alguma outra pergunta?

Ivory levanta a mão.

— Sim?

Ela permanece sentada, não incômoda, e seu olhar escuro afia diretamente nos meus. — Você toca piano? Quero dizer, é claro que sim, já que você vai ser o meu tutor. Mas você toca piano na Orquestra Sinfônica?

Cristo, sua voz... Não é preguiçosa e aguda como meninas de sua idade. É complexa e fascinante, como gotas de chuva à meia-noite.

— Sim, eu toco piano na Orquestra.

Seu sorriso é uma noturna construção lenta, uma expansão tranquila a partir de sua boca para os olhos. — Solo?

— Às vezes.

— Uau.

Não só estou chocado com sua linha de questionamento, mas a forma reverente que ela está olhando para mim faz minha pele maldita cantarolar. Eu não gosto disso. Estou orgulhoso de minhas realizações, mas não quando esse sentimento sublime distrai-me da minha suada amargura.

Eu ignoro as restantes mãos levantadas com um tom mais agudo. —Abram seus livros de Teoria Musical no capítulo três. Nós vamos pular direto para... — Minha atenção cai sobre Ivory quando a sala inteira segue a minha orientação, exceto ela. — Você precisa de um aparelho auditivo, Srta. Westbrook?

— Não. — Ela deixa cair às mãos no colo e encontra o meu olhar de frente. — Meus outros professores me deram uma semana para comprar meus livros.

— Eu pareço como seus outros professores?

— Não, Sr. Marceaux. — Uma garota diz com voz turbulenta na parte de trás. — Você definitivamente não parece.

Um coro de risos segue, e irritação enrola meus dedos.

Eu deslizo rapidamente meu livro de texto da minha bolsa e o solto sobre a mesa. — O capítulo três. — Eu me inclino, colocando o rosto no dela. —Tente acompanhar.

Ela pisca rapidamente. — Sim, senhor.

A resposta dela sussurrada dedilha em uma pulsante, destrutiva fome, muito adulta dentro de mim. Minha pele se aquece, e as palmas das mãos ficam escorregadias de suor.

Jesus, eu vou precisar de uma foda esta noite, gritos duro. Couro, cordas, golpes e escoriações. Não há palavras seguras. No pós-tratamento pegajoso. Chloe ou Deb vai fazer. Talvez ambas.

*Concentre-se, Emeric.*

— Retire os tablets e abram um navegador para o meu site. — De costas para a classe, eu continuo a falar enquanto rabisco a url no quadro branco. — Vocês vão encontrar todas as minhas palestras aqui. Eu espero que vocês sigam junto.

Quando eu enfrento a sala, Ivory não se moveu para seguir as minhas instruções.

Eu sinto uma veia latejante na minha testa e seguro meus punhos em meus quadris. —Deixe-me adivinhar. Não tem tablet?

— Ela pode sentar aqui, — diz Prescott, batendo em seu colo, — e compartilhar o meu.

Ela aperta a mandíbula e vira-se.

Eu vacilo entre a vontade de socar o rosto de Prescott e chicotear a bunda perfeita de Ivory. Nem é uma opção legal, e este último ferve meu sangue apenas por pensar isso.

Meu foco mergulha em seus lábios para uma respiração longa antes de eu abordar a classe. — Leiam o capítulo e respondam às perguntas no final da palestra.

Eu enrolo o dedo para Ivory num gesto de acompanhe-me. — Vejo você no corredor.

# 5
# IVORY



Eu sigo o Sr. Marceaux para fora da sala de aula, a boca seca e as mãos úmidas. Enquanto escuto os cliques da porta atrás dele, minhas entranhas se contorcem sob a saraivada de mil punhos.

Ele não é um homem enorme, mas no corredor vazio, ele parece gigantesco, uma imponente montanha irritada de repercussão.

Se o meu futuro depende de sua primeira impressão de mim, eu fodi a minha vida para o inferno.

Ele esfrega a mão pelo rosto, na boca e olha para mim por uma eternidade. — Você vem a minha classe despreparada e—

— Esclareci a questão do livro de texto anteriormente com o escritório. Eles sempre me dão a primeira semana e—

— *Não* me interrompa, — diz ele duramente e se inclina, apoiando uma mão na parede ao lado da minha cabeça.

A corrida de sangue aquece meu rosto sob o azul intimidante de seu olhar. Sua boca está tão próxima que eu posso sentir o cheiro persistente de goma de canela em seu hálito, e meu estômago se retorce com inquietação.

— Você está deliberadamente tentando me fazer perder meu tempo? Sua mandíbula endurece. — Sem desculpas ou mentiras chorosas. Você tem cinco palavras para explicar por que você não tem seus suplementos.

Cinco palavras? Esse cara é sério? Ele pode comer um pau, porque eu só estou dando-lhe quatro.

— Eu moro em Treme.

— Treme, — ele ecoa, brincando.

Eu odeio como dura e desconfortável me sinto nos confins de seu olhar. Eu quero que ele desvie o olhar, porque eu odeio os olhos, odeio as facetas vívidas de safira e a forma como as partículas geladas aguçam sob as luzes fluorescentes. Nada poderia ser gentil ou seguro em seu olhar.

Sua garganta se move no fundo da dobra acima de sua gravata. — Por quê?

— Porque o quê?

— Por que você vive em Treme?

Ele não apenas faz a pergunta. Ele estala-a como um chicote. Como um castigo que eu não mereço.

Estou apenas polegadas longe dele, minhas costas contra a parede, e eu me sinto defensiva, encurralada, meus pelos eriçados em defesa. — Oh, certo. Eu esqueci que você tem um grande grau de sofisticação, então eu vou muda-lo para você.

— Cuidado com o seu tom, porra.

É quase um sussurro, capturado e mantido no pequeno espaço entre nós, mas eu sinto que vibra através de mim como um estrondo.

Ele disse que não há desculpas ou mentiras chorosas? Bem.

Eu limpo a atitude da minha voz e dou-lhe a crua honestidade, sem polimento. — Eu moro em Treme porque minha família não pode pagar uma mansão no Garden District, Sr. Marceaux. Eu não posso pagar um telefone celular ou qualquer tipo de telefone. Eu não posso pagar um tênis ou alimentos para o meu gato. E aqueles... Aqueles braceletes eletrônicos que todos os meus colegas usam quando trabalham fora? Eu não sei o que fazer, mas não posso pagar um desses, também. E agora, eu não tenho o dinheiro para material escolar. Mas eu vou. Vou tê-lo até o final da semana.

Endireitando, ele recua e abaixa a cabeça. É um sorriso sacana que ele está escondendo? Juro por Deus que eu vislumbrei um. Será que ele realmente está apreciando a avaliação patética da minha vida? O que o faz a porra de uma pessoa horrível! Este é o professor que eu deveria admirar? A pessoa que vai me levantar ou quebrar-me? Meus pulmões levantam e batem juntos.

Quando ele levanta a cabeça, a sua boca é uma linha reta, e as profundezas geladas de seus olhos parecem manipular toda a sua expressão, torcendo-o em uma colagem de outros rostos que me assombram quando eu durmo. — Eu deveria sentir pena de você?

— Nunca, — eu fervo através do ranger dos dentes. — Eu nunca quero isso.

— Não? Então o quê? Parece que você espera que eu faça exceções para você?

— Não. Só... — Eu nunca conheci um mais insensível, idiota hipócrita. — Basta notificar -me ou o que você queira fazer.

Eu sei que algo não está bem no momento em que ele olha para baixo no hall e verifica para se certificar de que estamos sozinhos. Eu sei que todo este confronto é inapropriado quando ele se inclina para mim e coloca as mãos na parede, prendendo-me. E eu sei que não há uma coisa maldita que eu possa fazer sobre isso quando ele sussurra através do martelar em meus ouvidos.

— Não se preocupe com a sua punição. — Sua atenção recai sobre os meus lábios, retorna aos meus olhos. — Eu vou cuidar disso mais tarde.

Só assim, minha força, minha coragem, todas as coisas que eu desejei que tivesse agora me abandona nos braços pesados de medo. Eu estive nesta posição inúmeras vezes. Este é a primeira com um professor, mas ele não é diferente dos outros compradores. Eu poderia denunciá-lo, mas quem iria acreditar? A menina com uma reputação de vadia ou o ex-reitor de Shreveport? E enquanto eu não posso dominá-lo, sei que vou sobreviver a isso. Eu poderia até dominar as minhas emoções enquanto está acontecendo, como um noturno de

Chopin em D-flat maior[8].

Eu estou assustada quando ele eleva sua mão, não para agarrar o meu peito, mas para beliscar meu queixo para que ele possa ver o meu lábio. —Você precisa ir para a enfermaria e conseguir algo colocado sobre este corte.

Não é até que ele me libera e desliza as mãos nos bolsos que eu percebo que estou tremendo. Ele dá um passo para trás, cotovelos largos, ombros soltos. Um frio intenso difunde através do meu corpo.

Ele me olha com aqueles olhos azuis árticos, e não tenho certeza se eu deveria ir em direção à enfermaria ou esperar para ser liberada. Por alguma razão, isso é importante. Como se ele estivesse me testando. Então eu espero.

Ele é um babaca mercurial, sem coração, mas ele também me surpreendeu. Ele não forçou sua boca contra a minha, não cavou seus dedos entre as minhas pernas. Ele... Deu um passo atrás?

Talvez eu ainda tenha uma chance para provar que não sou apenas uma menina pobre ou uma apalpada de cinco minutos em um corredor.

Os sons recorrentes de cliques afiados preenche o silêncio entre nós. Eu sigo o ruído com o meu olhar, arrastando sobre a gravata e colete, visualmente rastreando ao longo da varredura de cabelo escuro em seu antebraço exposto, e faço uma pausa no relógio automático em seu pulso.

As rodas em movimento com pontos do tipo dentados giram dentro do enorme visor, assinalando, medindo o ritmo do tempo, como um metrônomo. Será que cada instante assinalando que eu passo com ele será uma sucessão irreversível para o futuro? Ou ele vai me segurar aqui, presa no presente, nesta vida?

— Srta. Westbrook.

Eu agarro a minha atenção para o seu rosto, as linhas angulares de sua mandíbula, os tons mais escuros de suas bochechas, onde a barba vai crescer, e a curva dos lábios que não foram feridos pelas circunstâncias. Ele parece intocável. Talvez os punhos sejam tão brutais quanto a sua beleza. Apenas

olhando para ele parece que estou inalando uma baforada de fogo.

Porque ele é perigoso, e ele parece saber isso também, quando ele empurra um dedo impaciente na direção do escritório da enfermaria, sua voz abastecida com urgência. — Vá.

Eu me viro e corro pelo corredor com o peso de seu olhar pressionando contra minhas costas.

# 6
# EMERIC



Quando Ivory caminhou no final do corredor, ela não olhou para trás, não se atreveu a me olhar nos olhos. Mas a corrida frenética de seus passos disse-me o suficiente. Eu afeto-a. Não é a minha atitude profissional, mas a minha presença masculina. Eu aterrorizo-a.

Um largo sorriso se estende na minha boca.

Separados pelo comprimento do corredor, eu ainda sinto o-que-e-se disparando entre nós. Eu sei que ela imaginou-nos juntos quando eu a encurralei contra a parede. Estou certo de que ela sentiu a troca de poder, talvez até detestasse quando ela gaguejou, ela inalou e dilatou seus olhos. E ainda assim esperou por minha permissão para sair.

Sabendo que, vendo-a fugir, a visão de seu corpo curvilíneo balançando inocentemente, tudo isso inflama uma necessidade predatória dentro de mim. A necessidade de perseguir.

Mas eu não vou. Não aqui. Nunca. Eu libero uma respiração e espero o meu pau duro receber a mensagem.

No momento em que ela desaparece ao virar da esquina, eu desleixo

contra a parede.

Ela é exatamente o tipo de mulher pelo qual eu sou atraído. Uma mulher que foge quando caçada e ganha vida quando ela está capturada. Uma mulher que se inclina abaixo para punições e procura aceitação por sua humilhação. Uma mulher que morde em uma mão pesada, apenas para derreter em torno do aperto implacável quando se corta o ar.

Eu exigi honestidade — *sem choramingar desculpas ou mentiras* — e esperava que ela recuasse, desobedecesse, ou me dissesse para me foder. Mas ela não o fez, não podia. Foi o momento em que eu percebi que é a sua natureza me dar o que eu quero. Quando ela expôs os detalhes embaraçosos de sua pobreza, oferecendo as suas vulnerabilidades para eu zombar, o céu me ajude, foi belo e trágico e sedutor… a trindade da tentação.

Um pulsar ganancioso aperta a frente da minha calça, mas a reação significa a foda toda. É simples, realmente. Eu quero sexo. Sujo, sexo bizarro. Nada mais. Como cru e enraivecido que sou sobre o meu último erro, eu estou disposto a seguir em frente, incapaz de deixar ir Joanne. Mas eu também sou vicioso em meu ressentimento e vingativo o suficiente para foder tantas mulheres quanto possível com o domínio brutal que Joanne deseja e não pode mais ter. Talvez ela vá engasgar com seu ciúme venenoso.

O que torna Ivory uma provocação tentadora. Posso dar-lhe exatamente o que ela precisa. Eu posso treiná-la, objetiva -la, e corrompe-la, se ela me deixasse, porque a entrega é o próprio tecido da sua sexualidade.

Mas eu também poderia me perder nela, porque ela é o tipo de mulher pela qual eu cometo erros.

Só que ela não é uma mulher.

Como um sénior, ela tem, pelo menos dezessete anos, a idade legal de consentimento. Mas ela ainda é uma criança, dez anos a menos, e conduta sexual entre professor e aluno é punível com prisão, independentemente da idade.

A noção é preocupante, esvaziando meu pau e tornando-se um inferno de muito mais fácil de manter minhas mãos para mim.

De volta à sala de aula, os alunos me bombardeiam com perguntas sobre a escala cromática e o círculo dos quintos. Lentamente, a minha fixação com Ivory desliza para dentro dos recessos da minha mente.

Até que a porta se abre, e seus olhos escuros encontram os meus instantaneamente.

Eu continuo a palestra quando ela desliza atrás de sua mesa, seu lábio inferior esmaltado em um brilho de pomada. Eu não lhe dou mais do que um olhar por meio segundo. Eu sou o adulto aqui, o único no controle de nossas interações. Ignorando o meu fascínio por ela, fingindo que não quero devorá-la com o olhar, defino limites apropriados. Estou aqui para ensinar a ela, o que não inclui instruções sobre como sugar adequadamente meu pau.

Para ser honesto, apesar de meu fim vergonhoso como chefe da escola em Shreveport, estou animado por estar de volta na sala de aula. Nada me enche de um sentimento de pertencer como estar diante de uma platéia extasiada e comandando atenção com o som da minha voz. Este não é um trabalho. É um uso honroso da minha necessidade de influenciar e dominar, um lugar onde eu possa disciplinar fraquezas, moldar mentes confiantes, e inspirar os alunos com a minha paixão pela música.

Minhas veias vibram com a energia quando eu escuto a classe discutir a aplicação de um hexacorde invariável. Eu escarrancho uma cadeira na frente da sala, balançando a cabeça em encorajamento e interpondo apenas quando eles desviam-se do tópico. Eles olham para mim por conhecimento, arrepiam sob minhas diretivas, e eu desço sobre isso.

É por isso que eu não lutei para manter meu trabalho em Shreveport. Eu preciso disso... Essa liberdade para deixar todas as besteiras administrativas para trás e me concentrar em meu amor pelo ensino.

A discussão em classe cresce no volume, vozes em choque, quando um debate surge sobre o uso de linhas de tom. Estou a segundos de colocar um fim a isso quando Ivory salta.

— Pessoal. Relações comuns de tons são estereotipadas. — Ela franze

a testa. — Mas você ainda pode obter uma traço emocional da música. — Ela rapidamente faz o backup de seus pontos com exemplos válidos no Concerto para Violino de Schoenberg.

Nem uma única vez ela faz referência ao livro. Nem mesmo quando ela cita composições ornamentais pelo número de opus. A sala de aula escuta em silêncio, e quando a campainha toca, ela brilhantemente está persuadindo o debate.

Eu me encontro... Impressionado. Ela conhece o material, quase tão bem quanto eu. Se ela toca piano com a mesma aptidão, eu vou ter que puni-la apenas por fazer-me assim tão apaixonado.

Seus olhos pegam o meu quando a sala de aula se esvazia. Cinco estudantes permanecem, mas estou muito focado em um para fazer a anotação dos outros. Há algo reconhecível em seu olhar. Desconfiança? Acusação? *Abuso*. Tudo o que ela está expondo é tanto ofensivo quanto assustador.

Eu endureço meus olhos, uma reprimenda em silêncio. Ela desvia o olhar, os lábios ensaboado com emoliente esfregando juntos, enquanto ela examina seus colegas.

Três meninos e duas meninas compõem os pianistas seniores no Le Moyne, incluindo a porra hipster[9], Sebastian Roth. Ele mudou de assento entre as classes, sentado mais perto de Ivory, deixando uma linha entre eles. Vou deixá-lo ir, desde que ele não olhe para ela, e nem caralho, de relance.

Uma vez que os arquivos dos alunos não pousaram na minha mesa até a hora do almoço, eu não tive a chance de lê-los. Mas eu sabia que as classes finais na minha agenda seria um grupo íntimo. Os pré-requisitos de aulas fora de classe são muito altos, tudo ilustrado na brochura brilhante do Le Moyne com uma página inteira dedicada a sua proporção de 1:5 professor-aluno.

— Então é isso que os melhores pianistas do Le Moyne parecem? — Eu mudo a minha voz com a dúvida, deixando claro que eles terão que provar-se. — Vocês acham que tem o que é preciso para se tornar virtuosos do piano,

compositores, professores... Outra coisa que não fedelhos privilegiados com meleca no nariz?

Exceto Ivory. Suas roupas e sapatos esfarrapados, sua incapacidade para comprar livros, nada sobre ela cheira a privilégio. Como é que uma menina de um bairro pobre está inserida em um lugar como aqui? É bizarro. E perturbador.

Forçando-a para fora da minha mente, eu passeio ao longo das linhas, as mãos cruzadas atrás das costas, e estudo cada um dos cinco alunos sem registrar características individuais. Eu não dou a mínima para o que se parecem. Estou à procura de espinhas retas, lábios entreabertos, e olhares de alerta.

Cinco pares de olhos se bloqueiam em mim, seus corpos em ângulo para seguir os meus movimentos, respirações engatadas, esperando, quando eu passo em cada mesa. Eu tenho a sua atenção.

— Vamos passar três horas por dia juntos, todos os dias, para o resto do ano. Teoria Musical, Seminário. Desempenho no Piano de Classe Master, e para alguns de vocês, aulas particulares... Isto é o que mamãe e papai descascam para fora as quantias em dólares. — Meu passeio termina na frente da sala, e eu me volto para enfrentá-los. — Não desperdicem meu tempo, e eu não vou desperdiçar o dinheiro dos seus pais. Não me leve a sério, e eu vou foder a sério até seus potenciais futuros. Estamos entendidos?

Eu quase posso sentir o cheiro da mistura de medo e assustado respeito no silêncio que se segue.

— Eu não vou fazer palestras ou colocá-los em um banco de piano hoje. — Eu olho para os arquivos dos alunos na minha mesa. — Eu vou usar as próximas horas em apresentações um-a-um com cada um de vocês. Não pense nisso como uma entrevista. Apenas uma breve reunião para me ajudar a familiarizar-me com suas origens e objetivos acadêmicos.

Espontaneamente, meus pensamentos derivam em Ivory e todas as maneiras que eu não posso me familiarizar com ela. Eu empurro a mão pelo meu cabelo, evitando a picada de seu olhar. Estou ansioso para falar com ela

novamente, para aprender como uma garota de Treme paga uma das mensalidades mais caras do país.

Talvez eu não queira saber.

Mas eu sei que preciso de um momento para reunir algum autocontrole maldito. — Sr. Roth, eu vou começar com você.

Vou guardar a tentação para o último.

# 7
# IVORY



Eu giro um lápis entre os dedos e tento não mastigar um buraco no meu lábio. Sentada no chão, no canto de trás da sala em forma de *L*, eu assisto o Sr. Marceaux através do labirinto de pernas das cadeiras enquanto ele realiza reuniões particulares em sua mesa.

Um enorme espaço nos separa o tamanho de duas salas de aula normais cheias de mesas e instrumentos. Mas quando ele olha no meu caminho, o que ele faz enervantemente muitas vezes, eu posso vê-lo. Eu também posso virar sempre tão ligeiramente e obstruir o contato visual.

Às vezes eu não me movo, o meu olhar paralisa sob a força do seu. Por quê? É a coisa mais estranha, essa preocupação que tenho com ele. Eu quero saber mais sobre ele, — o que ele come, a música que ele escuta, e aonde ele vai quando não está aqui. Quero estudar seus movimentos calculados, ver o caminho de seus dedos ao longo de sua mandíbula, olhar para os ângulos duros de seu rosto, e memorizar o caminho da calça delineando a forma dele. Ele é encantador, perturbador, e positivamente assustador.

Por que não posso apenas me concentrar em outra coisa? Isto não tem nada a ver com as minhas ambições para a faculdade e seu papel nela. Meu Deus, eu nem sequer pensei nisso. Eu só quero... O quê? Para ele olhar para mim? Eu odeio os seus olhos, ainda observo-os, esperando por eles para virar no

meu caminho. Isso é tão fodido.

Ele nos disse que podemos utilizar o tempo livre para estudar, mas não consigo me concentrar. Eu não posso pensar em nada a não ser o enigma na frente da sala.

Dois dos estudantes, Sebastian e Lester, saem depois de suas reuniões. Sarah foi a próxima depois deles, e Chris está lá em cima agora, pousado rigidamente na ponta da cadeira, acenando para o que quer que o Sr. Marceaux está dizendo.

Isso me deixa, e a espera pela minha vez está esfolando minhas entranhas.

— Psiu. Ivory.

Eu volto-me para Sarah, que reproduz minha posição de pernas cruzadas… nossas saias soltas esticadas sobre os joelhos para a modéstia… na outra extremidade da parede traseira.

— Venha cá, — ela sussurra.

Balanço a cabeça, sem querer desistir do meu ponto de vista.

Com um suspiro, ela define seu livro para baixo e se arrasta em direção a mim.

Isso deve ser interessante. Acho que ela falou comigo duas vezes nos últimos três anos. Eu desisti de tentar ser amiga dela quando ela disse que o hambúrguer que eu estava comendo era feito de ganância, mentiras e assassinato. Eu não tenho o luxo de escolher alimentos que salva animais de fazenda e boicotar agendas políticas.

Seu cabelo castanho cai em linha reta e é tão longo que se arrasta pelo chão enquanto ela me aborda nas mãos e nos joelhos. Ela tem um aspecto hippie da velha escola sobre ela, com cordões de granulas multicoloridos pendurados em seu pescoço, um vestido longo e esvoaçante que ela enrola nas coxas, e um brilho malicioso em seus olhos. Tenho certeza de que ela não está usando um sutiã, mas ela tem o tipo de constituição esbelta que não requer um.

Ela cai em um alastramento perto de mim, toda braços e pernas e

sorriso inclinado. O que ela está fazendo?

Em um volume muito baixo para ser ouvido além de nossa aproximação, ela pergunta, — O que você acha dele?

Mate-me agora. Eu não estou indo para lá com ela. — Ele é severo.

Ela olha para o Sr. Marceaux e linhas se formam em sua testa. — Ele não. Quero dizer, sim, ele é severo e sexy e... Olá? Você não ouviu sobre seus outros usos para o seu cinto?

O cinto? Eu balancei minha cabeça. — O que você quer dizer?

— É só boato. Eu quero falar sobre Chris Stevens.

Eu não tenho uma opinião sobre Chris, que tentou dormir comigo no segundo ano, e eu tenho evitado ele desde então. — O que tem ele?

— Você transou com ele?

Minhas bochechas queimam. — O que!

Mr. Marceaux corta seus olhos em lascas para mim.

Merda. Eu abaixo a minha voz, aparando as palavras. — Eu não fiz nada com ele.

— Desculpe, desculpe. É só que... — Ela separa uma mecha de seu cabelo e começa a trançá-lo em uma trança fina. — Eu sei que você esteve com Prescott e Sebastian e... Outros. Eles não calam a boca sobre isso, e bem, não importa. Isso foi rude para assumir. — Ela deixa cair a trança e me pisca um par de covinhas. — Estamos bem?

— Sim, estamos bem. — Eu acho que sim?

— Legal, porque eu preciso de alguns conselhos. — Ela reduz o queixo, sussurrando, — No *sexo*. E já que você é... Uma...

*Uma puta? Uma vagabunda? Uma prostituta suja?* Eu luto para manter meus ombros em uma posição relaxada. — Eu sou o quê?

— Experiente.

Eu cerro os dentes.

Ela não pareceu notar. — Chris e eu temos um tipo de coisa. Tipo, fizemos fora e outras coisas, e eu fui... Eu não sei, salvando o meu cartão-*V* para

algo especial, sabe?

Não, eu não sei. Eu não posso imaginar alguém ou alguma coisa sendo especial o suficiente para passar por isso.

Ela coloca seu rosto tão perto que tudo que vejo é suas sardas. —Como é?

Eu inclino para trás, crescendo cada vez mais desconfortável a cada segundo. — O quê? Sexo?

— Sim. — Ela lambe os lábios. — Isto.

Apenas o pensamento de sexo faz meu estômago parecer ter um enxame com mil abelhas. Persistir é pior do que lamber uma ferida fria escorrendo, coberta de pele morta e pus. Mas eu não sei se é assim para todas, as pessoas agem como se meninas devessem gostar bastante disso. Eu dou de ombros.

Ela ergue a cabeça. — Dói? A primeira vez?

— Sim. — Minha voz falha, e eu limpo-a. — Dói. E nunca para de doer.

— Quantos anos você tinha?

Eu não quero falar sobre isso, mas, ao mesmo tempo, meu peito dói com uma enorme necessidade de compartilhar. Ninguém nunca me perguntou sobre minhas experiências sexuais. Definitivamente, não a minha mãe e eu nunca tive um amigo próximo. Não é isso que eu sempre quis? Conversa de menina sem julgamento?

Eu procuro seu rosto para detectar sinais de crueldade e encontro apenas à curiosidade de olhos brilhantes. Isso produz uma sensação de calor no fundo do meu núcleo. Ela está interessada, talvez até com inveja. Porque eu tenho algo que ela não tem. *Experiência*.

Esticando as pernas, eu descanso minha cabeça contra a parede. — Eu tinha treze anos.

— Uau. — Seu rosto brilha com admiração. — Quem? Como? Conte-me tudo.

As palavras vêm facilmente, saindo de uma memória que está tatuada em cada célula do meu corpo. — Meu irmão tinha acabado de chegar em casa depois de servir um tempo no Corpo de Fuzileiros Navais, e ele trouxe um dos caras da sua equipe com ele. Seu melhor amigo.

Eu estava tão encantada com Lorenzo, em seguida, de modo vertiginoso sobre sua boa aparência, músculos afinados das batalhas, e charme robusto. E ele olhou para mim como se eu fosse a garota mais bonita que ele já tinha visto.

Ele ainda olha para mim, e eu temo-o até a medula dos meus ossos.

Sarah cobre a boca, seu sorriso escapando em torno de seus dedos. —Você perdeu a sua virgindade com o melhor amigo do seu irmão?

Espinhos correm pela minha espinha. — Ele foi ficar com a gente até que ele pudesse ter o seu próprio lugar. Acordei uma noite, não poderia voltar a dormir, então eu pisei fora para sentar-me na varanda.

Papai tinha morrido fazia apenas um mês, e a perda ainda era muito dolorosa, uma constrição constante no meu peito. Ele costumava dizer, *Nada é inconcebível, e tudo é possível. A prova está na magia da música*. Então lá estava eu, cantarolando sua canção favorita Herbie Hancock, desejando o inconcebível, e desejando que ele voltasse.

Sarah ouve atenta, sua expressão irradiando muito mais entusiasmo do que a realidade daquela noite merece. — O que aconteceu?

— O amigo do meu irmão veio para fora e me prendeu na escada. Ele era tão grande. Grande *em todos os lugares*. E forte. Ele sabia o que queria, e eu não poderia impedi-lo de tomar-me.

Eu não conseguia parar as ações concretas a partir da raspagem no meu peito e pernas enquanto ele me levou por trás. A mão na minha boca abafando meus gritos. O som rasgando da minha camisola. O cheiro de seu hálito podre no ar. E a dor entre as minhas pernas... O rasgar, o sangue, a dor durante dias depois, quando ele me levou novamente e novamente.

— Cara. — Sarah encosta contra a parede. — Isso soa tão quente.

Isso soa?

— Você é tão sortuda. — Ela brinca com as pontas dos cabelos. — Você tem peitos e experiência e caras assim caindo em cima de você. Eu quero isso. Eu acho que tenho medo, mas estou definitivamente pronta para... Você sabe... Com Chris.

Deve haver algo de errado comigo, porque peitos e sexo e tudo o que ela acabou de dizer me faz querer vomitar minhas tripas para fora. — Sarah, não...

— Entre você e eu, as meninas ao redor estão apenas com inveja de você, porque elas estão com ciúmes. Quero dizer, olhe para você. Caras querem isso. — Ela acena uma mão para indicar o meu corpo. — Não é de admirar que você dormiu com metade da escola.

Bile atinge o fundo da minha garganta, e eu engulo várias vezes para mantê-la para baixo.

— Veja. Ele terminou. — Sarah salta para os pés, pega seus livros, e corre pela sala, fazendo um caminho mais curto para Chris.

Parte de mim quer aborda-la no chão e pedir-lhe para ficar longe dele. Mas a outra parte, a parte egoísta, anseia por sua aceitação. Se ela faz sexo com Chris, ela vai ser igual a mim. Talvez ela vá falar-me mais, confiar em mim. Talvez eu possa compartilhar outras coisas, coisas mais assustadoras, sobre homens e suas necessidades.

— Srta. Westbrook. — Sr. Marceaux chama de sua cadeira, com os punhos nos quadris e um frio em seus olhos. — Não me deixe esperando.

# 8
# EMERIC



Eu tento ler através de seu arquivo de estudante, mas as palavras embaralham. Estou muito distraído, cada pensamento meu afunilando em direção a garota do outro lado da minha mesa. Mandei os outros alunos para casa, e agora é só Ivory e eu e esta atração inconveniente.

Seus dedos finos dobram no colo, seu cabelo liso e escuro para trás caindo em torno das linhas graciosas de seu pescoço. Um sorriso aporta em seus lábios, uma expressão que parece vir naturalmente para ela, mas este é menor do que os anteriores. Mais frágil. O tipo de sorriso que meninas usam quando elas estão com medo.

Eu solto o arquivo na mesa e inclino para frente, rompendo sua bolha invisível de tensão. — Você está preocupada com o quê?

Eu sei a resposta, mas eu quero ouvir como soa em seus lábios.

— Nada. — Ela escova um dedo contra seu nariz. Esse pequeno gesto me dizendo. Ela está mentindo.

Eu bato um punho sobre a mesa com força suficiente para fazê-la ofegar.

— Essa foi a última vez que você mentiu para mim. — Eu vou chicotear a verdade esquecida por Deus fora dela se eu tiver que fazer isso. —Diga-me que você entendeu.

A saliência vem e vibra em sua garganta. — Sim, eu entendo.

— Bom. Meu olhar mergulha ao *V* da blusa, a linha profunda do decote, e o pino de segurança precariamente segurando tudo junto. Tão rápido como posso desvio os olhos, treinando-os no seu rosto. — Agora, responda a pergunta.

Ela esfrega as palmas das mãos sobre as coxas e sustenta o meu olhar. — Você, Sr. Marceaux. *Você* me preocupa.

Ahh, muito melhor. Eu quero que ela colha e alimente sua honestidade para mim, a sua respiração tremula pelo temor. — Explique o que você quer dizer.

Ela balança a cabeça para si mesma, como se chamando sua coragem. — Você é inteligente e rigoroso como outros professores, mas você tem a abordagem e temperamento de um bárbaro id... — Ela aperta os lábios.

— A linguagem é admissível em minha sala de aula, Srta. Westbrook. Eu estreito meus olhos. — Contanto que isso esteja sendo usado de uma forma construtiva.

Ela estreita os olhos de volta. — Eu ia dizer idiota, mas eu não tenho certeza se é construtivo.

Pelo menos ela está pensando sobre um pau[10].

— Dê-me um exemplo do meu alegado comportamento, e eu vou decidir como construtivo é.

Sua boca cai aberta, como se espantada com a minha resposta. —Como sobre quando estávamos no corredor? Quando eu contei da minha situação financeira, e você... Você *sorriu*?

Foda-se, ela achou isso?

Eu não posso dizer a ela. Eu sorri, porque sua vulnerabilidade me fez no alto de luxúria e duro como uma porra de uma rocha. Mas posso dar-lhe sinceridade.

— Você está certa. Eu estava errado, e eu peço desculpas. — Eu pego o

arquivo e folheio as páginas. — Vamos falar sobre suas circunstâncias.

Eu analiso a página bio[11] e confirmo o seu endereço de Treme. Saltando sobre o resumo de seu GPA[12] excepcional e resultados do SAT[13], eu me agarro nos fatos que mais gosto.

Data de nascimento?

Ela vai ter dezoito anos na primavera.

Pais?

*William Westbrook. Falecido.*

*Lisa Westbrook. Desempregada.*

Isso explica sua falta de fundos, mas não como ela paga a escola privada. Espere…

Eu salto de volta para o nome de seu pai. — William Westbrook?

Seus olhos derivam fechados. Eu olho para trás para a página, tentando conectar os detalhes. Westbrook, morto, de Treme, filha toca piano...

Jesus, eu não posso acreditar que não me atentei para o nome dela mais cedo. — Você é filha de Willy Westbrook?

Seus olhos piscam abertos, brilhantes e esperançosos como seu sorriso. — Você já ouviu falar dele?

— Eu cresci em Nova Orleans, querida. Todo mundo por lá ouviu falar de Willy Piano Bar.

Seu olhar se volta para dentro, seu sorriso esmaecendo. — Ouvi dizer que é um lugar legal. Os turistas adoram.

Ela diz isso como se nunca foi o que contradiz a imagem que tenho dela de estar por trás do famoso piano de Willy depois de horas de trabalho e sonhando enchendo seus sapatos talentosos.

Eu descanso meus cotovelos sobre a mesa, dobrando para mais perto. — Você não mora na mesma rua? Você nunca esteve lá?

Ela levantou as sobrancelhas. — É um bar de acima de dezoito. Eu não posso entrar.

Meu cérebro sopra através de uma nuvem de confusão. — Você não vai lá quando está fechado para ajudar a tocar o negócio? É ainda da sua família, certo?

Exceto que seu arquivo me diz que sua mãe está desempregada?

Seu olhar cai em seu colo. — Papai vendeu o bar quando eu tinha dez anos.

Eu odeio quando não posso ver seus olhos. — Olhe para mim quando você está falando.

Ela levanta a cabeça para cima, com a voz tranquila e plana. — O novo proprietário manteve o nome e deixou o papai continuar a tocar piano lá até...

Até uma briga no bar, tiros foram disparados, e Willy pegou um no peito ao tentar conter os lutadores.

Minha familiaridade com a história deve está escrita no meu rosto, porque ela diz: — Você sabe o que aconteceu depois.

— Tudo foi notícia.

Ela balança a cabeça, e engole.

A morte de Willy recebeu uma porrada de atenção. Não só ele era um pianista de jazz branco em um bairro negro, ele também era adorado e respeitado pela comunidade. Seu bar trazia uma grande quantidade de dólares dos turistas para Treme, e pelo que ouvi dizer, a sua popularidade tinha mantido as empresas vizinhas à tona durante anos.

Lembro-me especificamente de ficar observando os relatórios na televisão de seu assassinato enquanto visitava New Orleans… uma visita particular as minhas raízes tinha sido um ponto crucial na minha vida. Foi... Há quatro anos? Eu tinha acabado de receber meu mestrado de Leopold e fui aventurar sobre a possibilidade de manter o meu emprego de professor em Nova York ou procurar trabalho mais perto da minha cidade natal.

Na mesma semana, eu aceitei uma oferta de emprego em Shreveport Preparatory. E conheci Joanne.

Eu tinha vinte e três, então, o que significa que Ivory tinha treze anos

quando seu pai foi assassinado.

Ela se senta na minha frente, atenta e silenciosa. Enquanto o silêncio se estende, uma transformação sutil trabalha o seu caminho em sua postura, enrolando seu corpo em si mesma e fazendo-a parecer menor. Ela pega um fio em sua manga, trazendo a minha atenção para a costura em sua camisa e em todos os lugares as costuras estão se desfazendo. Suas roupas são baratas, velhas, ou desgastadas pelo uso. Provavelmente todos acima.

Não há uma mancha de maquiagem em seu rosto bronzeado. Sem anéis, pulseiras, ou jóias de qualquer tipo. Não há um cheiro de perfume, qualquer um. Ela certamente não precisa de melhorias para torná-la bonita. Sua beleza nua supera todas as mulheres que eu já coloquei os olhos. Mas não é por isso que ela não usa.

Não vou fingir que entendo o que é viver na pobreza, e muito menos sobre perder um dos pais do jeito que ela perdeu. Meu pai é um médico bem sucedido, e minha mãe se aposentou como Reitora e Decana de Leopold. Quando voltei para a Louisiana depois da faculdade, eles se mudaram de volta comigo para permanecer perto de seu único filho. Seu amor e apoio para mim é tão confiável quanto a sua fortuna, e dizer que são ricos é um eufemismo. A família Marceaux detém a patente sobre as escoras de madeira usadas em pianos. Estou preparado para a vida, como estarão meus filhos, e seus filhos, e assim por diante, enquanto pianos estiverem em produção.

Dinheiro velho é abundante entre as famílias em Le Moyne. Exceto Ivory. Então, por que Willy Westbrook vendeu o seu negócio em expansão só para continuar a trabalhar lá como um artista, ganhando o tipo de salário servil que deixou sua filha desamparada?

Eu folheio através de seu arquivo, procurando o cronograma de pagamento de sua mensalidade. Uma pequena anotação na última página indica que todos os quatro anos foram pagos na íntegra há sete anos.

*Papai vendeu o bar quando eu tinha dez anos.*

Eu encontro seus olhos. — Ele vendeu seu negócio para colocar você

aqui?

Ela desloca-se na cadeira, costas arqueadas, mas não desvia o olhar. — Ele recebeu uma oferta que foi apenas o suficiente para cobrir o programa de quatro anos, para que ele... — Ela fecha os olhos, abre-os. — Sim. Ele vendeu tudo para garantir minha posição aqui.

E três anos depois, ele morreu, deixando-a assim tão quebrada que ela não pode pagar livros didáticos.

Eu não me incomodo escondendo o desprezo na minha voz. — Isso foi extremamente estúpido.

Chamas gêmeas inflamam seus olhos enquanto ela empurra para frente, as mãos segurando a borda da mesa. — Papai olhou para mim e viu algo que vale a pena acreditar, muito antes de eu acreditar em mim mesma. Não há nada de estúpido sobre isso.

Ela me olha como se estivesse me esperando para saltar no movimento e acreditar nela também. Mas realmente, ela mais parece uma menininha com raiva defensiva. É impróprio.

— Você não tem treze anos mais. Cresça e pare de chamá-lo de *papai.*

— Não me diga do que eu posso e não posso chama -lo! — Seu rosto enrubesce em uma máscara bonita de veemência. — Ele era o *meu* pai, *minha* vida, e não tem nada a ver com você!

Cristo, esta menina tem bagagem, e dado o corte em seu lábio, isso vai além de problemas com o pai. O abuso físico é fácil de detectar. Trauma sexual, no entanto, é um grande salto. Mas eu sou suspeito por natureza e muito curioso sobre ela. Apesar dessas faíscas ousadas em seus olhos, sua postura tem uma tendência a enrolar para dentro em autodefesa, a evidência de que alguém em seu passado ou presente a machucou.

Eu quero cavar em volta dentro dela, esculpir as facetas úteis de sua miséria, e destruir o resto. — Ele *era* seu pai, e você tem sua própria vida. Siga em frente.

A contração salta em sua bochecha. — Eu te odeio.

E eu odeio o quanto quero punir sua boca empurrando meu pau nela. — Você conseguiu mostrar a sua imaturidade, Srta. Westbrook. Se você quiser continuar a ser uma estudante sob a minha tutela, você vai parar suas lamurias como uma colegial e começar a se comportar como uma adulta.

Ela funga, ombros enquadrados. — Você não tem uma opinião muito elevada de mim. — Ela olha em toda a sala, seu olhar vagando pela parede de instrumentos. — Eu realmente ferrei isso.

— Olhe para mim.

Ela faz, instantaneamente.

O perfume enjoativo de sua obediência lambe ao longo da minha pele. Quero me banhar nele, prova -lo e testá-lo. — Por que você está aqui? Porque seu pai decidiu quando você tinha dez anos que se tornaria uma pianista?

Suas sobrancelhas se reúnem. — Não, este é o meu sonho também, e "sou obrigado a ser trabalhador[14]".

Ela pode citar Bach. Bom para ela.

— Qual é o seu sonho, exatamente? — Eu abro o arquivo para a seção de aceitação da faculdade. — De acordo com isso, você não tem metas, sem ambições. O que você vai fazer depois do ensino médio?

— O quê? — Ultraje grita através de sua voz. Ela se lança por cima da mesa e puxa a página da minha mão, seu olhar voando sobre as colunas vazias. — Por que isso está em branco? Deve haver algum engano. Eu... Eu... Deus! Tenho sido categórica...

— Sente-se!

— Sr. Marceaux, isso não está certo. Você tem que ouvir... — A voz dela enfraquece, arrastando no silêncio assustado com a força do meu olhar.

Ela abaixa-se na cadeira, o rosto ruborizado e as mãos trêmulas farfalham no papel.

Eu apoio meu queixo contra os meus dedos. — Agora me diga, em voz calma, o que você esperava ver na página.

— Eu estou indo para Leopold.

*Não há uma chance no inferno.*

Exceto a força inabalável em seus olhos argumenta que ela tem a determinação para que isso aconteça, e a elevação do queixo me desafia a afirmar o contrário.

Eu aceito esse desafio. — Você percebe que apenas três por cento dos candidatos são aceitos a cada ano? Dezenas de seus colegas tentaram, embora Leopold não aceitasse um estudante de Le Moyne em três anos. Talvez, apenas *talvez*, um de vocês vá conseguir isso no próximo ano.

Não há *talvez* sobre isso. Minha mãe ainda ocupa um assento no Conselho de Administração do Leopold e tem os meios para empurrar uma das minhas referências completamente. Estou confiante que ela vai fazê-lo. Por mim.

Contudo. Enquanto deslizar uma estudante aplicada após o processo de aceitação rigoroso não levantaria suspeitas, dois definitivamente iriam soar alarmes e colocar a integridade da minha mãe em questão. Eu nunca iria pedir isso a ela.

Eu me inclino para trás na cadeira, folheando os impressos para me certificar de que não passei por cima das notas sobre metas de faculdade de Ivory. — Você deveria ter aplicado desde o processo de matrícula até agora. Não há nada aqui que indica que você tem interesse em realizar um empreendimento tão impossível.

— Tudo é possível, Sr. Marceaux. — Ela joga a página em branco na minha mesa. — E eu era aplicável. Três anos atrás. Na verdade, a Sra. McCracken estava destinada a referir-me ao líder concorrente.

Isso explica por que Beverly forçou Barb McCracken para a aposentadoria e me trouxe aqui como seu substituto. Quando aceitei o negócio, eu sabia que haveria alunos mais digno de minha indicação do que o filho de Beverly. Mas eu não esperava sentir tanta culpa enroscando no meu estomago.

Ivory Westbrook me colocou em um dilema moral, e eu não ouvi até mesmo ela tocar. Talvez o seu talento seja medíocre, e posso deixar esse conflito

de interesses de lado.

Ela olha para a minha gravata, uma fuga de pensamentos cintilando em seus olhos. Longos segundos se passam. Em algum lugar no fim do corredor, um clarinete desempenha uma chave perfeita.

Finalmente, ela encontra o meu olhar. — Minha presença não é exatamente querida por aqui. Eu não uso as roupas certas, dirijo o carro certo. — Ela ri. — Eu nem sequer tenho um carro. E eu certamente não trago doações ou conexões glamorosas. A única coisa que tenho a oferecer é o meu talento. Isso devia ser suficiente. Devia ser a única coisa que importa. No entanto, esta escola tem sido contra mim desde o primeiro dia.

Nada do que ela diz me surpreende. Ela é um cordeirinho perdido entre um bando de lobos cruéis. Então, por que ela não se direciona para algo um pouco menor? Tentar uma faculdade mais fácil e retirar-se das linhas cruzadas? Por que Leopold?

Prendo a expressão impassível, adiando as minhas perguntas até que ela termine.

Ela toca a página em branco e puxa-a para mim. — Alguém apagou a minha proposta para Leopold, juntamente com todo o trabalho de preparação que fiz para apoiar a minha elegibilidade. Sra. McCracken me disse que iria colocar tudo no meu arquivo. Eu não quero apontar dedos, mas alguém nesta escola não gosta de mim, e esse alguém tem um filho que está competindo pelo meu lugar.

Beverly Rivard limpou o arquivo, uma conclusão a que já tinha chegado. — Por que Leopold?

— É o melhor conservatório no país.

— Então?

— Então? — Seus olhos se iluminam. — A educação rigorosa que os estudantes recebem lá é incomparável. Eles têm uma faculdade de elite, instalações de alto nível, e o melhor histórico na propulsão de estudantes em carreiras musicais. — Assinalando fora os nomes em seus dedos, ela enumera alunos notáveis, como compositores de renome mundial, maestros e pianistas,

em seguida, adiciona — E você, Sr. Marceaux. Quero dizer, você está na Orchestra Symphony de Louisiana.

Estou prestes a chamá-la de brown-noser[15], mas, em seguida, ela me surpreende.

— Eu não desejo apenas tocar. — Ela aperta as mãos, o olhar perdendo o foco. — Eu quero chegar a ocupar uma cadeira principal de uma grande sinfonia e sentar-me ao lado do melhor do melhor, em um local de lotação esgotada, tremendo sob as luzes do palco. Eu quero estar lá, ser parte de tudo isso, quando a música começar.

Este não é um discurso que ela preparou com antecedência. A paixão em sua voz tem mil decibéis de intensidade, seu corpo inteiro vibrando com a perspectiva de suas palavras.

Ela baixa as mãos e encontra meus olhos. — Além disso, como você já sabe, cada estudante aceito em Leopold recebe uma bolsa de estudos integral, taxa de matrícula. Não importa quem você é ou qual seu fundo...

Nós compartilhamos um olhar, e nesse espaço de entendimento, eu mentalmente termino a frase. Leopold tem bastante prestígio e riqueza para que não se interesse em contas bancárias de alunos. A escola avalia seus candidatos unicamente no talento.

— Muito bem. — Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço na esperança maldita que ela seja uma terrível pianista. — Eu vou atualizar o arquivo, e nós vamos partir dai.

Em circunstâncias normais, ser a melhor em sua classe iria levá-la para Leopold. Mas Beverly me contratou para garantir que isso não iria acontecer. Leopold aceitará Prescott Rivard, porque eu vou fazer isso acontecer. Todos os outros do Le Moyne serão esquecidos. Isso é péssimo para Ivory, mas a vida é uma cadela.

— Obrigada. — Ela sorri, seu afrouxar a postura.

— Temos mais um assunto para discutir.

Enfio o arquivo longe, levanto-me da cadeira e caminho ao redor da mesa para me sentar na borda ao seu lado, de frente para ela.

Com as pernas roçando juntas, ela empilha os pés nus um em cima do outro, contra a perna da minha mesa. Eu examino o chão e encontro os sapatos debaixo de sua cadeira. Eu suspeito que as bordas de plástico rasgadas irritem sua pele depois de usá-los durante todo o dia.

Quando ela olha para cima, eu coloco um dedo sob o queixo, mantendo a posição de sua cabeça. — O que aconteceu com seu lábio?

Como esperado, ela tenta retirar o queixo. Uma resposta evasiva. Cada instinto no meu corpo me diz que alguém a machucou.

Eu aplico uma pequena pressão ainda inconfundível contra a sua pele macia. — Levante-se.

Sua respiração acelera quando ela levanta da cadeira, guiada pelo meu toque debaixo de sua mandíbula.

Quando ela atinge sua altura máxima, eu largo minha mão. — Eu lhe fiz uma pergunta, e antes de responder, lembre-se o que eu disse sobre mentiras.

Ela aperta os lábios.

Eu tento outra tática. — Como seu professor, eu tenho um encargo de relator. Você sabe o que isso significa?

Seus olhos, como o ébano líquido, piscam. Ela é dolorosamente bela, e eu estou tão fodido.

Eu me desdobro do meu poleiro sobre a mesa. De pé sobre ela, eu sou uma cabeça mais alto e muito maior. — Isso significa que eu sou obrigado a denunciar suspeitas de maus-tratos aos serviços de proteção.

— Não! — Seus dedos voar para a corte em seu lábio. — Você não precisa fazer isso. Meu irmão... Ele e eu brigamos nesta manhã, como irmãos fazem. É totalmente normal.

Normal? Acho que não. — Quantos anos ele tem?

Ela se inclina para um quadril contra a borda da mesa, uma pose casual, mas ela não está me enganando. — Ele tem vinte e seis anos.

Vinte e seis é dez anos a mais de conhecimento. Se o filho da puta bateu nela, não vou denunciá-lo. Vou encontrá-lo e quebrar seu maldito rosto. — Ele bateu em você?

— Ele... Uh, bem, nós estávamos discutindo e uh... — Ela escolhe as palavras com cuidado, beliscando a testa em concentração, sem dúvida, tentando evitar uma mentira. — Eu acabei batendo em moldura de uma porta.

— Repetindo. Ele. Bateu em você?

Ela solta um suspiro. — Indiretamente. Isto. — Ela aponta… Para seus lábios. — Foi a moldura da porta.

Uma lavra de incêndio irrompe dentro de mim, apressando-se para a superfície e queimando toda a minha pele. — Com que frequência?

Ela abraça sua barriga, os olhos no chão, enfurecendo-me ainda mais.

— Me responda!

— Não faça isso. Eu não posso... Eu tenho problemas suficientes para lidar com isso agora.

— Levante sua camisa. — O que estou fazendo? Foda-se, esta é uma má idéia, mas eu tenho que saber. — Mostre-me suas costelas.

Ela espia em torno de mim, com os olhos fixos no corredor.

— Se alguém passar, eles não vão poder ver ao redor do meu corpo. Eu me ajoelho, colocando o meu rosto no dela. — Eu sou obrigado a forçar você a isso, Srta. Westbrook. Prove-me que você não está coberta de hematomas, e eu não vou fazer um relatório.

Eu vou arrebentar o seu irmão em seu lugar.

Seus dedos apertam a bainha de sua camisa, sua expressão apertada, olhos bem fechados. Ela está tão imóvel que eu ainda não tenho certeza se ela está respirando.

— Este é apenas um exame, para o seu próprio bem. Nada impróprio. — É ilegal pra caralho, mas eu não consigo parar. — Estou esperando.

Ela dirige o seu olhar sobre os botões de meu colete, até o nó da minha gravata, demorando-se ali, antes que ela arraste seu foco para cima em uma

viagem dolorosamente lenta sobre a minha boca. Quando ela se conecta com meus olhos, um zumbido afiado chocalha na parte traseira de sua garganta.

Em seguida, ela levanta sua camisa.

# 9
# IVORY



*Ele é um professor. Ele não vai me machucar.*

Lentamente, com a mão trêmula, eu reúno a bainha da camisa acima do meu umbigo.

*Ele está apenas fazendo seu trabalho.*

Toda a minha pele treme de arrepios da estreiteza inabalável de seu olhar, a corrida do meu coração, e o ar frio quando eu levanto o algodão da blusa, expondo minhas costelas.

*Ele prometeu nada impróprio.*

Então, por que isso parece tão errado?

*Está* errado.

Enfio a camisa para baixo e giro para recolher os meus pertences. Sua mão pega meu braço, os dedos cavando quando ele me gira para encara-lo. —Mostre-me ou eu vou relatar a lesão.

Sua voz ricocheteia através do meu crânio, afiada e intransigente. Se ele me relata, eu poderia perder minha casa, minha educação, e meu gato. E Shane... Deus, meu irmão iria contra-atacar com uma ira de dor.

Meu estômago treme quando levanto a camisa. Ele solta meu braço quando eu seguro o tecido sob o peso de meus seios e encontro seus olhos.

Tudo o que vejo é o gelo azul, uma paisagem ártica sem fim, como se

eu estivesse olhando para um mundo desconhecido.

Suas narinas, e os músculos de seu rosto endurecem com emoções que eu não entendo. Eu não estou escondendo nada. Nada debaixo da camisa de qualquer maneira. Nada além que o corte no meu lábio, Shane não deixou um arranhão em mim desde a noite que eu entrei e encontrei-o fodendo alguma pobre menina no sofá — na *minha* cama. Na falta de bater na minha própria porta da frente me rendeu uma contusão desagradável no meu estômago. Mas o Sr. Marceaux não vai encontrar isso. A descoloração desapareceu na semana passada.

Ele se abaixa em um agachamento, seu olhar glacial viajando por cima do meu torso, abaixa ao cós da minha saia, em seguida, caindo para a bainha na altura do joelho. — Agora levante sua saia.

Eu agarro a minha atenção para a porta e o corredor vazio além. Sua posição dobrada coloca o olho ao nível da minha pélvis, seu corpo já não me protegendo do tráfego no corredor. O sino final tocou uma hora atrás, mas muitos alunos ficam depois para aulas particulares. Mesmo agora, o legato[16] de um clarinete canta no corredor.

Qualquer um pode andar por aqui e assumir o pior. Aqui estou eu, a puta residente, piscando o meu corpo para o professor.

O piso frio sob meus pés descalços me faz sentir ainda mais nua. Eu desejo que não tivesse tirado meus sapatos durante a nossa reunião. — Não há privacidade. Alguém pode me ver.

— Isso é para eu me preocupar. Seus braços drapejam sobre os joelhos dobrados, suas mãos fortes flexionam no *V* de suas coxas. — Eu não vou dar a ordem novamente.

Enfio a blusa para baixo e cubro o meu estômago. Agora, a saia? Holy smokes[17], o que devo fazer? Fisicamente, ele está em uma posição incomum para um homem, mais baixo do que eu, seu rosto abaixo da minha cintura. Mais vulnerável, certo? No entanto, ele ainda está tentando tomar de alguma forma.

Eu poderia dar uma joelhada no nariz e correr. Mas eu não tenho certeza se eu preciso. Ou quero.

Merda. Eu enrolo meus dedos em torno da frente da saia, deformando-a e elevando até que as minhas pernas estão expostas até o meio das coxas.

— Suba mais.

Eu levanto a bainha outra polegada. Certamente ele pode ver as minhas pernas tremendo? Quão alto ele quer que eu vá?

— Mais acima.

Sua voz sussurra aproximadamente no espaço de um pé que separa o rosto e as minhas coxas. Suas mãos estão ali também, oscilando entre nós, perto o suficiente para agarrar-me entre as pernas, se esse é o seu plano. Um ligeiro tremor contrai por entre os seus dedos, e meus músculos se contraem.

*Mas ele é um professor. Ele não tem permissão para me tocar.*

Como sua aluna, eu tenho que confiar nele e fazer o que ele me diz.

Eu pego um punhado do material solto da saia contra a frente da minha calcinha e fecho minha mão lá, dando-lhe uma visão completa das minhas pernas, sem revelar demais. — O que você está procurando?

— Amplie sua postura

Eu deslizo meus pés para fora, balançando com o esforço.

— Apenas assim, — ele respira. — Boa garota.

Seu louvor envolve em torno de mim como um abraço caloroso. Não me lembro da última vez que alguém me abraçou, sem me machucar, mas se o Sr. Marceaux passar os próximos nove meses a me chamar de uma boa garota, eu talvez nunca precise de um abraço novamente.

Ele mergulha sua cabeça, inclinando mais perto. —Estou procurando marcas na parte interna das coxas.

Lorenzo deixou marcas lá, juntamente com inúmeros outros caras. Em média sempre tenho esfregações e resistências e dura muito tempo. Mas o Sr. Marceaux não sabe sobre os outros caras.

— Meu irmão nunca iria…

— Eu não estou sugerindo que *ele* faria.

Minha garganta fecha-se. Será que ele já ouviu falar sobre a minha reputação? Ele está verificando se há evidência de meu comportamento?

— Você tem uma aparência relativamente morena. — Ele olha para cima, estudando minha expressão, muito firmemente, muito profundamente. —Mais fácil de esconder contusões.

Eu engasgo com uma risada nervosa. — Minha mãe me diz que eu sou muito pálida. Inferno, ela reclama que *ela* está muito pálida, e ela é meio-Negra.

— Abaixe a saia. — Ele se levanta, as mãos ancoradas em seus quadris. — Conte-me sobre sua mãe.

Eu endireito o tecido em torno de minhas pernas. — Todo mundo diz que ela se parece com Halle Berry, mas...

— Não me importa o que ela se parece. O que ela *faz*?

Drogas. Homens. Quando ela não tem qualquer daqueles, ela senta-se em seu quarto e grita.

Se eu compartilhar isso com ele, ele provavelmente vai sorrir para minha desgraça. — Ela está entre trabalhos.

— Qual foi a sua posição sobre o seu pai vendendo seu negócio por você?

Ela me odeia por isso, tanto que seus lábios tremem quando ela olha para mim.

— Eles brigaram sobre isso. — Eu ajusto o pino e botões da minha camisa. — Ela não está feliz em perder essa luta, então não espere que ela apareça para conferências de pais e professores.

— Os seres humanos são miseráveis desastres. Eles cometem erros. Fazem coisas erradas. — Ele esfrega a parte de trás de sua cabeça. — Se ela não vem ao redor, esse é um erro dela.

Uau, isso foi... Inesperado. Surpreendentemente atencioso e realmente muito profundo. Embora agora eu me pergunte que tipo de erros ela comete. Esperemos que nenhum que irá afetar os meus objetivos.

Ele abaixa a mão e faz um movimento giratório. — Vire-se e mostre-me sua costa.

Meu pulso dispara. Mais exames? Só que desta vez, eu não vou ser capaz de ver suas mãos.

Eu abro minha boca para argumentar, mas o olhar duro em seus olhos muda minha mente.

Com uma inspiração profunda, eu dou-lhe a minha costa, engancho os dedos trêmulos sob a camisa, e arrasto-a dos quadris até as axilas.

O ranger de seus sapatos de couro, o sussurro de sua respiração, o calor de seu corpo, tudo sobre ele se sente como uma violação da privacidade. Eu gostaria de poder ver sua expressão, porque ele provavelmente abandonou sua busca de contusões para olhar para a tatuagem nas minhas costas. Os arabescos desbotados envolvem de um lado da minha cintura, pela minha espinha, e em ondas ao redor do ombro oposto.

Eu me preparo para uma de suas reprimendas afiadas de voz. *Eu sou nova demais. Tatuagens são demasiadas desprezíveis.* Mas eu não me importo com qual é a sua opinião sobre isso. A tatuagem é pessoal e preciosa e minha.

Sem aviso, as mãos pousam nas minhas costas, não na minha pele, mas nas dobras da minha camisa. Ele puxa o material da minha mão e empurra-o para minha cintura.

Assustada, eu giro ao redor. — O que está errado?

Ele está mais longe do que eu esperava, vários pés entre nós com as mãos atrás das costas e sua atenção na porta.

Eu sigo o seu olhar enquanto Sra. Augustin entra.

Ela faz uma pausa na soleira, segurando a alça da bolsa no ombro dela. — Oh, eu não sabia que você estava com um estudante. — Ela chicoteia olhares furtivos entre o Sr. Marceaux e para mim, e para trás, para cima e para baixo, e para em mim. — Oi Ivory. Você teve um bom verão?

Eu enrolo os dedos dos pés contra o mármore, desejando meus sapatos malditos.

— Com certeza.

— Impressionante. — Ela volta sua atenção para o meu professor, sua mão levantando até o pescoço, varrendo e penteando através de uma mecha de cabelo loiro. — Sr. Marceaux, você vai estar... Uh... Saindo em breve?

Ela olha para ele do jeito que minha mãe olha para seus namorados, com os mais… brilhantes olhos cheios de adoração e estupidez.

De todas as professoras de música, Sra. Augustin é a mais jovem e mais bonita. Ela também é irritantemente intrometida, mas Ellie faz elogios sobre ela, então eu acho que ela é uma boa professora de cordas.

Sra. Marceaux inclina a cabeça. — Srta. Westbrook tem aulas particulares até sete todas as noites.

*Eu tenho?*

A leveza repentina levanta meu peito. Sra. McCracken se mantinha horas de atraso para me ensinar, mas eu não tinha trabalhado até a coragem de pedir-lhe para o tempo extra.

Ele fica tão alto e confiante ao meu lado, pés plantados afastados, cada polegada de sua postura esculpida com autoridade quando ele estuda Sra. Augustin. — Eu não estarei indo para casa em breve. Hoje à noite ou qualquer outra noite.

— Oh. — Seu rosto cai, e todo o seu corpo parece desinflar. — OK. Bem…

A única coisa que se move é uma perna longa esbelta quando ela arrasta o dedo do pé de seu alto... Calcanhar para trás no chão de pedra atrás dela, persistente. Esperando por ele para dizer mais alguma coisa?

Finalmente, ela se endireita. — Eu estou indo para casa. — Ela aponta para o corredor, rindo baixinho, sorrindo, e agindo realmente muito estranho. —Então, eu acho, tenha uma boa noite?

A pergunta em sua voz vacilante me irrita. Ele já disse a ela que está ocupado para minha aula particular. Ela deve ir.

Mas então eu iria ficar sozinha com ele novamente. Como é possível

que eu me sinta tão possessiva e tenha medo dele?

Ele termina sua conversa aleatória com embaraçosa firmeza, — Boa noite, Sra. Augustin.

Quando ela desaparece no corredor, eu reproduzo a conversa com subtexto. — Ela só convidou-lhe para sair, não é?

Ele se vira para mim com uma careta irritada no rosto. — Isso não é da sua conta.

Provavelmente sim, mas me sinto maravilhosamente tonta com toda a troca. Quero dizer, ele disse que não. Não hoje à noite ou em qualquer noite. Porque ele estaria comigo, me ajudando.

Talvez eu não estraguei as coisas tão mal quanto pensava. — Estamos fazendo aulas de piano esta noite?

Cordas vibram em seu pescoço. — Não.

— Mas você acabou de dizer...

— Aqui está a lição de hoje à noite. — Ele apaga a distância entre nós e se inclina para o meu espaço. — Não me questione. Não minta para mim. E nunca olhe para longe de mim. — Ele se endireita. — Sente-se.

Essas são exigências ridículas, mas encontro-me caindo na cadeira e travando meus olhos nos dele.

Ele risca um dedo na garganta com restolho e puxa a gola para trás de sua gravata. Desistindo de sua tentativa de soltá-lo, ele se agacha diante de mim. — Quando você se tatuou?

Não há nenhuma maneira que eu possa responder às suas perguntas sobre o assunto sem mentir, mas posso dar isso a ele. — Eu tinha treze anos.

Algo cintila em seus olhos. Compreensão? Ele sabe quantos anos eu tinha quando eu perdi Papai — Meu pai. Meu *pai*. Deus, mesmo em meus pensamentos, eu estou tentando agradar Sr. Marceaux. Mas talvez ele esteja certo sobre a minha imaturidade. Se meu pai estivesse vivo hoje, eu ainda iria chamá-lo de *papai*?

Em vez de fazer perguntas sobre a tatuagem, o Sr. Marceaux abaixa sob

a minha cadeira e arrasta os meus sapatos na direção de seus pés. Sua curvatura coloca seu rosto a polegadas do meu colo, mas ele mantém os olhos nos meus enquanto seus braços se movem em torno de minhas panturrilhas.

Com os joelhos em ambos os lados das minhas pernas, eu não me sinto presa, mas meu estômago se contorce da mesma forma. Eu não entendo por que ele está segurando os meus surrados sapatos planos de ballet, por que ele está examinando o interior, ou o que ele tem planejado para mim a seguir.

Com meu sapato na mão, ele chega para o meu pé. No momento em que seus dedos pastam na parte de trás do meu tornozelo, eu pulo no banco.

Ele me para com um olhar insensível, sua careta em desacordo com o curso da mão. Sem pressa, ele acaricia ao longo do meu tornozelo, traça os botões ósseos nas laterais, e fecha a mão no calcanhar do meu pé, levantando-o.

Eu estou com a língua presa, confundida pela gentileza, perdida na sensação. O mundo inteiro se estreita para o calor da palma da sua mão, a maneira cuidadosa que ele desliza os dedos dos pés dentro do sapato, e a concentração absoluta que ele dá a tarefa.

Ele abaixa o pé no chão, e eu exalo uma lufada de ar. Em seguida, ele se desloca em direção a minha outra perna.

Por que ele está fazendo isso? O que ele ganha com isso? Será que ele espera que eu lhe mostre meus seios? Dê-lhe um boquete? Sexo?

Eu empurro meu pé fora de seu alcance. — Eu posso fazer isso.

Ele fecha suas mãos sobre as pernas e me aprisiona com aqueles olhos de cobalto frios. — Qual é a lição de hoje à noite?

— Não questioná-lo?

Talvez esta seja uma coisa pequena para ele, mas não é para mim. Os homens não me tocam, a menos que eles queiram algo, e seu toque está me assustando. É muito bom. Muito íntimo. Muito demasiado íntimo para uma aluna e professor.

Ele detém a palma da mão para fora, esperando. Eu quero perguntar a ele o que ele quer de mim, mas eu estaria falhando na lição.

Eu movo o meu pé em direção ao seu lado, e ele lhe dá a mesma atenção como antes. Traços frágeis. Dedos como embrulho de veludo em volta dos meus ossos quebráveis. Levando? Dando? Eu não sei o que é isso. Cada toque de seus dedos atira arrepios até as minhas pernas, fazendo meu coração vibrar e meu corpo inteiro hiperconsciente. Isso me assusta. Ele me assusta.

Quando ele desliza o outro sapato, eu guardo os meus pés debaixo da cadeira, joelhos pinçados juntos, temendo o que ele vai exigir a seguir.

Ele se levanta, sua expressão escura sobre sobrancelhas pretas e sua respiração mais ruidosa do que deveria ser. Conheço esse olhar necessitado, o som com fome. Meu sangue corre frio.

Agora é a hora de correr, mas meus pés não estão se movendo. Por quê? Preciso de sua permissão, eu acho.

Eu *quero* a sua permissão.

Voltando-se para a mesa, ele pressiona as mãos contra a superfície. —Vá para casa, Srta. Westbrook.

Alívio oscila na minha espinha, mas é cortado pelo meu próximo pensamento.

Eu posso tomar qualquer uma das saídas da Crescent Hall, correr através do estacionamento ou o parque, em ziguezague ou ao longo das ruas à parada de ônibus. Não importa o caminho que eu vá. Prescott vai me pegar. Ele vai me encontrar. Ele sempre faz.

Então casa. Onde Lorenzo pode estar esperando. Onde Shane poderia está fodendo na minha cama.

O que é mais assustador? Prescott? Lorenzo? Shane?

*Sr. Marceaux.*

Pego minha bolsa e me dirijo para o corredor.

# 10

# IVORY



O ar abafado se agarra a minha pele quando eu ando os dez minutos a pé do Le Moyne para a linha 91. Oh homem, isso é bom para eu obter um fôlego a partir dessa sala de aula. Eu não sei se é o Sr. Marceaux ou as sensações assustadoras que ele faz arder em mim, mas eu não podia correr de lá rápido o suficiente.

Ele é agressivo e de compleição forte como os outros homens. Mais ainda. Mas ele teve inúmeras oportunidades para se insinuar e não o fez.

Porque ele é um professor? Ou porque ele não é como os outros homens?

Eu não estou pronta para confiar nesses pensamentos ou a forma como eles me fazem sentir.

A lua crescente pendura no alto do céu, pintando um brilho fraco ao longo das mansões antebellum[18] que orla a Rua Coliseum. O passeio de tijolo é pavimentado em um padrão de espinha de peixe e limitado em um lado por cercas de ferro forjado, lâmpadas de gás, e vegetação florescendo que infunde o ar com a fragrância de verão.

As fundações das casas com traseiras elevando-se contra essas cercas e janelas iluminadas me dão uma espiada de interiores cintilantes com lustres, grandes escadarias em rico trabalho de madeira. Carros de luxo na linha da rua

estreita e jardins imaculados adornam as jardas laterais. Onde quer que eu olhe predomina a riqueza de gerações, do tipo que veio a partir do açúcar, algodão e transporte.

O Sr. Marceaux vive em uma dessas mansões? Talvez sua família seja do dinheiro velho? Le Moyne atrai um grande número de residentes no Garden District, incluindo Beverly Rivard.

Eu não sei qual casa é a de Prescott Rivard, mas ele sabe quais caminhos eu faço para casa. Há apenas tantas opções entre a escola e as rotas de ônibus. Minhas pernas coçam para eu andar mais rápido, para deixa-lo para outro dia. Mas quanto mais eu atrasar para tocar a base[19] com ele, mais difícil será para cobrir as contas do mês.

A meio caminho do ponto de ônibus, o ronco familiar de uma motocicleta interrompe na rua tranquila. Ela se aproxima por trás, cada vez mais alto, mais rápido.

Os minúsculos pêlos na minha nuca ficam em pé. Eu espreito por cima do meu ombro e vislumbro um capacete preto, jaqueta preta, carenagens laranja desagradável. Meu batimento cardíaco bate na ultrapassagem, e eu pego o meu ritmo. Se o piloto ergue o queixo, poderia ver Destroy tatuado em sua garganta.

Cada passo martela vibrações através das minhas solas finas. Eu deveria saber que Lorenzo viria me procurar. Muitas vezes ele faz quando ficava cansado de esperar. Tem sido duas semanas desde a última vez que ele me tomou, e eu sangrava por minha bunda por horas depois.

Meu estômago em cãibras enquanto minha mente gira através das minhas opções. A próxima rua transversal é 1/32 a partir da estrada. Talvez eu possa perdê-lo.

Eu acelero meu andar, digitalizando para um beco entre as mansões. Eu não vou encontrar um. Grandes cercas circundam os lotes, equipadas com câmeras de segurança e alarmes. Tijolos e suportes de ferro forjado na rua em ambos os lados. Não tenho para onde ir enquanto a moto chega ao meu lado.

— Suba na moto. — Mesmo abafada pelo capacete, seu grito é duro e cruel.

— Eu estou tomando o ônibus. — Eu ando mais rápido, curvando os ombros com a minha mochila batendo contra a minha perna.

Ele acelera o motor, rodando a moto ao meu lado. Minhas pernas tremem, e o dedo do pé do meu sapato pega um tijolo lascado. Momentaneamente me gira para frente. Eu mantenho meu equilíbrio, mas... Porra, eu perco o sapato.

Eu giro para trás, o meu pulso surra em minha garganta, e enfio o pé dentro do vinil rachado.

Um par de faróis surge na estrada atrás da Crotch rocket[20] de Lorenzo. Eu fico olhando cegamente para os feixes de luz, esperando, esperando. Para quê?

*Cabelo preto, olhos azuis, presença dominante...*

Como se.

Lorenzo para ao meu lado, fora do alcance do braço, o capacete inclinando em minha direção. — Não vou dizer mais uma vez. Traga sua bunda para a moto.

O carro se aproximando retarda, virando em torno de Lorenzo. Grade frontal ampla, pintura prata metálica, pneus grossos, o Sedan Cadillac CTS é o brinquedo perfeito para ricos idiotas juvenis conduzir ao redor.

Idiotas como Prescott.

Ele puxa a uma parada na frente de Lorenzo, se inclina sobre o banco da frente, e abre a porta do passageiro.

O capacete de Lorenzo gira em direção ao carro. — Quem diabos é esse?

*Isso* é uma diversão. Graças a Deus. Eu não vou ser capaz de escapar de Lorenzo para sempre, e eu certamente não gosto de subir no carro de Prescott. Mas agora, eu vou aceitar Prescott sobre Lorenzo. Prescott nunca força a si

mesmo por trás e na minha bunda.

Eu dou uma guinada para frente, executando um amplo circuito em torno da moto, e deslizo no banco da frente do Cadillac. — Vá.

O motor da moto crepita quando ele empurra para frente. Eu bato a porta se fechando sobre o ruído.

Prescott inclina-se sobre o console, torcendo o pescoço para olhar para Lorenzo. — Quem é aquele cara?

— Somente uma pessoa indesejável. Vamos.

Ele liga o motor, e a explosão de propulsão pressiona meu corpo no assento de couro. Minha ansiedade e medo caem atrás de nós na fumaça do escape. Eu relaxo um pequeno grau de qualquer maneira. Agora eu estou presa com Prescott.

Seu corpo longo estende-se no banco de couro, seu dedo perfura através de vários dispositivos de incandescência no painel de instrumentos. Eu não posso começar a adivinhar quanto custa esse carro. Seus pais certamente tem que ter muito dinheiro para que eles sejam capazes de comprá-lo para ele. É um carro durão? Absolutamente. Sou ciumenta que ele tem?

Eu prefiro não ter ciúmes de ninguém, especialmente Prescott. Eu espreito para ele, obtendo no ângulo agudo de sua mandíbula, a dobra de cabelo loiro atrás da orelha, e o perfil longo, reto de seu nariz. Ele é mais magro do que o Sr. Marceaux. Com músculos menos desenvolvidos. Mãos pequenas. Pau menor. Não que eu tenha visto o pau de Marceaux, mas eu aposto que é maior.

Isso não é uma coisa boa.

Meu coração salta. Por que diabos eu estou pensando sobre isso? Por que estou mesmo comparando-os?

Prescott vira, em seguida, chega mais perto para passar um dedo por baixo da barra da minha saia. — Eu vou fazer você gozar esta noite.

Eu bato a mão. Jesus, eu nunca deveria ter atiçando-o com esse comentário sobre piercings. Estúpida, estúpida, estúpida! — Onde está o seu dever de casa?

Ele reduz a marcha em torno de uma curva e empurra o polegar por cima do ombro. O indicador de cinto de segurança apita quando eu me ajoelho para trás através do espaço nos assentos dianteiros.

Eu reúno seus classificadores do piso, e um único farol enche meu ponto de vista através da janela traseira. — Ele está nos seguindo.

Prescott joga o carro em alta velocidade. Mansões desfocadas. Sinais de parada e cruzamentos vêm e vão. Acho que ele não está preocupado com violar a lei. Felizmente, Lorenzo não compartilha sua imprudência. A motocicleta mantém o limite de velocidade e para em cada sinal vermelho. Talvez Lorenzo tenha drogas sobre ele ou mandados pendentes. Seja qual for o motivo, ele fica para trás e, eventualmente, fora da vista.

Soltando uma respiração pesada, eu recolho o resto de pastas de Prescott. — Você o perdeu.

Prescott puxa minha saia até o meu quadril e aperta minha boceta através da minha calcinha. — Baby, eu vou foder você esta noite tão duro.

Eu giro para trás e para frente, caindo para o banco, e tento controlar a minha respiração.

Minha mão treme quando eu solto o cinto de segurança. — Não, você não vai.

Há uma forte dose de convicção na minha resposta. E talvez uma pequena pitada de dúvida. Eu escapei dos avanços de Prescott antes, mas eu posso contar aqueles momentos em uma mão.

Ele ri. — Veremos.

Quando ele vira em Jackson Avenue e dirige longe do rio, eu não tenho que perguntar onde ele está indo. Durante os seis minutos de carro para o nosso lugar de sempre, eu uso uma das luzes do teto para folhear suas atribuições e notas. Ele é muito organizado para um cara que não está interessado em trabalhos de casa, suas tarefas descritas na pura caligrafia e anotações com datas de entrega. Tudo o que está detalhado é factível, fácil o suficiente para trabalhar com minhas próprias atribuições.

Ele puxa em um lote vazio, cercado por uma selva de ervas daninhas e casas com tábuas que não sobreviveram ao último furacão.

Desligando o motor, ele se vira para mim. — Eu tenho uma proposta.

Um tremor arrepia meu interior. Qualquer coisa que ele tem para oferecer vem com um preço doloroso.

Ele se inclina para mim, o rosto a polegadas de distância e fundido na escuridão. — Eu sei que você está fazendo a lição de casa para muitos dos meus amigos e quem sabe quanto muitos outros.

Eu não tive a chance de falar com os outros caras sobre horários e atribuições. Outra tarefa temida na minha lista de coisas a fazer.

Sua mão serpenteia ao longo da minha coxa, fazendo o seu caminho para a junção entre os joelhos. Eu empurro para longe, e minhas pernas colidem com a porta.

Com um grunhido, ele encara para frente, postura rígida, seus dedos enrolados em torno do volante. Dedos que eu não quero perto de mim.

Ele inclina a cabeça contra o encosto de cabeça. — Eu não quero dividir você.

— Que pena.

— Foda-se, Ivory! Você é tão… — Ele esfrega o rosto sem pêlos e suaviza o tom. — Eu tenho um aumento na minha mesada. Vou pagar mais, o suficiente para cobrir o que você está fazendo com todos os outros, se você parar de vê-los. Dê-me um preço.

Eu não posso permitir isso. Eu mentalmente resumo as despesas mensais, hipoteca, mantimentos e adesão de um pequeno adicional para material escolar. Merda, isso é um monte de dinheiro. Puxando em uma respiração profunda, eu dou-lhe o valor.

— Feito.

O quê? Sua porra de mesada cobre a soma de todas as minhas contas?

Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura. — Tudo o que tenho a fazer é parar de ajudar outras pessoas?

— *Isso*. E parar de lutar comigo sobre *isso*. — Seus dedos envolvem em torno de meu joelho, puxando a minha perna em direção a ele.

— Eu-Eu... — Minha respiração acelera quando eu tento erguer seu aperto longe. — Eu não posso. — Meu peito arfa, a minha luta contra sua mão é inútil. — Solte.

— Eu estou indo para obter isso de qualquer maneira. Pare de fazer isso ser tão difícil. — Ele me liberta e mantém as mãos para cima. — O que vai ser?

Eu balanço contra a porta e cubro meu rosto com a mão. Foda, que escolha eu tenho?

Eu posso sair de Prescott, esquecer o seu dinheiro, e tentar compensar a perda com todos os outros caras que querem as mesmas coisas que ele quer.

Ou eu posso dizer-lhes para todos se foderem e deixar de pagar a hipoteca. Eu não tenho dezoito anos ainda. Eu posso ir para os serviços sociais e explicar a minha situação. Talvez eles interfiram e me coloquem em um orfanato. Mas há uma boa chance de que uma nova casa seria muito longe para ir ao Le Moyne. Posso colocar o meu futuro nas mãos de algum adulto que decide para qual escola eu irei? E o que dizer de Schubert? Uma família temporária não pode deixar-me levá-lo. Meu coração aperta apenas pensando sobre isso. Ele não é apenas um gato. Schubert é o último presente que meu pai me deu antes de morrer. Ele é a única forma viva de amor que me resta para envolver meus braços ao redor.

Ou posso aceitar a oferta de Prescott, suportar apenas um pau da high-school[21], e manter a minha casa, minha escola, e meu gato.

A pressão de lágrimas queima dentro dos meus olhos enquanto eu forço meus lábios em volta da minha resposta. — OK.

— Tudo bem? — Ele se senta, todo o seu corpo virando para me encarar. — Tudo bem... Uh... — Ele torce ao redor, examinando o vazio do monte coberto, e pára quando seu olhar aterrissa no banco de trás. — Saia.

Com as mãos trêmulas, eu coloco os classificadores no piso, abro a porta e entro em um emaranhado de cipós.

Ele está fora do carro e ao meu lado em um flash. Um sorriso enorme se contorce em seu rosto quando ele abre a porta para o banco de trás. — Lá. Nas suas costas.

*Não, não, não.* Meus pulmões trabalham por ar, e cada músculo do meu corpo trava.

— Ivoryyyyy, — ele rosna. — Assim não é como isso funciona. Eu não estou pagando até eu conseguir meu pau molhado.

Oh Deus, ele já tem um preservativo na mão.

Grama alta coça meus tornozelos. O chilreio de insetos noturnos arrasta-se das sombras de concreto quebrado. Em algum lugar distante, um cachorro late. Outro se junta. Mas é o som horrível de um zíper que guincha passando meus ouvidos.

Ele segura o pau na mão, a coisa bulbosa inchada à plenitude e apontando para mim quando ele rola sobre o preservativo. Náuseas fervem e saliva corre em minha boca.

Quando ele capta meus olhos, sua expressão determinada parece fantasmagórica e sinistra ao luar. — Nós faremos isso da maneira fácil ou da maneira mais difícil? Um desses, você ganha mais dinheiro.

Um brilho de lágrimas borra minha visão. Eu fiz este negócio, sabendo o que vem a seguir. *Chupa-lo e comê-lo, Ivory*.

Dirijo-me para a porta aberta, pressiono as palmas das minhas mãos contra meus olhos, e deslizo no banco de trás.

Meu cérebro já está alcançando as notas escuras da Sonata N°.9 de Scriabin. A melodia toca na minha cabeça quando o peso de seu corpo pressiona minhas costas contra o banco. Eu imagino os complicados golpes de teclas quando ele arranca minha calcinha para o lado e empurra dentro de mim, grunhindo, empurrando. Tão seco tão doloroso, o fogo entre as minhas pernas persuade mais lágrimas de meus olhos. Concentro-me para dentro, bloqueando-o

para fora. Eu estou quase perdida na música discordante da minha mente quando um toque soa do bolso de Prescott.

— Foda-se. — Ele se atrapalha ao redor das pernas e puxa seu telefone das dobras das calças. — Droga!

— Saia de mim.

— Não. E eu tenho que responder a isso, de modo que mantenha a boca fechada.

Empurro o peito dele, mas ele não se moveu. Seus quadris empurrados mais duros quando ódio vaza em gotas enormes de meus olhos.

— É a minha mãe. — Ele define o telefone no assento acima da minha cabeça, o toque alegre sangrando em meus ouvidos. — Se ela te ouve, o máximo que vou conseguir é uma perda de assistência. Mas você... Seu dedo paira sobre a tela enquanto seus quadris dirigem contra o meu. — Você vai ser chutada para fora da escola.

Antes que eu possa dizer-lhe que ele é um idiota de merda, ele bate na tela e coloca-o no viva-voz.

— O que foi mãe? — Ele levanta sua pélvis e bate de volta contra mim, a fome em seu rosto iluminado pelo brilho da tela.

— Onde está você? — A voz grave da reitora late através do telefone.

— Na casa de Avery.

*Quem é Avery?* Eu contorço debaixo dele, doendo para que ele termine logo com isso.

— Você parece sem fôlego, — diz ela.

Ele segura meu peito e aperta. — Levantando pesos. Ela tem uma sala de exercícios doce.

— Oh? Bem, diga a sua mãe que eu disse oi. Precisamos tomar chá em breve.

— Sim.

— Mantenha suas mãos para si mesmo, filho. Eu não quero qualquer problema com seus pais.

Eu mordo o lábio para não gritar. Seus movimentos aceleram, crescendo errático. Graças a Deus, ele está chegando perto, mas como ele pode fazer isso, mantendo uma conversa com sua mãe? Ele é tão nojento, minha pele recua em todos os lugares, o calor penetra minhas roupas.

— Eu vi você falando com aquela garota Westbrook no almoço, — diz a reitora.

Meu pulso fica em foguetes, mas Prescott está em outra dimensão. Sua boca fica aberta num grito silencioso enquanto seu corpo malhado empurra através de sua libertação. No momento em que ele está acabado, eu empurro-o de cima de mim.

— Prescott? — A Reitora exala através do telefone. — Você está ouvindo?

— Sim. Gostosa Ivory. — Ele olha para mim e gesticula com a boca, *Boa transa*. Sem olhar para longe, ele diz em voz alta: — Eu não sei por que você tem um problema com ela.

— Ela está tentando roubar o seu lugar em Leopold, Prescott. Não só isso, ela tem uma reputação com os meninos na escola. Fique longe dela.

Ele arrasta um dedo sobre sua sobrancelha. — Sim, tudo bem. Tenho que ir.

— Prescott...

Ele desliga e joga o telefone no banco da frente. — Você gozou?

Eu ângulo longe dele, secretamente enxugando as lágrimas quando eu rosno, — Claro que eu não gozei, seu idiota.

Ele pensa seriamente que eu gozei? Eu nunca tive um orgasmo, pelo menos não que eu saiba. Mas se sou capaz de ter um, não seria com ele.

Eu ajeito minha calcinha e arranco minha saia para baixo. — Quem é Avery?

Ele tira o preservativo e ajusta sua calça. — Minha namorada.

— Namorada? — Forma-se uma protuberância grossa em minha garganta. — Por que você a está traindo?

— Ela é uma puritana. Mas você não, não é? — Ele chega para o V na minha camisa.

Eu bato a mão e pego minha bolsa do banco da frente.

— Aposto que fodeu mais caras do que há teclas em um piano.

Oitenta e oito caras? Calor formiga meu rosto enquanto eu abro a porta e salto para fora. A verdade é que eu não tenho certeza do número. Talvez metade? Talvez mais.

Ele sai do outro lado e atende meus olhos sobre o teto do carro. —Cinquenta e dois caras brancos no Le Moyne e trinta e seis homens negros em Treme. Estou certo?

*Cinquenta e duas teclas brancas, trinta e seis teclas pretas.*

Ele acha que é inteligente com sua analogia doente, mas ele não tem idéia de como doloroso seus comentários são. Sim, eu tive um monte de sexo com um monte de caras diferentes. Nem todas minhas experiências foram como esta. Às vezes eu sou muito fraca e não tenho a força física ou o tamanho de pará-los. Outras vezes, eu me sinto enganada, subornada, presa... Em palavras doces... Quando eu era jovem, eu deixei eles me tocarem no meu desespero estúpido de afeto, mas eu finalmente aprendi que não há nada afetuoso sobre um pau inchado. Ainda assim, há momentos em que eu me pergunto, *desta vez seria diferente? Talvez este vá manter-me perto e me amar.* Talvez ele vá fazer eu me sentir bem, e eu caio na armadilha.

Mas, depois das palavras de ódio de Prescott, eu não quero nem a porra do dinheiro. Eu caminho à distância, ligando a alça da mochila sobre meu ombro. Os projetos de Central City esticar-se em torno de mim, mas eu sei o caminho, tenho andado por este caminho cada vez que Prescott me comeu naquele monte. Cinco quadras daqui posso pegar um ônibus para casa.

O motor do Cadillac inicia, e um momento depois, ele rola para o meu lado.

Ele estende o braço para fora da janela, com a mão cheia com um maço de notas.

Eu fico olhando para isso, necessitando, odiando. — Quantas vezes eu tenho que fazer isso?

— Todas as vezes que eu queira. — Uma mecha de cabelo loiro cai sobre seus olhos. — Minha primeira tarefa é para ser entregue na segunda-feira, por isso, vamos nos encontrar novamente esta semana. Da próxima vez, eu vou fazer você gozar.

Uma onda de raiva queima em minhas veias. Eu o odeio. Mas eu preciso dele.

Eu engulo meu orgulho e roubo o dinheiro de sua mão.

Ele me abre um sorriso satisfeito e vai embora, deixando-me em pé ao lado da estrada como a prostituta que eu sou.

# 11
# EMERIC



Com o endereço a partir do arquivo de Ivory mapeado no meu telefone, eu viro meu velho GTO em sua rua. Eu não me sinto um perseguidor, mas também não pareço completamente são. O que posso dizer? Eu nunca precisei de uma desculpa para bater no traseiro de alguém. Eu só não imaginava que o traseiro que eu estaria batendo esta noite pertenceria a seu irmão. No entanto, aqui estou.

Eu não tenho um plano, só que Ivory não pode saber que estou aqui. Eu deveria ter relatado o lábio inchado. Eu tenho a maldita certeza que não deveria ter procurado por contusões em seu corpo. Mas isso? Mostrando-me em sua casa? Definitivamente cruza para *que-porra-eu-estou-fazendo* no seu território.

O crepúsculo cinza se esvai no horizonte, e não existem quaisquer lâmpadas de rua. Talvez eu possa convencer seu irmão a sair sem que ela me veja e perfure suas luzes apagadas antes que ele tenha a chance de memorizar meu rosto. Claro, se ela vislumbra o meu carro, ela vai saber. O Pontiac 1970 GTO é muito reconhecível. Se ela não o viu no estacionamento da escola hoje à noite, ela vai ver ao longo do ano.

Eu deveria ter tomado um táxi, mas eu não estava exatamente pensando quando eu saí da sala de aula e vim direto para cá.

Seguindo o GPS, eu caio ao longo de uma fileira de casas cedendo.

Não, não serei despercebido. O American muscle[22] sob o capô é um 455 V8, e seu trovejante rumor sujo obtém moradores inclinando-se para frente em suas varandas. Os pedestres param de andar e ficam de boca aberta. Ocorre-me que eu não serei capaz de deixar o carro em sua rua. Seria levado em poucos minutos.

Apenas um par de quadras ao norte do French Quarter, Treme é o lugar que turistas são avisados para não ir, não à luz do dia e, definitivamente, não à noite. Não tenho visitado esta área desde que eu era um adolescente rebelde. Esqueci-me sobre todo o grafite, janelas embarcadas, e ajuntamento de homens nas esquinas olhando em volta como se eles estivessem escondendo algo. Como é que ela mora aqui e não é assaltada todos os dias?

*Ela não tem nada de valor para roubar.*

Exceto sua inocência. Embora eu esteja certo de que foi roubada há muito tempo. A pergunta embaraçosa é quanto dano foi feito? Eu entendo as reações dela para mim, os olhares de medo e desejo de agradar. Eles são seus reflexos naturais para um homem dominante. Mas camadas de mentira obscurecem sob suas expressões, experiências que fortaleceram ela e pedágios que entortou ela. Não apenas um irmão abusivo ou um pai morto, mas outra coisa. Algo traumaticamente sexual.

Raiva mergulha nas minhas veias, me estimulando em direção a sua casa e as incógnitas que esperam lá.

Eu encontro o número na rua no tapume resistido de um edifício shotgun estreito. A tinta branca descascando dá lugar a madeira podre, e o telhado se inclinando sobre o pórtico não parece seguro o suficiente para ficar por baixo. As casas são muito amontoadas em conjunto para acomodar calçadas, e não há carros estacionados em frente. Sem luzes lá dentro. Nenhum movimento nas janelas. A menos que ela está sentada no escuro, ela não está em casa.

No meu caminho aqui, eu imaginei o pior. Mas pode-se argumentar que

a casa ao lado da dela é muito pior, o folheado exterior em pedaços de madeira compensada e toda a estrutura inclinada sobre a sua fundação. Alguém até pintou com spray na do vizinho: *"Casa é um sentimento fugaz que eu estou tentando corrigir"*.

Enquanto eu fico ocioso em frente de sua casa, imaginando as condições degradadas dentro, um nó se forma e une-se no meu estômago. Talvez ela não tenha eletricidade? Se a mãe está desempregada, quem paga as contas? O irmão dela?

Eu não fico com medo de Ivory chegar a casa e perceber o meu carro. A poucos quarteirões de distância, eu puxo em um estacionamento lotado, operando em um pressentimento e um sentido perverso de curiosidade.

As notas de um blues do trompetista solo vibram através de mim quando eu passeio em Willy Piano Bar. Eu nunca estive aqui, mas não é diferente dos outros bares decadentes de Nova Orleans que eu frequentava ao longo dos anos. Sujo e cavernoso, as paredes de tijolos expostos e iluminação escassa dão-lhe uma sensação do porão taberna. O tipo de taberna que um homem pode levar um tiro.

Onde foi que seu pai morreu? Perto do piano? Ou mais por alto… acima das mesas? Ou bem aqui, onde eu oscilo entre a porta e o bar?

Este lugar vê a sua quota de turistas curiosos, por isso não estou surpreso que ninguém me poupa um olhar. Eu faço a varredura da multidão discretamente e paro sobre o único outro indivíduo branco. Está muito escuro para ver os detalhes, mas ele parece estar perto de minha idade, com cabelos loiros e uma tez pálida. Coincide com a imagem no Google que eu encontrei de um jovem Willy Westbrook no meu caminho para casa de Ivory. Posso ter esta sorte?

Ajustando a aba ondulada do meu chapéu favorito abaixo na minha cabeça, eu passeio em direção ao bar e aceno para o barman. — Aquele é o filho de Willy?

Ele levanta os olhos para seguir a direção do meu aceno de cabeça, seu

cabelo branco formando um brilho etéreo em torno de sua pele escura.

— Mm hmm. — Ele volta sua atenção para a bebida que está preparando. — É ele, o açúcar.

— Obrigado. — Conectando os polegares nos bolsos da frente, eu ando até a cabine semicircular e paro sobre sua mesa.

Uma menina em cada braço, ele arrasta seu olhar a minha postura relaxada e bloqueia no meu rosto. — Eu conheço você?

O canto sombreado da cabine obscurece sua expressão, mas seus movimentos retardados e fala arrastada são difíceis de perder. Alto ou bêbado, ele está provavelmente demasiado bombardeado para se lembrar de mim amanhã.

— É você o filho de Willy?

— Yyyup. — Ele pega sua cerveja, derramando-a sobre a mesa. — E daí?

Quero dizer-lhe a razão pela qual eu estou aqui, que eu sei o que acontece quando ele fere sua irmã. Mas se eu falar de Ivory, ele poderia retaliar contra ela.

Mantendo meu rosto inclinado para longe da luz fraca, eu curvo-me à mesa e bato meu punho em seu nariz.

As meninas voam além e atiram para fora da cabine, quando a cabeça cai para trás e parece descansar em seus ombros. Os brancos de seus olhos rolam e desaparecem por trás de suas pálpebras enquanto seu corpo desliza para baixo no assento.

O sangue de suas narinas formam dois rios gêmeos sobre o lábio e respinga em sua camisa. Sua intoxicação provavelmente tem mais a ver com o nocaute das drogas do que minhas habilidades de boxe inexistentes. Eu esperava vê-lo em agonia, mas tenho prazer em saber que ele vai acordar para a dor latejante de um nariz quebrado.

A multidão não parece ter qualquer lealdade ao filho de Willy, porque ninguém faz um movimento para defendê-lo quando eu ando em direção à porta.

Eu sei que este é um bairro violento, mas porra, eles nem sequer olham o meu caminho quando eu escapo o mais discretamente quanto entrei.

Um par de minutos depois me encontro estacionado na rua da casa de Ivory com o motor desligado e minha atenção colada à sua porta da frente. Ela deveria ter voltado para casa agora, mas tudo está escuro além das janelas frontais e laterais. Onde diabos ela está?

Eu penso em sair quando uma motocicleta laranja puxa até seu meio-fio. O piloto remove o capacete, revelando o cabelo preto e pele escura. Negro ou latino? Ele é muito jovem para ser namorado de Lisa Westbrook. Ele, melhor não ser o namorado de Ivory, porra.

Eu passo para frente contra o volante, esticando o pescoço enquanto ele caminha para a varanda e nas janelas. Ele não bate na porta e, em vez disso serpenteia para o beco estreito entre as casas e desaparece em torno.

Meus nervos apertam. Ele é um amigo da família? Um primo? A porra de um assaltante? Digito o número da placa da moto no meu telefone, e um momento depois, ele sai do beco, fumando um cigarro. A perna vai sobre a moto, capacete, motor ruge, e ele foi embora sem olhar em minha direção.

Aquilo foi estranho.

Eu deveria ir. Eu não tenho negócios aqui.

Trinta minutos mais tarde, eu ainda estou dizendo a mim mesmo isso.

Com cada bandido que anda por aqui, com cada carro que cruza na rua, multiplica minha impaciência, torcendo por mim com ajustes espasmódicos e reinicia. Onze horas em uma noite de escola, e ela está lá fora em algum lugar fazendo Deus sabe o que. Quero amarrá-la a cama e batê-la por ser tão imprudente. Onde está sua mãe?

Este não é o meu problema. Eu chego para a ignição, assim quando o meu telefone emite um sinal sonoro com uma mensagem de texto.

*Deb: Nós ainda ok para esta noite?*

Quando eu enviei mensagens para ela entre as reuniões, enquanto olhava para o corpo apertado de Ivory, estava ansioso para ir. Mas agora?

*Eu: Outra hora.*

*Deb: Eu fui uma menina tão ruim hoje. Espanque-me!*

Meu pau nem sequer se contorce.

*Deb: Eu posso fingir ser ela outra vez.*

Por ela, significa Joanne. Apenas ela não é Joanne que é quem fode com a minha cabeça.

*Eu: Você parece necessitada. O oposto de sexy.*

*Deb: * fazendo beicinho **

*Eu: Também não é sexy*

*Deb: Sinto muito, senhor.*

*Eu: Você pode fazê-lo se movendo adiante no favor que eu solicitei.*

*Deb: O cara da GM?*

O marido de Beverly Rivard, Howard, é dono de uma rede de concessionárias da GM. Escutei que suas práticas de negócios são tão desprezíveis quanto sua esposa, mas eu ainda tenho que confirmar se ele a trai. Se alguém pode seduzi-lo, Deb pode.

*Eu: Sim. Use discrição e preste atenção à iluminação. Seu rosto tem que ser claro sobre o vídeo.*

*Deb: Sim, senhor.*

*Deb: Eu não posso mudar sua mente sobre esta noite?*

*Eu: Boa noite, Deb.*

O que eu estou fazendo? Por que estou aqui? Para me certificar de que ela chegue em casa com segurança?

Foda-me, eu só quero vê-la novamente. Apenas um vislumbre antes de enfrentar o vazio de minha casa.

Dez minutos mais tarde, o meu desejo se materializa na calçada à frente. Mesmo ao luar fraco, a curva dos seios, o mergulho de sua cintura, e o alargamento dos quadris é distinguível. Erótico. Assim, tão cativante.

Com meu carro escondido atrás de um caminhão, todo o meu corpo contra os cantos no painel da porta para mantê-la dentro da minha vista.

Suas longas pernas levam-na em direção a sua casa, devagar, sem pressa, com o queixo erguido e os ombros relaxados. Ela não tem medo aqui, não como quando ela está na minha sala de aula. Como irônico é isso, dado o bairro perigoso.

Nas entranhas depravadas da minha alma, eu sinto a emoção em ser a coisa que ela teme. Quero reivindicar sua apreensão, medo e incerteza. Eu quero tomar posse de todas as suas emoções e ser a única razão pela qual ela treme e chora.

Naquele momento, eu finjo que eu não sou seu professor. Com a minha mão enrolada em torno do volante e meu ombro pressionado contra a porta, eu vejo uma mulher bonita caminhar em direção a mim. Ela é incrivelmente exótica com seus enormes olhos e longos cabelos escuros, tão incrivelmente impressionante que eu não seria capaz de me impedir de me aproximar dela. Gostaria de fazer uma pausa de alguns pés de distância, manter seu olhar, e deixar o silêncio maleável nos envolver em um casulo íntimo. Eu não preciso de palavras, apenas a sua consciência do meu corpo, a minha intenção, e minha confiança para dar o que ela anseia.

Ela pode não saber, mas ela precisa de limites claramente definidos, disciplina, e um homem que ela pode confiar para empurrá-la além de sua zona de conforto. Ela ainda não pode reconhecer-me como aquele homem, mas ela vai. Então o quê?

Estacionado a cinco casas de distância, não posso me concentrar em nada, apenas ela. O que acontece amanhã, quando eu me sentar ao seu lado no banco do piano, respirando o cheiro de sua pele? Como diabos vou me concentrar, então?

Com o motor desligado, a falta de ar é sufocante. Minha camisa está encharcada de suor, a gravata há muito tempo descartada. Eu estou queimando-me, inquieto, dolorido por ela. Tesão da porra.

Ela pára na porta da frente e abre-a com uma chave de sua mochila. Alcançando-se para apertar as luzes interiores, ela não ultrapassou sobre o limite antes de um gato laranja correr para fora. À medida que se empina ao redor de seus pés, jogando seu corpo contra os tornozelos, suas palavras voltam para mim.

*Eu não posso pagar sapatos ou alimentos para o meu gato.*

A forte pressão afunda em meus músculos, pedindo-me para intrometer em sua vida e corrigir seus problemas. Eu tenho dinheiro, determinação e desejo de melhorar sua situação. Como seu professor, ela é minha responsabilidade. Nutrir. Proteger.

Tudo o que é apropriado, desde que eu não imagine o aperto de sua boceta ao redor do meu pau.

Ela apanha o gato e fuça-o contra seu pescoço enquanto ela carrega-o para dentro. A porta se fecha, e as cortinas caem do outro lado da janela, fechando-me. Hora de ir.

Na viagem de volta para o Garden District, eu resolvo manter o profissionalismo em torno da Srta. Westbrook. Se eu conseguir terminar o ano sem enterrar-me entre suas pernas, eu poderia encontrar um futuro bastante satisfatório no Le Moyne. Claro, manter as mãos longe dela também significa que o meu futuro não irá incluir uma cela de prisão.

Quando eu ando na minha casa, sou recebido com pilhas de caixas embaladas, paredes nuas e uma total falta de calor, apesar da umidade. Mudei-me há três meses, mas não tenho realmente mudado para lá. Desembalar é muito

parecido com aceitação.

A aceitação de uma vida sem Joanne.

Eu derivo através da espaçosa sala de estar, sala de lareira, e cozinha, cada canto e arco decorado com molduras personalizadas e tons de terra profundo. Talvez amanhã eu vá começar a encher os quartos com móveis e pertences pessoais. Mas esta noite, tudo que eu preciso é a brilhante peça de artesanato que fica no final do corredor.

Eu faço o meu caminho até lá, virando para o meu quarto favorito, a razão pela qual eu comprei esta propriedade muito cara. As madeiras intactas brilham sob o lustre, e a lareira em arco gótico na extremidade evoca imagens de terras distantes e culturas místicas. Mas a peça central do quarto exige toda a minha atenção.

Aproximando-me do piano de cauda de concerto Fazioli do meu avô, eu corro um dedo ao longo do corpo curvo. Raro e extremamente valioso, levou três anos para fazer, trabalhado com materiais excelentes, até as dobradiças e parafusos banhados a ouro. O coração do piano é esculpido a partir dos mesmos abetos vermelhos que Stradivari[23] utilizava para seus violinos famosos. Mas não é por isso que eu aprecio esta besta sexy.

Eu tomo minha posição atrás das teclas e deixo o meu humor decidir a melodia. Inalando profundamente, eu teclo através da introdução de construção lenta de “Toxicity” de System Of A Down. Quando as mudanças do ritmo da música de metal crescem mais pesado, mais agressivo, cada músculo do meu corpo se envolve. Meus dedos agarram as notas, meu torso balança, e minha cabeça sacode no tempo com as batidas em staccato[24], todo o meu ser capturado e controlado pela acústica.

A projeção majestosa me impulsiona a nota superior quando eu bato minhas mãos ao longo das teclas, lutando com cada molécula de poder que o piano oferece. A clareza cristalina me encanta, me consome, e eu me apaixono por este instrumento mais uma vez. Eu dependo desta experiência. Dediquei toda

a minha vida para dominá-la, e eu preciso agora me levar ao longo dos dias e meses sem Joanne.

Talvez eu tenha atingido o auge do meu sucesso no mundo da música. Talvez eu esteja destinado a ser um velho solitário e amargo.

Ou talvez eu não encontre meu lugar, no entanto, a minha parte em tudo isso, e talvez, como Ivory tão apaixonadamente colocou-o... Eu vou estar lá quando a música começar.

# 12
# EMERIC



É universalmente conhecido que algo mais proibido torna-se o mais desejável. Sinto esta verdade como um punho em torno de minhas bolas quando eu entro na minha sala de aula depois do almoço e encontro o objeto proibido do meu desejo esperando por mim.

Ivory está ao lado de minha mesa, sozinha e me olhando com grandes olhos escuros. Com os braços cruzados sob os seios e sua atitude radiante de queixo erguido, ela não tem idéia do quanto eu quero contê-la, chicoteá-la e transar com ela.

Seu vestido preto paira como uma lona em seu pequeno corpo, que só glorifica a minha memória de seu corpo nu, dando poder para o segredo que partilhamos. Ela está pensando sobre ontem, quando eu memorizei toda a pele que ela está escondendo? A pinta na costela apenas sob seu seio direito, a mancha delicada de sardas na tonificada coxa, a tinta decorativa rolando através de suas costas… Tudo isso pertence a mim agora. Eu almejo outro olhar, mais pele, mais de Ivory.

Ela endireita sua coluna, inadvertidamente, empurrando para fora seu amplo peito, e me olha como se estivesse lendo minha mente e consideresse terrível.

Eu não podia parar meu coração de ser arrancado do meu peito,

—*obrigado por isso, Joanne* — de que eu posso controlar a forma primal que meu corpo reage a Ivory Westbrook.

Calor inunda meus músculos quando eu diminuo o espaço entre nós. Minha boca seca, enquanto seus olhos acompanham meus movimentos em torno da mesa. A pressão aumenta roendo atrás do meu abdominal quando eu olho na forma sensual de seus lábios, a veia pulsante em sua garganta, e a cautela em seu olhar.

Eu fecho minhas mãos atrás das costas, reprimindo o impulso de arrancar a gravata estrangulando meu pescoço.

— Srta. Westbrook. — Eu forço minha atenção acima de sua boca. —Você está aqui cedo.

Ela apunhala um dedo em livros empilhados sobre a mesa entre nós. — Eu encontrei estes no meu armário.

Eu olho para os livros que comprei na livraria da escola esta manhã. — De nada.

— Então *foi* você. — Ela fecha os olhos, respira profundamente, e solta suspirando em retorno. —Eu não vou aceita-los...

— Você irá.

— Isso? — Ela arrebata o tablete fechado a partir da pilha de livros e prende-o para mim. — Eu não posso aceitar isso.

— Você pode. — Eu me afasto e começo a escrever tópicos de discussão do próximo período no quadro em branco.

Seus passos me abordam, parando ao meu lado. Eu não olho para ela, mas eu sinto sua proximidade, como um zumbido elétrico. As cacofonias de emoções pulsam de suas aceleradas respirações e ranger dos dentes. Ela pode também apenas me dizer que ela é uma confusão ansiosa.

Em vez disso, ela diz, — Eu não aceito esmolas, Sr. Marceaux.

Droga, seu orgulho. Eu prefiro não entrar em detalhes nestas coisas simples, mas nada é fácil quando se trata desta garota.

Eu movo o marcador sobre o quadro, a ponta do feltro rangendo

através do silêncio. — Você presume demais, Srta. Westbrook. Você *vai* me pagar.

— Isso é o que eu tenho medo.

Ela resmunga tão baixo que eu não tenho certeza se a ouvi corretamente.

Eu fecho o marcador e olho furioso para ela. — Repita isso.

— Eu... — Ela tem os braços em seus lados, como se esforçando para não incomodar. — Que tipo de pagamento?

Meu pulso dispara quando alarmes retumbam na minha cabeça. Ela tem uma riqueza de ativos que a maioria dos homens de sangue quente valoriza mais do que dinheiro. Querendo ou não ela é consciente de sua beleza sedutora, sua pergunta não nasce da ingenuidade. A experiência tem mostrado a ela o que os homens querem dela, e o pensamento ferve meu sangue.

— Dinheiro. Cheque pessoal. — Minha voz chicoteia através da sala, ousado e com raiva. — Algo nesse sentido. — Eu amoleço o meu tom. — Que tipo de pagamento você estava esperando que eu queira?

— Oh, eu... — Ela engole e olha para a porta. — Eu não sei.

O barulho distante de vozes soa a partir do hall, um lembrete que a classe estará retornando em poucos minutos.

— A verdade, Srta. Westbrook.

Seus olhos mergulham na minha virilha e dardeja afastado.

Porra. Eu não vou fazê-la dizer isso em voz alta. Neste ponto, eu não posso suportar ouvi isso.

Ela está consciente do meu inadequado interesse por ela, e agora ela sabe que eu sei que ela é consciente. Mas ela calculou mal a maneira que eu opero. Eu nunca iria obrigar uma mulher a fazer sexo, muito menos uma aluna. Enquanto isso me enfurece a um nível que tem minhas mãos tremendo, a facilidade com que ela saltou para o sexo como forma de pagamento faz-me querer matar alguém.

Talvez eu seja paranóico. Talvez perdi minha mente, mas porra, eu

estou convencido de que ela foi abusada sexualmente. Alguém de seu passado? Está acontecendo agora? Quem diabos está a machucando?

Eu fecho minhas mãos em meus quadris e olho para ela enquanto tudo dentro de mim ferve para explodir. — Tem outro professor que pediu favores impróprios?

— Não!

Um pequeno alívio, mas me deixa com nada. — Quem então?

Ela dá um passo para trás, assim quando vários alunos irrompem na sala de aula, rindo e alheios. A conversa terá que ser adiada, mas há outra coisa que não pode esperar. Eu me junto a ela na minha mesa enquanto ela reúne a pilha de livros.

Sob o pretexto de ligar meu laptop, eu olho-a com o canto do meu olho e abaixo minha voz somente para seus ouvidos. — Eu confio que seu irmão não tocou em você na noite passada.

Seu sorriso é relutante, ondulando no canto de sua boca e rastejando em seus lábios. — Shane tropeçou com um nariz quebrado, lamentou-se sobre uma dor de cabeça até desmaiar. Acho que é carma, hein?

— Sim. — Minha boca tem contrações musculares. — Carma.

Braços carregados de livros, ela se volta para a sala cheia de alunos, pausa, em seguida, gira de volta para mim.

— Obrigada. — Ela olha para a minha gravata, o queixo fixando e comprimido no topo da torre de livros em seus braços. — Eu vou reembolsá-lo o mais rápido que puder.

Balançando a cabeça, retorno ao quadro branco.

Talvez eu fiz as coisas mais difíceis para ela. Tudo o que ela faz para ganhar dinheiro, ela tem que fazer mais disso para me pagar. Mas materiais escolares é uma exigência. Além disso, eu não pretendo aceitar o seu reembolso.

Enquanto sei que seu senso de autoestima surge de pagar o seu próprio caminho, não aceitando esmolas, eu passo as próximas três horas obcecado sobre como eu posso vencer essa idéia fora dela sem cruzar a linha.

Se sua mãe está desempregada, como ela vai me pagar? Estudantes de Artes Cênicas não podem trabalhar em empregos regulares. Eles não têm tempo para nada fora da escola e prática. Inferno, os alunos são obrigados a praticar seus instrumentos, pelo menos, quatro horas por dia, todos os dias, durante anos. Se não o fizerem, eles ficam para trás, perdem sua vantagem competitiva e qualquer esperança de uma carreira musical.

Perguntas sobre a sua situação financeira marinam na parte de trás da minha mente pelas próximas horas. Uma garota bonita como ela, moradora de um bairro como Treme, tem uma série de métodos indesejáveis para ganhar dinheiro rápido. Drogas e prostituição estão no topo dessa lista, mas eu me recuso a imaginá-la degradar-se dessa forma. É muito terrível.

Quando a campainha toca para as aulas finais, os estudantes de piano saem da sala de aula, com exceção de Ivory, que coloca os seus pertences em uma mesa ao lado da porta e olha para mim com expectativa. — Os outros não têm aulas particulares?

— Sebastian Roth e Lester Thierry têm os seus próprios tutores em casa.

— Eu sei. — Sua testa franze. — Mas Chris e Sarah sempre tiram proveito das lições aqui.

— Eles optaram por estudar sob a tutela de Sra. Romero.

Eu plantei a sugestão nos meus encontros com Chris e Sarah ontem, dando a entender que a outra professora de piano tinha algumas folgas depois da escola, e sua abordagem mais flexível poderia ser um bom jogo para eles. É parcialmente verdade. Sra. Romero ensina as classes mais jovens e já tem suas mãos cheias. Mas ela trabalha para mim, e, portanto, eu determino sua agenda.

Os lábios de Ivory comprimem enquanto considera a notícia. — Isso significa que eu vou ter você só para mim de três as sete todos os dias?

Foda-me, mas eu amo o som disso.

Seus olhos se alargam. — Oh droga, eu não quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer, e sim, vou tutorear você.

Como regra geral, eu prefiro me comprometer apenas com um ou dois alunos por vez. Embora minhas intenções com Ivory tenham pouco a ver com o seu desenvolvimento pessoal. Quando se trata de me torturar, eu sou o decano do esforço que teima em resistir todo o ano letivo com bolas azuis dolorosamente pesadas.

Eu fecho a porta e faço o meu caminho em torno do canto da sala em forma de L. Inclinando um quadril contra o piano Bösendorfer, eu espero por ela para se juntar a mim, em seguida, bato os nós dos dedos na superfície preta lustrosa. — Quatro horas todos os dias.

Um enorme sorriso alarga a boca lindo. — Eu não vou fazer você perder seu tempo.

— Não, você não vai. — Eu podia olhar para ela vinte e quatro horas por dia e me sentir como o pervertido mais produtivo do mundo. Mas se eu não erradicar esses pensamentos da minha cabeça, o nosso tempo juntos acabará antes que ele comece. — Você praticou na noite passada?

— Claro.

Ela não está tensa, mudando sua respiração, ou transmitindo a vulnerabilidade de qualquer forma. Ela está dizendo a verdade, o que poderia explicar seu paradeiro na noite passada.

— Onde é que você pratica? — Percebendo que implica que eu sei que ela não estava em casa, reformulo a pergunta. — Você possui um piano?

— Não mais. — Seu cabelo castanho escuro escapa da curva da orelha dela e cai sobre o ombro. Ela reúne-o na curva do seu pescoço e torce-o em uma corda para baixo em seu peito. — Minha mãe vendeu o piano do meu pai depois que ele morreu.

*Meu pai*, não o meu papai. Eu mordo o interior da minha bochecha para esconder a minha satisfação.

— Há uma loja de música na rua da minha casa. — Diante de mim, ela acomoda um cotovelo na borda do piano e espelha a minha posição. — O proprietário me permite praticar em seu Steinway até as onze todas as noites.

O que coincide com o tempo que ela voltou para casa. Então, por que não posso afastar a sensação de que ela está deixando algo fora?

Porque ela não está olhando para mim. Ela está brincando com as pontas dos cabelos, e onde quer que seus pensamentos vão ela apenas se afasta, ela está distraída em silêncio.

Eu toco um dedo no seu queixo, levantando-o para recapturar sua atenção. — Tempo para terminar a nossa conversa anterior.

Seus lábios comprimem.

— Quem lhe pediu um favor inapropriado?

Ela se afasta e vai para o banco do piano. — Sem mentiras?

— Eu não ensino mentirosos, Srta. Westbrook.

Ela balança a cabeça, com uma expressão sombria. — A verdade é que eu preciso de sua ajuda. — Suas mãos correm sobre as teclas, sem comprimi-las. — Com isso. Dominar o piano. — Ela estende os dedos. — Eu sou a melhor pianista nessa escola, você sabe.

— Isso está certo?

Ela espia para mim através de seus cílios. — Eu posso até ser melhor do que você.

Meu estômago se lança na presença de seu sorriso tentador. — Não se deixe levar pela presunção.

— Você está certo. — Ela estuda os dedos nas teclas. — Eu tenho muito a aprender. Mas, com o professor certo e o foco suficiente, eu vou estar fora daqui no final do ano. Fora de Treme. Esta é a maior honestidade que eu posso dar-lhe, Sr. Marceaux. — Ela puxa as mãos em seu colo e olha para mim com olhos suplicantes. — Se você se concentrar em outras coisas na minha vida, as coisas não relacionadas com o meu talento, vai pesar no meu futuro. E se envolver os serviços sociais, todas as oportunidades que tenho aqui serão tiradas.

Ela está completamente apenas admitindo que não vá gostar do que eu encontre quando bisbilhotar em seus assuntos. Não tenho a intenção de envolver os serviços sociais, e ela não precisa saber a extensão em que eu sou capaz de

investigar uma pessoa.

Mas eu prefiro ouvir isso dela. — Responda a pergunta.

— Eu não posso. *Por favor.*

Isso é tudo o que preciso. O som sedutor dela implorando em uma sílaba ofegante e ela possui todos os nervos do meu corpo. Quero ouvir esse som quando ela se ajoelhar para mim, me libertar da minha calça e me guiar em direção a sua boca.

*Obtenha um controle, imbecil.*

É claro que ela não vai me dizer quem está se aproveitando dela, mas vou descobrir.

— Tudo bem. — Eu aperto a mão em direção ao piano. — Toque para mim.

Ela ajusta o banco, desliza para fora seus sapatos esfarrapados, e posiciona os dedos dos pés sobre os pedais. Com as palmas das mãos sobre os joelhos, ela me dá sua atenção. — Barroco? Clássico? Jazz?

— Surpreenda-me.

Olhos no teclado, ela estabiliza a respiração. Uma corrente de serenidade parece flutuar por ela quando sua postura solta e seu rosto suaviza. Em seguida, suas mãos levantam, sua cabeça se inclina sobre as teclas, e porra, seus dedos voam. O concerto que ela escolheu é pura insanidade, uma complexidade de ritmo elevado de muitas notas. Islamey de Balakirev[25] é uma das cadências mais desafiadoras em todo o repertório de piano clássico, e ela toca-o como uma especialista.

Ela é um furacão ao chicotear os pulsos, dedos violentos, e balançando os quadris. Seus balanços do queixo, a cabeça sacudindo nas batidas contundentes, sua expressão uma imagem de foco intenso. Mas meu ouvido crítico não perde a falta quando ela atinge os acordes com muita força, acelera muito rápido, e reproduz todas as semicolcheias[26] como trigêmeas colcheias.

É por isso que eu não toco esta peça. Eu dominava-a na faculdade, mas

é um pesadelo maldito. A dificuldade e constrangimento no posicionamento dos dedos, a mão esquerda pulando sobre a direita, e no final de oito minutos, deixa-me encharcado de suor. Além disso, não sou um fã de interpretação clássica, o que é irônico desde que eu mantenho um assento na Orchestra Symphony de Louisiana.

Apesar dos erros mínimos de Ivory, ela manipula brilhantemente a flexibilidade rítmica no âmbito das medidas, enquanto rubrica as seguintes com suas próprias convicções artísticas. Encontro-me exalando com ela no final de cada frase e na próxima flexão enquanto ela cai em batidas fortes, estou completamente hipnotizado pelo salto de suas mãos. Ela dá vida as notas, traves e linhas de barra, tornando-o o melhor desempenho que eu ouvi sobre esta peça.

Ela termina com um movimento de seus braços e lança um suspiro silencioso. Pontos de transpiração ao longo de sua testa, e suas mãos tremem no colo.

Um longo momento passa antes que ela arraste o olhar para o meu e limpa a garganta. — Bem?

— Você tocou as notas muito duro. Seu rubato é duro, muito rápido. Erros demasiados.

Ela balança a cabeça, os ombros caindo.

— Este é um instrumento, Srta. Westbrook, não uma arma. Você está fazendo música, não atirando notas para a platéia.

— Eu sei, — diz ela calmamente. — A projeção é uma arte que eu ainda estou... Tentando... — Seu queixo treme, e as lágrimas deixam seus olhos antes que ela olhe para o lado e sussurre baixinho, — Merda.

Se ela quer um instrutor que dá elogios apenas para equilibrar as críticas, ela tem o cara errado. Eu sou um idiota, e como eu disse a ela ontem, eu respeito um retorno construtivo. Eu também não estou terminado com a minha avaliação.

Aproximo-me do banco do piano e movo-me para sentar, forçando-a a me dar espaço. Ela foge para a borda, o assento mal segurando nós dois. Nossos

ombros, quadris e coxas se tocam, e não é acidental. Quero que ela sinta cada ponto de contato e aprenda a confiar nisso para confiar em mim.

— O que eu disse sobre choramingar?

Seus ombros pulam de volta, e ela olha para frente, sua voz esganiçada. — Eu sinto muito. Eu não sei por que... Eu talvez tenha sobrecarregado um pouco. Eu acho que queria que você...

— Pare de falar.

Ela aperta os lábios.

Eu viro para encará-la, e a posição empurra o comprimento da minha coxa contra a dela. O calor de sua perna se infiltra em mim, e eu dobro minhas mãos no meu colo para não estender a mão e avançar até a bainha de seu vestido. — Eu não desenvolvi a habilidade para tentar Islamey até a faculdade, e eu não poderia toca-lo todo o caminho até o meu último ano de pós-graduação.

Seus olhos riscam para os meus enormes e redondos e cheios com a umidade.

Eu seguro a delicada curva de sua mandíbula e deslizo o polegar para pegar uma lágrima. — Muito poucas pessoas podem tocar aquele pedaço. Na verdade, Balakirev admitiu que houvesse passagens em sua composição, que mesmo *ele* não poderia gerenciar.

Ela se inclina em minha mão, aparentemente sem saber que está fazendo isso enquanto se agarra às minhas palavras.

— Sua interpretação é extremamente apaixonada e impressionante. —*Assim como você*. — Estou emocionado.

Sua respiração vem mais rápida, levantando seu peito. — Oh Jesus, de verdade? Eu... — Mais lágrimas caem dos olhos dela, e ela se afasta para limpar seu rosto. — Droga, eu não estou choramingando. Eu juro.

— Por que você escolheu?

— Islamey?

— Sim.

Ela olha para mim com um sorriso aliviado. — O dono da loja de

música de que lhe falei, aquela em que eu pratico? Seu nome é Stogie e...

— O que você lhe dar em troca para praticar lá?

Seu sorriso cai quando ela percebe o que estou sugerindo. — Nada! Ele é o homem mais gentil que eu conheço. Ela estremece. — Sem ofensa.

— Nós dois sabemos que eu não sou um homem gentil. Continue.

Ela morde o lábio, mas seu sorriso reaparece, puxando os cantos. —Ele também é muito velho e teimoso e se recusa a tomar o remédio. Então ele fez um trato comigo. Se eu aprendesse a tocar Islamey, ele iria tomar suas pílulas sem o meu irritante pedido. — Ela encolhe os ombros. — Levei todo o verão. Durante todo o dia todos os dias.

— Dedicação.

O sorriso dela persiste. — Minhas mãos ainda doem.

— Acostume-se a isso. Enquanto você tocou aquele pedaço lindamente, ele não foi perfeito. Vamos começar com Etude Op 10 No.5 de Chopin [27] para que você se torne mais confortável com a quantidade adequada de pressão sobre essas teclas pretas.

Quando ela puxa a folha de música e mergulha no etude, não me movo, não dou-lhe espaço. Estou relutante em dar-lhe qualquer margem de manobra em tudo.

Sentei-me com Prescott Rivard esta manhã, em uma sessão de improviso com seu professor de guitarra. Então eu fiz as rondas com outros músicos superiores em Le Moyne. O talento é impressionante, mas nenhum é tão proficiente ou conduzido como Ivory Westbrook.

Tenho a intenção de cultivar, aperfeiçoar e discipliná-la, enquanto derivo em cada onça torcida de prazer que eu posso com isso. Mas não posso dar-lhe a única coisa que ela deseja. Quero este trabalho, o que significa que não haverá Leopold em seu futuro.

# 13
# IVORY



— Eu estou indo para Leopold. — Eu paro o marcador no meio do rabisco, a ponta pressionada contra o quadro, quando o ranger dos sapatos do Sr. Marceaux se aproxima por trás.

A absoluta altura dele lança uma sombra sobre a minha volta e sua respiração agita meu cabelo, seu sussurro como uma fita de cetim arrastando por cima do meu ombro. — Menos falar, escrever mais.

É apenas o quinto dia de escola e eu já estou traçando todas as maneiras de assassiná-lo.

Eu quero envenenar o café no início da aula particular de hoje como uma punição. Enquanto eu esqueci tudo sobre interromper sua classe no primeiro dia, ele estava feliz em lembrar-me empurrando um marcador na minha mão e me levando ao quadro no comprimento da parede.

Eu quero estrangulá-lo com sua gravata de flores amarelas detestáveis por me fazer escrever um ciclo infinito de que eu não vou fazer Sr. Marceaux perder seu tempo.

Com grandes linhas, irritada, eu rabisco outra frase a dizer: — Eu tenho dezessete anos, não sete.

*Golpe.*

A dor aguda queima em meu bíceps, e minha mão voa para esfregar a

dor.

Quero arrancar esse bastão condutor de seus dedos e empalá-lo em sua garganta. Porque a sério, onde está a orquestra? Não há um único, mas ele está girando a maldita coisa Pherekydes de Patrae [28] e batendo-o contra meus braços em punho como uma freira governante.

— Isto é uma perda de tempo para nós dois, — murmuro, rabiscando outra frase que afirma o oposto.

*Golpe.*

Um estalo de calor floresce nas minhas costas, logo acima do meu cóccix. Filho da puta, isso dói. Mas não é a pior dor, também. Se alguém levantasse um bastão para mim… Lorenzo ou Prescott, por exemplo… eu iria grunhi e dar socos. Mas este é o meu mentor, e quero agradá-lo. Enquanto tramo a sua morte.

Eu quero o professor de três dias atrás de volta. A pessoa que tocou o meu rosto tão ternamente e disse que meu desempenho o emocionou. Onde é que esse cara foi?

Talvez seja minha culpa. Eu estive fora de ordem, temendo esta noite durante toda a semana. Eu não posso adiar com Prescott por mais tempo. Sua lição de casa está feita, e eu sou um feixe torcido-acima de nervos e raiva. E com amanhã começando o fim de semana, eu vou ter dois dias em casa. Dois dias com Lorenzo e sua indignação por não ser capaz de me rastrear toda a semana.

— O que eu disse sobre me questionar? — O ritmo dos passos do Sr. Marceaux atrás de mim, seus olhos gelados arrepiando os cabelos na minha nuca.

Se eu não o conhecesse melhor, o que eu não conheço, acho que ele está gostando disso. — Dizer a um aluno para não questionar seu professor é a pior regra na história de regras.

Eu tenciono para outro golpe, mas ele não vem.

Ele inclina um ombro contra a seção não escrita do quadro ao meu

lado, com as mãos atrás das costas e um sorriso no rosto demasiado bonito. —Vou reformular. Não questione meus métodos. — Seu olhar afiado se move para o quadro. — Apague as últimas cinco sentenças, e tente novamente com caligrafia condizente com alguém de dezessete anos de idade.

Eu empurrei o apagador sobre o quadro com golpes beligerantes e começo novamente. — Sou capaz de escrever e falar ao mesmo tempo, e eu quero falar sobre Leopold.

— Você não é boa o suficiente para Leopold.

Eu giro em direção a ele quando o meu coração crescendo bate pelos meus ouvidos. — Você disse que minha interpretação de Islamey foi extraordinariamente apaixonada e impressionante.

De pé a alguns pés de distância, ele me olha com olhos encapuzados… *Entediado? Sonolento?* E encolhe os ombros sem entusiasmo. — Esses são superlativos sem sentido que agora me arrependo de ter usando.

Meus músculos tremem quando uma corrida de fúria bate dentro de mim. Minhas mãos enrolam em punhos, e antes que meu cérebro alcance, eu pego o marcador e atiro-o. Prontamente na sua testa.

Isso salta para fora de sua testa carrancuda e rola no chão ao lado de seus sapatos. Ele olha para isso, chocado no silêncio aterrorizante, antes de arremessar a batuta do condutor sobre a mesa e me nivelar com os olhos glaciais.

Oh merda ,oh merda ,oh merda. Meu rosto pega fogo enquanto eu tropeço para trás. Meu ombro atinge o quadro, mas eu continuo indo, deslizando ao longo da parede e em direção à porta. O que diabos está errado comigo? Eu nunca perco a calma. Puta merda, eu *nunca* joguei marcadores nos meus professores!

Ele aproxima-se, limpa a testa, e olha furioso em seus dedos. *Sim, Sr. Marceaux, o ponto preto repleto da minha vergonha está agora manchado através de sua testa furiosamente vincada.*

— Eu sinto muito. — Eu olho para a porta fechada, desejando que eu estivesse do outro lado, no corredor, e longe de tudo o que vem a seguir.

Sem tirar os olhos dos meus, ele levanta o queixo e solta o nó da gravata. Foda-se, isso não pode ser bom.

Enquanto suas mãos deslizam sobre a seda, recordo outro rumor que ouvi esta manhã sobre os caminhos depravados onde ele usa suas gravatas, cintos e outros acessórios diversos. Eu não acredito na fofoca, mas quando eu olho para aqueles olhos cruéis, despenco no abismo de imagens sussurradas com um estômago afundando.

Com o nó solto sob seu colarinho, ele aponta seu dedo. — Venha comigo.

Duas palavras, faladas sem esforço, mas elas têm o poder de devastar meu futuro. Solavancos de medo atravessam meu estômago. Se ele me levar para o escritório do reitor, será uma suspensão? Ou atirar objetos em meu professor é motivo de expulsão?

Mas ele não anda em direção à saída. Ele caminha mais fundo no fundo da sala e na esquina, fora de vista. Eu olho através da pequena janela na porta, no corredor vazio, e tremo de indecisão.

Correr só vai piorar a situação.

Eu me empurro para frente com as pernas bambas e teço através das fileiras de mesas. Cada polegada do meu corpo é atado no limite, fluindo em um fio vivo que conecta o caminho dos meus pés para o que me espera em torno desse canto. Até o momento em que eu chego ao piano e encontro-o sentado de lado na ponta do banco, meu pulso é débil, lutando na vibração das minhas veias.

Ele aponta para o chão debaixo do espaço de suas coxas abertas e olha rapidamente seu pulso, como se ajustando a posição de seu pesado relógio.

As mangas de sua camisa cinza e branca de risca de giz se reúnem em torno de seus cotovelos. Ele está usando mais uma daquelas coisas de colete, este preto com pequenos botões cinza. Minha atenção se desloca da gravata amarela para a sombra escura de sua mandíbula, a linha fixa de seus lábios, e quando eu caio na armadilha fria de seus olhos, percebo com renovado pânico

que eu estou fazendo-o esperar.

Corro para frente e estou onde ele indicou, balançando instável entre seus pés espalhados.

Ele está entortando o dedo de novo, me apontando mais perto, mais perto, e senhor me ajude, quando eu finalmente estou na posição que ele quer, meus seios estão bem na sua cara. Eu curvo a minha espinha, na tentativa de controlá-los, mas caramba, eles estão lá e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Calor formiga em todo meu rosto enquanto ele descaradamente olha para baixo o decote da minha camisa. Faz-me sentir bruta, barata, e realmente muito zangada.

Eu seguro o decote para puxa-lo para cima.

Sua mão pega meu pulso, puxando meu braço de volta para o meu lado. — Pare de ficar remexendo e endireite as costas.

Eu faço como ele diz, assim quando estou prestes a implodir com a ansiedade sobre a posição de nossos corpos e seu silêncio sobre o incidente com o marcador. — Você vai me informar a reitora?

— Eu administro minhas próprias punições. — Ele aponta a testa. —Corrija isso.

— Corrigi-lo? — Um nó em minha garganta. — Como, esfregando?

Ele olha para mim como se eu fosse a garota mais idiota do mundo. Sim, bem, apenas uma menina idiota se coloca nesta situação.

Com a mão trêmula, eu pressiono a ponta do meu polegar contra a tinta acima da sobrancelha. Eu não sei o que eu esperava… frias, *escamas dos répteis?* Mas sua pele é suave e quente e humana. Quando eu pressiono mais, minha mão livre pega a parte de trás de sua cabeça, e meus dedos deslizam através de fios pretos macios. Parece tão... Pessoal, carinhoso, *anormal.*

Seu rosto paira a polegadas sob o meu, os músculos do seu rosto relaxado, lábios entreabertos e cílios grossos abanando para baixo. Ele realmente é bonito, mesmo se tudo sobre ele é potente masculino. Desde o aroma

amadeirado de seu xampu e a forma quadrada de sua mandíbula até a cintura cônica e a maneira que suas pernas musculosas esticam o corte esguio de suas calças pretas, está tudo lá para me lembrar de que o meu futuro depende dos caprichos de um homem.

Um homem com tinta na testa.

Eu esfrego mais forte. — Não está saindo.

— Use cuspe.

Meu medidor interno gira em direção a *Eca*, nojento, mas eu já tenho meus seios em apuros, então eu lambo o meu polegar e retomo a esfregar. —Qual é o meu castigo?

— Está saindo?

— Sim. Eu realmente sinto muito, Sr. Marceaux. — Eu enxugo os traços finais e solto meus braços. — Se foi.

— Coloque suas mãos de volta onde estavam.

Por que ele quer minhas mãos em seu cabelo? Em seu rosto? Parece tão... Estranho. Impróprio. Mas ele pediu. Não, ele ordenou. Droga, por que é tão difícil de desobedecê-lo?

Eu volto minhas mãos exatamente onde elas estavam, e por algum motivo, é mais fácil desta vez, menos estranho. Ele olha para mim, e os multi tons de azul em seus olhos brilham sob as lâmpadas fluorescentes. Sua boca é uma espécie de beicinho, não de uma forma desagradável. Seus lábios cheios fazem-no parecer mais suave de alguma forma. Eu acho que eles são meu atributo favorito.

O fato de eu ter um atributo favorito em qualquer homem me dá uma pausa, mas eu não me lembro de alguma vez ter visto alguém tão atraente como o Sr. Marceaux. Não na TV ou em revistas ou em pessoa. Certamente, não por perto. Estou perfeitamente ciente da pressão de suas coxas contra as laterais de minhas pernas, a virilha da calça escova meus joelhos, e o calor de sua respiração sussurrando em minha clavícula. Mas é a sua cabeça em minhas mãos que me faz querer afastá-lo e puxá-lo mais perto ao mesmo tempo.

Eu nunca toquei um homem dessa maneira. A cócega de seu cabelo entre os dedos, as linhas musculosas de seu rosto sob a palma da mão, o risco de sua barba que mal está lá, cada sensação sob meus dedos me enche de medo e excitação e todo o caos no meio.

Pergunto-me novamente sobre o rumor, sobre por que ele deixou Shreveport. Pode acontecer a mesma coisa aqui, comigo? Meus dedos apertam contra sua cabeça.

Ele lambe os lábios. — Diga-me o que você está pensando.

Quero arrancar minhas mãos, mas não me atrevo. — Eu ouvi algumas meninas cochichando sobre você na primeira aula.

— Continue.

— Elas disseram que seu primeiro nome é Emeric.

— Dificilmente o suficiente para sussurrar sobre isso. — Seus pulsos descansam sobre as coxas, os dedos balançando atrás de mim, e a proximidade faz com que eles pastam minhas pernas. — O quê mais?

— Shreveport.

— Ah. — Seus dedos escovam as costas dos meus joelhos, e desta vez eu estou certa de que ele está fazendo isso deliberadamente. — Srta. Westbrook, não me faça arrastar cada detalhe de você.

— Elas disseram que você foi demitido. — Minha palma se sente muito pegajosa contra sua bochecha, então eu deixo cair as minhas mãos para o colarinho duro de sua camisa. — Porque alguém entrou em uma sala de aula e encontrou-o com uma mulher.

Ele arqueia a sobrancelha. — Isso é tudo?

— Não. — Eu limpo minha garganta. — Supostamente, sua boca estava amordaçada com sua gravata.

— E?

— Seus pulsos estavam unidos por seu cinto. — Corro para frente com o resto. — Seu corpo estava inclinado sobre a mesa enquanto você fazia sexo com ela por trás. Essa é a extensão do que eu ouvi.

Suas mãos se fecham em torno das costas dos meus joelhos. — Uau.

*Uau* está certo. As coisas que as pessoas loucas dizem...

Um sorriso desliza nos lábios. — Isso é surpreendentemente preciso.

— O quê? — Meu peito se ergue quando eu empurro contra seus ombros.

Mas ele me antecipa, com os braços que engancham nas minhas pernas, em seguida, deslocando para cima para dar a volta na minha cintura quando ele levanta. Ele chuta o banco fora do caminho e nos gira em direção à parede mais próxima.

Minhas costas pressionam contra os tijolos com o seu peito completamente junto ao meu, prendendo-me lá. — Respire fundo, Ivory.

*Ivory.* A palavra mais íntima que eu ouvi de sua boca. Minha pele se arrepia com prazer bizarro.

Ele toca os lábios no meu pescoço. — Você não está respirando.

Eu encho meus pulmões, mas isso não ajuda. Sinto-me tão pequena e sem substância em seus braços fortes, presas contra o seu enorme corpo. Seu peito, bíceps, estômago, coxas... Meu Deus, ele é duro em todos os lugares que eu sou macia. E quente. Muito quente. Eu acho que estou com febre. Eu definitivamente vou vomitar se ele remover a gravata e o cinto.

Com minhas mãos apertadas em seus ombros, eu tento enfiar no músculo irremovível. — Por favor, não faça essas coisas para mim.

Ele suspira, acariciando o nariz ao longo da minha mandíbula. — Foi consensual. Você sabe o que isso significa?

Eu balancei minha cabeça, não tenho certeza, mas talvez eu saiba. —Como um acordo?

— Sim. Só que ela não se limitou a concordar. Ela *implorou.*

— Por quê? Por que ela iria querer isso?

— Joanne é... — Ele olha para o lado e estica o pescoço para esfregar o queixo contra seu ombro. Suas sobrancelhas puxam, e toda a sua atitude parece de repente e estranhamente subjugada. Quando seu olhar retorna, o mesmo

acontece com a sua intensidade, e seus braços apertam em torno da minha cintura. — Ela é como você.

— Eu? — Eu contorço contra ele. — Eu não quero essas coisas. Você não me conhece mesmo.

— Diga-me o que você sente no momento.

— Assustada. Você está me assustando.

Seus lábios pairam a um beijo de distância, a dica de goma de canela perfumando a respiração. — Sim, mas há algo mais. Descreva-o.

— As batidas do meu coração. Eu estou queimando, e meu estômago se sente como um bloco de gelo.

— Seu coração e estômago. Onde mais? Descreva a sensação em seus mamilos.

Um flash de calor varre meu pescoço, através do meu peito, e se constrói entre as minhas pernas. Eu aperto minhas coxas juntas, humilhada pela reação, confusa pela onda de emoções estranhas, mas eu me agarro na sensação de que eu entendo. — Isso está errado.

— Não errado. É inapropriado. Mas nós fomos muito além de inadequado no primeiro dia. Diga-me como seus mamilos se sentem. Eu não vou criticar sua resposta contanto que seja a verdade.

Eu chupo uma respiração instável e dou-lhe o que ele quer. — Com coceira e apertado.

— Boa garota.

O formigamento entre as minhas pernas se torna mais forte, mais pesado, mais exigente.

Ele empurra seus quadris contra mim para eu parar o meu contorcer, e a parte mais dura dele, a parte que eu mais odeio, espeta contra o meu estômago. — Agora coloque um nome para todos esses sentimentos.

— Eu não sei. — Eu não posso respirar. Eu não posso pensar. — Eu não posso.

— Cave profundamente, Ivory.

Minha garganta fecha-se.

— O que você sente quando não tem comido.

— Fome.

Seus olhos rígidos estão muito perto, muito perigosos. — Como você se sente quando vê um belo piano?

— Querer.

— E quando eu dei-lhe elogios após o seu desempenho de Islamey?

— Desejo de mais.

— Fome. Querer. Desejo. É isso que você está sentindo enquanto eu prendo-a contra a parede?

É isso? A fome doendo por algo entre as minhas pernas, meu coração fora de controle, e a necessidade premente de expressá-lo, falar sobre isso? Minha cabeça está muito confusa. Sim, ele é um homem bonito, e eu ouvi todas as meninas falando sobre querer fazer com ele. E sim, eu imploro seu apreço pelo meu talento e seus *boa-garota* e sua mão quente no meu rosto, mas isso? O comprimento do seu corpo contra o meu? Segurando-me imóvel?

Ele só está me segurando. Não agarrando meus seios ou empurrando entre as minhas pernas. Ele está me dando atenção. Me perguntando sobre meus sentimentos. Sem tomar.

Jesus, eu quero isso, de alguém que eu possa confiar, do meu professor, e eu não deveria. — Eu acho que é desejo. E vergonha. — *Humilhação.*

Ele pressiona seus lábios contra minha testa. — Mmm. Aqui está a minha garota.

— Eu não quero ser amordaçada e amarrada e...

Seu dedo cai sobre minha boca, em seguida, retorna à minha volta. —Agora não. Mas você vai pensar nisso. A ideia vai consumi-la. Então vamos falar sobre isso novamente.

— Mas você é meu professor!

— Eu disse que nós vamos *falar* sobre isso. — Ele se inclina para trás e descansa suas mãos em meus quadris. — Onde você vai conseguir o dinheiro

para me pagar?

A mudança de assunto me dá chicotada. — Eu vou tê-lo na segunda-feira, eu prometo.

— Isso não é o que eu perguntei.

Eu fecho meus olhos, bloqueando seu olhar perspicaz. Ele sabe que a minha mãe está desempregada. Eu estou aqui até sete todas as noites e praticando em Stogie até onze, então ele sabe que não posso trabalhar. Não há nenhuma maneira que eu posso dizer-lhe que estou fazendo a lição de casa de Prescott e essencialmente prostituindo-me para pagar as contas. E eu não sei por que, mas mentir para ele me assusta mais do que ele descobrir a verdade.

Abrindo os olhos, eu faço a única coisa que posso. Eu balanço minha cabeça.

Sua expressão endurece, e sua careta ultrapassa todo o meu mundo. — Vamos falar sobre a punição por jogar merda em seu professor.

Ele está apenas centímetros do meu rosto, com um olhar assustador e um corpo o dobro do meu tamanho. Não é uma punição suficiente?

— Você tem uma escolha. Diga-me onde você recebe seu dinheiro. Ou irei surrar sua bunda.

Todo o sangue drena de meu rosto para os meus pés. Não há escolha.

# 14

# EMERIC



Eu flexiono minhas mãos contra a cintura do Ivory, meu corpo inteiro arranhando com o pensamento de sua bunda apertado avermelhando. Mas meu cérebro grita para ela fazer a outra escolha, para me contar seus segredos e orientar-me longe desta perigosa tentação.

Com a parede às suas costas e seus seios lindos subindo e descendo contra o meu peito, ela levanta os olhos castanhos e sussurra: — A surra.

Sua resposta ofegante me bate no estômago e cava para meu pau, arrancando um som gutural da minha garganta e impulsionando os quadris em uma moagem faminta contra ela. Ela engasga quando me sente. Foda-me, como poderia ela não me sentir? Eu nunca estive tão duro em minha vida.

Isto é um erro. É Shreveport e Joanne e uma maldita ladeira escorregadia aruinaria tudo de novo.

Prendo completamente imóvel o meu corpo contra o dela, meus dedos cavando em sua cintura.

Ela não é Joanne. Isso não é amor ou apego. Não é mesmo sexo. Eu estou no controle, e sua punição é devida.

Soltando-a, eu passo para trás e acalmo minha respiração.

Dei-lhe a escolha, e eu sou um homem de palavra. — Vire-se. Mãos na parede.

Seu rosto é uma folha em branco quando ela gira lentamente e segue a minha orientação. A saia marrom de corte esguio com um esboço erótico em torno de sua bunda muito arrebitada, melhor que a coisa de lona preta que ela usava alguns dias atrás. As ondas de suas bochechas não são nem muito grande nem muito pequena, proporcional, com sua cintura estreita e perfeita para as minhas mãos.

Mas as bainhas desfiadas e material áspero e desbotado de suas roupas são lembretes de que isto não é apenas sobre o que está sob sua saia. Além da minha fome de disciplina e prazer, eu sinto esse desejo de dor profunda para fornecer para ela de todas as maneiras.

— Não se mova.

Eu fico atrás e ajusto a protuberância atrás do meu zíper. Pisando fora da alcova e para a parte principal da sala de aula, eu olho para a porta. Ainda está fechada. Não há nenhum bloqueio, mas as dobradiças vão ranger se abri, dando-me cerca de cinco segundos antes de um intruso vim através da sala e ao virar da esquina.

Quando eu volto para Ivory, meu telefone vibra no meu bolso. Irritado com a interrupção, considero ignorá-lo, mas talvez ele vá me distrair longe do erro que eu estou prestes a fazer. Eu olho para a tela.

*Joanne: Estou na cidade este fim de semana. Eu preciso ver você.*

O espaço oco ao redor do meu coração aperta com força. Eu puxo um chiclete do meu bolso e o coloco entre meus molares.

O telefone vibra novamente.

*Joanne: Preciso de seu endereço.*

Ela é persistente o suficiente para encontrá-lo, mas ela não vai conseguir nada de mim.

E agora eu estou mais trabalhado do que eu estava trinta segundos

atrás.

Eu deixo o telefone desligado, atiro-o sobre a mesa mais próxima, e volto minha atenção para Ivory.

As mãos espalmadas contra a parede e olhar no chão. Ela não se moveu. Exceto seus pés. Eles estão mais juntos, e seus joelhos visivelmente tremem abaixo da bainha da saia.

Ela sabe que isso é inadequado, de que estamos fazendo algo que não deveria estar fazendo. Mas duvido que ela esteja ciente de que a emoção do risco, a chance de ser pego, está atualmente a aumentar a transmissão da página em seu cérebro e aumentando a emoção em espiral através de seu corpo.

A possibilidade de fugir com algo tão perversamente proibido só alimenta a minha besta e me faz faminto.

Eu rondo mais perto. — Amplie sua postura.

Ela desliza seus pés afastados e inclina a cabeça, como se estivesse me procurando. Eu suavizo os meus passos, obrigando-a a concentrar-se mais difícil em rastrear a minha abordagem.

Quando eu chego a ela, eu invado, pressionando a minha excitação contra o seu traseiro. Não moendo. Apenas deixando-a sentir o quão bem nós nos encaixamos quando a seguro contra mim com as mãos nos quadris. Seus ombros apertam em torno das orelhas, e captura seu inalar na garganta.

Eu escovo o cabelo para o lado, arrastando o dedo sobre sua nuca, quando deslizo minha bochecha ao longo dela. — Última chance para mudar sua mente.

*Não mude sua mente.*

As palavras dela saem correndo em uma respiração desfiada. — Basta acabar com isso.

Meu coração dispara quando viro para a direita e bato minha mão dominante contra a sua bunda. É apenas uma tapa de aquecimento, mas ela voa para cima na ponta dos pés e solta um grito sexy.

Meu pau incha pulsante e preso contra a minha perna. Meus dedos

formigam para tocá-la, para derramar palmadas em seu corpo impecável. —Abra sua boca.

Seu perfil aperta. Então parte de seus lábios, hesitante, com o queixo tremendo de apreensão. Tão linda.

Eu removo a goma amolecida da minha boca e a coloco dentro da boca dela. Ela empurra para trás, mas eu seguro a cabeça e defino o adesivo de canela entre seus molares com um golpe do meu dedo.

— Morda. — Eu acaricio seu queixo quando ele flexiona. — Boa garota. Agora o segure lá. Sem gritar.

Eu deslizo minhas mãos por suas coxas, estendendo-se para chegar à pele nua. Sua respiração acelera quando eu recolho a saia em meus punhos, levantando-a mais alto, mais alto, acima de seu lindo bumbum e em volta da cintura.

Arrepios espetam sob as minhas mãos enquanto eu acaricio as costas de suas pernas, o vinco entre a coxa e a bunda, e a orla da calcinha, onde elas cortam alta em suas bochechas. Enganchando meus dedos sob o fundo das bordas rendadas, eu arrasto o material para cima, puxando o pequeno pedaço ao longo de sua fenda para expor mais carne.

Seus glúteos flexionam e a contração muscular em minhas mãos dispara meu pulso. Ela é tão suave e firme, com calafrios e quente. Assim, tão sensível.

Quero rasgar sua calcinha para isso, mas um vislumbre de sua boceta tornaria impossível manter o meu pau na minha calça.

Escutando a porta, eu ando para trás. A visão de seu traseiro contornado com rendas e a atração do algodão assentando a forma excitante de sua boceta me ameaça para meus joelhos.

— Quatro golpes, — eu digo rispidamente e fortaleço minha voz. — Dois em cada bochecha.

Ela olha para a parede, os dedos enrolando contra os tijolos quando uma série de contrações musculares ondula através de suas nádegas.

Com uma respiração profunda, eu deixo minha mão na palmada, aplicando mais força desta vez, mas eu ainda a seguro. A batida ecoa pela sala, e seu corpo responde como uma corda de violão, alongando, vibrando, suas cordas vocais cantarolando primorosamente. Em seguida, ela se instala, tornando-se estável e continua.

Um tom rosa floresce como uma cópia da minha mão através de sua carne. Eu massageio a pele quente, e ela mexe a bunda dela, apenas um pouco, mas fala volumes. Ela está com medo, provavelmente aterrorizada, mas ela não está correndo ou gritando ou me afastando. Ela está esfregando sua bunda contra o meu toque, pronta para mim, para levá-la onde eu quero que ela vá.

Caminho para a lateral, eu disparo as próximas três palmadas em rápida sucessão, cada uma mais dura que a anterior, enquanto alterno entre as faces. Ela choraminga suavemente, arqueia de volta, endurece seus quadris, levanta-se na ponta dos pés. E nunca larga a parede.

Ela gosta áspero, quer ser humilhada, precisa ser dominada. Se ela está ciente disso, ela nunca iria admitir isso. Provavelmente porque ela nunca experimentou no ambiente certo, com a pessoa certa.

Em uma sala de aula com seu professor... Ainda não está certo. No entanto, aqui está ela, escorada contra a parede, com os pés espalhados e a bunda para fora, porque eu lhe dei uma ordem.

Ela é feita para mim, para ser instruída e punida e apreciada. Quero estar dentro dela com tanta intensidade que tenho agonizantes tremores corporais. Quero sua boca, sua boceta, e sua alma. Eu quero rasgar para além dela com o meu eixo, juntar os pedaços de volta juntos, e fazê-lo mais uma vez. Foda-se, eu preciso dessa garota.

E eu não posso tê-la.

Sua testa encostada à parede, e com um suspiro pesado, a tensão drena de seus músculos.

Eu agacho atrás dela e endireito sua calcinha, esfregando suavemente a pele rosa e empolgante com a forma como as pernas tremem com cada um dos

meus golpes. Eu ajusto a saia com o mesmo cuidado, amasso os dedos em toda a sua bunda e coxas em um movimento suave. Quando eu volto para a posição de pé, viro-a de frente para mim, minhas mãos nos quadris para estabiliza -la.

Ela pisca para mim, olhos desfocados, e sulcos vincando na testa.

— Onde você foi garota linda?

— Em algum lugar profundo.

Endorfinas, adrenalina, medo e excitação fazem um cocktail inebriante, e ela parece absolutamente deslumbrante em sua descoberta.

Segurando seu queixo, levanto-o mais elevado. — A goma.

Ela cobre a boca e sussurra atrás de seus dedos, — Eu só engoli.

Da próxima vez eu vou lembrá-la para mantê-la para que ela possa passá-la de volta para mim, enquanto minha língua está entre os seus lábios.

Eu pego-a, unindo os braços por trás de seus joelhos e costas. Ela parece tão resistente e sólida com sua altura, curvas e peitos cheios, mas com ela embalada contra o meu peito, ela é pluma leve, apenas uma pequena corça.

Sentado no banco do piano, eu seguro ela de lado nas minhas coxas e arrasto o dedo para baixo do braço.

Ela treme e se contorce no meu colo, causando estragos em minha ereção latejante. Mas ela não foge para longe disso e em vez desloca-se para me encarar.

— Aquela coisa que você fez com o seu dedo? — Com um braço preso entre nós, ela olha para o outro, onde se curva em seu colo. — Você vai fazer isso de novo?

Um toque? Isso é o que ela quer?

*Ela quer carinho.*

Eu movo minha boca uma polegada de distância dela e dou meu olhar de aço. — Implore.

Seu queixo cai, a mandíbula aperta, mas ela não desvia o olhar. Depois de um piscar de olhos, dois, três, seu rosto relaxa, e seus lábios abrem. — Por favor.

Uma onda de calor circula através de mim. Eu sou um escravo a essa palavra em sua boca.

Toco os dedos em seu ombro, eu prendo-os sobre sua camisa de mangas curtas, para baixo da pele acetinada de seu braço fino, e descanso sobre os nós dos dedos da sua mão. Quando ela estica os dedos, eu traço o comprimento deles, maravilhado com a forma como esses ossos frágeis podem se mover tão ferozmente sobre teclas de piano.

Seus cílios vibram para baixo, e suas narinas com longas e profundas tragadas. Ela adora isso, a minha mão sobre a dela, dando-lhe prazer.

Quando abre os olhos, pupilas dilatadas saturam os tons castanhos. — O que mais você faz?

Cristo, esta menina está me matando. Sua inocência, a curiosidade, a submissão preciosa, é tudo massa de vidraceiro, implorando para ser moldada. Mas não é só isso. Sua autenticidade e falta de privilégio belisca alguma coisa dentro de mim. Faz-me sentir protetor. Possessivo. Talvez até mesmo... Ansioso?

— Eu posso fazer muitas coisas, Ivory. — Eu toco o lado de seu rosto e empurro a mão pelo cabelo espesso, arrastando os dedos sobre sua orelha e colocando na parte de trás de sua cabeça. — Mas esta situação... É delicada. Pecaminosa. Perigosa. Criminal.

*Eu quero mostrar-lhe de qualquer maneira.*

Eu me inclino mais perto, tão perto que nossas respirações se fundem.

*Eu vou te mostrar, enquanto estou enterrado no fundo da sua garganta.*

Então fecho os nossos lábios escovando juntos, separados, e pairo em antecipação a tocar novamente.

*Vou mostrar-lhe enquanto estou gozando contra as paredes da sua boceta.*

Suas coxas apertam contra as minhas, e o meu coração dispara.

*Eu vou te mostrar, enquanto estou marcando-a. Possuindo você. Acalentando você.*

Eu quero beijá-la. Eu tenho que beijá-la. Apenas uma amostra.

Apertando minha mão dentro do emaranhado de seu cabelo, a atraio à minha boca...

E paro.

Alguma coisa agitou ao virar da esquina? Eu empurro para frente e registro o ranger das dobradiças alguns segundos muito lentos.

A pequena professora loira do departamento de cordas emerge ao virar da esquina, assim quando eu largo Ivory no banco ao meu lado. Um paladar amargo inunda minha boca. Será que a Sra. Augustin a viu no meu colo? Ela definitivamente nos viu separando.

Seus olhos redondos estreitam, correndo para trás e para frente entre mim e a estudante que eu só eroticamente espanquei. Eu prendo a respiração.

Aqui é a coisa sobre ereções. Elas não desinflam apenas porque o resto do corpo está malditamente fora. A escola poderia estar pegando fogo, e a maldita coisa vai ficar alta e orgulhosa como um mastro, chamando a atenção no pior momento possível.

Felizmente, o piano fica entre meu pau-acenando uma bandeira e Sra. Augustin.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Clipes de suspeita em seu tom. — É depois das sete, e eu pensei...

Ela pensou que eu poderia seguir todos aqueles olhares aquecidos que ela está me dando no hall, sala de professores e reuniões de equipe durante toda a semana. Ela pensou que poderia balançar por aqui numa sexta à noite e fazer seu caminho para a minha cama.

— Não há problema, — eu digo casualmente. Andrea Augustin é um problema, que eu estou preparado para resolver. — Srta. Westbrook estava de saída.

Ivory desliza fora do banco e vai embora sem olhar para mim. Não, a atenção centra-se na outra professora. Eu não posso ver seu rosto, mas ela dá a Sra. Augustin um amplo espaço, seus passos endurecendo quando ela desaparece ao virar da esquina.

— Tenha um bom fim de semana, Ivory, — Andrea diz atrás dela.

A porta para o salão fecha com um clique desanimado.

Cada músculo do meu corpo fica tenso para correr atrás dela, mas eu tenho que lidar com este problema em primeiro lugar.

Andrea vira para mim, com as mãos nos quadris, seu tom mudando de agradável para rabugento. — O que você estava fazendo com ela?

Na hierarquia da faculdade, ela é tecnicamente abaixo de mim. Eu sou o Diretor de Estudos do teclado, e ela é apenas uma professora. Eu quero usar isso a meu favor, mas ela viu o que viu. O suficiente para denunciar o meu comportamento. O suficiente para me ter despedido. Ou preso.

Com Ivory, não quero nada entre, mas a verdade nua. Mas Andrea? Tudo o que eu vou dar a ela é a mentira mais bem-vestida. — Eu estive esperando por você.

Seus braços se abaixam para os lados, e ela pisca. — Você estava? — Os olhos dela se fecham em fendas. — Por que Ivory Westbrook estava no seu colo?

Eu suspiro para o efeito, e agora que meu pau finalmente se acalmou, eu levanto. — Eu preciso reunir as minhas coisas. Siga-me, e eu vou explicar.

À medida que caminhamos para frente da sala de aula, eu chego perto dela, mais perto do que socialmente aceitável, com o braço dela escovando e meu pescoço estica para lhe dar o impacto total do meu olhar. — Você sabe que seu pai morreu? Ele foi morto alguns anos atrás?

— Sim. Todas as pessoas sabem isso.

— Bem, eu não. — Na minha mesa, eu pretendo desligar meu laptop, mais ao invés eu puxo para cima um programa e ângulo a tampa traseira em direção a ela. — Ela acabou de me dizer sobre isso, ficou um pouco chorosa, e eu confortei-a.

— Em seu colo? — Ela cruza os braços.

É uma mentira absurda, mesmo na mosca. Vou ter que corrigir isso da maneira mais difícil.

Eu dou a volta na mesa, mãos atrás das costas, e deixo o meu olhar vagar sobre seu corpo. — Eu sei o que você quer, Andrea.

Ela dá um passo para trás, batendo na mesa de estudante atrás dela, e seus dedos chegam até a orelha para brincar com seu brinco. — O que você quer dizer?

— Não seja tímida. Eu vi você me olhando, seu sedutor sorriso, a maneira de jogar com o seu cabelo e jóias quando *eu* estou observando *você*.

Sua mão cai, e ela respira, — Emeric...

Em três passos, eu fecho a distância, aglomerando-a contra a mesa sem tocá-la. Eu afrouxo a gravata o resto do caminho e deslizo-a do meu pescoço. Se Ivory ouviu os detalhes de Shreveport, é provável que Andrea tenha ouvido também e está pensando nisso agora. Aposto que esses rumores são a razão pela qual ela está aqui, com o rosto corado e olhos semicerrados ela acompanha o rastro de seda quando eu envolvo-a em torno de minha mão.

Eu coloco minha boca ao lado da sua orelha. — Você quer que eu te amarre.

Ela se senta para trás, o rabo empoleirando-se na mesa atrás dela. Seus joelhos abrem depois se espalham um pouco mais, acolhendo o empurrão dos meus quadris.

— Você quer que eu te alimente com meu pau. — Eu irrito a minha voz e acelero minha respiração, insinuando que eu quero isso também.

Infelizmente, o meu pau não responde, recusa-se a participar na manobra, então eu mantenho uma lasca de espaço entre mim e o ápice de suas coxas, onde ela está coberta pelo material solto de sua saia.

Ela agarra meu bíceps e empurra para fora seus pequenos seios, mas sua atenção se desloca em direção à porta fechada.

Eu passo minha boca sobre seu pescoço, exalando um vapor de desejo fingido. — Todo mundo foi para casa para o fim de semana, certo?

— Sim.

— Além disso, ninguém pode nos ver da janela. — Eu reclino para

trás. — Eu vou dar-lhe uma chance, Andrea. Diga-me exatamente o que você quer.

Seu olhar reduz a gravata em volta da minha mão, e seus dedos seguem, traçando a seda no meu aperto. — E-eu... Quero o que você disse. Mas nós não podemos. Não aqui.

Ela olha para a porta, lambendo os lábios.

— Não, aqui não. — Eu afasto-me e volto para a mesa, apoiando-me na borda ao lado do laptop. — Antes de eu decidir levá-la para casa, você tem que me mostrar o quanto você me quer.

Excitação ilumina seu rosto. Em seguida, as sobrancelhas juntam. —C-Como?

— Mostre-me como você está molhada. Continue. Ninguém vai ver.

Sua expressão se contorce na batalha de incerteza e desejo. Eu sei o que vai ganhar, mas ela arrasta o silêncio, trabalhando-se em uma arfante desordem corada de ansiedade.

Finalmente, sua respiração acalma, e suas mãos se atrapalham com as dobras de sua saia.

— Abra suas pernas, Andrea.

Ela faz com os olhos na porta quando ela se toca em torno da calcinha de cetim. — Como é que eu...

— Sob a calcinha. Ai está.

Ela joga a cabeça e faz barulho.

Eu realmente não estou prestando atenção, mas eu deixo-a esfregar em torno de lá por um tempo. — Agora segure a sua mão.

Ela levanta seu braço e sorri para os dedos. Eu não dou à mínima se eles estão molhados ou não. Eu tenho o que eu preciso.

Eu bato uma tecla do laptop e questiono a sabedoria de contar a ela o que eu fiz.

É melhor ser proativo do que reativo.

Segurando a tela, eu viro o laptop para ela e faço o backup do vídeo em

silêncio à parte suculenta.

O choque vem em primeiro lugar, empalidecendo sua tez e paralisando seu corpo. Então indignação.

— O que... — Ela empurra a saia no lugar, fecha suas mãos em punhos aos seus lados, e corre em direção a mim. — O que você fez...? Oh meu Deus, você gravou isso!

Com a câmera na parte de trás do laptop, eu peguei tudo isso me mantendo fora do quadro durante o segmento incriminador.

Eu bato a tampa fechada. — Não brinque comigo, Sra. Augustin.

Ela empurra para trás, embrulha os braços em torno dela, e olha para mim com horror. — Por que você…? — Profundo vermelho inflama suas bochechas. — Oh Deus, o que você vai fazer com isso? É sobre Ivory? — Ela cobre o rosto com as mãos, e um soluço adultera suas palavras. — Eu preciso do emprego. Eu não posso perder... Você não pode fazer isso.

— Eu não fiz nada com Ivory. Mas você só se masturbava na minha sala de aula. — Eu armazeno o laptop e gravata na minha bolsa, em seguida, volto-me para ela, com uma expressão que combina com o meu tom mais intimidante. — Fique fora da minha sala de aula, fora do meu negócio, e ninguém vai ver este vídeo.

Ela olha para mim, derrotada. Traída. Sim, eu conheço o sentimento muito bem. Só que eu não estou tentando roubar o trabalho de Andrea. Eu simplesmente quero manter o que eu tenho.

Ódio absorve seus olhos. — O que eles dizem sobre você é verdade, então.

— Você não sabe da missa a metade. — Eu arqueio com a bolsa, pisco-lhe um sorriso encantador, e caminho para o corredor. — Boa noite, Sra. Augustin.

# 15
# IVORY



Prescott emaranha a mão no meu cabelo, segurando meu rosto contra seu colo.

Seu pau apunhala o fundo da minha garganta, e eu vomito.

*Gravata de flores amarelas. Goma de canela.*

A fivela do cinto ecoando com seus impulsos. O console entre os bancos dianteiros escava em meu peito.

*Os olhos azuis gelados. O calor da palma da mão no meu traseiro.*

Uma música com graves-pesado ecoa do rádio do carro, e eu não consigo encontrar o meu lugar seguro. Eu não sou insensível o suficiente, não suficientemente longe. Eu estou tentando, tentando... Eu não posso recolher as notas para Sonata N°.9 de Scriabin.

*O tique-taque de um relógio mecânico. O curso suave de sua respiração.*

Lágrimas vêm nos meus olhos e se agarram aos meus cílios. Não consigo me concentrar. Não posso escapar.

Tudo o que posso pensar é na surra e como eu não me importaria de outra se ela terminar com um quase beijo de Sr. Marceaux.

# 16
# EMERIC



Encravada entre a delicatessen *Hook ‘Em Up* e uma loja de jóias vintage chamada *Pawn of the Dead* reside à única loja de música de Treme. Pelo menos, eu acho que isso é uma loja de música. Em pé na calçada quebrada, eu penduro meus óculos de sol na gola da minha t-shirt e aperto os olhos contra o brilho do sol.

Barras de segurança cruzam a frente de vidro. Não há nenhum sinal de aberto ou qualquer tipo de propaganda, e a sujeira nas janelas obscurece minha visão do interior escuro. Desde que é sábado, a loja pode não está aberta. Encontrar Ivory no interior é ainda menos provável.

Mas eu não estou aqui por ela. Eu não consegui dormir na noite passada a pensar onde ela recebe seu dinheiro e que colocam essas sombras inquietantes em seus olhos. Esse cara Stogie pode ser um caminho para respostas, e espero que, esta visita vai aliviar minha necessidade irritante para encontrar o homem com quem ela gasta seu tempo.

Eu verifico meu telefone, confirmando o endereço e tento a porta.

A sobrecarga de sino tinindo me informa que eu entro em um quarto desordenado de instrumentos. Vozes sussurram na parte de trás, guiando meus pés através do labirinto de prateleiras, jogos de bateria, e lixo variados.

— Você precisa comer mais.

Eu não posso vê-la em torno das linhas de prateleiras de exibição, mas seu sotaque sexy acelera os meus passos e vibra meu corpo com excitação.

Vindo aqui para encontrar um homem chamado após um charuto, eu esperava entrar em uma nuvem obsoleta de couro e fumo, mas em vez disso, o ar é extremamente fresco, especialmente para um prédio antigo.

— Pare, irritante, — uma voz profunda diz, — E deixe que um homem de idade tire um cochilo.

— Mas você tem um cliente. — O suspiro dela deriva por trás de uma prateleira alta cheia de livros.

Entro e olho e encontro-a sentada no chão, costas para a parede, e as pernas nuas se estendendo diante dela. Minhas mãos flexionam quando eu silenciosamente agradeço aos deuses da moda pelos shorts curto. Ela é uma fantasia seminua de pele bronzeada e curvas tortuosas. Uma fantasia *ilegal.*

Ela eleva a cabeça, os seus olhos colidem com os meus e arregalam. O livro em suas mãos cai no chão para se juntar às dezenas de outros em torno dela. — Sr. Marceaux?

— Srta. Westbrook. — Estou impressionado com o desejo selvagem para sorrir como um idiota, mas eu consigo manter uma máscara estóica.

Seu olhar varre do meu cabelo desgrenhado e t-shirt para os meus jeans escuros e botas Doc Martens. Eu gostaria de poder ler os pensamentos dela enquanto ela me leva pela primeira vez sem a ostentação de coletes e gravatas. Ela faz outra varrida da cabeça aos pés, mordendo o lábio e agitando uma torrente de sensações dentro de mim.

O velho ao lado dela fica mais ereto na cadeira de metal. Um boné de beisebol desgastado pousa no alto de sua cabeça calva, e as rugas horizontais vincam a ampla ponte de seu nariz, aprofundando em mais linhas na testa de pele escura. Seu sorriso com a boca fechada é um que os homens gentis usam quando eles são desdentados e... Oitenta? Noventa? Eu não sei, mas esse cara é velho.

Seu braço treme quando ele chega para a parede na tentativa de ficar de

pé.

— Não se levante. — Eu ando para ele, oferecendo a mão para apertar a sua. — Sou Emeric. Você deve ser...

— Stogie. — Ele aperta minha mão com um aperto surpreendentemente forte e senta-se para trás.

Ivory se inclina para ficar de pé, e sua pequena regata me pisca uma visão pecaminosa de seus seios cheios. Jesus, porra, se ela não ajustar essa camisa, eu vou estar balançando de seis a meia-noite com nenhuma maneira de esconder isso.

Segurando o decote baixo em um puxão sutil, ela me estuda com uma expressão confusa. — O que você está fazendo aqui?

Eu encontro o olhar vigilante de Stogie e deixo-o ver as perguntas em mim. *Você sabe quem eu sou? Como bem você conhece Ivory?*

Ele conecta seus polegares sob o elástico de seus suspensórios vermelhos e descaradamente olha-me de cima a baixo. Seu sorriso desaparece, e os ossos esqueléticos travam. Aparentemente, os olhos nublados veem muito mais do que deixa transparecer. — Ivory, por que você não vai à parte de trás e aquece uma daquelas refeições congeladas?

Ela cruza os braços, os olhos apertados. — Oh, agora você quer comer?

— Eu adoraria um pote de café fresco e alguns daquele bolo de frutas que fez, também. — Ele agarra o assento da cadeira e se inclina para frente. —Não mantenha um velho esperando.

Ela bufa e sai da pilha de livros, apontando o dedo para ele. — Seja legal.

Então ela olha para mim, sua expressão vulnerável e hesitante, como se me implorando para fazer o mesmo.

No momento em que desaparece no quarto dos fundos, ele faz uma tentativa dolorosamente lenta para subir a seus pés, mantendo meu olhar. — Eu conheço seu tipo.

Meus pelos do pescoço arrepiam, mas as maneiras que minha mãe

enraizou em mim me têm estendendo a mão para ajudá-lo a levantar.

Ele olha para a minha mão, zomba disso, e sobe com as pernas bambas.

Eu posso engolir a minha irritação. — Esclareça-me sobre o meu tipo.

Seu corpo curvado embaralha por mim e para frente da loja. Eu o sigo feliz por estar me movendo para fora do alcance do ouvido de Ivory.

Ele circula atrás do balcão da frente e se instala em um banco alto. Sem pressa, ele examina o meu relógio caro, bom preparo físico, toda a postura, e o queixo levantado. Eu sei o que ele vê. Um homem seguro de si rico em sua posição sexual primordial em um bairro degradado por uma razão.

Ele estaria certo.

Finalmente, ele se inclina para frente e repousa colocando os antebraços no balcão. — Essa menina teve o mais áspero de tudo, e você é o tipo de homem que vai torna -lo pior.

Há um tesouro de respostas sob suas palavras, e eu preciso descobrir cada um deles. — Explique.

— Você é o tipo de homem que lança seu olhar em algo e não se deixa ir até que possui.

Ele é muito astuto para fingimento, então eu não me incomodo me fazendo de bobo. — Não importa onde eu lancei meu olhar. Eu sou seu professor.

— Sim. — Julgamento vinca seus olhos. — Você é.

Eu meço minha respiração, sem expressão. — Ela fala com você. Sobre mim.

— Ela não disse nada incriminador, mas ela não precisa. Ela mencionou sobre você mais na semana passada que de todos os seus outros professores combinados em três anos. — Ele tamborila os dedos nodosos no balcão de vidro. — Tudo o que você está fazendo com ela, ela quer confiar em você. — Sua mão acalma, olhos sem piscar. — O tipo de confiança que ela não dá a ninguém. Mas uma vez que você tiver o que quer e descarta -la como sua espécie faz, sua desconfiança nos homens será irreparável.

Uma onda gelada de tontura me surpreende quando minha mente salta para revoltantes imagens de homens mais velhos, homens brutais, estuprando-a.

Eu coloco minhas mãos calmamente sobre o balcão e me inclino. —Diga-me o que aconteceu com ela.

Ele desvia o olhar, sua atenção de volta na sala. — Ela não fala sobre as coisas ruins. Não tenho certeza de que ela ainda faz uma distinção entre o mau e o não tão ruim. O que acontece com ela é a *vida*. É tudo o que ela conhece. — Seus olhos nublados voltar ao meu. — Ela não é só financeiramente pobre. Ela está com falta de amor, carinho e proteção. Ela precisa de um bom exemplo em sua vida, alguém com um interesse altruísta em sua vida.

— Você não é esse exemplo?

— Eu sou apenas um homem de idade quebrado com um pé na cova. Eu não posso comprar seus livros e dispositivos extravagantes. Eu não seguro o seu sonho de frequentar a uma faculdade de música em minhas mãos. E eu não tenho o poder de roubar seu coração.

Um dilatar esmagador de respeito sobe no meu peito. Eu não invejo esse homem por se preocupar com ela o suficiente para dizer merda na minha cara. Eu não posso nem discutir com ele, porque de certa forma, ele está certo. Não tenho nada para lhe oferecer, exceto mágoa e decepção.

— Mas você deu-lhe um lugar para praticar. — Olhando para trás, vejo o único piano na loja e empurro meu queixo em direção ao velho Steinway. — Está à venda?

O olhar tenso em seus olhos diz que não, mas as tábuas estilhaçadas, prateleira de exibição vazias e aparência geral da loja em ruínas me diz que ele precisa de dinheiro. Desesperadamente.

— Ela não sabe que eu recebo ofertas por ele. — Suas mãos se apertam em cima do balcão. — Eu não vou vender o piano.

Mas um dia, talvez em breve, ele vai ser forçado a aceitar uma dessas ofertas, porque é a mercadoria mais valiosa em seu inventário.

Eu puxo a carteira do meu bolso de trás e coloco o meu cartão de

crédito no balcão. — Carregue-o para o meu cartão, bem como o custo para tê-lo entregue à sua casa.

Ele olha para o negro American Express, em seguida, levanta os olhos vidrados para mim. — Ela não quer um piano em sua casa. Ela está aqui porque ela não quer estar lá.

Meu estômago afunda com medo. — Bem. Mantenha-o aqui. Coloque o recibo em seu nome, e não diga que ela é a dona ou que o comprei, a menos que ela pergunte. — Eu deslizo o cartão para suas mãos trêmulas e espero ele olhar para mim. — O que ela está evitando em sua casa? Você a conhece bem o suficiente para ter um bom palpite.

Ele pega o cartão e gira para a caixa registadora. — O que você ganha com isso? — Ele acena ao piano.

— Paz de espírito. Responda a minha pergunta.

Ele volta-se a compra, os lábios presos entre as gengivas, recusando-se a falar.

Ivory emerge da sala de volta com uma bandeja de comida e define um prato descartável de macarrão e algum tipo de pastelaria sobre o balcão.

— Eu... Hum... — Ela olha para as bordas de crostas carbonizadas. —Queimou? Ou talvez... — Ela enfia um dedo no centro pastoso, e a coisa toda cavernosa. Suas bochechas ruborizam. — Eu deveria ficar com o que eu sou boa.

Como receber palmadas e tocar piano? Ou melhor, ainda, tocar piano *enquanto* eu espanco-a.

Ela olha para Stogie, o cartão na mão, e encontra o meu olhar. — O que você comprou?

Eu endureço meus olhos em um silencioso *"Nada que lhe diga respeito"*. — Você já almoçou?

Ela balança a cabeça.

— Reúna suas coisas e se junte a mim.

— Oh, eu... — Na minha expressão impaciente, ela esfrega a parte de trás do pescoço. — OK.

Assim que ela sai do alcance da voz, eu volto para Stogie. — Quem é que paga suas despesas?

— Eu acredito que ela cobre a maior parte delas. — Ele me olha com cautela. — Eu a emprego no verão para ajudar com um pouco disso.

— E quando ela está na escola?

Ele define o recibo e uma caneta sobre o balcão e coça o rosto bigodudo. — Eu não sei.

O conflito em seus olhos escuros afirma que ela não compartilha esses detalhes, mas... — Ela pode não dizer, mas você *sabe.*

Ele oferece o meu cartão de volta. Eu seguro-o, mas ele não o libera, seu foco sobre o plástico quadrado conectando nossas mãos. Em seguida, ele solta e olha para cima. — Você sabe, também.

Admiradores. Perseguidores. Trepadores. Homens com dinheiro e necessidades e a imoralidade para interceptar uma bela jovem?

Sinto os músculos puxando e apertando no meu pescoço quando a raiva queima na minha garganta. — Eu não comprei o piano…

— Eu sei. É por isso que vendi para você, e por que eu nunca vou lhe dizer que você comprou, mesmo se ela perguntar. — Ele se inclina mais perto, as mãos apoiadas sobre o balcão. — Ela não lhe deve *nada*.

— Querendo ou não você confie em mim, eu estou preocupado com o seu bem-estar, que pertence especificamente a sua vida em casa. — Eu assino o recibo e rabisco o meu número de telefone na parte superior. — Chame-me se tiver qualquer coisa suspeita, *qualquer coisa* que surgir com ela.

Ivory retorna para frente com uma mochila cheia empacotada em seus braços. Eu movo-me para tirar o peso dela, mas ela balança a cabeça.

— Eu vou estar de volta hoje à noite. — Ela armazena-o atrás do balcão da frente e diz seu adeus para Stogie.

Segurando a porta para ela, eu olho para o velho. — Prazer em conhecê-lo.

Ele balança a cabeça, a boca puxando para baixo nos cantos.

Sim, ele tem todo o direito de não confiar em mim. Eu não confio em mim, também.

# 17
# IVORY



— A delicatessen ao lado é boa? — Mr. Marceaux segura à porta quando eu sigo-o para fora da loja de Stogie.

— Somente os melhores sanduíches em Nova Orleans. — Meu estômago vibra com borboletas. Porque eu estou com fome. Por comida. Não porque eu vou comer alimentos com o Sr. Marceaux.

Em vez de virar em direção à delicatessen, ele para e destranca a porta do passageiro de um carro robusto preto brilhante. — Fique aqui enquanto eu pego o almoço.

Eu olho no emblema GTO no painel da porta, o painel de madeira no estilo da década de 70, e o interior de vinil preto, me perguntando por que ele dirige um carro de passeio tão velho. — Nós não estamos comendo lá?

Ele remove os aviadores do pescoço de sua camisa e desliza sobre seus olhos. — Não.

Tudo dentro de mim derrete. A partir do calor do sol ofuscante? Definitivamente o sol.

Eu abaixo no assento e digo-lhe o meu pedido, enquanto ele liga o motor e o A/C.

Enquanto caminha com longos passos fluidos em direção a delicatessen, *não* posso deixar de olhar para ele, porque doce Jesus, eu nunca

imaginei ele em nada além de uma gravata, colete, e camisa abotoada com mangas arregaçadas. Mas ele usa jeans azuis como uma segunda pele. O jeans foi feito para o seu corpo, assentando a sua bunda e alongando em suas coxas enquanto ele alonga seu passo. A camisa cinza fina adere-se a cumes de músculos em suas costas e ombros, as mangas se esforçando em torno das protuberâncias de seus bíceps, assim como aqueles modelos em revistas de fitness.

Eu gosto mais das roupas extravagantes. Elas são mais seguras, como uma barreira profissional para me lembrar de que ele é meu professor.

Quando ele desaparece dentro da delicatessen, eu mudo a minha atenção para o seu carro. O barulho alto do motor e o cheiro de óleo da fumaça dos gases de escape. O aroma de canela quente flutuando do pacote de chicletes que arde no sol sobre o painel. O assento duro debaixo de mim, vibrando com a força do motor. Os botões de prata do antigo rádio e Axl Rose cantando através dos alto-falantes. É tudo tão distinto e diferente, fascinante e masculino. Como ele.

Parece surreal sentada aqui. Em seu espaço pessoal. De bom grado.

*É apenas almoço.*

Com o meu professor. Em um sábado.

Eu limpo as palmas úmidas em minhas coxas, desejando que estivesse usando algo mais agradável. E menos revelador.

Por que ele está aqui? No meu bairro? Ninguém de Le Moyne se aventura para o meu mundo, como se a pobreza pudesse manchar os seus sapatos caros ou algo assim. No entanto, aqui está ele. O que ele quer?

Até o momento que ele retorna, meus nervos estão torcidos para níveis de náuseas.

— Para onde estamos indo? — Pergunto.

— Descendo a rua. — Ele agarra o volante com uma mão forte e funde-se com o tráfego, lentamente, com confiança, como se esta fosse a sua estrada e ele tem todo o tempo do mundo.

Um minuto depois, ele puxa para o Park Louis Armstrong e coloca seus óculos de sol no porta-copos. Uma curta caminhada leva-nos a um banco de parque com sombra, onde nos sentamos lado a lado e cavamos os nossos sanduíches da delicatessen *Hook 'Em Up*. O pão espesso está empilhado de carnes e queijos, exigindo duas mãos para segurá-lo.

No meio do sanduíche, minhas dores de estômago acalmam. Eu envolvo as sobras, limpo a boca com um guardanapo, e olho para fora sobre o lago esverdeado com patos. — Do que você e Stogie falaram?

— Você.

Talvez eu devesse estar surpreendida por sua honestidade, mas eu não estou. Ele sempre foi direto comigo, uma característica que eu vim a depender. Se eu pudesse fazer o mesmo. Queria dizer-lhe tudo. Mas ele iria me denunciar. Como não poderia?

Ele dar outra mordida, e eu secretamente estudo a flexão da sua mandíbula e da garganta se movendo quando ele mastiga. É estranho ver um homem comer. Eu nunca fiz isso. Não conscientemente. Eu sinto como se estivesse invadindo sua privacidade.

Quando ele vai para outra mordida, eu percebo que não vai dar mais detalhes.

— O que sobre mim?

Ele engole, sorri. — Este é realmente bom. — Outra mordida. Em seguida, outra.

Dois jovens negros caminham ao longo do lado oposto da lagoa, mas o parque está vazio, o sol muito alto e quente para um passeio preguiçoso.

— Sr. Marceaux...

Ele continua a me ignorar quando termina o seu almoço entre longos goles em sua água engarrafada. Em seguida, ele coloca a minha porção não consumida de lado, joga o lixo fora, e se acomoda contra as costas do banco ao meu lado, mãos relaxadas sobre as coxas. — Perguntei-lhe como seu custo de vida é pago.

Jesus, ele é como um cachorro com um osso. Eu torço e distorço a tampa sobre a minha água. O que Stogie pensaria de mim se soubesse o que eu estou fazendo? E o Sr. Marceaux? Ele provavelmente me espancaria, em seguida, me expulsaria. Meu coração dá um baque pesado.

— O que mais vocês falaram?

Ele se vira para mim. — Diga-me por que estou aqui.

Para terminar esse quase-beijo? Eu quero isso? Minhas mãos tremem.

— Eu não sei.

— Você sabe, e eu quero ouvir você dizer isso.

Eu olho para longe, os olhos na lagoa, mas cada polegada do meu corpo se concentra nele. Na mudança da sua respiração, o tique-taque do relógio, a elevação de seu braço enquanto ele toca meu queixo e obriga a minha cabeça a voltar.

Seus olhos refletem todos os tons luminosos do céu, mas eles são mais frios, tão assustadoramente próximos. Eu me concentro em algo mais seguro, os patos na lagoa. Mas seu olhar enche minha visão, seu rosto me encarando, todo o seu corpo em movimento, antecipando meus movimentos. Ele não vai me deixar escapar dele. Eu quero correr.

E eu quero que ele me pegue.

A luta em meus músculos evapora enquanto ele me puxa para o seu colo. Meu pulso chuta para cima quando ele arranja as minhas pernas para ficar em cima dele. Suas coxas são colunas de pedra abaixo de mim, poderosas e robustas.

Sentada sobre ele, contra ele, não me sinto mal. É muito mais seguro do que estar debaixo dele, que tem sido a minha única experiência com outros homens. Mas eu não sei onde colocar minhas mãos. Depois de um momento estranho, eu deixo meus dedos gravitar à sua camisa.

O peito dele se contorce contra as palmas das mãos, as saliências e reentrâncias de músculo como tijolos em minhas mãos, tão diferente de tudo que eu já senti.

Eu reúno a coragem de olhar para cima, absorvendo a sombra escura em seu queixo e as curvas definidas de suas maçãs do rosto. Os tons de azul nos olhos meteóricos disparam uma tensão de calor lá no fundo, abaixo da minha cintura, entre as minhas pernas. A sensação que me faz querer alcançar e traçar a forma de seus lábios. Mas eu estou muito nervosa, muito insegura.

Parece que existem fios invisíveis entre nós e eles estão enrolando mais apertado, puxando, encolhendo, e dedilhando com a tensão.

Eu balanço mais perto. — É por isso que você está aqui?

Ele me encontra no meio do caminho, mergulhando a cabeça, e sua boca arrasta um suspiro do outro lado do meu pescoço.

Eu tremo e aqueço. Meus dedos apertam em sua camisa, meus quadris relaxam em seu colo, e uma contenda de emoções freneticamente bate no meu cérebro. A posição coloca minha boceta contra ele, nivelada com a evidência rígida e longa de sua fome. Devia ser suficiente para me fazer recuar, para me afastar, mas eu não posso. Eu não quero.

— Ivory, — ele respira ao longo da minha mandíbula. Suas mãos apertam contra as minhas costas, puxando meu peito para o seu quando ele mordisca um rastro de prazer para o canto dos meus lábios. — Sim.

Sua boca desliza sobre a minha, os lábios escovam, quente e suave e *agradável.* Mãos fortes movem para cima do meu pescoço, abrange minha mandíbula, e inclina minha cabeça. Ele aperta os lábios mais duro, separando-os, abrindo os meus, e o primeiro toque de sua língua dispara uma emoção de eletricidade pelas minhas costas.

Meu corpo inteiro devia estar encolhendo, encolhendo-se com desgosto, mas o esfregar de sua língua, o sabor da sua boca, e a pressão de seus dedos contra minha cabeça liquefaz meu interior para ferver necessitado. Em vez de empurrar longe dos golpes de sua língua, eu me inclino, esticando minha boca e aprofundo a ligação.

Um gemido vibra em seu peito, e os meus próprios lábios gemem enquanto seus lábios movem-se deliciosamente, firmemente, contra os meus, me

tocando de uma maneira que eu nunca quis ou apreciei. Nos últimos quatro anos, tenho sido alimentada com poças de baba e amordaçada por inúmeras línguas sondando. Mas eu nunca fui beijada. Assim não. E eu nunca beijei de volta. Nunca experimentei este tipo de intimidade com um homem enquanto penso, *não pare*.

As mãos sobre minha cabeça guiam-me mais perto, exigindo que eu fique com ele. Como louco é que eu não quero estar em outro lugar? Eu não consigo nem fechar os olhos por medo de que ele vai desaparecer.

Moitas de cílios negros afunilam sobre as maçãs do rosto. Os músculos de seu rosto de acordo com a urgência de sua língua rodando.

— Você é tão linda, — ele sussurra contra meus lábios, em seguida, ataca minha boca com renovada fome.

Seu peito e quadris duros contra mim. Minhas inspirações nítidas, e seus exalar puxam grunhidos de satisfação de sua garganta.

— Eu não posso ficar longe. — Outro beijo embriagador. — Eu quero você. — Ele mordisca meu lábio inferior, lambendo apenas dentro da costura, então descansa sua testa contra a minha. — Você me faz querer coisas que não posso ter.

Eu inclino para frente e afasto nossas bocas, mas seu aperto no meu queixo me segura ainda.

— Nós temos que parar. — Seus dedos ondulam no meu cabelo enquanto seu rosto se afasta, deixando um frio formigante nas minhas bochechas.

Eu achato as palmas das mãos no seu peito úmido de suor. — Eu não te beijei para ajudar nas minhas chances de ir para Leopold.

— Oh, Ivory. — Suas mãos tremem enquanto deslizam em volta do meu pescoço, sobre meus ombros e meus braços. — Tão jovem e direta. — Ele agarra minhas coxas, logo abaixo da barra dos shorts e revira os quadris debaixo da minha bunda. — Tão perfeita.

O comprimento duro dele pulsa contra a frente dos meus shorts. Porque

não desencadeia o meu reflexo de vômito? Por que não estou me enrolando e indo para o lugar seguro na minha cabeça?

Por que eu quero abrir seus jeans e contemplar essa parte misteriosa dele? Por que eu quero mantê-lo em minhas mãos e fazer o seu corpo flexível de prazer?

— Isso acaba agora. — Ele agarra minha cintura e me coloca no banco ao lado dele.

Meu peito aperta, rejeitando aquelas palavras. Não há mais toques? Não há mais beijos? — O quê? Por quê?

— É imprudente. Perigoso. — Ele se inclina para frente e coloca os cotovelos nos joelhos, olhando em frente ao parque.

— Por causa de Sra. Augustin?

— Ela não é uma preocupação, mas haverá outros. — Seus olhos cortam os meus duros e imóveis. —Há sempre alguém observando, esperando para arruinar a prosperidade de uma vida que não tem.

Ninguém quer minha vida, e as pessoas não se preocupam com o que acontece no Treme. — Você pode vir aqui e me beijar que eu nunca...

— Eu não sou um menino de escola, Ivory. Esta não é uma sessão de amassos inocente atrás das arquibancadas. — Em um borrão de movimento, ele está em mim, o peito contra o meu e dedos fortes em volta do meu pescoço. — As coisas que eu quero fazer com você iria dar-lhe pesadelos.

Ele está tentando me assustar, mas ele não está cortando o meu ar. Ele administra suas próprias punições, mas a doença dentro de mim anseia por mais de suas palmadas. Ele não me dá pesadelos. Ele me faz flutuar através do ar em um sonho.

Ele libera meu pescoço e empoleira na borda do banco, colocando os dois pés agitados entre nós. Minhas mãos tremem para alcança-lo, todo o meu corpo dolorido para subir de volta em seu colo e voltar para a segurança de seus braços. Pela primeira vez em minha vida, eu quero que um homem me toque, e ele está... Lançando-me fora?

— Eu não quero que isso acabe, — sussurro, as costas dos meus olhos ardentes.

— Eu não pedi a sua opinião.

Sua rejeição aterra no meu estômago como um carvão quente, roubando minha respiração e enchendo meus canais lacrimais com a umidade.

— Merda. — Ele olha para os meus olhos molhados, sua expressão empalidecendo debaixo de uma camada de suor. — Você *não pode* se apaixonar por mim.

— Não posso... O quê? — Eu empurro para trás, inalando bruscamente e limpando uma lágrima fugitiva. — Oh meu Deus, de todas as coisas, pretencioso e arrogante para dizer! Eu nunca iria.

— Eu estou ofendido. — Ele ri, mas é tenso. — Meninas do ensino médio têm uma maneira de se apaixonar rápido e ignorantemente no amor.

— Bem, eu estou ofendida que você acha que eu sou tão ignorante. — Eu puxo a barra da minha bermuda. — Não se preocupe Sr. Marceaux. Pensamentos de amor nem sequer passam pela minha cabeça.

Ele olha para a lagoa. — Eu sei que você não é ignorante, Ivory. É apenas…

Com uma mão apoiada contra sua boca, ele se inclina sobre os joelhos e observa os patos abanando as penas e respingando na água. Mas ele não está realmente olhando, não com o olhar voltado para o interior e sua expressão transformando com o que ele está pensando.

Por que ele sequer mencionou o amor? Se sua mente foi lá, isso significa que ele está sentindo alguma coisa? Foi um bom beijo. Pelo amor de Deus, foi um beijo que vou lembrar para o resto da minha vida, que eu vou comparar todos os beijos futuros... Mas o amor? O que ele sequer sabe sobre isso?

Olho para ele, e algo clica dolorosamente na minha mente. — Você a amava, não é? Essa professora em Shreveport? Joanne?

*Por favor, diga* não.

Ele deixa cair às mãos, segurando-as entre os joelhos, antebraços apoiados nas coxas, quando ele olha para o chão.

— Eu ainda a amo. — Ele encara meus olhos. — Por mais que eu a odeie.

Ciúme dispara ignorantemente através de minhas entranhas, surgindo como bílis na garganta. Eu gostaria de ser amada, mesmo se vier com o ódio. É melhor do que nada. — Você vai me dizer o que aconteceu?

Ele reclina e um braço repousa ao longo da parte de trás do banco. — Eu valorizo a honestidade entre nós. — Sua mão peneira através das pontas do meu cabelo. — Eu não quero que isso chegue ao fim.

Meu coração aperta com o pensamento de qualquer coisa que termine entre nós, mas eu nunca vou mentir para ele. Pelo menos, não sobre coisas que iriam acabar me expulsando.

— Estávamos juntos há quatro anos. — Seus dedos se movem através do meu cabelo, suavemente, hipnoticamente. — Com a política de não confraternização de Shreveport, nosso relacionamento era um segredo. Nós tínhamos propriedade e casas separadas, mas vivíamos juntos em uma. Dirigíamos separadamente para a escola. Mantivemos nossas interações profissional no trabalho. Até…

Ele não tem de terminar a frase. Estou consumida com imagens de sua boca. Amordaçada com a gravata, pulsos ligados por seu cinto, e seu corpo inclinado enquanto a fodia em uma mesa. Ela é uma musicista melhor do que eu? Mais esperta? Mais bonita? Ele disse a ela que ela é *tão bonita*, também? Eu fecho minhas mãos em punhos. As posições sexuais não me afetam quase tanto como a idéia de ele fazer essas coisas com outra pessoa.

Com uma mão no meu cabelo, ele foge para mais perto e coloca a outra em meus punhos, erguendo-as abertas. — Nós estávamos jogando fora uma fantasia. Tendo um pouco de diversão depois de horas.

— Então o que aconteceu? Como você perdeu...? Merda, ela o delatou?

Seus dedos se contorcem contra os meus. — Não. Mas ser pega a

colocou em uma posição precária. Ela podia admitir que violou a política de não-confraternização, que ela estava disposta a ser amarrada, e perder o emprego em um manto de vergonha que iria segui-la em todos os lugares. Ou ela poderia chamá-lo o que parecia. Amarrada e amordaçada e estuprada. De qualquer maneira, eu estava demitido.

*Estupro*. Giro essa palavra na minha cabeça, examinando-a de todos os ângulos. Eu acho que experimentei-o algumas vezes, mas nunca sei o que fazer sobre isso. Uma menina pode dizer que ela foi forçada. Um homem pode reivindicar que ela queria. A polícia decide quem está dizendo a verdade, e se ficar ao lado do homem? Ele vai retaliar contra a menina.

Mas isso não soa como se o Sr. Marceaux revidou.

Uma onda louca de protecionismo... Para ele, vibra através de mim. — Você poderia ter defendido a si mesmo. Dizer-lhes sobre o seu relacionamento. Provar que estavam vivendo juntos. No mínimo, ela teria perdido seu trabalho e você não teria sido acusado de forçá-la.

— As acusações de estupro não pegaram. O estigma sim, mas eu não dou a mínima para isso. Há um milhão de coisas que eu poderia ter feito para arruinar o seu trabalho. Coisas que ainda posso fazer.

— Mas você a ama. — Oh Deus, por que meu coração doía tanto?

Sua expressão escurece com uma carranca profunda. — E ela ama sua carreira. — Ele puxa as mãos dele e senta-se para frente no banco, o perfil dele gravado na dor. — Ela é chefe da escola em Shreveport agora.

Que cadela. — Sinto muito, mas ela parece horrível. Como você pode amá-la?

Ele aperta a ponte de seu nariz e fecha os olhos. — Às vezes você ama a pessoa que não deve, e no espaço sem fim do que é o amor, nada mais importa. — Quando ele levanta a cabeça, todo o seu comportamento está alterado. O homem de colete e gravata retorna com uma mandíbula fortificada e olhos duros quando se levanta e aperta as mãos atrás das costas. — Não há mais tocar e beijar, Srta. Westbrook. Eu sou seu professor, seu mentor, e nada mais.

Eu salto para os meus pés. — Eu nunca faria isso com você. Eu não posso sequer imaginar arruinar sua carreira.

Ele ri, mas soa mais como um grunhido. — Se fomos pegos fazendo algo impróprio, você teria que escolher entre minha carreira e sua educação, entre um homem que você conhece há uma semana e um sonho que você perseguiu por três anos. Que escolha você faria?

*Leopold* empurra-se em minha mente, mas eu luto para trás, recusando-me a admiti-lo. — Nós vamos ter cuidado.

— Exatamente. Vá para casa. — Ele empurra o dedo na direção da minha casa.

Eu olho por cima do ombro. Se não fosse pelas árvores, eu seria capaz de ver minha casa daqui. Como ele sabe onde eu moro? O endereço no meu arquivo?

Quando olho para trás, ele está indo embora, as mãos enfiadas nos bolsos da frente e de cabeça para baixo. Um sangramento miserável tipo de saudade racha no meu peito. Isso está acabado.

Eu pego o sanduíche não consumido do banco e marcho ao longo da pista em direção à minha casa, cada passo mais pesado e mais difícil de dar. Talvez eu não tenha que obedecê-lo desta vez? Talvez esta seja uma daquelas regras que se destinam a ser quebradas?

Girando, eu corro atrás dele. Ele faz uma pausa no som dos passos das minhas sapatilhas, os ombros largos no aperto do t-shirt. Mas ele não vira.

Eu circundo o pilar elevando de seu corpo, e santo inferno, ele é tão alto e moreno e bonito. E com raiva. Linhas profundas dos cantos de seus olhos gelados, seus lábios uma linha de desagrado, e as cordas em seu pescoço esticadas na pele abaixo de sua barba.

Reforço minha coluna, eu ando para ele e passo meus braços em volta de sua cintura. Cada polegada sólida tocada flexiona com músculos.

Ele segura as mãos nos bolsos, seu peito levantando com uma respiração profunda. — Você está me desobedecendo.

Pressiono minha bochecha contra a borda de seus peitorais. — Eu não vou te machucar. Eu prometo.

— *Eu* machucarei *você*.

— OK.

Suas mãos apertam meus ombros, me forçando a dar um passo para trás, mas ele não me deixa ir. Ele dobra os joelhos, colocando os olhos no mesmo nível que o meu. — Diga-me quem te machuca, e eu vou dar-lhe o que quiser.

Meu pulso martela, e os meus molares falham juntos. Será que ele planejou isso? Ele tocou e me beijou até que minha cabeça girava, só para ter tudo de volta para que ele pudesse balançá-lo como um incentivo para falar?

Eu forço para trás, saindo do alcance do braço e balançando a cabeça.

Seu rosto aperta, e meu estômago afunda. Eu odeio decepcioná-lo.

Com uma mão em seu quadril e outra apontando para minha casa, ele olha para o chão.

Bom, porque eu odeio os olhos. E eu os adoro, também. Especialmente quando ele me toca e me diz que eu sou bonita. E agora, ele está me punindo ao se recusar a olhar para mim.

Em uma névoa de vergonha, abraço o sanduíche no meu peito e arrasto o meu pé para casa. Enquanto eu ando, espreito por cima do meu ombro. Ele não se move. Eu não posso ver seus olhos, mas eu sei que eles estão me seguindo, me olhando, me protegendo.

Seja o que for, porém impróprio e arriscado, ele não quer que acabe. Passaremos quatro horas particulares por dia juntos pelo resto do ano, isso só vai se tornar *mais*. Mais punições, mais música, mais Sr. Marceaux. Não me importa o que ele diz. Isso ainda não acabou.

# 18

# EMERIC



— Acabou. — Eu bato a garrafa de cerveja com mais força do que pretendia e assusto-me com o estalo na mesa de vidro da mãe. Merda. Eu esfrego o dedo sobre a lasca e olho para ela me desculpando. — Desculpe, mãe.

— Eu não me importo à mínima com a mesa. Estou preocupada com *você*. — Ela tira a rolha de uma garrafa de vinho no balcão e atravessa a cozinha para se sentar ao meu lado, uma taça vermelha em sua mão. Colocando-a sobre a mesa, ela torce o tronco e reúne suas palavras. — Eu sei que você foi infeliz por um tempo, mas isso é diferente. Você tem sido temperamental, um rabugento dor na bunda pelas últimas semanas.

Cinco semanas, para ser exato.

Cinco semanas desde que eu beijei Ivory. Desde que eu senti sua pele sob minhas mãos. Desde que a puni da maneira que nós tanto precisamos. Cinco semanas de agonia desde que a mandei para casa no parque com pesar ultrapassando meu sistema nervoso.

— Querido. — Ela coloca a mão no meu antebraço e dá-lhe um aperto firme. — Será que Joanne sabe que isso acabou?

Joanne ainda está mandando textos, mas suas mensagens ficam sem resposta. Eu sei o que ela quer, ela sabe o que eu quero, e nenhum de nós está disposto a se comprometer.

— Ela ainda se recusa teimosamente a aceitar meus termos. — Eu enfio a mão entre os fios mais longos tocando minha testa. Cristo, eu preciso de um corte de cabelo. — Isto não tem nada a ver com ela.

— Oh. — Os olhos azuis persistentes da mamãe vagam pelo meu rosto, em busca de respostas. — Isto não é sobre o seu carro, não é?

— Não, eu tive o carro de volta ontem.

Apesar de que me colocou em um clima infernal. Depois de assistir Ivory a pé, eu fiz o meu caminho de volta para estacionamento do parque, e o GTO tinha desaparecido. Roubado. Fodidamente içado. Eu tive que chamar Deb para me levar para a delegacia. Quando ela me deixou em casa, eu estava em pé na porta, vibrando com agitação quando disse a ela, *Não, eu não vou te foder*. Eu deveria ter sido mais gentil com ela por me ajudar com a carona e com o marido de Beverly Rivard, mas eu estava muito malditamente perturbado para deixá-la entrar.

O GTO não foi a única coisa que eu perdi no parque aquele dia.

Os policiais recuperaram o meu carro, o interior eviscerado e depenado. Levou semanas para trazê-lo de volta à condição original.

Mas Ivory... Minha mão aperta em torno da garrafa. Estou fazendo todos os esforços que posso para garantir que a coisa entre nós não seja restabelecida. A atração permanece mais forte do que nunca, queimando como uma brasa incandescente. Isso chia enraizado quando me sento ao seu lado no banco do piano, silvos com faíscas quando eu toco-lhe os pulsos por perder uma nota, crepita e aparece cada maldita vez que nossos olhos se conectam.

A nossa primeira semana juntos moveu-se tão porra de rápido que meus nervos ainda estão circulando com fome selvagem. Se eu não houvesse retrocedido ela estaria na minha cama agora, seu corpo jovem de dezessete anos curvando-se e corando sob o meu cinto e seus enormes e adoráveis olhos me implorando por coisas que eu sou incapaz de dar a ela. Leopold. Um relacionamento legal aberto. Meu coração...

Ela é muito jovem para separar sexo e amor, e eu perdi o interesse em

qualquer coisa além do prazer físico.

*Depois de ter o que você quer a desconfiança dela nos homens, será irreparável.*

Mamãe me olha dessa forma intuitiva que ela faz, sua expressão suave emoldurada por cabelos negros que se enrolam acima dos ombros. Ela atinge até apertar as extremidades de uma mecha solta, escova o tufo para frente e para trás ao longo de sua mandíbula enquanto me estuda. Eu bebo minha cerveja e finjo ignorá-la.

Ela deixa cair sua mão e inclina a cabeça. — Você conheceu alguém.

*Aqui vamos nós.* — Não, eu…

— Emeric Michael Marceaux, você não vai mentir para sua mãe.

Eu levanto e movo-me para o balcão, inclinando-me contra ele e equilibrando a garrafa na borda. — Não falarei sobre isso com você, mãe.

Eu quero, mas expressar torna-se real.

Passos se aproxima da porta da cozinha.

— Não falar sobre o quê? — Meu pai vagueia em torno, óculos de leitura empoleirados na ponta do nariz, com o rosto enterrado em seu telefone.

— Emeric conheceu alguém. — Ela sorri sobre a borda de sua taça de vinho, olhos fixos em mim.

Sem tirar os olhos do seu telefone, ele passa por ela e desliza os dedos ao longo da parte de trás do seu pescoço. — Vamos esperar que ela seja melhor do que a última.

Melhor? Joanne é a realidade. Ivory um sonho inebriante, do tipo que visita um homem à noite, encoberta pela escuridão do anoitecer e seguramente perseguida nos recantos secretos da mente. Mas à luz do dia, ela é uma fantasia perigosa, tentando um homem para fazer as coisas com os olhos bem abertos.

— Quem é ela? — Mamãe bebe seu vinho.

— Ela está fora dos limites, — digo rapidamente e viro-me para meu pai. — Como é o novo médico que você contratou na clínica?

— Ele é... Bom. — Ressalva aprofundando sua voz.

Claro, ele sabe que eu estou fugindo.

Ele embolsa o telefone e abaixa-se na cadeira do outro lado da mesa redonda da mãe. — É uma mulher casada?

Balanço a cabeça e dirijo os olhos para o meu Doc Martens.

É sábado à noite. Eu deveria estar em um quarto de hotel do French Quarter, amarrando os enormes seios de Chloe, flagelando o traseiro de Deb, e cheirando a sexo. Mas no momento em que entro no GTO, minha mente deriva para Ivory. Meu subconsciente pegou o volante e, poucos minutos depois, eu estava estacionado na calçada da propriedade dos meus pais no Garden District.

Porque eu *preciso* falar sobre isso. Se há alguém neste mundo que eu confio bastante com essa conversa, eles estão nesta sala. Eles sabem sobre o acordo que fiz com Beverly, bem como todos os detalhes sujos da minha relação com Joanne. Nem uma vez eles me julgaram. Inferno, eles contrataram a equipe de advogados que convenceram Joanne a deixar cair a acusação de estupro.

— Ela é...? — A pergunta de minha mãe arremessa com tom de alarme. E realização. — Oh não, Emeric.

Antes de mamãe subir de Reitora para Leopold, ela era uma professora do ensino médio. Quando eu era mais jovem, a senhora Laura Marceaux era bonita demais para o meu conforto, com seu bando de admiradores adolescentes, incluindo os caras com quem eu andava ao redor. Mesmo na casa dos cinquenta, ela ainda vira cabeças com o rosto jovem, sorriso, e os olhos suaves.

Aqueles olhos estão em mim agora, largos e sem piscar, porque ela sabe exatamente o que eu não estou dizendo.

Eu giro em direção ao balcão e preparo meus braços na superfície de granito, meus ombros caindo com o peso de minhas palavras. — Acabou.

— O que, *exatamente*, acabou? — Sua voz flutua atrás de mim, cheia de preocupação.

— Sente-se, — Papai diz com menos ternura.

Eu termino a minha cerveja, pego outra, e sento-me na cadeira entre eles. — Ela é uma sénior na Le Moyne. — Eu me acomodei sobre a mesa antes

de continuar. — Quando ela entrou na minha sala no primeiro dia de aula... Juro por Deus, eu pensei que ela era uma professora. — Eu esfrego a mão no meu rosto e engulo mais um gole de cerveja. — Ela não se parece com uma estudante do ensino médio.

Mamãe atinge o outro lado da mesa e descansa a mão no meu pulso.

Eles não interrompem quando eu explico a situação financeira de Ivory, seu talento musical, minhas suspeitas de abuso, a minha visita com Stogie, e seu desejo de participar de Leopold. Eles compartilham olhares ansiosos quando menciono o beijo no parque e as últimas cinco semanas do inferno. Eu até admito dirigir nas ruas depois de suas aulas particulares, tentando rastrear o seu caminho até à parada de ônibus. Mas ela nunca toma a mesma rota, e na maioria das vezes, eu não a encontro em tudo.

Eu luto com o desejo de deixar de fora a parte mais comprometedora, mas minha necessidade de divulgação completa ganha. — Eu a bati. Na sala de aula.

Seus rostos pálidos, mas nem perguntam se foi consensual. Sua confiança em mim é infinita, o que torna a peça final mais fácil para cuspir.

— Eu fui pego com ela no meu colo depois. Por uma colega. — *Fodendo Shreveport mais uma vez.* — Eu chantageei a professora.

Mamãe pega seu vinho e termina-o.

Quando eu olho nos olhos do meu pai, ele se senta para trás, tira os óculos e os limpa com as dobras de sua camisa. — Chantageou como?

— Você não quer saber.

— Bem. — Mamãe se levanta e caminha até o balcão para encher seu copo.

— Você certamente sabe como testar os limites de aceitação social, mas eu sei de onde você tira isso. — Ela volta para a mesa, com os olhos brilhando para meu pai. — Seu pai ama bater...

— Mãe, — eu gemo. — Não torne isso mais estranho.

Ela abaixa-se na cadeira, com uma expressão séria. — Você disse que

ela é uma talentosa pianista? Ela é mais merecedora do Leopold do que a que você quer me empurrar?

Embora aposentada, Mamãe ainda voa para Nova York uma vez por mês para as reuniões do conselho. Mesmo depois de tudo o que eu disse a ela, eu sei que ela vai garantir uma colocação para uma de minhas referências.

O acordo com a Beverly vem me assolando há semanas. Ivory pertence a Leopold. Não porque ela é linda e genuína e na minha necessidade desesperada de salva-la. Ela é todas essas coisas, mas eu devo-lhe minha referência, porque ela é a melhor maldita musicista no Le Moyne.

— Sem dúvida, ela merece esse ponto. — Meu peito levanta com paixão na minha voz. — Ela é incrível.

— Você está em uma posição difícil. — A mão da minha mãe encontra a minha, apertando os meus dedos. — Eu não o invejo, mas querido, se você buscar um relacionamento com ela, ele não irá revelar-se como Shreveport.

Porque eu não cometi um crime com Joanne. Nosso relacionamento era consensual, não ilegal. Mas Ivory? Má conduta do estudante-professor não é apenas varrido para debaixo do tapete. Isso torna-se notícia de primeira página. Os melhores advogados do mundo não poderiam me salvar dos encargos que se seguiriam se eu fosse pego com ela.

— Você precisa cortar suas perdas, filho. — Meu Pai define os óculos no nariz e cruza os braços sobre a mesa, inclinando-se. — Abandone o maldito trabalho, acabe as coisas de uma vez por todas com Joanne, e mova-se fora do estado se você precisar. A merda em Shreveport não pode segui-lo para sempre.

Mamãe balança a cabeça. — Frank, não diga isso a ele. Nossa família está finalmente junta novamente em Nova Orleans e...

— Não, mãe. Ele está certo. — Eu caminho para longe da mesa e esvazio minha cerveja inacabada na pia.

Eu já estou delirantemente bêbado de Ivory Westbrook, e eu não sei quanto tempo mais vou durar sem ceder.

Posso manter o trabalho, tentar ignorar esta atração proibida, em última

análise falhar, e arriscar a ir para a cadeia. Ou eu posso sair de Le Moyne, remover a tentação da minha vida, e me foder, nunca mais vê-la novamente.

Meu peito dói com a verdade angustiante. Eu sei... Deus me ajude, eu sei o que preciso fazer.

# 19
# IVORY



— Isso tudo é culpa sua!

As lágrimas da minha mãe esguichavam de seus olhos encharcados através de mim, mas é o ódio em seus olhos escuros que faz meu interior sangrar.

Eu nem sequer sei do que estou sendo responsabilizada. Está no meio da noite, e ela invadiu aqui, acendendo as luzes e me acordando com seu choro louco.

Deitada no sofá onde eu durmo, puxo as minhas pernas mais perto de meu corpo, curvando e enrolando-as próximas a mim e segurando Schubert sob meu peito. — C-Como? Como é minha culpa?

Ela voltou para casa a um mês, chorando sobre o namorado que terminou com ela. Ela não parou de chorar.

— Se não fosse por sua... Sua... — Ela anda através da sala de visitas e tropeça em seus próprios pés, puxando os cabelos de sua nuca repicada. — Besteira egoísta do caralho!

Ela foi bonita uma vez, suave e curvilínea com contentamento brilhando em seus olhos. Mas as drogas e sofrimento secaram-na para ossos e rancor. Papai estaria tão desolado quanto eu.

Se eu não for aceita em Leopold, se eu nunca encontrar uma saída para

Treme, vou acabar assim? Sempre que minha mente pisca para o futuro, vejo-me sempre acorrentada a Lorenzo e suas necessidades violentas. Como eu não poderia me voltar para as drogas como uma fuga do tormento de seu toque? O futuro me apavora, mas também me endurece. Eu vou fazer isso fora daqui, não importa o custo.

Minha mãe tropeça através da sala, arranhando seu rosto afundado como se estivesse tentando remover objetos imaginários. Ela deve estar descendo do que quer que ela se drogou, seu corpo inteiro beliscando com a infelicidade.

Ela me culpa por isso. Sua infelicidade. Eu sou a razão que ela usa a razão pela qual ela é pobre, a razão pela qual ela não consegue encontrar um emprego ou manter um namorado.

Acho que, de certa forma, eu sou responsável por sua miséria. Meu peito dói por ela, para abraçar e confortá-la. Mas ela não tolera essas coisas de mim.

Múltiplos passos avançam a partir do fundo da casa. Eu enterro meu nariz no cheiro reconfortante do pelo do meu gatinho Schubert e firmo minha respiração.

Lorenzo e Shane invadem a sala, ambos vestidos de jeans e camisetas. Em seu caminho para sair ou apenas voltando para casa? Eu olho para o meu relógio sobre a mesa lateral. 3:15. Eu esfrego os olhos. Eu tenho que ir para a escola em duas horas.

Lorenzo dá a minha mãe um amplo espaço quando Shane vai para ela, puxando as mãos do rosto.

— Mãe, pare. Você está se machucando. — Ele ajusta as tiras de sua camisola sobre os ombros ossudos e olha para mim. — Por que você deixa-a fazer isso?

Sério? Sento-me, segurando Schubert no meu colo. — Eu não sou a única alimentando-a com suas drogas.

Lorenzo reclina na extremidade oposta do sofá, assistindo a minha mãe

com diversão. Eu corro a mão trêmula através da pele de Schubert. *Lorenzo não vai tentar nada. Ele provavelmente não vai sequer olhar para mim.*

Minha mãe traz um turbilhão de drama quando ela chega em casa, mas não há segurança em sua presença. Ela e Shane não acreditam em minhas acusações sobre Lorenzo me machucando, mas Lorenzo está sempre em seu melhor comportamento quando estão na sala. Eu evitei o barulho de sua motocicleta em minhas caminhadas para a escola, e ele não tentou me tocar desde que minha mãe chegou em casa. Mesmo assim, a impaciência vibrando dele é palpável.

Minha mãe olha para Shane, seu olhar suavizando por um momento calmo antes de cortar através do quarto e aterrar em mim. — Você tirou tudo de mim.

Minha garganta aperta e queima.

Ela dá um passo em minha direção, arranhando o braço esquelético. — Eu queria que você nunca tivesse nascido.

Lágrimas picam meus olhos. São *apenas as drogas falando.*

Outro passo, este mais forte, mais sóbrio, seus olhos duros e claros. — Eu te odeio você, pequena cadela egoísta.

Humidade borra minha visão, e mesmo que ela me diga essas palavras milhares de vezes, eu ainda tento. — Eu te amo, mãe.

Ela se lança em minha direção, gritando, mas Shane pega-a com o gancho de seu braço em volta da cintura.

— Eu te odeio. Eu te odeio. — Ela luta em seu aperto, tentando chegar até mim, seus peitos saltando e caindo para fora da sua camisola frágil. — Você arruinou minha vida!

— Eu sei, mãe. — Shane arrasta-a para fora do quarto. — Eu vou te dar o que você precisa.

Ela não precisa das drogas que ele está prestes a bombear dentro dela. Ela precisa de um emprego, uma paixão, e uma espinha dorsal maldita.

Eu me enrolo em Schubert e concentro-me em sua língua rachada,

tentando parar as lágrimas de escapar. Talvez eu precise de uma espinha dorsal, também.

Seus gritos ecoam pela casa e, eventualmente, declinam em soluços. — Ele a amava mais. Ele tirou de nós, Shane, e deu tudo para ela.

Meu coração encolhe no meu peito, e as lágrimas caem duras e rápidas. Aguardo no sofá e Lorenzo salta ao meu lado, e quando isso acontece, Schubert se desembaralha dos meus braços.

O quadril de Lorenzo bate nos meus pés com os seus movimentos. Ele se inclina e me força nas minhas costas, os tendões de seu pescoço ondulando a tatuagem *Destroy*. — Você acha que pode me evitar para sempre?

— Esse é o plano. — Eu empurro contra seu peito quando um fluxo renovado de lágrimas afagam meus ouvidos.

Seus olhos negros crescem incrivelmente mais escuros. — Tão porra de bonita.

Ele enfia a mão entre minhas pernas, mas o casulo de cobertores me protege. Por um breve momento, imagino que a porta da frente se abre e Sr. Marceaux aparece em pé na soleira, com os olhos terríveis. Aposto que Lorenzo teria medo dele, talvez o suficiente para me deixar em paz.

Mas o Sr. Marceaux não voltou para Treme. Não essa noite. Nunca.

Em uma onda de raiva, eu chuto e empurro, batendo nas costelas de Lorenzo e tento liberar os cobertores em minha tentativa de fuga. Ele agarra meus joelhos e prende-os imóveis. Eu arranho seus braços, meus pulmões ofegantes com a força do meu pulso.

A batida pesada dos passos de Shane anuncia sua presença, e nós dois congelamos.

Lorenzo remove as mãos e coloca o rosto para frente, assim que Shane entra na sala.

— Sentado perto demais, idiota. — Shane bate na lateral da cabeça de Lorenzo. — Mova-se.

Eu exalo um grande fôlego e ajusto os cobertores em torno de mim.

— Eu estou indo para casa de qualquer maneira. — Lorenzo levanta e troca uma batida e um aperto de mãos junto com Shane.

Quando a porta se fecha atrás de Lorenzo, Shane estatela-se no sofá ao meu lado e puxa um maço de cigarros do bolso.

Adrenalina permanece em minhas veias, tocando os meus nervos. —Eu não o quero aqui.

— Cale a boca, Ivory. — Ele acende o cigarro e repousa contra o encosto do sofá.

Eu decido experimentar uma nova palavra. — Ele me *estupra*, Shane.

Sua cara avermelha, em seguida, se transforma mais escura enquanto perfura o cigarro na direção da porta. — Esse cara salvou a minha vida no Iraque. — Sua voz cresce mais alta, seus braços tremendo. — Eu não estaria aqui, respirando, se não fosse por ele. Então, enquanto você está pulando em seus shortinhos e provocando-o com os seus peitos fodidos, lembre-se disso. Lembre-se que esse cara é a razão pela qual estou vivo.

Eu ouvi a história, mas salvar a vida de alguém não lhe dá o direito de ter relações sexuais com a sua irmã. E não são os irmãos que deveriam defender suas irmãs? Talvez ele não ache que eu sou digna de qualquer tipo de amor.

Eu puxo os cobertores mais apertados em torno de mim e digo em voz baixa, inutilmente. — Eu não o provoco, e eu não tenho um monte de roupas. Eles são shorts da mamãe.

— No entanto, outra coisa que você tira dela.

Talvez ele me bata, e talvez o Sr. Marceaux se reportará com a nova contusão, mas droga, eu não posso deixar isso ir. — Eu pago as contas. Você não. Não ela. Ela nem uma vez me perguntou sobre a escola ou onde eu consigo o dinheiro. Mas eu estou lá fora, trabalhando pra caramba para me certificar de que não perderemos esta casa.

Ele dá uma tragada no cigarro, sua expressão apertada. — Sim, eu aposto que você está trabalhando o seu rabo. Onde é que você consegue o dinheiro? — Ele me lança um olhar de soslaio. —Você se prostitui, porra?

Vergonha acumula na minha garganta. Eu balancei minha cabeça. Deus, se ele soubesse? Eu não quero saber o que ele faria.

— Foda-se isso. — Ele se levanta e joga rapidamente o resto do cigarro no chão. — E foda-se você. — Ele caminha até a porta da frente, abre-a, e me olha por cima do ombro. — Direito da mamãe, você sabe. Papai vendeu o nosso futuro para comprar o seu. Ele fez por te amar mais.

A porta bate atrás dele, vertendo mais lágrimas dos meus olhos.

Entendi. Certo. Seu ressentimento profundo por mim corre em torno de duzentos mil dólares.

Quando eu desligo as luzes e volto para o sofá, Schubert se junta a mim, ronronando e se aninhando contra o meu peito no escuro. Às vezes eu acho que o amor de Schubert é uma extensão do papai. Ele escolheu-o para mim, surpreendendo-me com ele, e morreu no dia seguinte. É como se ele soubesse o que estava por vir e queria ter certeza de parte de seu coração foi deixado para trás, para me consolar quando eu mais preciso dele.

Mas eu não acho que meu pai me amava mais do que a eles. Ele estava apenas tentando fazer uma coisa boa com a minha educação. Eu posso imaginar, porém, como eles devem se sentir. Eu mal posso respirar depois da rejeição do Sr. Marceaux, e eu não estava nem perto de amar.

Pelo menos, Marceaux não tirou as aulas particulares. Eu deveria estar feliz por isso, mas nas últimas cinco semanas só me deixaram com raiva. Fumegante porra louca. Suas interações estritamente profissionais e comportamento frio são lembretes diários que eu não sou boa o suficiente.

Não boa o suficiente para Leopold.

Não boa o suficiente para arriscar estar comigo.

# 20
# EMERIC



Apesar das minhas dúvidas sobre o futuro de Ivory, eu me concentro no meu próprio. Passei o resto do fim de semana sondando por trabalhos de ensino. No domingo à noite, tenho requerido por algumas oportunidades semestrais fora do estado...

Eu detesto a ideia de deixar Louisiana sem resolver um último assunto com Joanne. Mas eu tenho opções, e talvez com um pouco de autocontrole, eu consiga manter o âmbito profissional com Ivory até que essas opções resultem em algo.

Mas isso não diminui o sentimento intoxicado no meu corpo. Quando atravesso o estacionamento do campus na manhã seguinte, a minha expectativa em vê-la me tem assobiando "Patience" com a vivacidade contagiosa de Axl Rose. Bombeia meu sangue mais quente e meus músculos flexionam mais apertado a cada passo em direção a Crescent Hall.

A mente funciona de maneira engraçada, fazendo-me racionalizar todos os tipos de merda quando entro no edifício. *Se eu vou sair, não vai doer se tocá-la hoje. Só uma vez. Outro sabor de seus lábios. Isso é tudo. Oh homem, por que eu estou considerando desistir? Eu não posso abandoná-la. Como vou porra respirar? Isso é besteira.*

Meus passos viram longe da minha sala de aula e viram em direção ao centro do Campus por razões que só podem ser descritas como obsessivas.

Eu corro a mão pelo meu cabelo e retardo a minha marcha. Não me lembro de me sentir selvagem e fora de controle com Joanne. Mas eu não a persegui, tampouco. Não no início e certamente não depois. Eu nunca persegui uma mulher. Nunca precisei. Isso por si só é suficiente para me fazer questionar por que eu estou esticando meu pescoço e examinando a multidão de estudantes, na esperança de ter um vislumbre de longos cabelos escuros. Ivory Westbrook está fodendo com a minha cabeça.

Alguns corredores mais tarde, eu encontro-a encostada a uma parede de armários e sorrindo para Ellie Lai.

A visão dela envia um tiro de satisfação quente através de mim, fechando minhas pernas e me paralisando a vinte pés de distância. Minha paixão pode ser ridícula, mas não é menos real. Estou completa e meticulosamente hipnotizado por ela.

Ela se destaca entre todos nesta escola. Não por causa do estilo monótono de sua branca camisa de botão e uma saia preta esfarrapada, mas porque ela brilha acima de suas limitações financeiras, irradiando o tipo de beleza que não pode ser comprada. Tudo parece sem brilho em comparação com o brilho de sua pele, o brilho de seus olhos, e a potência de sua aura. Eu sou tão atraído por ela. Eu não posso ver direito.

O fluxo de estudantes nos atravessa, mas isso permite um momento para ela me sentir. Quando seus olhos encontram os meus, seu sorriso desliza. Seus lábios se separam, e sua mão forma um punho ao seu lado.

Ela se ressente por eu colocar espaço entre nós, mas ela entende por que fiz isso. Mesmo assim, nós dois sabemos que o espaço não tem feito nada. Com cada dia que passa, torna-se mais tenso, mais fino, esforçando-se para selar e cair. Como agora.

Seu olhar detém o meu, me perfurando com um apelo vulnerável. *Assuma o risco*. *Encontre um caminho*. *Eu preciso de você*. Talvez esses sejam apenas reflexos de meus próprios pensamentos, mas eu quero agarrar-lhe o pulso, erguer os dedos abertos, e envolvê-los em torno dos meus, enquanto

prometo dar-lhe qualquer coisa que ela queira.

Ellie empurra o braço de Ivory, e só assim, Ivory olha para longe, o transe quebrado.

Eu pisco e inspiro uma respiração frustrada quando a atenção de Ellie salta entre Ivory e eu. Porra.

Relaxando meus ombros, eu dou-lhes um pequeno aceno de cabeça com o queixo e viro para o corredor. Graças a Deus, nenhum dos outros alunos parece ter notado a minha congelada fixação. Eu deslizo a mão pelo meu rosto e luto contra o desejo ardente de olhar para trás em Ivory.

Até o momento que eu chego a Crescent Hall, minha mente é uma confusão de argumentos desconexos. Eu posso dar a ambos o que queremos. Mas eu posso mantê-la a salvo da precipitação? Ela está segura agora? Sem ela ao meu lado a cada segundo, caramba, eu não tenho nenhuma ideia de quem ou o que está ameaçando-a. Eu odeio isso.

Eu me aproximo de um cruzamento vazio no corredor e pauso no som de uma voz familiar ao virar da esquina.

— Eu não ligo para o que ela concordou em fazer. — A lamentação aguda de Sebastian Roth chia por toda a minha pele.

*Ela* quem? Eu passo na curva e permaneço fora da vista.

— Cara, me solta.

Eu reconheceria a voz nasal de Prescott Rivard em qualquer lugar. Estes dois paus finos são amigos inseparáveis, o que desperta minha curiosidade sobre o seu argumento.

— Eu tinha um acordo com ela para foder sempre, — sussurra Sebastian, com raiva. — Ela não pertence a você.

Paranoia soca por trás da minha caixa torácica. Há apenas uma menina nesta escola por quem eu lutaria e sei exatamente como eles olham para ela na sala de aula todos os dias. Espero, pelo bem deles, que eles estejam discutindo sobre outra pessoa.

Seus grunhidos pesados ecoam pelo corredor, seguidos pelo som de

seus sapatos. Se eles caírem ao virar da esquina, eles vão me ver, e eu vou interroga-los. Mas eu espero, ouvindo-os lutar enquanto prendo a respiração. *Diga o nome da menina. Diga-a porra do nome.*

— Pare! Você está franzindo a minha camisa, — diz Prescott. — Nós não podemos fazer isso aqui. Se minha mãe ouve nós...

— Eu não dou à mínima! — Sebastian grita.

No final do corredor, algumas meninas viram na esquina e congelam a meio passo. Eu envio um sinal para a direção oposta, e eles se viram e correm para longe.

— Você é o único que vai ficar em apuros. — Sebastian abaixa a voz, sua respiração apressada. — Vendo como você é o único transando com ela ainda. Talvez eu vá fazer uma visita a sua querida Mãe e deixá-la saber como você está gastando seu auxílio.

Minhas mãos apertam e minha visão nublada quando ligo as motivações dos meninos ricos com tesão ao de uma menina bonita com uma fonte desconhecida de renda.

Adrenalina sacode o meu corpo e diminui minha respiração. Eu quero bater em alguma coisa. Meus dedos cavam em minhas palmas. Eu quero matá-los.

— Você não faria isso, — diz Prescott, seu tom venenoso.

— Tente-me, — rosna Sebastian.

O som de dedos lambendo carne atinge meus ouvidos logo antes de Sebastian cair em minha frente. Ele pousa a meus pés, seus óculos de armação de plástico pendurado torto na testa.

Golpeando sua boca, o emo magrelo resmunga e rola para seu lado. — Seu psicopata fodido!

Prescott se lança em torno do canto. Nenhum deles me percebe quando Prescott se agacha sobre Sebastian e recua seu...

— Levantem-se!

Eles congelam no chicote da minha voz e levantam os olhos, os rostos

pálidos em tons incolores de “Oh merda”.

Sebastian se recupera em primeiro lugar, lutando para sair de baixo de Prescott e saltando para seus pés. Ele ajusta os óculos e aponta para o filho da reitora. — Ele me acertou. Você viu isso, certo?

O pequeno boceta não está sequer sangrando.

Prescott sorri, tomando seu tempo e endireitando a gravata desarrumada. Recusando-se a reconhecer-me. *Eu posso mudar isso.*

Eu pego sua gravata e arranco-a. Ele cambaleia quando eu giro em torno dele. Eu bato suas costas contra a parede e envolvo minha mão em torno de sua garganta. — O nome dela.

O cabelo loiro caído sobre seus olhos, seus lábios puxando para longe de sua mordida. — O quê?

Que Deus me ajude, se ele enfiou a pau na minha garota...

*Não vá lá, Emeric.*

Eu coloco meu rosto no seu e deixo-o sentir a fúria da minha respiração. — A menina que você está *fodendo*. Dê-me seu nome.

Sua garganta sacode contra a compressão da minha mão. Nós somos da mesma altura, mas eu tenho pelo menos trinta quilos em um corpo adulto sobre ele. Porque eu sou o adulto, a figura de autoridade que deveria estar apartando as lutas no corredor, não se envolvendo nelas.

Eu afrouxo meu aperto, mas me recuso a deixar ir. Quero esmagar sua garganta desengonçada apenas por infectar minha cabeça com imagens dele com Ivory. — Má conduta sexual vai te expulsar Sr. Rivard. Quem é a garota?

— Avery, — ele sufoca. — Mas só para ficar claro... N... Não estamos... Tendo relações sexuais.

Avery, não *Ivory*. Os nomes são muito semelhantes, como se estivesse pensando em *Ivory* e cuspiu algo mais.

Eu olho para Sebastian. — Quem é Avery?

Seu olhar joga punhais em Prescott. — Avery Perrault é sua namorada. Ela vai para St. Catherine.

Ele está mentindo? Eu estou num rolo muito apertado para pegar as dicas. — Conte-me sobre o arranjo que *você* tem com ela.

Os olhos de Sebastian piscam por trás dos óculos, seu tom de voz baixo e pungente. — Ela costumava sair comigo, mas não mais.

Se sair não é um eufemismo para o sexo, eu não sei o que é. E se isto é sobre Ivory, por que eles mentem? Então ela não pode contradizer a sua história? Existe mais do que isso? Pagando-lhe para o sexo vai além da expulsão. Se for pego, todos os três seriam julgados como adultos responsáveis por violar as leis de prostituição. Meu peito aperta com o pensamento de Ivory presa.

Eu volto minha atenção para o imbecil chiando no meu aperto. — Como você está gastando seu auxilio?

— E... Eu... Compro coisas para Avery. — Ele bate na minha mão. — Porque ela é minha *namorada*.

Cada polegada do meu corpo se contorce com nervosismo. Eu o liberto e mantenho a palma da minha mão. — Desbloqueie seus telefones e me entregue. Vocês dois.

Eles atiram olhares hostis e fazem o que eu digo. Uma rápida rolagem através dos registros confirma que ambos se comunicam com um contato com o nome Avery. Nem tem Ivory armazenada nas listas telefônicas.

Porque ela não possui um telefone.

Eu entrego seus dispositivos e examino suas posturas tensas e expressões indignadas, em busca de um vislumbre de inverdade. Eu quero dizer o nome de Ivory, trazê-la para a conversa de alguma forma, só para estudar suas reações. Mas eu não posso fazer isso sem fazer meus próprios interesses muito óbvios.

No entanto, *posso* escrevê-los para o combate.

Vinte minutos mais tarde, eu fico ao lado da mesa de Beverly Rivard com as mãos atrás das costas. Eu não disse uma palavra enquanto os meninos explicam sua disputa sobre Avery Perrault, como tudo é apenas um mal-entendido, e as virtudes de todos ainda estão intactas, blah, blah, blah porra.

Prescott se inclina na cadeira com o braço acenando em minha direção. — Então ele tentou me estrangular!

A decana desloca os olhos prateados para mim. — Sr. Marceaux, você está ciente da política de não tocar?

— Sim. — Eu inclino minha cabeça. — Você está ciente de que seu filho é um idiota?

— Viu o que eu quero dizer? — Prescott joga suas mãos no ar e afunda no banco. — Ele é porra louca.

Beverly caminhou ao redor da mesa, parou na parede de vidro, e olhou ao longo dos jardins bem cuidados. — Sr. Rivard e o Sr. Roth serão inscritos para linguística de lutas. — Ela vira os braços cruzados sob o peito, e assume calmamente suas expressões indignadas. — Esperem no corredor enquanto eu tenho uma palavra com o Sr. Marceaux.

A tempestade de emoções turbulentas através de mim e conduzindo ao ataque violento e pesado como uma espécie de pressentimento urgente. Se eles estão mentindo sobre a namorada, eu não vou encontrar a verdade neste escritório. Nem nesta escola. Eu preciso executar a minha própria investigação de suas atividades pós-escolares.

Quando a porta se fecha atrás deles, Beverly solta os braços e está mais alta, mais dura, seu olhar afiado pulando para o meu. — Se você colocar uma mão no meu filho novamente...

— Este é o protegido que você quer que eu envie para Leopold? — Aponto um dedo para a porta. — Aquele babaquinha não vai durar um mês lá.

Sua cabeça treme com a força de minha mensagem. — O suficiente!

Ela toca a gola da blusa e fecha os olhos, inalando profundamente.

Eu passeio em direção a ela e paro a polegadas de distância. Elevando-me sobre ela, eu espero que ela olhe para mim.

Minhas entranhas queimam de raiva ansiosa, mas eu mantenho o meu timbre rico, minha voz suave, e meus olhos frios. — Quando ele fizer algo que eu desaprovo, eu vou lidar com isso não importando o quão fodido eu queira

isso. Se você não gosta disso, nosso negócio está acabado.

Quando eu ando em direção à porta, ela diz, — Eu vou demiti-lo.

— Não, você não vai. — Não há necessidade de dizer a ela que eu estou pensando em desistir. — Eu sou seu único caminho para Leopold.

# 21
# IVORY



Algo está fora hoje. Eu sinto uma espécie estranha de fluxo de ar no instante em que entro na sala 1A. Prescott e Sebastian se sentam em lados opostos da sala de aula. *Estranho*. Quase tão estranho quanto à maneira dura e ressentida que eles estão olhando para mim. Sr. Marceaux está por trás de sua mesa, também me olhando de uma maneira dura. Mas há algo mais em sua expressão.

Algo que eu não tenho vislumbrado em cinco semanas.

Ele olha para mim como se estivesse visualizando me espancar. É uma combustão lenta sutil contida em seus olhos, piscando como se estivesse a ser construída por um tempo, crescendo e fortalecendo atrás de seus cílios grossos, e agora, talvez isso se tornou muito grande, com muita fome para suprimir.

Talvez eu esteja imaginando isso, mas o escuro e pesado sentimento do tipo-baixo batendo através do meu interior é definitivamente muito real.

Eu estudo-o de perto quando encontro o meu assento, quando ele começa a palestra e, como ele orienta a classe através da próxima hora das discussões. Naqueles inúmeros momentos quando ele olha em meus olhos, há uma ressonância irradiando em volta dele, como se ele estivesse experimentando algo que está louco para compartilhar comigo.

Ele segura o meu olhar. — Cada minuto que você não está na escola,

você deve estar praticando seu instrumento.

Agora que estamos em outubro, temos uma série de eventos para nos preparamos, o maior deles sendo a celebração do feriado da Música de Câmara. Quando ele escova sobre o calendário de apresentação, lembro-me que ele não escolheu o solista de piano. Eu sei que sou a melhor, mas não sei se ele concorda. Sua avaliação das minhas habilidades é tão rude e degradante. Mesmo assim, seu retorno me impele a tentar mais forte, para ser melhor, para agradá-lo.

Ele continua a me olhar enquanto ele fala. É sempre eu quem desvia o olhar em primeiro lugar, a sua intensidade muito potente para fitar por muito tempo e fazendo-me sentir tonta. Mas quando eu volto-me para ele, e eu sempre faço… e noto os dedos trêmulos ou a língua molhando seu lábio inferior, confirmando que eu não sou a única a sentir essa presença mais profunda, essa vibração, entre nós.

O que mudou? Como é que um homem vai de surra a me beijar e a cinco semanas de rejeição para vibrações como se me estivesse fodendo?

No momento em que os últimos badalares do sino esvazia a sala de aula, eu me tornei tão sensível aos brilhos de fogo em seus olhos que ele não tem que me dizer para permanecer sentada. No momento em que estamos sozinhos, ele me paralisa com um único olhar. Um comando silencioso. *Não se mexa.*

Com passos fortes, medidos, ele se aproxima de minha mesa, agarra as bordas externas, e se inclina sobre a curta distância, invadindo meu espaço dessa forma predatória que ele faz.

Ele olha para mim, eu olho para ele, e um formigamento tonto varre meus membros.

— Sr. Marceaux? — Jesus, meu coração vai bater para fora do meu peito. — O que você está fazendo?

— Conte-me sobre Prescott Rivard.

Meu coração para em suas batidas. — Desculpe?

Ele bate o punho na mesa, e o eco bate em sintonia com o baixo *D* de seu timbre. — Me responda!

Meus ombros enrolam para frente, e a minha garganta sela fechada. Ele descobriu? Eu deveria atender Prescott novamente esta noite. E se essa porra de idiota disse sobre mim? Mas por que ele iria? Prescott estaria tão ferrado como eu.

*Jogue com calma. O Sr. Marceaux não sabe de nada.*

— Prescott é meu maior concorrente para Leopold. Mas sou melhor...

— Não isso. — Sua voz se equilibra em uma textura calma. — Conte-me sobre o seu relacionamento com ele fora da escola.

Abro a boca para formar uma mentira, mas as palavras não vêm. Não posso ser desonesta com ele. Eu não sei por quê. Então eu resolvo sobre a verdade simples. — Eu o odeio.

— Por quê?

— Ele dirige ao redor em seu carro de luxo, usando seu sorriso muito-bom-para-todos e é como uma merda de um tampão.

Ele levanta uma sobrancelha. — Merda de um tampão?

— Sim. Como um tampão. Um usado, bruto, pegajoso... Tampão.

Ele esfrega a mão sobre a boca, olhando para mim como se eu estivesse falando outra língua. Largando a mão na mesa, ele aperta os olhos. —Explique o que você quer dizer.

— Você realmente quer que eu...? Certo, tudo bem. Um tampão é repulsivo. Ele incha e se expande com sangue. Ele escorre por todo o lugar e cheira mal e...

— Pare. Por que Prescott é repulsivo?

— Você tem que perguntar?

Ele se endireita, enfia os dedos nos bolsos da frente, e pela primeira vez em semanas, me dá um meio sorriso. — Não, eu acho que não.

O silêncio envolve em torno de nós, mas não é tranquilo. O ar é tão carregado e cheio de batimentos cardíacos que eu me perco na música que ecoa entre nós. O olhar em seus olhos... Meu Deus, é predominantemente sexual. Não em um foda-se eu-a-quero-de-toda-forma. Ele provavelmente está pensando,

mas seu olhar exala o tipo de sensualidade que promete mais, como se passamos o resto da eternidade apenas compartilhando contato com os olhos, seria íntimo e alucinante e perfeito, com ou sem sexo.

É um conceito que luto para compreender. Só de pensar em sexo com ele me torce acima em uma pilha em conflito. Mas eu não preciso compreender ou analisar. Eu sinto.

A cadência das nossas respirações toca uma música suave de necessidade e fome e desejo no fundo, e enquanto essas conotações sexuais não são necessárias em nossa comunicação silenciosa, acrescentam ritmo e sabor ao coração de nossa música.

— Sr. Marceaux? — Eu esfrego as palmas das mãos nas minhas coxas, segurando seu olhar, e sussurro. — Você está compartilhando suas notas.

Linhas se formam em sua testa quando ele agarra a parte de trás do pescoço. — O quê?

— Sinto... As suas notas. Aqui. — Eu toco meu peito, minha voz tremendo. — Elas são escuras e hipnóticas, como sua respiração e seus batimentos cardíacos.

Ele dá um passo para trás, em seguida, mais um passo e outro. A distância não importa. Eu ainda escuto-o. Ainda sinto-o. Ele está dentro de mim.

Afastando-se, ele vagueia através da frente da sala, ziguezagueando, alternando direções, como se ele não soubesse onde está indo. Ele acaba em sua mesa, mexendo com o seu laptop.

— Você está trabalhando hoje o Concerto N°2 de Prokofiev[29], — diz ele, de costas para mim. — Vá se aquecendo.

Droga. Isso é uma parte tão intensa que requer uma quantidade incrível de foco. É por isso que ele escolheu? Para me distrair?

Decepção toca no meu peito enquanto eu estou na mesa e sigo a sua ordem.

Pelas as próximas quatro horas, eu aguento as mãos golpeando e duras

críticas da minha apresentação de piano, o tempo todo lamentando por ter dito a ele sobre a maneira como ele me faz sentir. Eu deveria ter focado primeiro em preparar e nutrir essas palavras antes de jogá-las para fora, meio-formadas, nos ventos da sua volatilidade, com a esperança ridícula de prender e manter sua afeição por mim.

Ele me envia para casa às sete horas, nem um minuto depois, com um imutável coração quebrado e, — Boa noite, Srta. Westbrook.

Só que eu não posso ir para casa. Trinta minutos mais tarde, eu estou sentada no terreno baldio e nos projetos no banco de trás do Cadillac de Prescott, observando-o rolar sobre um preservativo pela sétima vez desde que a escola começou.

Eu posso fazer isso. Enquanto ele não foda minha bunda, algo que ele nunca tentou… Eu vou suportar. Eu sempre faço.

— Eu não deveria estar aqui. — Ele chega debaixo da minha saia.

Meu corpo é insensível, mas não entorpecido o suficiente. Eu sinto seus dedos puxando a minha calcinha. Eu cheiro a cobiça que ele exala no meu rosto.

— Eu fui fundamentado hoje. — Ele arrasta a calcinha pelas minhas pernas e meus pés. — Por dois meses.

Anéis do nada em meus ouvidos. Tudo é muito tranquilo, também sem vida na ausência do Sr. Marceaux.

— Mas eu vou encontrar uma maneira de encontrar -me com você. — Ele me empurra para as minhas costas.

Eu não posso fazer isso novamente. Não posso suportar suas mãos, seus impulsos, os sons de seu prazer. Esta coisa que ele faz comigo, não é estupro, mas ainda se sente forçado, não desejado, temido. Se eu disser que não, ele vai forçá-lo. Talvez eu possa lutar com ele neste momento, mas o que acontece com as minhas contas? Meu futuro?

Ele ergue os joelhos afastados, e eu os empurro juntos novamente.

— O que você está fazendo? — Ajoelhado sobre mim, ele enfia as

calças para baixo de suas coxas.

Os resultados de minhas escolhas são tão ilógicos. Se eu mantiver minhas pernas fechadas, poderia perder minha casa e me transformar em uma prostituta de crack como a minha mãe. Se eu deixar Prescott fazer o que ele quer, eu tenho uma chance de algo grande. Como desarrumado é isso?

Eu empurro minhas mãos contra ele, segurando-o para longe. — Eu não quero isso.

Mas eu quero sim. Eu quero *isso* de uma forma não… necessitando, não forçada, dar e receber. Quero me conectar com um homem da maneira que eu quero que a minha música se conecte com uma audiência. Emocionalmente. Profundamente. Inata.

Eu quero isso com alguém que se importa.

Ele obriga seus quadris entre as minhas pernas e luta com meus braços balançando. — O que você tem?

— Isso. — Eu uso meus braços contra o peito. — Você.

O estrondo gutural de um motor soa ao longe, cada vez mais alto, mais perto, vibrando meu corpo.

Os cabelos levantam em meus braços, e eu esforço meus olhos na escuridão do banco de trás, incapaz de ver.

— Isso é...? — Eu agarro os ombros de Prescott enquanto me monta. Eu tento empurrá-lo, um esforço desperdiçado. — É um GTO?

— Foda-se, se eu sei. — Ele agarra o pau dele, cutucando-o em volta da minha abertura. — Segure firme.

O estrondo do carro está próximo. Próximo o suficiente para parar na rua. Próximo o suficiente para que Prescott levante a cabeça para olhar pela janela traseira.

— Merda, — ele sussurra. — Alguém está aqui.

Gelo enche minhas veias. *Ele está procurando por mim?* Engulo em seco para o ar e empurro contra o peito congelado do Prescott.

*Ele não pode me ver assim. Ele não pode. Ele não pode.*

Eu chuto e pulo, tentando endireitar a minha saia, incapaz de mover o peso de Prescott.

— Mova-se! — Oh Deus, eu não posso fechar minhas pernas.

A porta atrás dele se abre, e a luz do teto acende subitamente machucando meus olhos. Um braço atinge, e num piscar de olhos, Prescott é empurrado do carro e voando para trás, desaparecendo no breu da noite.

Os sons dos grunhidos pesados se harmonizam com o ronronar do GTO em marcha lenta. Eu lido com a saia, arrastando-a pelas minhas pernas, meus olhos arregalados e bloqueados na porta aberta.

Passos se aproxima, o barulho de botas no cascalho. Calças pretas, um colete, em seguida, uma gravata preenche a moldura da porta. Ele se abaixa, e quando seu rosto vem à vista, tudo o que vejo é azul assassino.

Não posso me mover. Não posso respirar. É isso. Ele poderia muito bem me matar, porque minha vida termina agora.

Sem Le Moyne. Sem Leopold. Sem futuro.

Não há mais música com o Sr. Marceaux.

Ele esfaqueia um dedo na direção da rua e rosna, — Obtenha a porra da sua bunda no meu carro!

# 22
# EMERIC



O filho da puta vai morrer.

Deixo Ivory para recolher suas coisas do carro quando eu ataco de volta para o pedaço de merda gemendo no chão. Apesar da minha nuvem de raiva, eu consegui conter todos os socos nas costelas de Prescott, quando eu arranquei-o do banco de trás. Mas, quando ele olha para mim agora, com os braços em volta de sua metade superior, minhas mãos apertam na vontade de quebrar todos os ossos do seu rosto contorcido.

As sombras dos empreendimentos da Cidade Central cobrem o lote vazio. As paredes decrépitas de prédios de apartamentos são mal iluminadas, e os bosques com crescimento excessivo e cheiro de lixo e de abandono. Videiras grossas de folhas escalam postes de luz e fundações em ruínas, formando um véu de proteção na ausência de luar.

Prescott espalha-se de costas, com as calças agrupadas em torno de suas coxas. Um olhar sobre o preservativo que ainda está pendurado em seu flácido pau, e meu controle desintegra. A loucura como eu nunca conheci explode quente e grossa dentro de mim, comprimindo meu peito e queimando meus músculos.

Este é o lugar perfeito para matar alguém. Ninguém vai ver. Ninguém vai se importar.

Eu agacho sobre ele e envolvo meus dedos em torno de sua garganta. — Você está morto.

Ele agarra na minha mão, sugando o ar. — N-não apenas eu. Ela é uma prostituta e f... f... Fode todos.

Fúria primitiva me sufoca, cegando minha visão e nublando minha mente. Eu me movo por instinto, a determinação de volta e dirijo meus dedos duro e rápido em seu peito.

Uma tosse grita de seus pulmões. — Oh Deus, por favor, por favor...

— Você nunca… — Eu conecto com seu estômago. — Toca nela. — Outro soco, no alto de suas costelas. — Outra vez.

Então eu ataco. Os sons dos seus gritos, a dor em minhas mãos, o esforço de minha respiração, tudo isso desaparece quando eu trago a ira do inferno sobre ele. Seus braços atiram para cima, me afastam, mas eu esmurro através dele, batendo cada polegada exposta de seu torso.

— Sr. Marceaux! — O grito de Ivory vem atrás de mim.

Minhas entranhas fervem em seu desafio. — Entra no maldito carro!

Prescott tenta rolar, e eu empurro-o de volta, batendo os punhos contra seu peito.

— Sr. Marceaux, pare! — Ela grita, mais perto agora, polegadas de distância.

Eu estou em uma zona, a minha visão um túnel consumido com sangue e vingança e ossos quebrados. Com cada soco dos meus punhos, suas súplicas e gritos não são registrados... Até que sua boca se move tão perto, sua respiração escova meu ouvido.

— Emeric.

Eu congelo no meio do soco, minhas veias no fogo para terminar este.

Dobrada atrás de mim, ela serpenteia os braços sobre os meus ombros, o peito contra minhas costas e os dedos cavando minha camisa. Com o rosto ao meu lado, ela sussurra: — Você não só vai perder o seu emprego. Você vai para a cadeia. Ele não vale a pena.

Eu chego e agarro a mão dela contra o meu peito arfante. — Mas é você. Você vale a pena.

Ela choraminga e aperta os dedos. — Eu sinto muito. Eu nunca quis... — Ela tenta me puxar de volta. — Por favor. Me leve para casa.

*Por favor.* Rei do inferno, essa palavra em seus lábios.

Eu me lanço para os meus pés, batendo-a para trás com a tensão de meu corpo. Com uma mão em seu braço para equilibrá-la, eu a empurro com a outra na direção do meu carro. — Eu não vou dizer mais uma vez.

Com os olhos arregalados e vidrados, ela abraça a alça da bolsa no ombro e arrasta os pés para o GTO.

O som de vômito tira-me de volta para Prescott. Com as calças no lugar, ele agacha nas mãos e joelhos e esvazia o estômago em um emaranhado de ervas daninhas, soluçando entre cada alçada.

Enquanto espero que ele termine, puxo em respirações profundas e tento convocar uma aparência de controle. Eu não sou um assassino. Inferno, antes do Ivory, eu não tinha balançado meus punhos desde que eu era um adolescente cheio de testosterona.

Eu olho para ela, indo em sua postura derrotada e expressão horrorizada quando abaixa no meu carro. Eu mudo a minha atenção às minhas mãos inchadas, chocado ao encontrá-las tremendo violentamente. Ela me transformou em um animal homicida.

Ela vai pagar por deixar este idiota em seu corpo. Mas as contusões que vai cobrir seu torso para as próximas duas semanas? Isso é sobre mim.

— Levante-se. — Eu agarro seu cabelo, saboreando seus gritos lamentosos quando arrasto-o em direção ao Cadillac e empurro-o para o banco do motorista.

Tremores se contraem ao longo de seus braços magros, com o rosto pálido e encharcado de lágrimas quando ele olha para frente. Não há sangue visível ou inchaço em qualquer parte de sua pele exposta. Se não fosse por sua expressão de dor e as roupas manchadas de sujeira, ninguém saberia que eu só

arrebentei ele.

Com um braço apoiado na parte superior da porta, eu me inclino. — Olhe para mim.

Ele se encolhe, e suas mãos voam para cima para bloquear a cabeça. — Não me bata.

Meus punhos flexionam para atacar, para sentir seu corpo acertado sob a força da minha angústia, mas eu enterro-o, guardo-o. Para Ivory.

Uma vez que ele percebe que eu nem estou balançando, nem vou a lugar nenhum, ele arrasta os olhos vermelhos ao meu.

— Você tem duas opções. — Eu emito cada palavra em voz baixa, de forma deliberada. — Uma. Não diga a ninguém o que aconteceu. Nem uma palavra sobre o que você estava fazendo com a Srta. Westbrook. Deixe aqueles hematomas curar sem revelar a ninguém, e isso vai ser a sua única punição por ter pagado uma menina para ter sexo.

Seus olhos estreitam em um olhar mordaz.

Eu igualo o seu olhar com um que faz com que ele murche. — Dois. Manque em torno como um maldito covarde. Diga a decana o que você fez para ganhar essas lesões, e diga adeus a Leopold. Não importa quanto os meus contatos são poderosos, não haverá um Conservatório no mundo que vai aceitar um candidato que enfrenta acusações de compra de serviços sexuais.

Seus olhos arregalam. — Eu tenho apenas dezessete anos!

— Isso é velho o suficiente para ser cobrado como um adulto e jovem o suficiente para ser o centro das atenções na prisão estadual.

— Oh Deus, oh Deus, isso não pode estar acontecendo. — Ele envolve um braço em torno de seu estômago e me dá um olhar suplicante. — Você não vai dizer a minha mãe?

Eu deveria ter quebrado ele. Deveria ter deixado ele em uma pilha sangrenta para os abutres se alimentarem. — Isso é entre mim e você. Mantenha a boca fechada, fique longe de Srta. Westbrook... E quando eu digo ficar longe, eu quero dizer não pensar sobre ela. Não conversar ou olhar para ela. Apague-a

de sua mente do caralho. Faça isso, e a reitora não vai ouvir do seu crime.

— Ok. — Ele agarra o volante, balançando a cabeça, engolindo. — Eu posso fazer isso.

Não estou convencido. Se ele é meio viciado em Ivory como eu sou, ele não será capaz de ficar longe. Mas, por agora, dar um susto nele é a melhor opção que tenho.

Eu bato a porta e espreito para o GTO.

Será que ela gosta de transar com ele? Será que ela vai me odiar por quebra-lo?

De jeito nenhum. Ela comparou-o a um tampão ensanguentado.

Mas o que acontece com os outros meninos? Outros *clientes*?

No fundo do meu estomago, eu sei que ela não queria estar aqui. Ela nem sequer entendia o conceito de desejo sexual até que ela me conheceu. Mas encontrá-la com outra pessoa é um episódio esmagador para o meu orgulho. Cristo, eu não posso mesmo pôr-me a olhar para outra mulher, mas aqui está ela... Com ele.

Ciúmes arranha seu caminho através de meu peito, roubando meu ar e acelerando o meu andar.

Ela devia ter vindo para mim, confiar em mim, pedi-me para ajudá-la. Em vez disso, ela escolheu isso. *Ele.*

Flashbacks das cenas no banco de trás em minha mente, me atormentando com imagens de pernas abertas, sua bunda, o preservativo.

Minhas pernas tensas se viram, meus punhos formigam para pulverizar sua garganta até que ele pare de respirar. Mas eu continuo andando, focado nela, sobre o que eu pretendo fazer.

De todas as minhas paixões, disciplinar uma mulher é a mais emocionante. A mais excitante. A razão de eu trabalhar e foda-se e respirar. Eu posso fazer isso sem destrui-la. Se eu mantiver meu temperamento sob controle, eu vou ser capaz de abrir algo dentro dela que ela não tem nenhuma ideia. Dor e prazer. Medo e excitação. Dar e receber. Uma vez que ela entenda como essas

coisas funcionam juntas, isso vai mudá-la, fortalecê-la, e amarrá-la para mim de forma irrevogável.

A parte racional de minhas exigências cerebral diz para eu levá-la para casa, sair do meu trabalho, e acabar com essa paixão perigosa. Mas eu já atingi o ponto de não retorno.

Não é mais uma questão de se ou quando.

Hoje à noite, ela vai dobrar para minha punição, tremer para meu toque, e eu vou arriscar tudo para mostrar exatamente o que ela significa para mim.

# 23
# EMERIC



A tensão no GTO é tão sufocante e desorientadora como a minha raiva. Congratulo-me com o silêncio de Ivory, mas o sigilo de seus pensamentos enrola-me mais e mais a cada rua que passa.

Quando acelero após a entrada para Treme, ela gira no assento e exclama.

— Minha casa é... — O olhar dela voa para o meu. — Você não está me levando para casa?

Puxando para cima a uma parada, viro-me para ela. — Será que alguém ira notar se você não voltar para casa esta noite? Sua mãe? Irmão?

Eu pensei que seus olhos estavam escuros antes, mas agora eles são a cor dos pesadelos. Mesmo nos faróis que passam eles me persuade e congela-me os ossos.

Ela olha para seu colo, balança a cabeça, sua voz um tremor muito suave. — O que você vai fazer comigo?

Ela está pensando o pior. Eu escuto nas rajadas serrilhadas de suas respirações, e isso me enfurece. Mas eu não posso culpá-la. Ela observou-me perder a cabeça com Prescott e tão certo como eu posso sentir o medo dela, ela pode sentir a minha necessidade vibrando para a expiação.

Eu chego mais e aperto a sua mão no colo. — Ouça com muito

cuidado, Ivory. — Eu espremo seus dedos trêmulos. — Eu nunca iria bater-lhe com raiva. Quando eu espancar sua bunda, você vai amá-lo tanto quanto você odeia isso. Diga-me que você entende.

Sua respiração engata, e um soluço paira sobre a borda de sua voz. — Você não vai me machucar com raiva. — Ela toca a pele quebrada em meus dedos. — Como você me achou?

— Sebastian Roth estava muito disposto a falar do local favorito para estacionar de seu amigo. — Uma torrente de animosidade invade minha garganta, e eu sou incapaz de pará-lo. — Você está fodendo ele e Prescott? Quantos outros?

Ela tenta puxar a mão, mas eu seguro firme. Seus dedos caem mole quando a minha continua a agitar a partir da adrenalina persistente.

É provavelmente melhor que ela não responda quando eu estou dirigindo. A segundos de detonar, eu sou susceptível de empurrar o maldito carro de uma ponte.

Lasalle Street, quinze blocos, duas voltas, e um portão de segurança máxima depois, aqui estamos nós sentados na minha garagem, prestes a fazer o maior erro da minha vida.

A lâmpada de gás nas proximidades ilumina o interior do carro, mas nós estamos estacionados em torno de volta, envoltos por carvalhos maciços e escondido da rua.

Quando viro no banco de frente para ela, ela não está olhando para a minha enorme propriedade com inveja em seus olhos. Ela não está examinando a paisagem de milhões de dólares com os lábios entreabertos. Ela está olhando para mim. Como se eu fosse a única coisa que existe no mundo. Como se eu sou mais importante do que toda a riqueza em torno dela.

Eu caio impotente em seu olhar, perdido nas sombras da tragédia e medo e negligência. Mas há um brilho de luz nas profundezas escuras. Quando ela oscila mais perto, procurando, meu coração chuta com a realização. Esse pequeno brilho nos seus olhos é a confiança.

Foi quando eu ouvi.

O ritmo das nossas respirações. O tambor de nossos batimentos cardíacos. O crepitar no ar.

Os impulsos de cadência requintados através de mim, despertando sensações que eu nunca senti, compondo uma melodia que eu nunca ouvi.

Nossas hipnóticas, notas escuras.

Isto é muito mais do que punição ou prazeres proibidos.

Ela nunca poderia ser um erro.

— Será que vamos... — Ela inclina a cabeça e procura meu rosto. — Fazer a coisa de vibração durante toda a noite? Eu estou bem com isso, mas não saber o que vem a seguir tem-me... Hum, um pouco nervosa.

Eu passo um dedo em sua bochecha e ao longo de seu lábio inferior. — Diga-me que confia em mim.

Ela mordisca o canto da boca. — Você me deu todos os motivos para não.

Eu largo minha mão, mas ela pega e levanta-a de volta para seu rosto.

— Você também me mostrou todas as razões que eu deveria. — Ela segura as mãos firmemente contra sua bochecha. — Obrigada por me encontrar. — Seus dedos traçam os cortes em meus dedos, e seus olhos brilham com lágrimas. — Por me proteger.

Cristo, esta garota... Ela é minha música, meu lugar nesta vida, a minha parte em tudo.

Eu movo-me e toco meus lábios nos dela. — Você vai me seguir para dentro. — Eu deslizo a mão em seu cabelo espesso. — Você vai me dizer tudo o que eu quero saber. — Eu aperto forte e puxo sua cabeça para trás. — Então eu vou testar a profundidade de sua confiança. Diga *sim*.

Seus olhos piscam com a vulnerabilidade e desespero. Em seguida, ela pisca, respira e relaxa na minha espera. — Sim, Sr. Marceaux.

# 24
# IVORY



Eu sigo o Sr. Marceaux através das vastas, ecoantes passagens de sua monstruosa mansão. Entre as perguntas que eu vou ter que responder e qualquer punição que se seguirá, minhas pernas ameaçam curva-se com cada passo.

Ele toca a parte inferior das minhas costas e me dirige para frente. Estranhamente, os tremores na sua mão me dá força. Como se talvez ele estivesse tão apavorado como eu estou.

Seus dedos estiveram tremendo desde que ele subiu para o GTO, sua respiração flutuando em volume e ritmo todo o caminho até aqui. Eu estou bem familiarizada com os indicadores de um homem em necessidade, mas este se sente diferente, mais seguro de alguma forma. Talvez seja porque ele não está me atacando como os outros homens que eu encontrei. Ou talvez seja porque a mão na minha costa está me *guiando*, não me forçando.

Passamos uma sala de estar cheia de móveis de couro de pelúcia, uma sala de lareira, com mais sofás, e uma cozinha enorme brilhando com aço inoxidável. Comparado com o exterior gótico vitoriano sombrio de pedra e torres, o interior é quente e brilhante, exibindo o tipo de luxos que não tenho certeza se o salário de um professor pode pagar.

Lustres de ferro forjado, longas cortinas pesadas, pisos de madeira brilhante, papel de parede preto do damasco, é tudo tão parecido com o velho-

mundo, mas moderno ao mesmo tempo. Tal reflexão profunda de sua personalidade. Ele parece ser uma velha alma tão nobre no sentido de que ele gosta de conhecimento e de verdade, essas perseguições interessa-o muito mais do que as últimas fofocas ou automóvel de alta tecnologia. Mas depois de dois meses de aulas, aprendi que ele também aprecia a transitoriedade da vida, as tendências passageiras, e a forma como as pessoas e a música mudam ao longo do tempo.

Depois de inúmeros quartos, uma escada em espiral que envolve o átrio, e um labirinto de corredores, eu perdi meu rumo. Por que um único homem precisa de tanto espaço?

Eu realmente não me importo quanto dinheiro ele tem ou de onde vem. Estou mais interessada no próprio homem, o que ele tem planejado, e onde ele está me levando.

— Sr. Marceaux?

— É Emeric. — Ele para, vira o meu rosto para ele, e acaricia a ponta do polegar na minha bochecha. — Eu sou o Sr. Marceaux quando eu sou seu professor.

Seu toque dispara um arrepio pela minha pele e eletrifica meu coração. — Se você não é meu professor agora, o que você é?

Os mecanismos em seu relógio marcam ao lado do meu ouvido enquanto ele desliza os dedos pelo meu cabelo e mantém a minha cabeça no quadro das suas mãos. — Eu não acho que você está pronta para ouvir isso.

Talvez não, mas acho que ele está me mostrando. Quando eu olho para o azul tempestuoso de seu olhar, as arandelas de parede, portas em arco, e madeiras escuras no corredor todas derretem no esquecimento. Ele está usando o rosto mortalmente sério, aquele que diz *eu quero foder você* e muito mais.

Aquele olhar em seus olhos transforma meu interior de cabeça para baixo, puxando minha respiração através de uma névoa diáfana de felicidade e confusão. Ele não modera a fome em sua expressão, mas não age sobre ela, tampouco. É como se ele a está deixando construir naturalmente, mantendo

contido. Como se ele estivesse apreciando a forma como isso o faz sentir, sem a empurrar contra mim.

Eu poderia ficar aqui e olhar para ele toda a noite, em seus traços de modelo perfeito, a barba que mal está lá em seu queixo esculpido, e a dança de calor em seus olhos. Meus dedos formigam para correr através de seu cabelo novamente. Suavemente, embora, ao contrário do jeito que ele esfaqueia suas mãos através dos fios negros quando está irritado.

Ele é apenas... Então... Malditamente lindo. De uma maneira demasiado quente para ser um professor. Mas é o seu autocontrole que eu estou mais atraída no geral. Engraçado isso, desde que ele mostrou zero contenção com Prescott. Ou talvez ele fizesse? Prescott ainda está respirando.

Quando se trata de mim, porém, seu controle é evidente em sua expressão tensa e respirações ainda mais apertadas. Ele quer, mas ele não toma. Isso só me faz sentir mais atraída por ele.

Eu seguro as mangas reunidas nos cotovelos e deslizo os dedos ao longo de seus braços musculosos. — Posso enfaixar suas mãos?

— Mais tarde. — Seu rosto se move uma polegada mais perto.

— Eu não entendo, Sr. Mar… *Emeric*. Você passou de palmadas para cinco semanas de nada para balançar os punhos para... — Eu hesito em alcançar e tocar seu acolhedor, rosto esculpido. — Pare de me olhar assim. Por quê?

— Bem, alguma coisa aconteceu recentemente. — Ele me dá um meio sorriso. — Cerca de dez minutos atrás. — Ele vira o rosto para a minha mão e pressiona os lábios contra meu pulso. — Eu tive uma epifania.

No carro? Minha frequência cardíaca aos pulos. — O que você quer dizer?

— Eu percebi que estive em negação desde... — Seu olhar reduz a minha boca momentaneamente, em seguida, retorna para os meus olhos. — Por um tempo.

— Negação sobre o quê?

Ele dá um passo mais perto, acaricia as mãos pelo meu cabelo, e segura

a minha bochecha contra seu peito. — Não vamos dar-lhe um nome ainda.

*Amor* aparece em minha mente, espontaneamente, rapidamente seguido por abraço. Instintivamente, meus braços envolvem em torno de seu torso. Minhas mãos seguram a parte de trás do seu colete de lã, e músculo por músculo, eu relaxo contra ele. Seus dedos trilha na minha espinha, rematando arrepios da minha cabeça para os dedos dos pés. O círculo de seus braços aperta, e cada molécula dentro de mim torna-se hiperconsciente de cada polegada de seu corpo.

Sua altura elevada e físico duro é intimidante e protetor, imóveis e quente, estranho e maravilhosamente bom.

Meu pai costumava me abraçar, e eu sinto falta daquele amor com excruciante dor de cabeça. Stogie ama-me em um não-afagar, forma de um tio protetor. Mas essa é a extensão da minha experiência com o conceito.

Explorando algo como amor com Emeric é terrivelmente imprudente. Ele é muito volátil, imprevisível e absurdamente intenso. Será que ele ira dar-me um dia e levá-lo de volta no próximo? Será que ele me insultara com isso, fazendo-me implorar por ele, e irá usá-lo contra mim?

Mesmo assim, eu preferiria recebê-lo em doses a nunca tem nada disso.

Só que ele é meu professor. Ele, especificamente me disse que eu não posso me apaixonar por ele. E ele ama outra mulher.

Por que exatamente estou com ele? Meu estômago ferve com ciúme e medo, mas não faz tanto mal com os braços segurando-me perto e sua boca descansando no topo da minha cabeça.

Seja o que for... Esta coisa que ele tem estado em negação, parece estar a fazer o seu coração disparar. Ou talvez seja o abraço fazendo suas batidas pesadas contra a minha orelha. Talvez seja tudo a mesma coisa.

Eu inclino minha cabeça e olho para ele. — Você está com medo?

Ele me libera e anda para trás, seu foco em sua mão enquanto ele suaviza abaixo da gravata listrada de preto e branco.

Eu cerro os dentes. Droga, eu quero que ele possua seus sentimentos,

não puxá-los para trás e escová-los. Eu abro minha boca para dizer exatamente isso, mas seus olhos enlaçam os meus, e eu me esqueço de respirar.

Esse momento... Meu Deus, ele se sente como uma vida em formação. Suas mãos enrolam em volta do meu pescoço, puxando-me para um beijo tão desgastante que me toca em todos os lugares. Segundos passam como horas. A carícia de sua boca rouba a força de meus joelhos. No instante em que oferece a sua língua, um arrepio de eletricidade corre selvagem por toda a minha pele. Seu gemido vibra contra meus lábios, provocando um pulsar quente entre minhas pernas. E a sua resposta...

— Sim. — Suas mãos colam na minha garganta, confortavelmente, possessiva, quando ele beija um caminho arrepiante e aniquilante ao meu ouvido, — Eu estou com medo.

Meus dedos encontram seu cabelo e puxa sua boca de volta para a minha. — Medo de?

— Ser pego. — Ele nos vira, pressiona minhas costas contra a parede, e sussurra entre embriagadoras lambidas ao longo de meus lábios. — Ir para a cadeia.

Eu quero discutir, mas eu não tenho voz, sem fôlego, apenas a sua boca pecadora e o apoio de seu peito forte contra o meu.

Ele move a cabeça, entrelaçando nossas línguas, mais profundo, mais rápido, e eu flutuo nas correntes térmicas contorcendo entre nós. A frente da minha calcinha se sente molhada, a temperatura do meu corpo marcado para níveis febris. O algodão da minha camisa e o elástico do meu sutiã coça e aperta minha pele. Quero-os fora.

— Estou com medo de machucar você. — Ele inclina a cabeça na direção oposta, um novo ângulo, comendo em minha boca como se ele não pode chegar a uma profundidade suficiente. — Mas eu não vou parar, Ivory. — Outro beijo faminto. — Você é minha.

O sentimento de pertencer incha no meu peito. É uma sensação tão grande e cheia e excessivamente boa para ser verdade. Eu não sei se posso

confiar nele. Quando eu vacilo, o seu calor e força desaparece, deixando-me balançando contra a parede.

Ele agarra meu pulso e me puxa à frente dele no corredor, me dirigindo para frente. Eu tento um passo vacilante, mas ele está atrás de mim, seus dedos fortes correndo por minha cintura, sobre meus quadris, e enrolando em torno de minhas coxas.

Sua boca traça a linha do meu ombro e belisca ao longo do meu pescoço. Ele faz uma pausa no meu ouvido, seu tom rouco. — No último quarto à direita.

Com uma inspiração surpreendente, eu ando à frente. Seus passos trilha alguns passos para trás, e eu não posso ajudar, mas levantar meu pescoço para sustentar seu olhar aquecido. Quando eu chego à porta, eu giro e me volto, a minha atenção paralisada por todas as emoções sem nome no endurecimento de sua expressão feroz.

Eu deveria estar ansiosa. Eu deveria estar porra de apavorada. Mas ele não é Lorenzo ou Prescott ou os inúmeros outros que me fazem querer morrer. Emeric fez-me sentir mais viva esta noite do que eu senti em dezessete anos.

A minha visão periférica pega uma cama, alguns móveis, os lotes de cinzas e pretos. O quarto dele? Eu não olho ao redor, não desvio os olhos do homem que está colocando em risco sua carreira, sua liberdade, para estar comigo.

Ele anda mais perto, sua esmagadora proximidade me perseguindo para trás, devagar, sem fôlego, mais fundo no quarto. Será que ele vai fazer suas perguntas agora? Será que a verdade vai dar nojo nele ao ponto de ódio? Tem havido tão poucas pessoas em minha vida que creem em mim. Eu não posso suportar a idéia de perder esse olhar protetor no seu rosto.

Ele agarra a minha cintura e me puxa contra ele, sua voz baixa e gutural. — Você não tem idéia o que isso faz para mim.

— O quê?

— A maneira como você olha para mim como se eu valesse mais para

você do que isso, — ele olha ao redor do quarto... — uma grande casa de fantasia.

Chamas varrem como lava através de meu rosto. O que ele está dizendo? Isso porque eu sou pobre, eu deveria estar deslumbrada e aberta em seus bens materiais? Eu me importo mais sobre ele do que todo o dinheiro do mundo. Mas talvez eu não devesse. Talvez ele pense que eu sou uma colegial apaixonada.

Eu estreito meus olhos. — A moldagem neste lugar... Está em toda parte. Projetos recortados no teto da sala de estar, painéis quadrados nas paredes, trilhos de cadeira que correm o comprimento do corredor. Eu poderia descascar tudo fora e penhorar enquanto você está...

— Pirralha. — Seu belo rosto divide-se em um sorriso quando ele me arrasta para trás e me coloca na borda do colchão.

Ele me deixa lá e avança para a cômoda. Quando ele esvazia seus bolsos, sou atingida com uma forte dose de realidade. Estou no quarto de Sr. Marceaux. Sentada em sua cama. Vendo-o fazer coisas, coisas pessoais em seu espaço privado, que ninguém mais na escola testemunhou.

De costas para mim, ele coloca a sua carteira e as chaves em um prato de madeira. Seu telefone e relógio automático em seguida. O colete cai sobre as costas de uma cadeira de couro duro. Sua gravata segue.

Quando as mãos caem para seu cinto, minha respiração pega.

Ele desloca-se para me encarar, seus dedos lentamente desabotoando a fivela. — É hora de abordar a questão que tenho evitado.

Meu estômago se agita, e uma onda de arrepios de vertigem através de mim.

Ele desliza o cinto livre, e enrola-o em uma bobina, e define-o na mesa de cabeceira ao lado da cama.

— Sem mentiras. — Ele aperta as mãos atrás das costas, ombros quadrados esticando a camisa branca de botão sobre o peito, e seu olhar endurece. — A omissão é o mesmo que mentir.

*Merda!* Eu aperto meus olhos fechados. Merda, fodida merda.

— Ivory.

Abro os olhos e encontro-o me estudando. Claro, ele está. Sempre observando. Sempre vendo demais. Eu mordo meu lábio. Isso não vai acabar bem.

— Eu provavelmente vou perder minha calma novamente. — Ele olha para seus sapatos, sorrindo para si mesmo. — Desde que eu não consigo controlar meu temperamento onde você está em causa. — Ele olha para cima debaixo de um véu de cílios grossos. — Lembre-se do que eu disse sobre isso.

Minhas sobrancelhas puxam quando eu penso de volta. — Você nunca bateu numa mulher com raiva?

— Boa garota.

Meus pulmões se expandem, inalando essas palavras.

Ele se ajoelha diante de mim, seu peito tocando meus joelhos fechados e as mãos nos meus quadris. — Eu sei que você precisa de dinheiro. Eu deduzi que Prescott e Sebastian pagam você. — Seus olhos faíscam de raiva. — Diga-me como e quando o acordo começou.

Eu quero acariciar seu rosto, mas os ângulos de sua estrutura óssea parecem de repente muito afiados, também intocáveis. Então eu coloco minha mão sobre a pele quente de seu antebraço, onde ele repousa ao lado de minha coxa. — Eu vou dizer a você. Eu prometo. Mas o que vai acontecer com a minha educação e Leo...?

— Leopold não é aqui nem lá. Esta não é uma conferência de aluno-professor. — Ele se mexe, agarra a barra da minha saia, e empurra até minhas coxas, até que ela fique logo abaixo da minha calcinha.

Eu mantenho meus joelhos juntos, mas não luto com ele.

— Isso é você e eu, Ivory. — Seus dedos deslizam sob o tecido reunido, traçando a curva escondida entre as minhas pernas e quadris. — Nós somos apenas um homem e uma mulher, um momento íntimo de honestidade.

Eu gosto do som disso, quase tanto como o toque suave de seus dedos.

A censura e silêncio se estende entre nós, durante os quais não é contado ou pesado. Eventualmente, suas carícias me acalmam o suficiente para eu falar.

— No primeiro ano, eu estava desesperada por amigos, desesperada para me ajustar, e me ofereci para ajudar alguns dos meninos com a lição de casa. — Suor deixam minhas mãos escorregadias, e eu fecho-as ao longo do vinco das minhas coxas nuas cerradas. — Somente os meninos me procuraram por ajuda. Prescott e seus amigos. Em algum ponto no primeiro ano, minha tutoria se transformou em eu fazendo a lição de casa para eles.

— E o que eu vi no carro?

— Eles tocaram e beijaram e levaram coisas que eu não queria dar.

Emeric sobe as mãos e arrasta através de seu cabelo como violentos confrontos sinfônicos e vibra em seus olhos.

— Eles *pegaram* coisas... — Ele deixa cair os braços e flexiona seus punhos em seus lados. — Explique isso.

Digo-lhe como eu ameacei parar de ajudá-los, como eles se ofereceram para me pagar se eu continuasse, e quanto eu precisava da renda para manter a minha casa. Até o momento que chego à parte sobre eles tomar mais do que a lição de casa, Emeric está andando uma pista furiosa através do quarto.

Se ele vai queimar a vapor, ele tem o espaço para fazê-lo. Quero dizer, é o maior quarto que eu já vi, sem nada no chão para fazê-lo tropeçar. Para um cara, ele é surpreendentemente organizado.

E para uma garota que está em uma jaula com um leão andando, sinto-me estranhamente distante. Livre mesmo.

Finalmente expressar essas coisas está me liberando, e ele absorve cada palavra como se estivesse vivendo isso, sentindo. Sim, ele está com raiva, mas ele não a tem quando se dirige para mim. Ele se importa o suficiente para ficar com raiva *por* mim.

Ele para diante de mim, com o rosto vermelho como os nós dos seus dedos inchados. — Você disse que não?

Dirigindo os olhos para o seu Doc Martens, eu aceno. — Por um

tempo.

— Defina um *tempo*.

— O primeiro par de anos.

— A violaram. Por *anos*. — Sua voz mordaz rola abaixo. — Olhe para mim!

Meu olhar salta para o seu. O horror gravado em seu rosto faz meu coração bater tão forte que dói.

Como posso explicar essas coisas embaraçosas quando eu nem tenho certeza sobre qualquer coisa? — Eu não sei.

— Não há nenhum *eu-não-sei* sobre isso, Ivory. — Ele agarra a parte de trás do seu pescoço com ambas as mãos e o ritmo em um círculo apertado. — Você estava disposta ou você não estava. Qual é?

— Às vezes, sinto-me presa pelas circunstâncias. Às vezes, sou pressionada. Outras vezes, eu apenas deixo isso acontecer.

— Você acabou de deixar que isso aconteça, — ele ecoa com veneno. — Besteira!

O rugido de seu grito engata meus ombros. Ele gira e bate o punho na parede, arrancando um suspiro da minha garganta.

Eu pulo da cama, empurrando minha saia para baixo quando cautelosamente me aproximo das suas costas. — Emeric.

Ele dá um soco, outro buraco, e outro, flexiona seus braços e contrai com o impacto, poeira e rocha da parede explodem em torno dele.

— Emeric, pare!

Respirando pesadamente, ele coloca um antebraço na parede, descansa a testa em seu braço, e angula a cabeça para olhar para mim. — Qual desses filhos da puta levou a sua virgindade?

— Ninguém no Le Moyne. — Eu chego mais perto, ao alcance do braço. — Eu já estava... — *Usada. Arruinada.*

Ele estende a mão e me arrasta contra ele, prendendo-me entre o seu peito arfante e a parede.

Sangue e poeira cobrem os nós dos dedos da sua mão, ele levanta para acariciar gentilmente meu rosto. — Então há mais que você não me disse.

Mais homens que tomaram. Mais verdade para compartilhar. Vou contar-lhe tudo, porque ele não me empurrou, nem uma vez me olhou com repulsa.

Ele deixa cair sua testa na minha, dedos descansando contra a minha bochecha, e diz baixinho: — Eu quero chicoteá-la por ser tão maldita mal informada sobre estupro.

Mas eu estou aprendendo as diferenças, bem como em quem confiar e quando pedir ajuda. Eu sempre achei que o lugar mais seguro para ir estava na minha cabeça, que ninguém poderia me machucar lá. Mas estando entre uma parede rebentada e o homem furioso que a destruiu, eu nunca me senti mais segura.

Eu seguro a sua mão no meu rosto e encontro o seu olhar apaixonado. — Eu confio em você.

Todos os meus segredos repugnantes finalmente me alcançaram. Mas, pela primeira vez na minha vida, eu não tenho que enfrentá-los sozinha.

# 25
# EMERIC



Meu autocontrole é uma piada maldita, e a parte impassível do meu cérebro está perdida debaixo de arrepiantes imagens de Ivory encurralada, ferida, e sozinha. Minhas mãos tremem enquanto eu oscilo à beira da brutalidade maníaca, consumido com o tipo de dor de cabeça latejante que só pode ser confortado pelo derramamento de sangue.

Eu sabia que havia abuso sexual, mas parte de mim acreditava que era no passado, como se tivesse sido um único momento terrível em sua vida. Eu nunca imaginei anos de estupro.

Quantos filhos da puta eu vou ter que matar? E enquanto eu estou matando meu caminho através de seus pesadelos, como vou me impedir de me tornar o pior de todos eles?

A visão de Ivory do sexo é mais provável totalmente danificada para o inferno. Como ela vai responder ao sexo comigo? Será que ela vai congelar? Eu estou empurrando-a muito rápido? Que porra é essa que eu faço agora, se alguma coisa, em relação ao nosso relacionamento?

Meu coração troveja mais alto, mais rápido, meus músculos em expansão, com a direção de meus pensamentos.

— Hey. — Ela segura minha mão ferida contra sua bochecha. — Você está ficando todo tenso novamente.

Eu acho que ela pode ser mais louca do que eu sou. Ela não encolhe ou tenta colocar uma distância segura entre nós. Em vez disso, ela me dá um sorriso gentil e olha para mim com grandes olhos castanhos cheios de confiança.

Sim, eu a trouxe para casa para mantê-la segura, mas ela não tem idéia o quão perto eu estou de agarrá-la. Todo o meu corpo treme para dobrá-la e fode-la tão duro para que ela se lembre de mim. E isso vai destruí-la.

Eu passo para trás e esfaqueio um dedo trêmulo para a cama. —Sente-se.

Ela suaviza a saia e segue o meu comando, olhando nervosamente para o cinto na mesa de cabeceira.

Minha mão se sente quente e dolorida, meu braço tenciona para balançar o cinto. Menos por causa da raiva e mais porque eu estou desesperado para colocar toda essa merda atrás de nós e passar o resto da noite banhando ela em êxtase orgástico.

Mas não é como se eu pudesse simplesmente ir para ela com um cinto na mão. Isso iria sabotar a confiança dela. Eu tenho quero ensinar-lhe que há um tipo melhor e mais significativo de dor do que ela tem experiência. O tipo disposto.

Para fazer isso, eu tenho que me recompor.

Com respirações medidas, tomo um momento para entrar em sua beleza, absorvendo seu perfeito nariz arrebitado, tez amarelada e cabelo brilhante escuro. Mas é a ousadia em seus olhos, a força em seu sorriso, e a potência de sua aura que me acalma. É impossível não gravitar em direção a ela, para não ser cativado pela graça e tenacidade que ela emana.

Quando eu olho para ela, eu percebo com clareza surpreendente que ela não precisa de mim para matar seu passado. Ela já viveu isso e saiu do outro lado com mais firmeza do que qualquer pessoa que eu conheço.

Mas ela precisa de mim para ouvir, para apoiá-la sem perder a cabeça, e acima de tudo, para protegê-la de danos futuros.

Com um pulso firme e a dor de cabeça cedendo, eu me junto a ela na

beira da cama, meus pés ao lado dos dela no chão. Inclinando-me sobre seu colo, eu alcanço os tornozelos. Eu desprezava seus sapatos-colados juntos desde o primeiro dia, quando eu deslizei-os em seus pés. Eles não são suficientemente bons para ela e vê-la caminhar ao redor neles semana após semana me faz querer dar-lhe cada centavo que eu tenho.

Eu empurro os pequenos sapatos pretos fora de seus pés e deixo-os cair no chão. Se ela soubesse quantos de seu tamanho e sete substituições que eu comprei para ela. Todo o armário de maldição atrás de mim está cheio, não apenas com sapatos, mas roupas e bolsas e... Jesus, eu pareço como um psicopata, mesmo na minha cabeça.

Eu nem mesmo sou um comprador. Odeio isso. Mas, nas últimas cinco semanas foi a forma mais benigna que eu encontrei para canalizar minha inadequada obsessão por ela.

Reunindo ela de lado no meu colo, eu recuo até o colchão e reclino contra a cabeceira.

Com os meus braços em volta de sua delicada estrutura, eu a acaricio de volta. — Conte-me sobre sua primeira vez. Quantos anos você tinha?

Ela repousa seu rosto no meu ombro, sua voz falhando. — Você primeiro.

Uma resposta indignada se constrói na minha garganta, mas eu engulo-a, lembrando-me que a honestidade vai aos dois sentidos.

Eu beijo sua têmpora. — Eu tinha dezesseis anos. Ela também. A namorada de verão. Foi... — *Doce. Desajeitado. Baunilha*. — Sem complicações. Nós terminamos pouco depois.

Ela agita o meu botão da camisa sob o queixo. — É louco que eu quero caçá-la e arranhar seus olhos para fora por ser a primeira que ficou com você?

Uma risada sai em rajadas de meu peito enquanto eu flexiono minha mão inchada no colo. — Se isso é loucura, eu provavelmente devo estar comprometido. — *Por ser incontrolavelmente, insanamente, violentamente protetor desta garota.*

Ela ri suavemente, seus dedos traçando círculos em torno da bagunça em meus dedos. — Eu quero limpar suas mãos.

— Quando nós terminarmos.

Em sua posição lateral no meu colo, ela se inclina contra o meu peito e engancha um braço em volta da minha parte inferior das costas, pressionando o rosto no meu pescoço, como se quisesse me manter perto.

Eu não estou indo a lugar nenhum.

— Eu tinha treze anos a minha primeira vez.

Fecho os olhos e lembro-me de respirar.

— O amigo do meu irmão fez isso, atrás da minha casa, nas escadas.

Eu fervo. Maldição, eu fervo por todos os poros do meu corpo. Seu irmão é nove anos mais velho que ela. Se o amigo tem a mesma idade, este molestador imundo doente tinha vinte e dois anos quando fodeu seu corpo de treze anos de idade.

É tudo o que posso fazer para apenas sentar lá, segurá-la contra mim, e não explodir em um rugido, ajuste balístico de fúria. — Idade dele?

Ela se desloca para cima do meu peito e passa os braços em volta dos meus ombros, descansando a testa contra o lado da minha. — Mesma idade que você.

Eu sei que estou apertando-lhe muito forte, quando ela chia e cava as unhas em meu pescoço. Perguntas se acumulam no meio das vibrações rosnadas na minha garganta, mas não há nenhuma maneira que eu possa formar sons sofisticados agora, iremos apenas com poucas palavras.

Ela aninha-se no meu ombro como se estivesse confortando um maldito cão raivoso. — Eu disse a ele que *não*, lutei com ele, *odiava* aquilo. Eu sei o que isso significa agora, mas eu não entendia.

— Ivory...

— Apenas deixe-me terminar. — Ela inclina para longe do meu peito, olhando para a porta de entrada para o banheiro quando brinca com seus dedos com os botões da minha camisa. — Depois que isso aconteceu, eu estava muito

idiota na minha cabeça. Eu deixei todos e qualquer pessoa fazer sexo comigo, como se eu estivesse tentando provar a mim mesma que não era fraca. Eu não queria chorar por isso. Eu queria possuir isso por minha própria conta, como… "Eu tenho isso. *Eu* estou fazendo isso." E ele e ele e...

— Quantos? — Eu mordo para fora com os dentes cerrados.

Ela pisca e balança a cabeça. Quando ela pisca novamente, seus olhos brilham com lágrimas. — Não funcionou do jeito que eu queria.

— Pare de choramingar e me diga quantos *deles* estiveram lá.

Sua mandíbula aperta, e ela me olha, com um olhar encharcado de lagrimas. — Eu não sei, ok? Sessenta? Oitenta? Mais? Eu não contei, porque eu não quero saber!

Meu estômago endurece. Foda-me, eu sou dez anos mais velho do que ela, e sessenta é duas vezes mais parceiras que eu já tive. E isso é o seu número menor.

Sua atenção retorna para o banheiro. — Vá em frente e diga. Eu sou uma vagabunda. Uma puta nojenta.

Eu capturo o queixo em um aperto duro e empurro seu rosto ao meu, meu tom grosseiro. — Nunca coloque palavras na minha boca.

Quando eu a deixo ir, ela puxa os joelhos até entre nossos peitos, a sua bunda firme cavando em minhas coxas onde ela senta-se lateralmente no meu colo. Suas pernas se contorcem para fechar incrivelmente apertadas enquanto ela olha para o banheiro novamente. Meu primeiro pensamento é que ela precisa fazer xixi. Mas, dada a conversa, eu sei que há algo mais acontecendo.

Enfio o cabelo atrás da sua orelha e arrasto os dedos em seu pescoço. — Será que Prescott... Tocou-a ou teve sexo com você antes de eu chegar hoje à noite?

Ela abraça seus joelhos, sua expressão escurecendo. — Não.

Eu não penso assim, mas ser pega nessa situação está provavelmente fazendo um número em sua cabeça. — Diga-me por que você está olhando para o banheiro.

Seus cílios varrem para baixo. — Eu realmente gostaria de... Tomar um banho.

— Por quê?

— Eu estou suja, — ela sussurra.

Meus dentes apertam. Vai demorar uma fodida tonelada de tempo e paciência para reparar sua dignidade, e eu estou começando essa porra agora.

— Você sabe o que aconteceu no momento em que rasguei Prescott fora daquele carro? Afirmei propriedade sobre você. Eu sei que você não entende o significado disso, por isso vou torná-lo simples. — Eu aperto a sua garganta e mantenho seu olhar. — Você é minha. Isso significa que cada polegada de seu corpo lindo, cada pensamento em sua cabeça, e cada palavra que sai de sua boca pertence-me. Chamar-se de suja ou qualquer outro adjetivo ofensivo é um insulto a *minha* garota, algo que eu não vou tolerar. Diga-me que você entendeu.

Sua garganta relaxa contra a palma da minha mão, os olhos arregalados e avaliando. — Eu entendi.

Porra linda.

Eu libero seu pescoço e toco a união de seus joelhos fechados. — Abra as pernas.

O ajuste fino da saia não vai permitir muito, mas eu só preciso de espaço suficiente para a minha mão.

Ela olha para os dedos e os olhos arregalados piscam ao meu. Tudo o que ela vê em meu rosto suaviza as rugas de preocupação no dela. Seus braços caem para os lados, e a cada respiração, ela abre os joelhos.

Porra, eu quero deixa-la nua e saborear cada curva gloriosa e inclinação de seu corpo. Nós vamos ser tão fodidamente selvagens juntos, imprudentes e lutando, confusos e bêbados de prazer. Sinto a promessa da agitação no ar entre nós, balançando minhas pernas debaixo de sua bunda, e alisando a palma da minha mão quando eu deslizo os dedos ao longo da parte interna da sua coxa.

Quanto mais fundo eu chego debaixo da saia, mais quente e mais

úmida sua pele fica. Eu vejo sua expressão por sinais de pânico e polegadas mais perto de sua boceta.

A uma polegada do meu destino, eu acaricio sua coxa, provocando-a. — Eu não vou apagar o seu comentário se auto-odiando com palavras floridas de como *você é bonita e sexy e perfeita*, porque eu suspeito que você já ouviu tudo isso, o mais provável é que foram proferidas em respirações pesadas que a assombra quando você dorme.

O seu lábio inferior treme, o resto de seus movimentos ainda é rígido.

— Em vez disso, eu vou lhe mostrar exatamente quão *não suja* você é. — Eu toco a frente de sua calcinha.

Cetim úmido atende meus dedos, e meu pau empurra contra seu quadril. Cristo, eu quero ela. É essa ampliação, a sensação de constrição na base da minha espinha, fazendo minhas coxas tencionar e minhas bolas apertar. Eu não sei como vou me deter de tomá-la como qualquer outro idiota bárbaro uma vez que eu remover as barreiras entre nós.

Seus olhos bloqueiam nos meus enquanto ela agarra meu braço, não me afastando, mas deslizando os dedos ao longo do músculo, como se sentindo a forma como ele se move.

Eu torço meu pulso e deslizo um dedo abaixo da borda do cetim entre a perna e a boceta. Com um curso longo, lento, eu deslizo meu toque de sua abertura para o clitóris, separando sua carne e saboreando a sensação de cabelos curtos macios. Enquanto eu faço outra varredura, e outra, ela cresce mais molhada e úmida. Sua boceta incha, as pernas tremem, e eu sinto a porra de uma emoção com a idéia de dar-lhe o prazer de uma maneira que ninguém fez antes.

Ela planta seus pés no colchão, agarrando-se ao meu braço com as duas mãos. Seus peitos cheios sobem e descem quando o som sedutor de suas respirações persegue o silêncio do quarto.

Seus lábios se separam, seu traseiro esfrega contra meus quadris, e a sensação de sua excitação revestindo meus dedos me liga de uma maneira que eu nunca apreciei. Isto atinge muito mais profundo do que a pressão rígida entre as

minhas pernas. Ela está em minhas veias, ardente e sem peso. Ela está na minha cabeça, como um sussurro de promessas. Ela está no meu coração, suavizando-o, emendando-o e tornando-o a bombear novamente.

Eu removo minha mão e levanto-a para a minha boca. Segurando seu olhar, eu chupo cada dedo limpo, lenta e deliberadamente. — Você tem um gosto sujo, Ivory. Na mais agradável deliciosa sensação viciante da palavra.

Seu queixo cai em um suspiro silencioso. Ela fecha a boca, abre-a novamente, mas eu a corto com um beijo. Minhas mãos deslizam sobre o rosto e os cabelos, segurando-a para mim quando eu caço sua língua, pego-a, e emaranhando-a com a minha. Ela me segue, com as mãos na cabeça, gemendo em minha boca e lambendo seu gosto dos meus lábios.

Necessito dela enrolada e apertada no meu corpo. Os rangidos do quadro da cama quando eu a beijo mais profundo puxo-a para mais perto, perseguindo-a com os dedos e dentes, silenciosamente exigindo que ela tome tudo o que eu lhe dou, porque é tudo dela. Eu sou dela.

Ela move os lábios sobre os meus, a voz rouca. — Porra, você... Você realmente sabe beijar.

Seu exalar sensual esculpe um espaço em meus pulmões, e com cada uma de suas pequenas respirações, os espaços crescem mais amplo e mais completo. Quando ela limpa a garganta, eu ouço a pergunta na inspiração que se segue. *E agora?*

Eu tenho minhas próprias perguntas, mais irão ficar para os minutos finais da noite. Embora ela não tenha comido, exaustão pesa sobre suas pálpebras, e não estamos deixando este quarto até que ela aprenda uma lição crucial.

Com grande relutância, eu a removo do meu colo e coloco-a na cama. Seu olhar cai instantaneamente para a tenda em minhas calças. Ela pode muito bem se acostumar a isso.

Eu fico e agarro meu comprimento rígido, forçando-o de lado em minhas calças. — Muitas semanas atrás, você disse que não queria ser

amordaçada, amarrada, e tudo aquilo que você acha que acompanha essas coisas. — Estendo a mão para o cinto e o dobro ao meio, segurando apertado nas extremidades. — Mas você já pensou sobre isso.

Ela olha para o cinto de couro e esfrega as mãos sobre o colo. — Eu... Eu não me importei com a surra.

— Isso é uma meia-verdade. Tente novamente.

Frustração enruga a sua testa. — Ok, eu gostei. Mas isso não faz muito sentido. Era humilhante e doloroso.

— Defina a dor.

— Foi... Eu não sei. Isso deveria ter me assustado. Em vez disso, só me fez sentir quente e toda alterada. Talvez porque você não me assusta. Porque eu... Eu gosto... — Ela deixa cair o olhar para suas mãos.

— Olhe para mim.

Ela faz, seus dentes serram ao longo de seu lábio. — Eu gosto de você. Você me faz querer coisas que eu nunca... — Ela olha para o lado e rapidamente retorna para mim. — Quero suas palmadas e beijos e... *Mais.*

— Boa garota. — De pé sobre sua posição dobrada, eu seguro seu queixo com a mão livre e beijo-a na boca.

No momento em que nossas línguas se conectam, estou perdido para o deslizar sem rumo, sensual dos nossos lábios. Ela é a fantasia na carne, não ligada às convenções, vibrando sob minhas mãos e implorando para ser dirigida.

Eu endireito e dou um passo atrás. — A dor que você experimentou com outros homens... Isso era inaceitável, Ivory, porque não era consensual. — Eu pontuo cada sílaba com um tom severo. — Você não é culpada. Você nunca deve se culpar. Diga *sim* se você entendeu.

Ela fica mais ereta, o queixo levantando para cima. — Sim.

Esse vislumbre de confiança em sua postura faz maravilhas para o meu ego. Estamos a fazer progressos, e caramba, se isso não me endurece como uma rocha.

Eu alargo a minha posição, o cinto dobrado pendurado ao meu lado. —

Assim como as palmadas, eu vou mostrar-lhe a dor boa. O tipo de dor que você controla. Você vai ter todo o poder aqui, porque no momento em que você diz *não*...

Seus ombros apertam um lembrete de que em sua experiência a palavra é um filho da puta inútil.

Uma chama renovada de raiva bate no meu sangue. Eu lanço a mão pelo meu cabelo e desenho uma respiração profunda. — Esqueça isso. Dê-me uma palavra que você naturalmente usa no lugar do não. Algo que...

— Scriabin.

A velocidade em que ela cospe isso me choca. E por que um compositor russo? Quando eu olho para as sombras de seus olhos castanhos lamacentos, eu decido que Scriabin é bastante apropriado dado o conflito, a qualidade dissonante de sua música.

Eu flexiono minha mão, meu coração bombeia descontroladamente. — Quando você disser *Scriabin,* eu paro.

Ela varre meu rosto, meus ombros, e o cinto na mão. Uma careta puxa em sua boca.

— Eu preciso de sua confiança, Ivory.

Ela olha para cima, com os lábios se separando. — Você tem isso.

— Mostre-me. — A dor amplia em meu pau. — Pés no chão e o peito no colchão.

Quando ela obedece, o aperto dentro das minhas costelas solta.

Dou um passo atrás dela e arrasto a alça de couro até a perna e sobre sua bunda redonda. Minhas mãos continuam para cima, segurando o cinto quando eu estendo os braços acima da cabeça. — Diga-me por que você está sendo punida.

Com os dedos enrolando no lençol, ela descansa sua bochecha contra a cama e atende meus olhos. — Por vender o meu corpo.

— Isso não é... — Eu sinto o tremor da minha indignação por todo o caminho para os meus pés. — Escute-me. Você estava em uma situação

desesperadora, e esses filhos da puta levaram mais do que você ofereceu. Eu estou punindo você porque você se colocou no carro ao invés de vir para mim.

Ela começa a subir, mas eu seguro-a para baixo com o meu peso, meu peito em suas costas e meu pau com fome contra a sua bunda.

— Mas você é meu professor, — diz ela, em voz baixa. —Eu não sei o que você faria…

— Você também tinha Stogie. E a polícia, serviços sociais... Você tinha opções.

Seus músculos desinflam abaixo de mim. — Você está certo.

— Certo e irritado. Você recusou a minha ajuda com os livros, mas você aceita dinheiro daqueles babacas. Você não confiou em mim o suficiente para se abrir comigo, mas você confiou nesses meninos com um arranjo perigoso.

Ela balança a cabeça, sua boca suave de acordo. Mas eu sei que sua mente deve estar correndo para o futuro, em busca de novas soluções para persistentes problemas.

Eu sigo meus lábios em sua mandíbula. — Você é minha, Ivory. Isso significa que seus problemas são meus. Suas contas, suas preocupações, sua segurança... — Eu beijo o canto da boca. — Tudo isso pertence a mim.

Ela solta um suspiro pesado.

Deslocando para baixo, eu vago minhas mãos sobre suas roupas. Seu ombro esbelto, a curvatura de sua espinha, o aumento de sua bunda, há tanta feminilidade ao toque, consumindo e devorando.

Eu agacho atrás dela, meus músculos cheios de emoção. Com o cinto na minha mão, eu deixo-a sentir o arranhão do couro quando eu deslizo a saia até a sua cintura. Sardas e coxas tonificadas, bunda empinada e pele cremosa, arrepios e cetim rosa... É toda minha. Mas a calcinha tem que ir.

Quando eu levanto os pés e passo para trás, tudo dentro de mim se restringe a um instinto básico. Jesus, porra, eu quero estar dentro dela com cegueira ferocidade, mas consigo manter meus pés no chão e minha mão no meu

pau. — Qual é sua palavra de segurança?

— Scriabin, — ela respira, segurando a saia.

A visão dela se inclinando para mim tem meu pau empurrando dolorosamente na minha calça, malditamente perto de rasgar o zíper. Será que ela se toca quando está sozinha? Tem um homem sempre dando prazer a ela? Eu duvido, mas preciso de confirmação, mesmo que isso me tenta a puni-la e transar com ela até que eu quebre-a.

— Só mais uma pergunta. — Eu caio um dedo por sua coxa e deslizo-o através da carne macia e molhada entre as suas pernas. — Alguma vez você já teve um orgasmo?

# 26
# IVORY



Eu pressiono o meu rosto no perfume viril de cama de Emeric e forço minhas pernas trêmulas para me impedir de correr para o chão. Ar frio escova contra meu traseiro nu, e seus dedos... Oh, inferno Santo, seus dedos deslizam para trás e para frente entre as minhas coxas, produzindo o tipo mais estranho, mais revigorante de calor lá embaixo.

Não consigo me concentrar em nada, mas no caminho de seus golpes, meu corpo inteiro cantando para ele continuar fazendo isso... Isso... Exatamente o que ele está fazendo. Por favor, não pare, não…

Ele para, me segurando na sua grande palma da mão. — Eu não vou repetir a pergunta.

Eu pressiono meus dentes em meu lábio, odiando seu tom rude, impaciente. Ou talvez eu adore isso.

— Eu não sei. Eu... Eu me toco às vezes. — Eu tentei criar a ondulação do dedo do pé. *Oh sim, à direita lá!* Que as mulheres do meu bairro falam sobre isso, mas nunca me senti tão bem como elas dizem. — Pode acontecer porque eu não aprecio?

Sua mão flexiona contra minha boceta. — Todos esses filhos da puta, e nenhum deles a fez gozar. — Ele relaxa os dedos, acariciando preguiçosamente. — Vai ser diferente a partir de agora.

O próximo deslize enrola todo o caminho para dentro, empurrando-me para um novo mundo diferente. Ar atira de meus pulmões, e meu corpo aperta em torno da invasão. Oh meu Deus, é tão... Indolor. Não seco ou lancinante ou muito apertado.

Com deslizes escorregadios do seu dedo, ele mergulha novamente e novamente. Um coma-induzido derrete cursos de prazer do meu corpo. Meus mamilos apertam, e meu pulso fica louco. Eu cavo meus dedos dos pés no tapete quando os sons sugando de seu ritmo saturam o ambiente.

Calor corre para o meu rosto. Eu sei que isto é o desejo, e ele descobriu um misterioso gatilho para liberar a minha lubrificação natural, para me mostrar como é isto. Mas eu estou vazando por todo o lado. É normal ser *essa* bagunça?

Ele se agacha, enterrando o dedo dentro de mim enquanto a outra mão arrasta o cinto ao longo de minha coxa. O couro sacode contra mim, quando sua voz exala. — Então, porra tão molhada.

— Eu sinto muito. Eu não sei por quê...

— Não, — ele rosna, mergulhando o dedo dentro e fora, massageando e esfregando com tanto controle. — Isto é o que se sente ao ser cuidada, ao receber prazer de alguém que quer desesperadamente dar. — Seus lábios pastam minha coxa. — Eu sei como tocar minha garota.

Ele sabe tanto como ser lânguido e masculino, como persuadir minha rendição apenas com a força de suas palavras. Eu nunca estive com alguém tão poderoso e confiante, que também pode manter a calma suficiente para me tocar assim.

Seus dedos deixam o meu corpo, e seu calor desliza afastado. Eu viro meu pescoço e tenho um vislumbre de olhos marinhos profundos enquanto ele endireita e chupa a mão molhada sobre sua boca.

Essa é a segunda vez que ele me prova. É obsceno ainda fascinante ao mesmo tempo.

Ele dá um passo para o lado. — Não mova suas mãos.

Eu torço meus dedos na cama acima da minha cabeça, então escuto os

assobios de ar atrás de mim. O fogo do açoite aterra em toda a minha bunda, e eu não posso parar minha mão de empurrar de volta para esfregar a dor.

Mas sua boca já está lá, selado sobre o calor apunhalando, chupando e lambendo. Ele agarra meu pulso, prendendo-o no colchão quando seus lábios transformam a dor em outra coisa completamente. A varredura de sua língua afugenta a picada, deixando uma espécie de droga no formigamento na minha pele.

Talvez seja porque ele passou muito tempo tocando-me em primeiro lugar, me suspendendo em um estado de estimulação excessiva, mas não me acovardo quando ele está para açoitar novamente. Meu corpo já está zumbindo como um viciado. Eu quero mais.

Só que ele não ataca. Ele se move para longe da cama com passos determinados e desaparece dentro do armário. Que diabos?

Um segundo depois, ele surge com uma mochila preta e descompacta-a na cama ao lado da minha cabeça. Algemas de couro caem sobre o colchão, seguido por cintas de nylon.

Meu coração bate tão alto que poderia abafar uma orquestra. — O-o que é isso?

Ele desenrola as tiras, de cócoras quando ele as prende à estrutura da cama. — Se você tivesse movido sua mão um segundo mais cedo, o cinto teria cortado seus dedos. Talvez até mesmo quebrado eles. Nós vamos fazer isso sem pôr em perigo a sua carreira de pianista.

Diz o homem que dá socos nas paredes.

Eu levanto os cotovelos e aponto para os nós dos seus dedos danificados. — Quando é o seu próximo desempenho sinfônico?

— Duas semanas. — Ele estende a mão inchada, em seguida, dá uma tapinha na borda da cama. — Braços aqui.

— Você vai me amarrar?

— Eu estou indo para protegê-la. — Ele abre a primeira braçadeira de couro. — Isto ou sua palavra segura. Tome uma decisão.

Imagino-me nessas restrições, presa e incapaz de escapar enquanto ele açoita minha bunda, me dar os melhores beijos, e me torna o centro de seu universo. Ele não está me forçando. Ele está me dando uma escolha, uma oferta para me levar a algum lugar emocionante quando ninguém mais se preocupou em cuidar.

Eu descanso meu rosto contra o colchão e estendo os braços acima da minha cabeça.

— Sua confiança é inebriante. — Suas mãos estão de repente no meu rosto, inclinando a cabeça com sua boca errante contra a minha.

Eu derreto sob a demanda de seus lábios. Esse beijo é mais duro do que seus antecessores, mais faminto e mais letal, sua língua prendendo com a minha e sua forte mandíbula arranhando a minha pele em uma deliciosa queimadura.

Ele quebra o beijo e retorna aos punhos, conectando-os com as tiras e trancando-as em torno de meus pulsos. Seus dedos se movem habilmente sobre as fivelas e fechos.

Quantas vezes ele fez isso? Com quantas mulheres?

Com a minha história, eu não estou em posição de ser ciumenta, mas não para a dor arranhando no meu estômago.

O toque de suas mãos me puxa dos meus pensamentos. Ele está aqui comigo, arrastando arrepios em meus braços enquanto protege-os nos apoios.

Feito isso, ele se move para ficar atrás de mim, as mãos nos quadris e puxando a minha bunda contra suas coxas. As cintas tencionam as algemas que prendem meus braços acima da minha cabeça com o movimento.

Mas eu não me sinto presa ou pressionada. Sinto-me ancorada. Para ele.

Vejo a oscilação do cinto dobrado na minha visão periférica direita antes de uma nova picada cair na parte inferior da minha bunda. Ele brinca com a equimose com toques de penas, e seus lábios participam, beijando e acalmando a dor persistente. Em seguida, ele açoita novamente.

Golpe, massagem, beijo. Eu não sei quantas vezes ele repete esses

passos. Em algum ponto, eu escorrego em um transe feliz, perdida em algum lugar flutuante onde há apenas ele e eu e a harmonia de nossas respirações.

Isto é o que é suposto sentir quando duas pessoas se unem, voluntariamente, desenfreadamente. Como o sexo será com ele? Eu não posso sequer imaginar isso. A ligação emocional por si só pode explodir meu cérebro.

Ele cobre a minha parte traseira aquecida em carícias e beijos, acendendo um grande sentimento tão dentro de mim. A pulsação inchada entre as minhas pernas se manifesta em chamas, energizando as minhas terminações nervosas e expandindo-se para partes do meu corpo que eu nem sabia que existiam. Alguma coisa está vindo, algo maravilhoso, mas antes que a sensação chegue a um ponto de ruptura, ele recua para açoitar novamente.

Mais e mais, ele me traz mais perto da borda, me queimando mais quente com necessidade, e me provocando um golpe de cada vez.

Quando os açoites quentes e toques afetivos param completamente, eu gemo para a colcha. — Você acabou?

Sua risada gemendo segue-o ao redor da cama onde ele se dobra para liberar as algemas. Eu estou demasiada mole e leve para me mover. Mas minha boceta pulsa com o vazio, apertando e molhada além do constrangimento.

Eu não me importo. Eu preciso... Necessito... — Por favor.

Escalando para a cama, ele me rola à minha volta e atravessa meus quadris. Sua ereção está logo ali, tentando esfaquear um buraco através de suas calças. Mas ele não a liberta ou olha para isso.

Ele pesa o suficiente para me esmagar, mas seu contato com os quadris em meus lados, segurando o seu volume. Seu olhar baixa a minha camisa de botão, e ele agarra o colarinho, rasgando-a. Minha blusa mais bonita. Mas o olhar em seu rosto me faz esquecer por que eu me importo.

Seus lábios separados com a força de sua respiração, e seus olhos estão sobre mim como um vasto oceano, pesado e profundo, me afogando em maravilhas.

Os homens têm se montado em mim como isso antes, mas apenas

durante uma luta, quando meus braços estão balançando e meus quadris estão resistindo. Ninguém jamais montou em mim em uma posição tão vulnerável, sem empurrar ou tomar. *Com as calças ainda no lugar.*

Ele aperta no cetim branco de sutiã da minha mãe, o material muito pequeno para cobrir integralmente meu peito. Com um gemido, ele puxa as taças sob os meus seios, expondo-os. — Se você soubesse quantas vezes eu imaginei estes últimos dois meses, qual seria a sensação, gosto, como você ficaria amarrada com corda...

— Eu imaginei isso com você, também. — Eu levanto a minha mão para alcançar o comprimento duro esticando em suas calças.

Ele pega meu pulso e puxa longe, o peito no meu e sua voz gutural. — Se você me tocar, está tudo acabado. Estou mal aguentando.

Parte de mim quer ver como ele se parece quando se solta. Mas eu prefiro ceder a minha curiosidade sobre onde ele está levando isso e deixo-o levar.

Com a mão trêmula, ele traça a borda externa do meu peito. Sua outra mão emaranhada no meu cabelo enquanto ele se inclina e beija meus lábios.

Eu amo o sabor de canela de sua língua. É tão única para ele, apenas uma das milhares de coisas que o separa de todos os outros. Quando estou com ele, as contusões dentro de mim dobram-se se afastando. Ou talvez elas desapareçam. Eu não posso senti-las ou o medo se inflamar. Por quê? Porque ele é ferozmente protetor? Porque ele é dolorosamente terno mesmo quando está me punindo?

Ele é um poço profundo de descoberta, e espero que ele me dê o tempo e permissão para aprender tudo sobre ele.

Ele desliza para fora de meus quadris para deitar contra o meu lado, de frente para mim. A mão no meu cabelo fica mais apertada, e seus lábios ficam nos meus, cada mordida e enrolar de sua língua entrega um tremor elétrico pela minha espinha.

Sua mão livre viaja na minha garganta, trilha um caminho entre os

meus seios, sobre o meu estômago, e mergulha entre as minhas pernas. Eu suspiro contra sua boca, os dedos agarrando em seu ombro.

A pressão de seu polegar me atordoa, e meu clitóris pulsa contra a pressão diabólica que ele esfrega contra ele. Ele então afunda dois dedos dentro de mim, e eu contorço-me contra sua mão, minha pele quente e exposta sob seu olhar.

Devo parecer ridícula com a minha saia agrupada em torno de minha cintura, e meu sutiã pequeno demais empurrado debaixo dos meus seios. Mas ele não parece se importar.

Ele rouba olhares para os meus seios descobertos, assim como sua boca festeja nos meus lábios. Eu desprezo o meu peito, mas eu adoro a forma como ele olha para mim como se aprecia o que vê, como se nunca quis outra mulher da maneira que ele me quer. Meu corpo lhe agrada. Eu agrado-o.

O comprimento do seu corpo treme contra o meu, as bordas afiadas e os músculos contraídos. Eu não sei quando ele tirou os sapatos, mas seus pés pincelam contra meus dedos dos pés. A camisa e calças que ele ainda está usando não diminui o calor que escoa dele. Sua intensidade me sufoca, e seus ruídos graves faz tremer minha pele. Ele é um homem faminto, rosnando em necessidade, e eu quero alimentá-lo.

Sua mão aperta meu cabelo, prendendo meus lábios contra os dele enquanto nossas línguas colam e retorcem juntas, quente e úmido, voraz e subterrâneo. Sua ereção mói contra a minha coxa em círculos enlouquecedores, e uma queima de sensações lambem toda a minha pele, endurecendo meus mamilos em pontos dolorosos.

Ele rasga sua boca longe para devorar os meus seios com uma língua quente. Sugando e lambendo, ele puxa um broto mais profundo em sua boca enquanto seu dedo polegar continua seu ataque perverso.

Eu vou explodir. Eu sinto isso fervendo no fundo do meu núcleo, subindo mais rápido, mais quente, roubando meu ar. Quando os lábios voltar ao meu, ele engole meus gemidos. Seu beijo, seu cheiro, a sensação de sua força ao

meu redor... Meus músculos se abalam pelo esmagador prazer de tudo.

Um tremor salta para baixo do braço, estimulando os dedos mais rápidos e os quadris mais duro.

— Goze Ivory, — ele fala contra meus lábios. — Goze tudo sobre a minha mão.

Minha boca afrouxa meu queixo inclinando para cima, quando eu olho para ele. Eu caio em seu olhar ardente e sinto a pressão expandindo, bem ali, como uma tempestade se preparando dentro de mim, recolhendo e fortalecendo. Mas eu não sei como fazer isso acontecer. — E-eu estou tentando. Eu não sei…

— Saia de sua cabeça. — Ele gira o polegar e trilha a língua pelos meus lábios flexíveis. — Deixe tudo ir.

Minhas confissões anteriores tinham sido surpreendentemente libertadoras. Isso deveria ter me relaxado o suficiente para fazer isso com ele. E eu estou relaxada, mas também nervosa sobre o que está acontecendo e o que isso tudo significa.

Ele se agita com a urgência de sua excitação, esfregando-se descontroladamente contra a minha coxa enquanto seus dedos me levam à loucura. Com cada círculo do polegar e do bombardeio de sua mão, meu orgasmo paira sobre a borda, galvanizada com determinação e ainda oscilando com a incerteza.

— Pare de pensar, caramba, e sinta-me. — Ele dirige seu pau contra a minha perna, sua respiração presa em sua garganta. — Sinta o quanto eu quero você. O quanto eu quero você comigo. Eu não estou terminando sem você.

Uma parede invisível cai para baixo dentro de mim, e uma infusão de tremor, derramamento de calor esmagador na minha espinha, detona através do meu ventre, e quebra cada neurônio no meu corpo. O choque disso rouba minha respiração, minhas costas curvando-se contra a força de tantas sensações novas e frenéticas.

— Ah Deus, lá vai. Tão bonita, — ele arranha. — Tão do caralho minha. — Seus dedos, quadris e gemidos sussurrados trabalham em conjunto,

me empurrando mais fundo no formigueiro de êxtase e rasgando a sua voz. — Foda-se, eu vou...

Ele goza com um grito estrangulado, seu corpo empurrando quando ele rola a meio caminho em cima de mim e captura minha boca em um beijo sem fôlego. Seu peso caindo contra mim, e o balanço de seus quadris em fluxos preguiçoso. Sua mão desliza por entre minhas pernas, o peito arfando com força contra o meu. Mas seus movimentos são lentos, com reverência gentil quando ele segura meu queixo e me beija em um lânguido cosmos sonhador.

Eu morri em algum lugar entre o meu orgasmo e o seu. E agora eu sei como é estar viva.

Eu não consigo mover os músculos do meu rosto para beijá-lo de volta. Minha pele é quente e escorregadia com a transpiração, mas quem se importa? Cada polegada de mim é luxuosamente entorpecida, apática e feliz.

Ele segura o meu olhar, os olhos arregalados e fascinantes quando ele engasga um som irregular contra os meus lábios. — Agora eu sei por que você é ilegal.

# 27
# EMERIC



Eu levanto os membros lindamente exaustos de Ivory, moldando as minhas mãos em torno de suas curvas sinuosas e tocando mais do que o necessário para deslizar a camisa fora de seus braços. — Ainda comigo, garota com sono?

Seus olhos castanhos encapuzados fazem uma subida lenta sobre a minha boca antes de encontrar meu olhar. — Milímetros.

Meu sorriso é tão profundo. Eu sinto isso em meus pulmões, como uma respiração nutritiva. Não há limite para o que eu faria para colocar esse olhar em seu rosto todas as noites. Mas quais são os *seus* limites? O que ela está disposta a jogar? Sua educação? Seu futuro?

Se ela está presa na minha casa, eu sou a pessoa em risco. Eu sou o adulto, aproveitando-me de uma estudante, uma vítima. Enquanto eu poderia acabar lutando uma batalha legal, ela estaria a salvo de toda a culpa.

Quando eu puxar a minha cabeça no lugar, vou descobrir um plano. Mas agora, a segurança dela supera de longe as consequências que eu poderia suportar.

Eu removo o resto de suas roupas. Quando lanço a sucata final para o chão, eu estou em pé com a visão tentadora pra caralho que eu não poderia ter sonhado e infernos... Tentei por semanas.

Esparramada na minha cama, sua figura de ampulheta nua acena cada nervo masculino, órgão e tecido conjuntivo no meu corpo. De sua boca molhada a negligência em seus músculos a seu abundante peito e clitóris rosado, ela me atrai e me mantém no fascínio irracional.

Ela não disse uma palavra desde que gozou em meus dedos. Ela parece estar em estado de choque. Ou subindo em êxtase. Definitivamente no temor, dada à ampliação de seus olhos enquanto ela desliza a mão entre as pernas dela e sente a carne inchada de sua vagina.

Cristo todo poderoso, ela é inocente envolvida em pecado.

A parte inocente me balança mais. Não só eu cruzei a linha como seu professor, há uma diferença de idade de dez anos entre nós. Acrescente a isso o seu passado abusivo e a maneira dominante e cruel que eu fodo, e estamos navegando em uma mina terrestre. Se eu me mover muito rápido ou der o passo errado, as consequências serão devastadoras.

Corro os dedos sobre os dela, escovo os cachos escuros em sua vagina. — Não raspe isso.

Ela olha para as nossas mãos e retorna para o meu rosto. — Por que não?

— Eu não quero me sentir como se... — *Toco uma pequena menina*. — Você é jovem, Ivory. Eu não preciso de mais lembretes.

— Eu estive com um monte de caras mais velhos do que você. — Suas bochechas florescem com o calor, e ela puxa a mão. — Eu não deveria ter dito isso.

O impulso para exigir que ela nunca mencione outros homens queima na minha garganta, mas eu mordo-o de volta. — Se você precisa falar sobre isso, sobre eles, eu quero ser a pessoa que você irá contar. — Eu beijo seus lábios e arrasto o dedo sobre sua vagina. — Ok?

— Ok. — Ela agarra meu pulso e aperta. — Obrigada.

Eu escorrego para fora da cama e golpeio sua coxa. — Levante.

Dez minutos mais tarde, vapor encharca o banheiro, nebulização em

meu reflexo no espelho, bem como o chuveiro na porta atrás de mim. O esguicho de água contra o chão transmite seus movimentos quando o perfume amadeirado do meu shampoo infunde minhas inspirações. Há algo profundamente satisfatório sobre ela usando minhas coisas, cheirando como eu, e fazendo-se em casa no meu espaço.

Enquanto ela toma banho, lavo meu pau na pia, tanto chocado como fascinado pelo fato de que eu gozei em minhas cuecas. Eu não tenho feito isso desde o colegial. Mas não deveria me surpreender. Eu tenho punheta como a porra de um demônio há semanas.

É preciso cada onda de contenção que me resta a não me juntar a ela no chuveiro. Eu quero transar com ela completamente, inteiramente, e em todas as formas imagináveis, mas eu tenho que provar a ela que eu não sou como os outros. Cada passo com ela é um risco, e ainda há muitas perguntas sem resposta.

Eu limpo meus dedos e ensaboo-os em creme antibiótico do respectivo lugar debaixo da pia. — Você está tomando contraceptivo?

Sua silhueta enevoada congela atrás da porta do chuveiro. — Não.

Viro-me para encará-la, esforçando-me para distinguir a forma de seu corpo na onda de vapor. — Você usa preservativo?

Ela aperta a palma da mão contra a porta de vidro, como se para se firmar. — Quando eu posso.

Meu punho aperta, mas a próxima coisa que eu soco deve ser a minha própria boca estúpida. Eu poderia ser mais cruel? Claro, eles nem sempre usam preservativos. Se um homem não pára  então, eles certamente não estão parando para embrulhar.

Eu consigo segurar meu temperamento, mas o rápido-fogo do meu pulso e a raiva queimando minha espinha me impulsiona para fora do banheiro.

— Vou procurar algo para você usar, — eu grito do quarto. — Encontre-me na cozinha.

Jogando uma das minhas camisas na cama para ela, eu tiro a roupa e

arrasto sobre um par de calças de flanela.

No meu caminho, eu pego meu telefone e faço uma chamada para a clínica do meu pai. Como esperado, vai para o correio de voz. Meus pés nus amortecem e desço as escadas atapetadas e entro na cozinha quando digo ao gravador quem eu sou e o que preciso.

Eu poderia ter chamado meu pai para agendar sua consulta, mas não quero colocar em campo suas perguntas esta noite. Não quando eu ainda não tenho todas as respostas.

Até o momento que ela emerge na porta da cozinha, eu tenho dois pratos de carbonara linguine[30] aquecida estabelecidos no balcão.

Ela paira no limiar, seus profundos olhos castanhos zanzando entre a comida e meu peito nu. Sua expressão aumenta com cada emoção na existência antes de amaciar com um sorriso. — Você cozinhou?

— Meu serviço de buffet fez. — Eu pego dois copos e uma jarra de chá doce. — O forno aqueceu-o.

Ela se aproxima da ilha, puxando a camisa no meio da coxa para baixo em suas pernas bronzeadas. Seu cabelo longo molhado umedece o algodão branco contra o peito, revelando mamilos tensos e ombros delicados. Acho que é impossível desviar o olhar. É como se cada fibra do meu ser está ligado ao dela, e cada movimento que ela faz me move, me puxando para mais perto, mais profundo.

Eu nunca tive uma chance.

— Obrigada. — Ela se senta no banco do bar, enfiando a bainha da camisa entre as pernas. — Isso cheira incrível.

Sento ao lado dela no balcão, torcendo para encará-la, e esfaqueio um garfo para o macarrão.

Os olhos dela se voltam para o meu peito.

Eu arqueio uma sobrancelha. — O quê?

Ela aponta um dedo na minha frente, batendo o ar quando sua

concentração viaja de meus ombros para a minha cintura.

*Ela está contando*?

Foda-me, meu peitoral salta. Tudo o que ela tem que fazer é olhar para mim e meu corpo reage.

Ela deixa cair sua mão e se vira para o seu jantar, murmurando, — Doze recuos e dez ondulações musculares.

Olho para baixo, tentando fazer sentido aos seus números. Eu passo duas horas por dia, sete dias por semana no ginásio em minha casa, aprimorando meu físico em forma excelente pela mesma razão que qualquer outro cara faz isso. Para ficar com alguém. Mas agora eu quero levantar os pesos só para vê-la contar meus músculos novamente.

Ela suga um macarrão fora do garfo, sorrindo. — Você não se parece com um professor.

— Você não parece uma estudante.

O sorriso dela se desintegra.

Eu limpo a mão pelo meu rosto, desejando que eu pudesse chamar de volta essas palavras. Quantas vezes sua aparência atraiu o tipo errado de atenção? Ela me atraiu.

Ela acena o garfo para cima e para baixo no comprimento do meu corpo. — Você faria mais dinheiro como modelo do que ensinando.

— Eu pareço que preciso de dinheiro?

— Bom ponto. — Ela olha a cozinha, alcançando em aparelhos eletrodomésticos topo de linha, que eu ainda não me habituei. Ela não pergunta sobre a minha fonte de riqueza, mas eu sei que ela está pensando.

Eu engulo uma mordida da massa amanteigada e rodo mais macarrão ao redor do meu garfo. — Minha família detém a patente sobre as escoras de madeira em pianos.

— Uau. Sério?

— Sério. Então, o dinheiro não é o meu incentivo para trabalhar.

— Por que trabalhar em tudo? Você poderia viver em um iate, beber

rum, e deixar crescer uma barba mal cheirosa. — Suas sobrancelhas levantam. — Como um pirata.

— Um pirata. — Meus lábios se contorcem. — Tão atraente quanto possa parecer, o tédio não combina comigo. Eu iria perder a porra da minha mente. Eu preciso desafiar e sucesso auto ganho, e eu encontro essas coisas em tocar o piano, ensinando... — Dou-lhe um olhar estreitado. — E disciplinar.

Seus olhos cintilam. — Você é muito bom no último.

— Mas não os outros?

Um sorriso malicioso puxa no canto de sua boca. — Eu nunca ouvi você tocar.

— Eu toco todas as noites. Só que eu não serei capaz hoje à noite.

Eu olho para a minha mão latejante sem arrependimentos.

Ela raspa uma garfada de linguine. — Eu sei que este é um lugar grande, mas eu não vi um piano.

— Eu vou lhe dar um passeio depois. Termine o seu jantar.

Ela come o restante da massa e segue com goles de chá doce.

Eu termino o meu logo depois e deslizo o prato longe. — Eu marquei uma consulta médica para você.

O garfo ecoa contra o prato. Sua voz calma. — Eu não tenho dinheiro ou seguro para pagar por isso.

Minha mão flexiona. Eu quero ferir sua mãe e qualquer outra pessoa que nunca esteve lá para ela. — Está coberto.

— Eu não posso...

Eu bato meu punho contra o balcão, sacudindo a porcelana. — Você vai para essa consulta e obterá um exame completo, para o bem da sua saúde e para a paz da minha mente fodida.

Mandíbula apertada, ela me lança um olhar teimoso.

Ela pode ficar carrancuda tudo que ela queira. Eu não estou acabado. — Deste ponto em diante, as palavras “Eu não posso” não estão mais em seu vocabulário. — Ângulo para frente até que tudo o que ela pode ver é os meus

olhos. — Eu fui claro?

— Oh, você foi claro. — Ela segura o meu olhar. — E abrasivo e grosseiro. Você tem um temperamento terrível.

Um tipo brincalhão da juventude brilha em seus olhos, mas há algo mais lá, também. Seus lábios separados para permitir a subida na sua respiração, e ela não está a piscar, como se ela estivesse forçando uma máscara de tenacidade e bravura.

No fundo, ela está com medo. Por levantar-se contra mim? Por me decepcionar? Por colocar fé no que está acontecendo entre nós?

Eu fecho as polegadas entre nós e beijo-a sem piedade na boca. Colocando a sua cabeça em ambas as mãos, eu trabalho minha língua contra a dela, fundindo-nos juntos, lambendo e mordendo e inundando-a com a última gota de fervor que sinto por ela. Eu amo a sua força em face do medo, sua determinação, apesar de todos os obstáculos, e foda-me, eu amo a sua boca. A forma como a sucção quente, molhada de seus lábios envolve em torno de minha língua e endurece meu pau.

Ela aponta de volta no inchaço das minhas mãos e procura meus olhos. Nós olhamos um para o outro, peito arfando, suspenso na pulsante energia entre nós.

Depois de um infindável batimento cardíaco ela pisca. — Eu tenho o dinheiro para pagá-lo sobre os livros... Mas... Eu posso ver... — Ela se encolhe com o calor subindo no meu rosto. — Agora é um mau momento para trazer isso à tona.

Eu empilho os pratos e levo-os para a pia. — Amanhã à noite, eu quero uma lista de suas contas e todas as coisas que você precisa. — Eu dou-lhe um olhar duro sobre o meu ombro. — Coisas que eu desconheço que devo comprar.

Ela se junta a mim na pia, sua expressão apertada de frustração.

Eu lavo um prato e entrego-o a ela. — Eu sei que você é forte o suficiente e corajosa o suficiente para se sustentar. Inferno, você vem fazendo isso há anos. — Eu escovo meus dedos sobre o queixo duro. — Mas agora você

tem ajuda. Estou aqui para fazer suas dificuldades um pouco menos difíceis. Você vai confiar em mim.

Ela olha para a prateleira na máquina de lavar, coloca o prato de forma errada, estuda-o por um momento, depois o vira. — Como é isso?

Eu entendo. A percepção de que ela nunca carregou uma máquina de lavar louça me faz apreciar um monte de coisas na vida, colocando-a no topo dessa lista.

Com uma expressão estóica, ela me ajuda a terminar os pratos em silêncio. Eu dou-lhe o tempo para pensar, para pesar o seu orgulho contra o meu. Quando a limpeza é concluída e o balcão é limpo, eu viro para ela.

Ela está fora do alcance de um braço, seu pequeno corpo engolido pela camisa enquanto ela olha para os pés descalços. — A coisa que eu mais valorizo não custa um centavo, mas parece ser o mais difícil para as pessoas dar.

Amizade? Proteção? Amor? Minha cabeça nada procurando a resposta. — Nomeie isso, e será seu.

Seus olhos encontram os meus, e ela anda para frente. Outro passo, e seus braços cercam minha cintura. Ela pressiona o rosto contra meu peito, pele-a-pele, e libera um suspiro pesado.

Um abraço. Essa é a coisa que ela mais valoriza.

As minhas costelas apertam quando eu a abraço, esmagando-a o mais próximo possível sem contundir sua pele macia. Ela é uma cabeça mais baixa, muito baixa para sentir seu coração batendo contra o meu. Então eu a pego sob seus joelhos e costas, e a iço contra meu peito.

Eu desligo o interruptor com o cotovelo e vou para as escadas.

Ela se aconchega contra mim, com as mãos serpenteando sobre meus ombros e deslizando em meu cabelo. Todo o seu corpo relaxa em meus braços enquanto ela fuça seu rosto contra minha bochecha, tocando, respirando, sentindo-me. — Eu deveria dizer-lhe para me colocar para baixo, mas eu gosto muito disto.

Coisa boa, porque eu não estou a deixando ir.

Quando chegamos ao quarto, ela murmura contra o meu pescoço. —Eu preciso ir para casa de manhã para conseguir algumas roupas e alimentar Schubert.

Eu mordo meu sorriso. — Você vai alimentá-lo com cérebros?

— O quê? — Sua expressão assustada desmancha em um sorriso reluzente. — Não é o Schubert morto. Meu gato.

— Nós estaremos indo para sua casa antes da escola, mas você não precisa de roupas.

Eu entro no armário e a coloco sobre seus pés. Recuando, eu encosto contra o batente da porta e bloqueio sua saída. Quando ela perceber o quão porra louca eu sou, não há como dizer o quão rápido ela vai correr.

Ela contorna o espaço central, esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Seu armário é maior do que a minha casa.

Eu deslizo as mãos nos bolsos das minhas calças de flanela e espero.

Seu olhar indo na parede distante, e seus passos hesitantes levam-na em direção a ela. Ela arrasta a mão sobre a longa prateleira de sapatos de salto alto, chinelas, sandálias e tênis. Inclinando a cabeça, ela olha nas prateleiras de vestidos, camisas e calças. A parede inteira é dela.

Suas omoplatas apertam com as mãos caindo para os lados enquanto ela fala, de costas para mim. — Você tem um estilo de vida alternativo que eu não conheço? Um fetiche com roupas de mulher?

— Algo parecido.

Ela pega um scarpin Louboutin de cor bege da prateleira e verifica o tamanho. — Como é que você... — Ela suspira, retornando-o cuidadosamente para o seu lugar. — No primeiro dia, quando você deslizou meus sapatos de volta.

Meu sangue bombeia grosso e quente em minhas veias. Separados pela ilha central e o comprimento da sala, eu a vejo examinar as roupas, antecipando suas próximas palavras.

— Eu creio… — Ela gira em minha direção, seus olhos brilhando com

lágrimas não derramadas. — Eu sei. Eu não posso. Não choramingar. Não questionar seus métodos. — Ela engancha um braço em volta da sua cintura e pressiona o punho na boca, olhando para mim por debaixo de suas pestanas. —É uma responsabilidade muito grande, mas estou tentando. — Ela fica mais ereta, olhando para as roupas atrás dela. — É só que... Isso é tudo muito, muito rápido, e...

— Venha aqui. — Eu removo minhas mãos dos meus bolsos, minha postura aberta, acolhedora.

Ela atravessa a sala em uma visão de pele escura, algodão fino e fascínio.

Quando ela me atinge, eu levanto-a e levo-a para a cama. — O que é meu é seu, Ivory. Quanto mais cedo você aceitar isso, mais fácil isto será.

Deslocando debaixo dos cobertores, ela olha para mim. — Se eu não aceitar?

Eu escorrego ao lado dela, puxando-a para o meu peito, e entrelaço as nossas pernas juntas. — Então você terá que aguentar mais do meu... O que você chamou isso? — Eu me inclino e beijo seu lábio inferior. — Temperamento abrasivo e grosseiro.

— Não há medicação para isso.

— Você é a única droga que eu preciso. — Alcançando para trás, eu desligo a luz e descanso minha cabeça em seu travesseiro, nossos rostos polegadas distante.

A iluminação de lâmpadas de gás e luar filtra pela janela próxima, nos cobrindo em silêncio pálido. Seus olhos brilham com admiração, preocupação, e palavras não ditas, refletindo todas as emoções que eu expresso abertamente nos meus.

Eu escovo o seu cabelo atrás da orelha. — Eu não compartilho. Isso significa que nada de meninos ricos da escola ou das vizinhanças. Você está na minha cama e de mais ninguém.

Ela abre a boca.

Eu fecho com um dedo, em seguida, traço a curva suave de seus lábios. — Eu vou protegê-la contra aqueles que não respondem a ninguém.

— E você? — Seus espasmos na curva da minha perna, seu tom de voz baixo e desconfiado. — Existem outras mulheres?

— Você é a única.

Eu já recusei cada mulher maldita desde que a conheci. Primeira vez em minha vida adulta que eu tenho ficado tanto tempo sem sexo.

Linhas verticais se formam entre as sobrancelhas. — E quanto a sua coisa de amor e ódio com Joanne?

— Isso é complicado. Mas eu não a tenho visto em seis meses.

Eu não disse tudo a Ivory, mas eu preciso tomar uma decisão sobre essa bagunça antes de expô-la a isso. E há um segundo segredo que mantive dela, um mais urgente que eu preciso resolver agora. — Eu tenho algo a dizer-lhe sobre Prescott Rivard.

Seu olhar se estilhaça em ondulantes piscinas marrons. — Será que ele vai fazer com que você seja demitido? Ou dar queixa?

— Eu o assustei o suficiente para mantê-lo em silêncio por um tempo, mas o medo pode acabar azedando e crescer ressentido. Então... Eu não sei.

— Eu vou para a polícia e explico o que aconteceu.

— Não, você não vai. — Eu ato um braço em volta dela, preparando-me para ela se afastar. — Eu prometi a sua mãe um lugar para ele em Leopold.

Um momento congelado passa antes que ela fica tensa contra o meu aperto. — Como? Por quê?

— Ela me deu uma carreira no Le Moyne em troca de minhas conexões. Para conseguir Prescott em Leopold.

— Conexões? Leopold admite seus alunos unicamente pelo talento.

— Minha mãe tem uma cadeira no Conselho de Administração. Ela vai deslizá-lo através sem uma audição formal.

Ela estuda a minha expressão, enrolando a mão contra o peito entre nós. — Isso afeta minhas chances, não é?

— Se eu encaminha-lo, seus recrutadores virão. Eles vão participar de uma apresentação de toda a escola e...

Sua respiração vem com soluços na garganta. — Eles vão ver Prescott tocar e potencialmente rejeitar a sua audição.

— E aceitar você ao invés. — Eu penteio a mão pelo seu cabelo e descanso meus lábios contra sua testa. — Você tem mais talento que qualquer um em Le Moyne, mas se eu pedir a minha mãe para esgueirar duas audições. Ao longo de toda…

— De jeito nenhum. — Ela puxa a cabeça para trás. — Quando eu for aceita em Leopold, será unicamente por mérito e talento.

Eu abraço-a contra mim, enquanto libras de dor atravessam meu peito. Eu não posso suportar a idéia de foder com a vida dela também. — Eu vou fazer isso direito.

— Como? Você aceitou essa negociação por uma razão, certo? Devido a Shreveport?

— Sim, mas eu posso começar um trabalho fora do estado. — Eu inclino o queixo para cima e beijo-a, sorrindo contra seus lábios. — Ou eu posso me tornar um pirata.

Após os problemas com Prescott hoje à noite, no entanto, minha renúncia traz novas complicações para Ivory.

Ela acaricia o meu queixo. — A reitora só vai substituí-lo com outro. Ela contratou-o sob condições injustas e limpou as recomendações da Sra. McCracken do meu arquivo, de forma tão clara, ela está em uma missão do diabo. Por que ela quer tanto seu filho indo para lá?

— É a melhor escola com os dotes mais ricos. A admissão de Prescott é seu salto para elevar o poder e status do Le Moyne. Ou quem sabe? Talvez ela aspire a se sentar no conselho de lá algum dia.

Ela balança a cabeça, o rosto franzido em contemplação. — Se você sair, Prescott não terá incentivo suficiente para manter sua boca fechada sobre mim. Depois desta noite, ele pode dar a sua mãe todo o poder que ela precisa

para se livrar de mim.

Exatamente onde minha cabeça está. Só assim, eu sei com certeza absoluta que não vou deixar Le Moyne ou Ivory. Eu sou mais inteligente e mais malvado do que Beverly Rivard, e eu tenho alguns meses para decidir o método e o nível de crueldade que vou usar para vencer ela.

— Eu entendo porque você fez isso. Por que você fez o acordo. — Ivory trilha seus dedos em meu peito, observando o movimento. — Mesmo depois do que Joanne fez, é difícil deixar ir. Afastar-se.

Minha respiração pega com a precisão de sua declaração. Ela está certa, mas ela não sabe o verdadeiro problema, o que eu estou trabalhando para resolver com Joanne. E os meus sentimentos por Joanne? Aqueles estão entorpecidos o suficiente para que eles não mais dirijam minhas ações.

As pálpebras de Ivory vibram fortemente, seus membros afrouxando em torno de mim, quando ela murmura sob sua respiração, — Tudo é possível.

— Tal como?

— Eu estou indo para Leopold.

Sua teimosia é inconveniente. E dolorosamente admirável. Infelizmente, eu não tenho idéia do que vou fazer sobre isso. Eu odeio adiar seu sono, mas há mais uma coisa que eu preciso saber. — Onde está o amigo do seu irmão?

Seus olhos piscam abertos, e sua voz pega em sua garganta. — O quê?

— Será que ele desapareceu depois que a estuprou? Ou ele ainda está por aí?

Sua pele se transforma em pálida sob a luz fraca, as maçãs do rosto pressionando contra sua pele lisa.

Tudo dentro de mim fica imóvel, estrangula minha garganta e engrossa a minha voz. — Diga-me.

Ela joga as cobertas, rola em cima de mim, e descansa sua testa contra a minha. — Sem mais socos esta noite.

Eu aperto a bunda firme sob a camisa e tento focar minha energia em

seu corpo e não o que foi feito ao seu corpo. — Quando foi a última vez que ele tocou em você?

Ela cai de joelhos ao meu lado, me montando, quando segura meu rosto em suas mãos. — Ele não me estuprou desde agosto.

*Agosto?* Eu rasgo para uma posição sentada, minha visão ficando turva pela névoa vermelha. — Em agosto passado, como dois meses atrás?

Ela se agarra ao meu peito, segurando a minha cabeça enquanto tritura a boca contra a minha. No momento em que sua língua procura entrada, eu beijo-a de volta, com raiva, possessivo, enredando a mão em seu cabelo e puxando seus quadris contra os meus.

Eu mordo o seu lábio. — O nome dele.

Ela agita sua boceta contra meu pau, empurrando a língua e, droga, me distraindo.

Eu rasgo minha boca a distância. — O nome dele.

Ela despenca seu sussurro profundo. — Lorenzo Gandara.

Latino? O mesmo filho da puta rondando a casa dela naquela noite?

— Será que ele monta numa moto laranja?

Suas unhas cavar na parte de trás do meu pescoço. — Como você sabe disso?

# 28
# IVORY



— Vá dormir.

Essa é a única resposta que Emeric dá às minhas intermináveis perguntas sobre Lorenzo. Eventualmente, minhas preocupações se dissolvem sob o peso da fadiga.

Encaixada rente à parede rígida do peito, abrigada pela maior parte do seu braço em torno de minhas costas, e guardada por seu olhar vigilante. Eu caio no sono rápido, perdida em um grande espaço atemporal, onde sempre não é suficiente.

Eu nunca senti essa leveza, como uma sensação estranha desafogada substituindo meus ossos e pele, e não há nada mais, mas a minha respiração. Respirações vaporosas suaves de éter. Cada expiração forma uma nuvem que se junta às outras à deriva em torno de mim em um vasto céu azul.

Estou sonhando. Eu tento agarrar o encantamento. É tão seguro e suave aqui eu não quero sair. Não quero acordar.

Eu pisco contra flashes de safira aureolados pela luz da lâmpada.

— Bom dia. — Os olhos azuis de Emeric enchem o meu horizonte, tão profundo e majestoso, brilhando com todas as cores e as estrelas do céu.

Eu estico os braços sobre a cabeça, deleitando-me com a suavidade de sua cama. — Estou sonhando.

Ele está sobre mim, bíceps amontoando quando planta as mãos na borda do colchão. — Ainda sonhando?

— Bem... Eu estava no céu. — Eu estendo a mão e acaricio a nuca e a barba de dias em sua mandíbula. — Até o diabo aparecer.

Seus lábios explodem em um sorriso territorial, sua pele mais rosada do que o habitual. Sua pele está úmida sob meus dedos, o cabelo escuro e escorrendo contra a testa.

— Você já tomou banho? — Eu arrasto o meu foco de seu rosto, por sua t-shirt molhada, e faço uma pausa nos shorts de ginástica. — Oh. Você esteve malhando. Que horas são?

Eu mudo para o meu lado e encontro o relógio na mesa de cabeceira. 5:15. A Escola não começará por duas horas.

Ele se endireita, revirando os ombros. — Quanto tempo você precisa para ficar pronta?

Sento-me, o quarto oscilando em torno de mim quando eu recordo a conversa que não terminou na noite passada. — Depende. Você não me contou como você sabe sobre Lorenzo.

— Ele não é mais sua preocupação. — Ele se vira em direção ao banheiro.

— Você não pode simplesmente ir bater nele. — Eu deslizo para fora da cama e ajusto a camisa sobre minhas coxas. — Ele é um ex-fuzileiro naval, um bandido, talvez até mesmo um criminoso. E você vai a...

Ele me lança um olhar escaldante que encolhe o resto das minhas palavras na minha garganta. Seu punho abre e fecha a seu lado, os nós dos dedos dilacerados vermelho brilhante. Ok, talvez ele pudesse obter alguns socos nele, mas...

— É muito arriscado. — Eu caio na borda do colchão, tremendo a idéia dele lutando contra outro de meus monstros.

Lorenzo raramente vem à minha casa sem Shane, de modo que seria eles contra o meu professor. Nada de bom viria disso.

Eu encontro seus olhos. — Os policiais podem ser chamados. Você poderia ir para a cadeia. Ou pior, se você continuar batendo em coisas, você pode quebrar suas mãos e perder a sua capacidade de tocar piano.

Ele caminha de volta para mim, sua expressão dura com linhas obscuras de intensidade. — Apesar do que você já viu, eu normalmente não enfrento problemas com meus punhos. — Ele levanta um daqueles punhos e acaricia-o em toda a minha mandíbula. — Eu prefiro planejamento sutil e enganoso. Lorenzo Gandara não me vai ver chegando.

Okaaay. Então, você vai... O quê? Ir ninja em sua bunda?

Ele volta para o banheiro, sua voz retumbante sobre o ombro. — Estou tomando banho. Em seguida, o banheiro é seu.

A porta se fecha atrás dele, seguido pelo clique oco da fechadura.

Eu me esparramo de volta na cama, minha camisa levanta para minha cintura e me expõe ao ar frio. Eu não sei o que ele fez com a minha calcinha. Eu não me importo mesmo. Ele me viu nua e colocou os dedos dentro de mim. No entanto, tudo que ele me deixou ver dele foi o seu peito nu.

Por que ele trancou a porta? O que ele está escondendo? Meu pulso eleva quando ridículas teorias enchem minha cabeça. É seu pau mal formado? Ou talvez ele não me queira perto dele até que o médico me verifique na existência de doenças?

Minhas emoções transbordam, mas a sensação mais nítida é a única no fundo do meu núcleo. Só de pensar nele nu envia um tremor até minhas coxas e um choque entre as minhas pernas.

Sensações que nunca estiveram lá antes impulsa como uma febre. Eu me sinto tão quente e necessitada. *Para meu professor.*

Está errado. Estar aqui é errado. Deslizando a mão sobre minha boceta parece errado também, mas eu faço isso de qualquer maneira, acariciando da maneira como ele acariciou, mergulhando e circulando exatamente como ele fez isso. Meus dedos são os dedos dele, acariciando, dando, e construindo essa energia maravilhosa dentro de mim.

Logo, meu corpo assume, minha mão se movendo da maneira que eu quero que ela se mova, persuadindo arrepios na minha pele e produzindo uma quantidade inimaginável de calor úmido sob o meu toque.

Minhas pernas caem abertas e minha cabeça inclina para trás, esticando meu pescoço enquanto eu esfrego meu clitóris e afundo dois dedos dentro, para fora e para cima, para baixo e para dentro.

Ele está bem atrás daquela porta, ensaboando sabão ao longo de seu pau, acariciando-o, cuidando dele. Deus bendito, eu quero fazer isso. Aposto que seu corpo nu é uma visão fabulosa de se ver.

A pressão se encaixa dentro de mim, cortando o meu ar quando gozo rola em cima de mim em quentes ondas elétricas. Eu tremo e arremesso, ofegando com gemidos guturais. Santo inferno, talvez eu possa fazer isso novamente. Depois que eu recuperar o fôlego. Como quantos desse eu posso ter um-após-o-outro?

Eu deslizo os dedos na minha abertura lisa. Talvez apenas um mais antes de ele...

Está muito tranquilo. Está o chuveiro desligado?

A porta do banheiro se abre, e ele sai em uma névoa de vapor.

Eu arranco minha mão e enfio a camisa para baixo.

Ele agarra a toalha na cintura enquanto seus olhos árticos bloqueiam nos meus.

Nenhum de nós respira. Ou se mexe.

Ele sabe.

— Você tocou a si mesma.

Meu rosto aquece a níveis nucleares.

Ele agarra a moldura da porta, apertando com tanta força que a madeira estala. Seus olhos uma nuvem de dor, endurecem com determinação, então ele empurra para trás e bate a porta entre nós.

Eu gemo, embaraçada além da crença.

A batida bate da madeira do outro lado. Os cliques de bloqueio,

seguido pelo som do chuveiro aberto novamente.

O que diabos aconteceu? O que eu devo fazer? Assim que ele sair eu vou ter que enfrentá-lo.

Droga, eu me recuso a me envergonhar disso.

Lançando-me do outro lado da sala, eu bato na porta. — Emeric?

— Cinco minutos! — Seu grito abafado soa muito perto de ser no chuveiro.

— Você está bravo?

— Não, Ivory, — ele resmunga.

— Então o quê?

Ele faz um barulho de um rosnado profundo. — Porra, você está me matando aqui.

Eu me afasto da porta e sento na cama. Ele não tentou fazer sexo comigo, mas todos os seus beijos e tocando e olhando me diz que ele quer. Dada a minha vida sexual desagradável, eu posso adivinhar por que ele não vai.

Uma coisa em que eu posso confiar, no entanto, é a sua franqueza. Então, ao invés de ficar doente com suposições, eu ando em direção à loucura que está em seu armário.

Roupas e sapatos alinham-se em uma parede que é três vezes mais do que a minha altura. A qualidade dos tecidos e costuras é diferente de tudo que eu já toquei. Eu abro as gavetas embutidas ao longo do lado e encontro montes de rendas, cetim, e oh meu Deus, lingerie de couro. As etiquetas foram removidas, mas tudo parece novo e exatamente do meu tamanho. Eu moldo as taças de um sutiã de renda vermelha em torno de meus peitos. Ajuste perfeito. Como diabos ele sabe o meu tamanho de sutiã?

Cinco minutos depois, a porta do banheiro abre. Eu escorrego para fora do armário, ainda vestindo sua camisa, e volto para a cama para me sentar na borda.

Seu cabelo preto está parcialmente seco, e a tensão nos seus músculos se foi. Minha atenção recai sobre a protuberância sob sua toalha. Não é uma

tenda. Aposto que ele tocou a si mesmo, mas por trás de uma porta fechada com o chuveiro ligado? O Emeric Marceaux que conheço não se sente envergonhado.

Ele se senta ao meu lado na cama, coloca a mão machucada no meu colo, e circula nossos dedos. — Para esclarecer a minha reação mais cedo... Eu não, de forma alguma, oponho-me a você se masturbando.

Basta ouvi-lo dizer essa palavra impertinente que faísca uma tempestade dentro de mim. — Isso é bom, porque eu definitivamente estou fazendo isso de novo. — Eu levanto uma sobrancelha em ousadia. — Se você aprova ou não.

— Me matando, — ele murmura baixinho.

— Por quê? Por que não me toca em vez disso?

Ele puxa nossas mãos atadas entre os joelhos se espalhando e coloca nossos cotovelos sobre a toalha cobrindo suas coxas. — Eu amo que você quer dá prazer a si mesma. — Ele me desliza um sorriso sexy. — Eu amo um pouco demais.

— Eu ouvi você, *mas* recuei.

— Mas... — Ele me pisca outro sorriso que acelera meu coração. — Eu não vou te mostrar o quanto realmente amei até que esteja pronta.

— Você não vai me mostrar a sua ereção, você quer dizer?

Ele fecha os olhos. — Eu não sou um amante gentil, Ivory. — Ele olha para cima, o seu olhar com posse em meus lábios. — Estou confiante de que, com o tempo, você vai descobrir que você não quer suave. Até então, eu vou esperar.

— Por trás de uma porta trancada?

Ele balança a cabeça.

Eu mordisco o lábio. — Com uma ereção?

O canto de sua boca salta.

Eu olho para o contorno de seu pau por baixo da toalha. — Você deu prazer a si mesmo?

A potência de seu olhar irrita meus nervos conforme ele esfrega a mão

no queixo, esfregando, olhando duro, esfregando com mais força.

Eu realmente não deveria cutucar a besta, mas... *Respiração profunda. Voz forte*. — Da próxima vez que você se masturbar, eu quero ver.

Seu inalar corta para fora, antes que ele se lance. Seu peito colide com o meu, me abraça para trás contra o colchão. Um oomph escapa de meus lábios, mas sua boca está lá, devorando a minha voz, meu ar e minha sanidade.

O peso de seu corpo me pressiona na cama, sua força contrai em torno de mim enquanto sua mão desliza para cima nas minhas costelas, levando a camisa com ela. Meus dedos agarram em seu cabelo, enrolando através das mechas úmidas quando ele me beija com lábios firmes e uma língua devastadoramente urgente.

Pressionada por seu tamanho, a minha boca controlada pela sua, eu fecho meus olhos e simplesmente desfruto o seu carinho feral. Ele pega meu mamilo e dá-lhe um puxão doloroso. Quando eu suspiro, ele geme. Eu balanço meus quadris, e ele mói nele, prendendo-me na cama e pressionando seu comprimento duro contra o meu núcleo. Um pouco mais do que isso e sua toalha vai cair. Talvez eu pudesse ajudá-lo a ir mais a frente?

Eu chego por trás dele e deslizo a mão para baixo nos sulcos de flexão das suas costas. Quando meus dedos batem na toalha, eu escorrego abaixo dela e encontro o aumento da massa muscular firme dura. Meu Deus, como pode a bunda de um homem ser tão irresistível? Eu quero senti-lo com as duas mãos, mas seu corpo é demasiado grande para obter uma boa compreensão. Eu estico meus braços, atingindo...

Ele agarra minha garganta e aperta. A força de seu aperto empurra meu queixo para cima, e minhas mãos perdem polegadas preciosas em sua parte traseira.

O ângulo da minha boca dá-lhe um acesso mais profundo, sua língua ondula em torno da minha, suas exalações molhadas aquecendo meu rosto. —Eu sou uma porra de animal furioso ao seu redor.

Quero dizer-lhe para me usar de qualquer maneira que alimente a sua

fome, mas quando seus dedos fixam mais apertado em torno de minha garganta, é demais. Meus pulmões queimam por oxigênio e pontos negros invadem minha visão. Pânico elevando, minha mandíbula trabalhando contra a sua. Não se beijando. *Combatendo.*

Eu não posso respirar. Minhas mãos debatem contra as costas dele, meu corpo resistindo para escapar. *Solte. Solte.*

O punho em torno de minha garganta desaparece, seguido por seu peso. Aperto meu pescoço e ofego por ar quando o medo gela minhas veias e lágrimas borram meus olhos.

Ele fica ao lado da cama, endireitando a toalha sobre o duro comprimento projetando que eu ainda não vi.

Passando uma mão pelo cabelo, ele olha para mim. — Você não está pronta.

Eu deixo de lado minha garganta doendo e sento-me, sacudindo contra um tremor de corpo inteiro. — Pronta para quê? Sexo?

— Para mim! — Ele caminha até a cômoda e tira meias xadrez e cuecas pretas. — Tenha isso em mente na próxima vez que você pedir para ver eu me masturbar.

Meu estômago afunda. — Eu não entendo. Por que você me estrangulou? Para me assustar?

Se assim for, funcionou. Meu coração ainda está batendo.

— Para mostrar a você. — Ele atravessa a sala, pára no pé da cama, e fecha a cara para sua ereção debaixo da toalha. Então seu olhar perfura nos meus. — Eu tenho prazer em assistir o seu corpo curvar em angústia, em saber que eu coloquei essas lágrimas em seus olhos. Mas só quando você me oferecer esse prazer livremente e com confiança absoluta.

Eu dar-lhe livremente? Eu mesmo tenho uma escolha? — Se você se preocupa comigo, por que não podemos fazer isso sem... Lágrimas?

Seu cabelo preto despenteado e as pestanas grossas dão -lhe uma aparência mais suave, mas a nitidez de seus olhos azuis me lembra de que, se há

alguma doçura dentro dele, é facilmente sufocada por seu temperamento meteórico.

Ele olha para o relógio e olha para mim. — Eu tenho uma necessidade sexual profunda para empurrar uma mulher além de sua zona de conforto. Quando estiver pronta para deixar-me levá-la lá, você vai lutar contra cada instinto em seu corpo, mas eu prometo... O resultado é muito mais gratificante do que um orgasmo.

O que poderia ser melhor do que um orgasmo? É algo mais profundo, como a sensação de calor que enche meu peito quando eu sei que ele está me apreciando? Dando-lhe prazer aumenta o meu para níveis de euforia. Então, sim, talvez haja mais intimidade do que apenas deitar de costas enquanto ele sulca em cima de mim. Mas eu não tenho idéia do que poderia ser.

Eu engulo. Eu não sei como me sinto sobre a asfixia. Será que vai além da minha zona de conforto? Aquilo que ele tentará prosseguir? — Por que você quer me empurrar assim?

— É a máxima confiança, e o poder disso é incomparável.

Apesar do mal-estar borbulhando dentro de mim, eu consigo manter minha voz firme. — Eu não quero que ninguém tenha excesso de poder...

— Não, Ivory. Você é a única com o poder. Você define os limites e decide quando parar. — Ele franze a testa para mim quando uma contração muscular desliza sobre o peito sem pêlos. — Você não usou sua palavra de segurança.

Porra, eu esqueci. — Eu não podia falar com a sua mão...

— Besteira. Você não tentou.

Eu ajusto a camisa sobre minhas coxas. — Essa é uma lição, não é?

— Sim. — Sem outra palavra, ele pisa dentro do armário, deixando-me em uma pilha corada de agitação.

Poucos minutos depois, ele sai completamente vestido e diz-me para vir para a cozinha quando eu estiver pronta para ir.

O objetivo da sua lição me consome enquanto tomo banho, escovo meu

cabelo e dentes, e me visto sozinha em seu quarto. Eu sei que minhas percepções de sexo e os homens são grosseiros, mas a pressão de sua mão na minha garganta era nada comparada com os últimos quatro anos de dor e medo. Não faz seus métodos aceitáveis, mas a maneira que ele faz as coisas assustadoramente durar pode ser realmente eficaz.

A próxima vez que ele me deixar desconfortável, eu vou ter a certeza que eu estarei pensando na palavra de segurança. E ele vai dar-lhe atenção. Desde que o conheço, ele não tomou uma única coisa que eu não estava disposta a dar. Meu Deus, há poder nisso. Sabendo que ele vai parar quando eu disser a palavra faz-me sentir mais alto, mais firme... Mais leve.

Eu piso no couro macio dos sapatos novos e desço as escadas. Os sapatos adoráveis prata e preto têm pequenas barreiras de malha em torno dos dedos dos pés. Eles acrescentam um toque moderno para o vestido de tecido vermelho. As mangas três-quartos irão manter-me quente nas noites de outono. A bainha reta passa por meus joelhos, e o corpete tem essa faixa legal que cruza de trás para frente e laços na minha cintura.

Toda a roupa me faz sentir elegante e... Acarinhada. Uma pequena voz na minha cabeça me lembra de que eu não ganhei essas roupas. Exceto que Emeric deu para mim sob o entendimento muito claro que eu pertenço a ele e, por sua vez, tudo o que ele possui é meu. Difícil envolver minha mente em torno disso. Mas, por agora, vou usar as roupas, porque o seu presente significa mais para mim do que meu orgulho condenável.

Eu encontro-o sentada na ilha na cozinha, escolhendo através de uma bandeja coberta com ovos, queijo e bacon. Sua atenção salta para mim, e ele congela. Apenas seus olhos se movem, calor sob as sobrancelhas escuras quando ele faz um passeio sem pressa de cima e para baixo do meu corpo.

É óbvio que ele comprou essas roupas porque o meu guarda-roupa atual está em falta. Mas quando ele continua a sua leitura da cabeça-aos-pés, eu percebo que ele foi fazer compras, porque ele estava pensando em mim, talvez imaginando como gostaria de me ver vestida com as coisas que ele gosta.

Na olhada final, suas duras características faciais amaciam com satisfação. Algo dentro de mim trava e prende. Eu coloquei esse olhar em seu rosto, ao aceitar o seu presente. Eu não sei o que é, mas sabendo que eu agrado-o engata tão bem com todos os novos sentimentos que ele desperta em mim.

Ele olha nos meus olhos. — Vestido mais afortunado do planeta.

Meu coração rola em uma cadência de batidas pesadas. — Não posso acreditar o quão bem ele se encaixa.

Ele olha para os meus lábios. — Sente-se e coma.

Sua gravata paisley[31] marrom, camisa branca de botão, e calça marrom pareceria à moda antiga em outro homem. Mas para ele, é um articulado designer de metrossexual. Inferno, ele poderia usar um coleira e um chicote estalando, e as mulheres tirariam sua calcinha em sua presença.

O cheiro forte de café gira em torno de mim quando eu sento ao lado dele. — Sem colete hoje?

— O clima pede um casaco.

Eu olho para o casaco de camurça marrom dobrado sobre as costas da cadeira. As mangas compridas podem ajudar a esconder os cortes em suas juntas.

Ele carrega o meu prato, coloca meu suco, e descansa a mão na minha coxa. Eu não fui tratada desta forma desde que meu pai estava vivo. Sentada aqui com roupas bonitas, colocando comida na minha barriga, eu estudo-o como uma menina órfã iria olhar seu protetor, como uma estudante com o seu professor, mas mais do que isso, eu olho para ele como uma mulher que abriu seu coração para um homem.

Ele enche tantos espaços vazios na minha vida, e meu desejo por ele só me tricota mais perto, mais apertado em um mundo que eu apenas sonhei. Um mundo onde eu interajo com um homem porque eu quero, porque ele tem cuidado por mim tanto quanto eu me preocupo com ele.

Só que ele diz que eu não estou pronta.

Antes que eu o conhecesse, gentileza era tudo que eu queria, mas agora?

Quando comecei minha formação musical, eu adquiri uma apreciação aguda para o uso do contraponto do Bach's kickass[32]. Aqueles que não sabem como ouvir a sua música só ouve uma confusão de linhas ruidosas. Mas o que ele compôs foi várias melodias, com cada mão tocando uma versão diferente da mesma música.

Emeric aplica contraponto em tudo que faz. Com uma mão, ele bate com ternura e autocontrole enquanto com a outra bate com intensidade e dominação. Seus métodos podem ser contraditórios, mas ele executa-os em perfeita harmonia.

Pousei o garfo e sinto o aperto de seus dedos na minha coxa. — Como vou saber quando eu estarei pronta?

Ele levanta a mão e pressiona um beijo na palma da minha mão. — Eu saberei.

Eu procuro seu rosto, demorando-me em seus lábios esculpidos, mandíbula recém-raspada e olhos ultramarinos. — Então o quê?

Promessas dançam como notas sinistras em seu olhar. — Então você vai ser grata por essa palavra de segurança.

Um arrepio lambe minha espinha, e erupções de dor entre as minhas pernas. Eu quero o que ele está oferecendo tanto quanto eu não quero isso. Ou talvez eu gostaria de não querer isso.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, em seguida, me concentro no café da manhã.

Ele raspa seu prato limpo e empurra-o fora. — Quando você não estiver na escola ou aqui, você não vai sair do meu lado.

Eu engasgo, murmurando em torno do pedaço de queijo. — Como isso funciona?

— Não fale com a boca cheia.

Mastigando rapidamente, eu engulo. — Quando vou para casa...

— Você mora comigo agora.

Eu endureço quando suas palavras penetram meus tímpanos. Eu ouvi-as, mas o seu significado não está sincronizando com o meu cérebro.

Ele bebe seu café, olha para o telefone e olha para mim como se me dissesse para vir para o jantar, não a porra de *morar comigo.*

Encaro-o com minha boca aberta. —Você está fodendo comigo.

Levantando a caneca aos lábios, ele olha de volta, não há uma sugestão de um sorriso em seus olhos.

Ele é sério.

Eu perdi uma conversa inteira onde ele me pediu para morar com ele? Oh espere. Ele não pediu nada.

Eu encosto contra a parte de trás do banco. — Isso é por causa de Lorenzo.

— É uma razão apropriada. — Ele enche sua caneca com a garrafa na mesa e retorna ao seu telefone.

Droga, seu anti-Eu *não posso* descartar, porque eu quero gritar essas palavras repetidamente. — É contra a lei. Você é meu professor!

— Você é minha garota. — Ele preguiçosamente olha a tela em seu telefone. — Essa é a única lei que você precisa se preocupar.

O quê? Minha cabeça martela. — Você é insano.

— Você é minha.

— E se alguém descobrir?

Ele percorre o seu e-mail, sem nenhuma preocupação no mundo. —Meu problema.

— Mas Schubert...

Ele deixa cair o telefone e bate seus lábios contra os meus com um beijo que diz *cale-se e confie em mim*. Em seguida, ele se inclina para trás e retorna ao seu e-mail. — Estamos pegando o gato depois da escola.

# 29
# EMERIC



A três lotes de distância da casa de Ivory, eu paro o GTO na rua enquanto ela alimenta o gato. A moto laranja não está aqui, mas eu não sei se mais alguém está em casa.

Se eu tivesse uma explicação jurídica para chegar com ela às seis e meia da manhã, eu estaria naquela casa com ela agora. Em vez disso, eu sou forçado a monitorá-la de longe, através da ligação entre os nossos telefones, pronto para fazer o que for necessário para ser seu ponto de ancoragem e proteção.

A primeira luz do amanhecer ilumina as telhas irregulares nas casas vizinhas. Eu seguro meu telefone em um agarre apertado, odiando que eu não posso vê-la se movendo dentro. Mas eu escuto-a através do alto-falante. Cada sopro de sua respiração através do fone de ouvido conectado a minha orelha.

Antes de sair da minha casa, dei-lhe o telefone que eu comprei para ela semanas atrás. Embalei-o em suas mãos, como se fosse o inestimável violino Vieuxtemps[33], sua expressão pálida impregnada com certa reticência. Eu vejo mais a frente a sua reação quando eu lhe der um carro.

— Sua mãe ou irmão estão ai? — Pergunto ao telefone.

— Ambos, — ela sussurra. — Adormecidos.

Se eu ouvir um suspiro ou um único som perturbador, eu vou estar

nessa porta em menos de dez segundos.

Eu flexiono minha mão no volante, os nós dos dedos machucados espiando debaixo da manga longa. Ivory provavelmente sabe que a verdadeira razão de eu estar vestindo a jaqueta é para esconder os cortes. Eu não quero que ela se preocupe com o que as pessoas assumem ou não assumem. Esse é o *meu* trabalho.

Quando eu foco no farfalhar de seus movimentos através do telefone, minha mente vagueia de volta para o quarto esta manhã e a maneira erótica que seu pescoço sentia-se no colar do meu aperto. Ela confia em mim, mas ela entrou em pânico, lutando com seu corpo e me implorando com os olhos, assim como ela faria com qualquer outro homem. Isso é inaceitável.

Asfixia, chicoteamento, obter prazer a partir de qualquer tipo de dor e humilhação não é para os fracos de coração. Se eu tivesse qualquer dúvida sobre o que a desperta, minha abordagem seria diferente. Se ela fosse demasiado tímida para segurar o meu olhar, ela provavelmente não teria me chamado a atenção, em primeiro lugar.

Se ela fosse qualquer outra pessoa, eu não estaria sentado aqui, cem por cento investindo e arriscando o pescoço para estar com ela.

Ivory Westbrook não é frágil. Ela é construída para a minha marca de proteção e do apetite pelo domínio. Tratá-la com luvas de pelica faria um grande desserviço a ela.

Sua força emocional é uma das muitas razões pelas quais eu estou tão descontroladamente atraído por ela. Sim, ela é a criatura mais linda que eu já vi, mas estou encantado com o pacote inteiro. Ela se levanta para mim quando pensa que eu estou errado, mas cresce molhada sob a força da minha voz e o calor do meu cinto. Aposto o Fazioli do meu avô que o sexo monótono normal com um homem apagado iria sufocar ela.

Se essas qualidades decorrem de sua natureza submissa ou seu passado abusivo, é minha responsabilidade como seu primeiro parceiro sexual real fazê-la ciente das muitas facetas do prazer. Sexo não tem de estar em conformidade

com os padrões da sociedade para ser saudável. Ele não tem que ser lento e suave para ser seguro. E não tem que ser livre de algemas de couro para ser consensual.

Ela está aprendendo, mas como ciente está consciente o suficiente? Esta é a parte mais difícil.

Eu a quero, e essa necessidade é uma batida pulsante sem fim dentro de mim, como uma música não escrita batendo contra meu peito para sair. Movendo-a para minha casa e dormindo ao lado dela enquanto não estar transando com ela é pura tortura. Mas eu sei que ela é consciente da minha contenção, e eu também sei o quanto ela aprecia e respeita.

O fato de eu achar que monta-la, afundar meus dentes em seus peitos, e estrangular seus suspiros não é a questão. A própria circunstância de seu abuso combinado com o meu papel como professor faz mesmo a intimidade mais gentil com ela ser difícil. Eu poderia persuadir suas pernas abertas com palavras eloquentes, fode-la docemente, e ela deixaria isso acontecer, porque é a única maneira que ela sabe como responder a um homem.

Bem, foda-se. Antes de eu entrar em seu corpo, ela estará comigo mentalmente e emocionalmente, em seus termos, fazendo uma escolha consciente entre me parar ou render-se a mim. Ao contrário, esta manhã, quando minha mão foi em torno de sua garganta. Ela não cedeu nem usou sua palavra segura. Porque ela ainda não entende o que realmente significa estar disposta.

Poucos minutos depois, ela volta para o carro e trava o cinto de segurança.

Eu ligo o carro, olhando em sua postura relaxada ao meu lado. — Eles não acordaram?

— Não. — Um sorriso suave toca seus lábios. — Schubert sente falta de mim. — Ela se vira no banco para me encarar. — Emeric, precisamos falar...

— Se isto é sobre se mudar, é inegociável.

— Eu tenho uma palavra a dizer sobre onde eu moro.

— Não quando se trata de sua segurança. — Eu viro para Rampart

Street e sigo em direção a Le Moyne. — Com Shane e Lorenzo naquela casa, eu não preciso dizer-lhe como não é muito seguro viver lá.

Ela franze os lábios em uma careta.

Eu descanso minha mão sobre sua coxa. — Pare de lutar contra isto.

— Eu sou sua aluna. Se alguém descobrir que eu estou vivendo com...

— Eu vou ser preso, e você vai estar livre e desembaraçada de quaisquer consequências.

— Exatamente. Eu não quero isso!

— O risco é meu. — Eu infundo minha voz com autoridade, um tom que lembra a ela que sou a solução para a sua situação, simplesmente porque eu estou no comando, no controle, e é meu objetivo, acima de tudo, para mantê-la segura. — Esta é a minha decisão, e você não vai me questionar sobre isso novamente.

Quando eu retardo em um semáforo, ela destrava o cinto de segurança e se inclina sobre o console.

Sua mão faz uma varredura familiarizada pelo meu cabelo, os olhos sorrindo para mim. — Você é uma espécie encantador quando começa todo sério e mandão. — Ela baixa o queixo e aprofunda sua voz. — *Como eu sou o homem, que estabelece a lei, e é assim que vai ser.*

Fofa. Balanço a cabeça, lutando contra um sorriso.

Ela aperta os dedos contra o meu couro cabeludo e move sua boca a um fio de cabelo de distância. — Mas eu tenho minha própria mente e voz, e você vai ouvi-las quando e como eu quero.

Eu fico olhando para os lábios, divertido e excitado. — Eu esperaria nada menos, Srta. Westbrook.

Assim como ela espera eu calar-me, ela continua.

— Bom. — Um brilho cintila em seu olhar. — Você também deve esperar que eu não irei desistir de Leopold.

Claro, ela não vai, o que significa que eu preciso descobrir como fazê-lo funcionar.

Ela desliza os dedos para meu queixo, cobrindo meu rosto quando me beija. Ninguém do Le Moyne se aventura nesta parte da cidade, por isso, os motoristas que passam pode embasbacar tudo que eles queiram.

Eu lambo os lábios e comprimo para frente para juntar nossas línguas. Apenas um golpe e um roce de nariz, um movimento sugestivo, mas isso é tudo o que preciso. Ela geme, inclinando a cabeça para uma conexão mais profunda, o peito ao se aproxima, levanta para o ar. Cristo, seu desejo é tão impressionante quanto o meu.

O semáforo vai mudar a qualquer momento. Eu não dou à mínima. Eu assumo o beijo, agarrando seus quadris e arrancando-nos juntos contra o console. Com meu pé firmemente pressionado no freio, eu dou-lhe uma provocação completa com a minha língua, apunhalando e acoplando nossos lábios, enquanto minha mão muda mais baixo para agarrar sua bunda em um aperto de contusão.

A buzina soa atrás de nós. Separamo-nos, rindo através de respirações pesadas como crianças da escola.

Eu impulsiono o carro para frente, a minha atenção correndo entre ela e a estrada. — Toda vez que eu vê-la hoje, vou pensar sobre esse beijo.

Ela ajeita o cabelo atrás da orelha e me dá um olhar sensual. — Eu também.

Enquanto blocos de edifícios desfocam, nós estabelecemos um vínculo vibrante, uma ligação sem palavras reforçada com uma troca de persistentes olhares e sorrisos. É uma coisa tão confortável, esta energia entre nós, como se estivéssemos em nosso próprio mundo privado, onde não existem erros do passado, sonhos universitários, e as leis de alunos e professor. Aqui, nesta suspensão isolada do tempo e do espaço, nada pode nos separar.

Eu teço nossos dedos no colo. — Diga-me o que você está pensando.

Ela rola a língua contra o interior de sua bochecha. — É estranho estar em seu carro, vestida com roupas bonitas, sensação de saciada por um grande café da manhã. Meu estômago está feliz. — Ela fecha os olhos, em seguida,

abre-os, travando no meu. — Eu estou feliz. E assustada. Eu acho que eu estou com muito medo, mas a felicidade... Isso não volta frequentemente, e eu estou com medo de perdê-la.

Ela provavelmente está pensando em seu pai e a segurança que perdeu quando ele morreu.

Eu quero mandar ela  deixar tudo o que a preocupa para mim, mas isso não funciona dessa maneira, então eu ofereço-lhe uma perspectiva diferente. — Quando estamos juntos, Ivory, quando é só você e eu como agora, a felicidade só pode ser limitada por nós. Nós fazemos as regras e decidimos como isso irá ser. Nosso mundo é tão ilimitado e real como nossos sentimentos um pelo outro.

Ela levanta a mão e coloca um beijo em meus dedos. — Obrigada.

— Por?

— Por sempre saber o que dizer. — Ela segura minha mão sob o queixo. — Por me alimentar. Por me deixar alimentar Schubert. Pelo telefone, as roupas, e...

— De nada.

Eu juro que seu coração é envolvido em torno do meu, alongando e ronronando e esfregando contra as paredes do meu peito. É emocionante e assustador, a maneira como ela se esgueirou dentro de mim tão rapidamente.

A poucas quadras da escola, eu estaciono em uma rua tranquila. — Eu não estou feliz com isso.

Ela abre a porta e me joga um sorriso fácil. — Eu ando para a escola todos os dias.

— Eu não gosto do sigilo.

Já estive lá, fiz esta dança com Joanne. Ivory merece melhor.

Mas se eu for preso, ela vai voltar para Treme, Lorenzo Gandara, e o desespero financeiro. Eu sou o único responsável por proteger-lhe de tudo.

Eu aperto a parte de trás do pescoço dela e puxo-a para um beijo. —Não vai ser sempre assim.

Quando se formar, eu não vou ser seu professor. Nosso relacionamento

será legal e... Ela irá para a faculdade, onde quer que seja. Então o quê? Vou segui-la? Será que ela me quer junto? Ela não terá uma porra de escolha.

Ela descansa sua testa contra a minha. — Não faça promessas que não pode cumprir.

Meu rosto inflama quando convicção endurece meu estomago. — Eu vou fazer o que for...

Ela aperta seus lábios macios contra os meus e instantaneamente diminui meu temperamento subindo, me beijando até meu pau inchar.

Muito cedo, ela puxa para trás. — Podemos discutir o futuro depois de absorver tudo o que está acontecendo agora.

Com isso, ela desliza para fora do carro, o corpo assassino, bunda fodível, e pernas longas caminhando iluminada pelo sol. Porra impressionante.

Assumindo sua nova mochila, ela se abaixa para passar pela cabeça. O decote de seu vestido vermelho cai aberto, dando-me uma visão profana de seus firmes e jovens seios arfando contra o sutiã de seda vermelho.

Ela me pega olhando e levanta uma sobrancelha.

Como eu não posso olhar? É programação genética, e Ivory tem grandes mamas do caralho.

Um canto de sua boca levanta em um sorriso sedutor. — O verei na sala de aula, Sr. Marceaux.

Ela vai embora, deixando-me sem oxigênio na porra do carro. Eu rolo para baixo a janela e acelero o motor algumas vezes para chamar sua atenção.

Olhando por cima do seu ombro, ela enfia seu sorriso entre dentes mordiscando. — Você está tentando competir comigo ou impressionar-me?

Eu só queria vê-la sorrir mais uma vez. Agora eu posso respirar novamente.

# 30
# EMERIC



Passo o dia ouvindo murmúrios e prestando muita atenção às expressões sutis. Beverly Rivard me cumprimenta na sala dos professores vestindo uma careta de boca fechada com desdém. Nada de novo lá. Andrea Augustin me observa de longe, cautelosa e ferida. Ela vai superar isso. Prescott fica de fora do meu caminho nos corredores e se esgueira em seu assento durante a aula. Ele é o único que me preocupa mais. Eu o humilhei na frente de Ivory na noite passada, um golpe terrível para o seu ego de rapaz. Mas se ele abre a boca, ele tem mais a perder do que a sua dignidade.

Na sala de aula, Ivory mantém seu comportamento como uma estudante. Ela não sustenta meu olhar por muito tempo. Não flerta ou demonstra afeto. Mas a tensão sexual entre nós paira como uma tempestade elétrica. Se alguém soubesse o que procurar, eles pegariam isso. Prescott deve ter alguma idéia depois da maneira como eu a defendi, mas ele não se atreve a olhar para ela ou para mim. Por enquanto, tudo que posso fazer é mantê-lo sob o meu estreito escrutínio.

Depois das aulas particulares de Ivory, voltamos para a casa dela. O céu sem estrelas e ausência de luz lança sua rua em uma mancha de sombras.

Enfiando o GTO no mesmo local que eu usei esta manhã, olho na escuridão além de suas janelas. — Ninguém está em casa.

— Acho que não. — Ela abre a porta do carro. — Eu vou ser rápida.

Eu desligo o motor e saio para me juntar a ela na rua.

Ela balança a cabeça e aponta de volta para o carro. — Fique aqui. Alguém poderia voltar para casa.

É arriscado, mas ela não vai entrar em uma casa escura sozinha à noite. Nem ela vai segurar um gato e todos os seus pertences sozinha. Mas no caso de seu irmão aparecer, eu preciso prepará-la para uma reintrodução desagradável.

Eu pego a mão dela e levo-a para a varanda da frente. — Eu conheci Shane um tempo atrás.

— O quê? — Ela para na calçada e olha para mim com os olhos arregalados. — Quando?

Eu puxo os dedos espremendo, forçando seus pés para me seguir até as escadas. — Ele não sabe quem eu sou, e infelizmente, ele não sabe por que eu quebrei seu nariz.

Ela engasga seus passos vacilantes, mas mantem-se em movimento.

— Foi você? — Sua testa enruga enquanto ela abre a porta. Um suspiro passa pelos seus lábios. — Por causa do corte no meu lábio.

— Ninguém fere a minha garota.

— Eu amo quando você diz isso, — ela sussurra suavemente.

Com mãos suaves, ela ajeita a minha gravata, os dedos descendo a seda antes que ela se afaste.

Quando ela abre a porta, o cheiro de fumaça de cigarro inunda meu nariz.

Um segundo depois, um gato malhado laranja corre das profundezas escuras e diminui a seus pés, ronronando como um motor e esfregando contra seus tornozelos.

Ela o pega, acariciando a cabeça rodada contra seu pescoço como se ele fosse a coisa mais vital no mundo.

Enfio as mãos nos bolsos e tento conter meu ciúme sobre um maldito gato. — Você vai me deixar entrar em algum momento esta noite?

— Então, impaciente. — Ela aperta rapidamente o interruptor de parede e a pequena sala inunda com a luz. Em seguida, ela segura o gato para mim e deixa-o cair em meus braços, obrigando-me a levá-lo. — Eu só preciso pegar as coisas dele.

Quando ela corre através da linha de portas para a parte traseira da casa, a bola de pelos em minhas mãos golpeia nada menos do que mil cabelos laranja por todo o meu casaco de camurça.

Eu piso, olhando para ele. — Você vai mijar em meus tapetes?

Olhos dourados redondos piscam preguiçosamente. Em seguida, ele arrasta sua bochecha peluda em meu peito, cavando.

Eu nunca vivi com um animal de estimação, mas ele parece amigável o suficiente. Embora todo o derramamento de pelo...

— Podemos raspar essa coisa? — Eu grito para o quarto dos fundos.

O rangido de seus passos faz uma pausa. — Eu pensei que você não gostava de bocetas raspadas.

Um sorriso se estende em meu rosto. *Touché, minha linda menina.*

Eu carrego Schubert através de uma sala de estar arrumada. É limpo, porque não há absolutamente nada aqui, mas uma caixa de papelão de roupas no canto, uma mesa pequena no final, e um sofá com almofadas moles. Continuando para a parte de trás, eu passo um quarto, em seguida, outro quarto, ambos apenas suficientemente grandes para acomodar os colchões no chão e a confusão de lavandaria e cinzeiros.

O quarto não oferece uma sugestão da menina que eu conheço. Ivory é organizada, suas roupas são simples e poucas, e ela não fuma. Realização aperta o meu peito e acelera os meus passos.

Eu alcanço o último quarto, a cozinha, e encontro-a levantando uma bandeja com restos pela porta dos fundos. — Onde você dorme?

Ela pega algumas latas de comida de gato do balcão desordenado e passa por mim para o quarto mais próximo. — Este é o quarto da minha mãe.

Eu paro atrás dela, acariciando o gato e agitando mais pelos soltos.

Meu coração bate contra o meu peito enquanto absorvo as condições de pobreza que ela vive. Quando ela atinge o segundo quarto, eu sei o que ela vai dizer, e eu não quero ouvi-lo.

— Quarto de Shane. — Ela olha fixamente para as pilhas de roupa suja. — Ele costumava ser meu, mas quando meu pai morreu, Shane voltou. Então...

Ela continua em frente, voltando para a sala da frente. Meu estômago afunda quando eu encaro o sofá caído com novos olhos.

— Aqui é onde eu durmo. — Ela olha para mim com expectativa. —Pronto para ir?

Eu posso engolir a minha raiva com o lembrete de que ela nunca mais vai dormir em um sofá maldito novamente.

— Isso é tudo o que você está trazendo? — Eu aceno na bandeja e latas de comida em seus braços.

Seus olhos caem ao gato ronronando no meu peito, e ela sorri calorosamente. — Ele é tudo que eu deixei aqui.

À medida que saio de seu bairro, a tensão nos meus músculos solta com cada bloco que eu coloco entre ela e aquela casa. Eu nunca me senti mais certo sobre uma decisão do que sobre esta.

Com o gato agachando-se e miando no banco de trás, só há uma coisa que ela deixou que vá trazê-la de volta para Treme.

Eu faço uma parada não planejada, puxando para cima do meio-fio ao longo das janelas gradeadas da loja.

Ela torce no banco e procura meu rosto. — O que você está fazendo aqui?

— O velho não a verá em um par de dias. Vá lá, dê-lhe seu número de telefone, e diga-lhe que você está segura.

Isso me ganha um enorme sorriso antes que ela pula e corre para dentro.

Uma hora mais tarde, durante o jantar na minha cozinha mais uma

rodada de quesadillas[34] servidas, Ivory me dá a sua lista escrita de contas. Assim como eu especifiquei, ela inclui itens que ela precisa comprar, tais como material escolar diversos, desodorante, e tampões. Eu sorrio quando vejo o controle de natalidade na lista.

Ela tenta me dizer o que vai e não vai fazer com suas contas, mas eu a calo com meus lábios fundidos nos dela e os meus dedos em sua boceta. Ela arqueia de volta sobre a ilha da cozinha, os nossos pratos vazios chocalham com o impulso da minha mão. Dois orgasmos mais tarde, ela tropeça na sala de estar para lidar com seus trabalhos de casa, o argumento esquecido.

Meus dedos machucados ainda estão muito lesados para tocar piano, então eu corro na minha esteira, tomo um chuveiro e me conecto nas memórias de sua cabeça inclinada para trás, garganta exposta, pernas abertas se contorcendo e vulnerável em meus braços. Vulnerável e todas as coisa sujas e depravadas que eu fantasio fazer a cada buraco no seu corpo. Cristo, se ela soubesse o que tenho planejado para ela.

Antes de sair do chuveiro, eu obtenho outro orgasmo porque porra, eu vou dormir ao lado dela esta noite.

Digo a mim mesmo que ela não está pronta para a forma retorcida e selvagem que eu fodo, mas no fundo da minha mente, há uma data de expiração no meu autocontrole. Uma data que é anexada a consulta do seu médico no sábado, apenas quatro dias de distância. Eu tenho esta necessidade enredando forte para estar com ela, sem nada entre nós, incluindo preservativos. Uma vez que os resultados dos testes confirmarem que posso fazer isso, todas as apostas estão fora.

Ela se move para o quarto para terminar a sua lição de casa com Schubert enrolado ao lado dela. Eu escorrego em meu escritório e defino os pagamentos para cobrir as despesas com sua família desprezível. Eu penso em pagar as suas hipotecas. Seria mais fácil, mas fodam-se. Vou financiar suas contas até a graduação de Ivory, só porque eu não quero dar-lhes uma razão para

ir à procura dela. Depois disso, eles podem dormir sob uma fodida ponte.

Eu estendo a mão para o meu serviço de Buffet e obtenho-os adicionados a Stogie na sua rota diária. Ele pode recusar a comida. Ou talvez ele vá vê-lo pelo que é: a minha gratidão por oferecer a Ivory um lugar seguro para ir todos estes anos.

Com isso acabado, eu faço mais algumas chamadas de telefone, encontro um investigador confiável, e faço contato. Terminando a conversa, o investigador tem muito pouco para ir em frente. Um nome. Um número da placa. Mas ele me garante que é o suficiente.

Até o final da semana, o investigador prova seu valor, fornecendo tudo o que preciso para seguir em frente.

Eu sei exatamente como vou lidar com Lorenzo Gandara.

# 31
# IVORY



Sexta-feira, eu vou para o meu armário no Campus Center. Apresso Ellie ao meu lado, falando sobre como eu tenho um salto rápido no meu passo. Em vez de apontar que as suas pernas são mais curtas do que a minha, eu diminuo meu andar e divertidamente bato meu quadril no dela.

— Você parece diferente. — Ela sorri para mim, piscando os olhos castanhos angulares. — Isso é tudo que estou dizendo.

Ela não mencionou as minhas roupas novas. Não, ela está muito ocupada tentando encontrar significados oculto na maneira que eu ando.

— Você está... Mais leve. Você sabe como, mais animada. — Ela brota na minha frente e salta para trás em direção aos nossos armários, seu rabo de cavalo preto girando em torno de seu pescoço. — Você tem um namorado, não é?

Eu não sei o que Emeric é, mas definitivamente não é um namorado. — Então você acha que um cara é algum remédio mágico para a perda de peso? Ou talvez você esteja dizendo que eu estou mais falante?

Ela ri e se vira para marcar em sua associação. — Você é tão estranha.

Eu abro meu armário e encontro um pequeno papel dobrado em cima dos livros didáticos. Com um enorme sorriso, eu alcanço e toco-o. Acaricio-o.

Emeric esteve deixando-me notas toda a semana. Só de imaginar-lhe

rabiscar cada uma na sua caligrafia eloquente e saindo do seu caminho para colocá-lo através do orifício na porta do meu armário envia uma vibração no meu peito.

Ellie está a poucos passos de distância, distraída por seu telefone.

Eu obtenho o bilhete de dentro do armário e desdobro-o.

*Eu quero você.*

*Eu espero por você.*

*Você tem a mim.*

Ele faz minha alma doer. Eu leio novamente, e meu corpo todo dói. Quando eu fecho meus olhos, ouço sua voz profunda, sinto o seu toque contundente, e saboreio a canela em seu hálito. Ele está comigo, sempre me cercando, me levantando. Droga, talvez eu esteja mais leve.

O clique de saltos se aproxima por trás de mim. Eu amasso a nota em meu punho e olho por cima do meu ombro.

Ann inclina-se contra o armário entre Ellie e eu e dá-me um once-over[35]. — As meninas têm falado.

Uh huh. Ela está aqui, em nome da população feminina, para me lembrar de que ela é mais bonita, mais inteligente e mais popular.

Eu deslizo a mão na bolsa e solto a nota amassada dentro. Então eu viro para encará-la de frente, usando o sorriso que meu pai sempre disse que era a minha maior arma.

Seu desprezo deforma sua pele negra e perfeitas características suaves. — Isso é um vestido Dolce & Gabbana[36].

Olho para a estampa da margarida amarela e branca, amando como a silhueta de uma linha se encaixa no meu corpo. — O.

— Ontem você usava Valentino[37]. Dia antes foi Oscar de la Renta[38]. Autênticos, Ivory. Você é uma ladra agora?

Por que Emeric não poderia apenas pegar algumas roupas da Wal-

Mart? Eu não teria sabido a menor diferença.

*Porque ele não faz nada a não ser que seja acima-do-topo.*

Ellie vem ao meu lado, pegando a mochila gigantesca por cima do ombro. —Deixe-a em paz, Ann.

— Está tudo bem. — Eu aceno em direção a Crescent Hall. — Eu vou alcançar você, ok?

Ela me dá um sorriso simpático e vai em direção a nossa próxima aula.

Eu volto-me para Ann e contemplo uma resposta repulsiva, porque é muito divertido vê-la se contorcer. Eu poderia dizer a ela que comi o gerente da loja Neiman Marcus[39]. É aonde as pessoas vão para comprar essas roupas? Eu não sei, mas essa sugestão bate muito perto de meus prévios acordos. Oh, eu sei... — Comecei a vender meus óvulos.

Seus olhos castanhos aumentam. — Seu... o quê?

— Os óvulos. — Eu dou de ombros. — Quem diria que a ovulação pode ser tão lucrativa? Com a minha beleza e excelentes resultados do SAT, o centro de fertilidade me paga o dobro da taxa atual.

Ela faz um barulho de engasgos. — Isso é nojento.

— Então é a sua posição. — Eu fechei o armário e passo ao redor dela. — Mas estou profundamente tocada por quão perto você presta atenção em mim. Traz uma nova luz sobre a nossa amizade. Talvez possamos ir às compras e ter festa de pijama. — Eu prefiro ser esmagada por um piano mil duzentas libras.

— Nós conseguiríamos colares BFF...

— Você é uma cadela.

... Ou Não. — eu dou palmadinhas em seu ombro ósseo quando passo. — Obrigada por mantê-lo real.

Várias horas mais tarde, eu estou sentada atrás da Steinway no palco do teatro do campus. Emeric moveu minhas aulas particulares aqui há alguns dias para me fazer confortável com a acústica. A celebração do feriado de Música de Câmara está a apenas um par de meses de distância. Como uma das maiores

apresentações do Le Moyne, o ballet é aberto ao público e apresenta os melhores músicos e dançarinos da academia.

Piano é apenas uma pequena parte da produção, mas eu gostaria de finalmente fazer parte dela. Emeric ainda não anunciou quem vai preencher esse lugar. Ele leva seu trabalho tão a sério que não está me dando quaisquer vantagens só porque estamos juntos. Eu tenho que ganhar, e não há um pingo de mim que se sinta rancorosa com ele por isso.

Mesmo assim, ele tem uma maneira frustrante de me fazer esperar por coisas.

Quando ele se juntou a mim na cozinha esta manhã, ele me disse que é bonito me ver esperando.

Terei prazer em ir até a exaustão esperando por ele. À espera de sua disciplina. À espera de seu afeto. Esperando o desconhecido.

— Comece de novo. — Sua voz se lança das sombras dos assentos diferenciados.

Temos o teatro para nós mesmos. Ele está em algum lugar na fila da frente, mas eu não posso vê-lo além das luzes ofuscantes do palco.

Inclinando-me sobre o teclado, eu mergulho no Nutcracker suíte de Tchaikovsky[40]. Minhas mãos voam através dos tremolos[41] de ruptura, pulsos tirando as chaves rapidamente mutáveis. Eu toquei este pedaço tantas vezes que eu sei de forma mecânica, meus dedos se movendo por vontade própria, perfeitamente adaptados com as notas.

Quando a marcação no meu relógio atinge sete horas, a transpiração lambe minha pele, e pontada de espasmos nas articulações em meus ombros e mãos. Emeric só interrompeu-me algumas vezes para salientar deslizes. Inferno, ele tem estado tão tranquilo pela última hora. Eu me pergunto se ele saiu.

Eu rodo no banco do piano e aperto os olhos contra a luz. — Será que você caiu no sono ai fora?

— Não. — Ele limpa a garganta. — Isso foi requintado, Srta.

Westbrook. — A voz dele escura profundamente enfraquecida ecoa através do teatro. — Este palco não é grande o suficiente para você.

Gavinhas de calor desfraldam dentro de mim, em espiral ao longo de meus braços, entre os meus seios, e em torno de minha espinha.

— Como sobre o palco em Leopold? — Eu inclino minha cabeça, piscando contra as luzes. — Você sabe, já que é aonde eu vou.

— Leopold é apenas uma idéia presa na sua cabeça. Pense grande. Melhor.

Melhor do que o melhor conservatório? Eu franzo meus lábios. — Como o quê?

— Não há uma audiência no mundo grande o suficiente para contê-la. Mas você precisa de um apaixonado o suficiente para prendê-la.

Uau. Eu nunca pensei nisso dessa forma antes.

— Venha aqui.

É um comando que daria a qualquer um dos seus alunos, como sentar, parar de falar, responder à pergunta. Mas, para mim, tem um significado mais profundo, aquele que não pertence dentro dos muros de uma escola.

Minhas coxas tremem quando eu levanto do banco. Minha respiração aperta enquanto ando na direção dele, descendo os degraus do palco e na escuridão dos lugares vazios.

Ele se senta ao lado na primeira fila, um pouco além da borda da luz. Com um tornozelo apoiado em seu joelho e antebraços caídos sobre os apoios de braço, ele é uma imagem de calma e autoposse. Mas os seus olhos são de aço e focados, perfurando os meus.

Eu paro ao alcance da mão, e minha atenção cai para o comprimento longo, duro subindo em suas calças.

— Ivory. — Seu tom sensual encaixa na minha cabeça.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Você está... Hum, duro. Por causa do meu desempenho?

— Tudo que você faz me excita, — ele sussurra. — Especialmente o

movimento feminino de seu corpo quando você toca. Eu quero você nua, sentada em meu piano e rolando seus quadris como se estivesse transando com as notas.

Um raio de calor dispara entre as minhas pernas, iluminando cada polegada de mim. Eu quero libertá-lo de suas calças e sentir o peso de seu pau em minhas mãos. Na minha boca.

Ele acaricia um dedo sobre o lábio inferior. — A posição de solista no ballet é sua.

Um suspiro de felicidade formiga através de meus membros. —Obrigada.

— Eu amo quando você está grata. — Ele lambe o lábio inferior. — Mas você ganhou essa, Ivory. Você vai roubar o show.

Suas palavras elogiam o meu talento, mas a cintilação ardendo em seus olhos aprecia tudo de mim enquanto seu olhar traça as linhas do meu corpo e pulsa sob minha pele. Ele me conhece num nível mais profundo, melhor do que ninguém e ele gosta do que vê dentro de mim.

A necessidade súbita e muito específica ressoa através do meu peito, desencadeada a partir da medula do meu ser. A necessidade de satisfazer ele, para sentir o poder em dar-lhe esse presente.

Eu puxo o pé apoiado em seu joelho até que ele abaixa no chão. Ele desloca-se para ficar de pé, mas eu impeço-o com minhas mãos em suas coxas duras. Então eu me ajoelho entre as suas pernas abertas.

Ele agarra meu cabelo, seu tom austero com aviso. — Ivory.

Com uma onda de coragem, pego seu membro através das calças, tocando-o pela primeira vez. — Eu quero provar isso.

— Foda-se. — Suas expirações ricocheteiam pela vasta sala. A mão no meu cabelo puxa, beliscando a dor em meu couro cabeludo. — Não aqui.

Se voltar para sua casa, eu vou perder meus nervos no caminho. Eu odiava a sensação de um homem na minha boca desde a primeira vez que Lorenzo levou-me lá. A náusea, perda de ar e humilhação de algo tão vil esguichando em toda a minha língua...

Eu quero que seja diferente com Emeric. Eu preciso dele para me mostrar como fazer isso de bom grado.

Rodeada pelos agrupamentos musculares rígidos de seu peito e pernas, eu aperto minha mão sobre o inchaço pulsante de sua ereção. — Eu vou rastejar para você. Curvar-me a você. O que você quiser, eu quero. Apenas... Dê-me isso.

Um ruído grosso e rouco escapa dos seus lábios. — Cristo no inferno. Como diabos posso dizer não a isso?

Ele envolve o meu cabelo em torno de seu punho, seu olhar cortando o teatro e parando nas portas fechadas.

Ele está pensando em Joanne e o tempo que eles foram pegos?

É depois das sete numa sexta à noite. Somos, provavelmente, as duas únicas pessoas em Crescent Hall, e ninguém vem ao teatro depois do horário escolar. Mas se essas portas abrem, eu vou estar de pé antes de sermos vistos. Além disso, só a minha volta é iluminado pela borda fraca das luzes. Ninguém pode vê-lo nas sombras.

Eu sei que ele considera tudo isso antes de sussurrar com a voz rouca, — Tire para fora.

Arrepios de excitação através de mim quando eu solto o cinto e deslizo para baixo o zíper. Minhas mãos tremem, e minha boca inunda com a umidade.

O punho no meu cabelo grampeia para baixo enquanto vibram ondulações de tensão de seu corpo. Ele levanta os quadris, rasgando as calças com a mão livre. Quando desloca o zíper abaixo do seu pesado saco, meu estomago treme com a antecipação de tocá-lo.

No espaço escuro entre nós, a grandeza dele se projeta para cima, longo e bonito e pulsando com veias. Minhas mãos gravitam em direção a ele, os dedos enrolando em torno da base grossa.

Ele me arranca para trás pelos cabelos e estuda meu rosto, seus olhos azuis um fraco brilho na escuridão. — No momento em que você quiser que isso pare, levante a mão no ar.

Porque eu não vou ser capaz de usar minha voz? Medo escorre, mas eu

empurro para longe. Eu tenho a força de ser vulnerável com ele. — Eu vou.

Ele libera o meu cabelo e prende o descansa do braço com ambas as mãos. — Agora me chupe.

Ajoelhando-me para ele, com os dedos tremendo contra os curtos cabelos escuros em seu pau, eu abaixo a cabeça e deslizo meu rosto ao longo de seu eixo, roçando, beijando e saboreando a sensação de aço revestida de carne sedosa.

Seu corpo inteiro se funde com o assento.

Eu arrasto meu nariz ao longo de seu comprimento, inalando o cheiro de um homem que confio, puxando seu musk amadeirado profundamente em meus pulmões.

Um gemido rasga de sua respiração, e suas pernas ampliam, esticando as costuras em torno de sua braguilha. — Pare de brincar com ele, e chupe-o.

Sorrindo, redemoinho minha língua em torno da ponta, rasgando um suspiro de sua garganta. A visão de seus punhos branqueando em torno dos apoios de braço produz um pulsar entre as minhas pernas. O empurrão de seu pau contra meus lábios escorre calor úmido para o meu núcleo. Seu prazer é o meu prazer.

Quando eu sugo e lambo a coroa, eu chego a sua cueca para provocar suas bolas com os dedos amassando. Então eu fecho meus olhos e atraio-o para a minha boca.

— Ah porra. — Ele resmunga. — É isso aí. Mais profundo. Achate sua língua. Lá vai você. — Suas pernas tremem. — Jesus, Ivory. Bem desse jeito.

Eu me excito em seu louvor e bombeio minha cabeça mais rápida, apertando a sucção da minha boca. Quando ele não está virando o pescoço para olhar para a porta, eu sei que ele está me observando, absorvendo o contentamento no meu rosto enquanto eu dou e dou. Imaginando o desejo encapuzado em seus olhos me tem sob a borda, quase tanto quanto a maneira como ele comanda a cada passo do caminho. *Cuspa nisso. Lamba sob a cabeça. Torça o pulso. Tome-o profundamente.*

Santo inferno, este homem. Ele não pode simplesmente sentar e desfrutar de um boquete. Seus sussurros ásperos exigem que o faça da maneira que ele gosta, ordenando os movimentos exatos de fazer. *Chupar mais rápido. Descer mais forte. Tornar a molhar*.

Ele é um maníaco por controle por completo, mas eu sabia que ele ia responder exatamente desta maneira. Eu o amo assim. Sua porra de boca suja e a grosseria de seu timbre fazem meus lábios formigarem e meus mamilos endurecerem.

Quando ele perde o último de sua contenção, não há nenhum aviso. Em um borrão, ele agarra meu cabelo e bate a cabeça para baixo. Eu estou amordaçada, babando atrozmente e sugando o ar. Um gemido aflito escapa quando ele balança seus quadris e dirige mais duro, mais profundo. Eu engasgo tão violentamente, os olhos cheios de água contra a pressão, e os meus dedos embaralham para segurar nas dobras de sua calça.

Ambas as mãos emaranhadas no meu cabelo quando ele segura meu rosto contra sua virilha, seu pau cavando contra a minha garganta, sua voz rouca. — Levante sua mão, caramba, e eu vou parar.

Minhas mãos estão livres. Eu posso levanta-las a qualquer momento. Em seguida, ele vai me liberar, e o desconforto vai acabar. O poder rompe algo aberto dentro de mim.

Eu quero isso. Eu sinto isso no nível de instinto, esta necessidade para ele foder minha boca selvagemente, descuidadamente, e sem cuidado. Talvez porque ele está retido por tanto tempo, contendo-se *para mim*, e eu sofro para dar isso de volta para ele. Ou talvez porque eu quero a dor tão dura e profunda dentro de mim que ele é tudo o que eu sinto.

Com a cabeça larga batendo na parte de trás da minha garganta e provocando a minha via aérea, já dói. Minhas amígdalas sentem-se como massas dolorosas de tecido inchado. Ele está fazendo isso porque ele quer, e eu adoro isso, anseio-o, como nenhuma mulher decente faria.

Eu nunca fui decente. Eu sou suja, uma espécie de suja... Que Emeric

deixa um prazer doloroso afirmando na minha garganta. Ele tenta me foder tão profundamente quanto ele pode, porque ele é meu mestre, o homem que eu tenho fome da forma mais escura, mais terrivelmente bela possível.

— Levante... Sua... Mão... Porra. Ele pontua cada palavra espetando golpes na minha boca.

Eu enterro minhas unhas em suas coxas, um apelo silencioso. *Não pare.*

Ele apunhala seus quadris e puxa meu cabelo, pernas tremendo, e respira ofegante fora de controle. Só quando eu acho que não aguento mais, sinto as mudanças de equilíbrio. Ele fica em silêncio, retardando suas estocadas, acariciando meu cabelo, e enchendo minha boca com a sua liberação.

Meu nome reverbera através do teatro quando seu corpo convulsiona e suspira.

O poder é meu. Eu aqueço com isso. Suas mãos tremem, e eu agarro-as, mantendo-nos, nossos dedos entrelaçados. Eu o tenho.

# 32
# IVORY



Na manhã seguinte, eu protejo os olhos contra o sol brilhando e ando em direção a um carro desconhecido na garagem de Emeric. — O que é isso?

Ele me segue para fora da casa e caminha na minha frente. “Um Porsche Cayenne[42].”

— Okaay. Por que está aqui? — Eu pensei que ele estava levando-me à consulta do meu médico em seu carro arrojado. — De onde veio?

Suas pernas fortes leva-o em direção ao SUV esportivo branco, flexionando sua linda bunda no jeans de cintura baixa. Com o chilrear de um chaveiro, ele desbloqueia e abre a porta do condutor, em seguida, me enfrenta com sua postura ampla, os braços cruzados sobre o peito.

Sua camisa estirando em torno dos bíceps definidos e ombros formidáveis, e as dobras do jeans delineando a protuberância impressionante entre as pernas. Encaro sem desculpas, um sorriso pegando meus lábios quando recordo a maneira como seu comprimento soberbo bateu contra a minha garganta na noite passada.

— Olhe para mim. — Censura endurece o seu tom. Quando eu levanto meu olhar, ele diz: — Eu pedi que fosse entregue esta manhã.

Eu cerro os dentes. É melhor este carro não ser para mim. — Pensei que você preferia os barulhentos beberrões de gasolina americanos.

O azul em seus olhos brilha magneticamente à luz do sol. — Verdade. Mas este é um dos SUVs mais seguros do mercado.

Sim, é para mim, caramba. Outro presente que não preciso. Agora sei por que ele me perguntou no início da semana se eu tinha uma carteira de motorista. — Obrigada, mas não...

— Nós não estamos discutindo sobre isso.

— Uh, sim, estamos. É duro o suficiente explicar o meu guarda-roupa na escola. Mas um carro? De jeito nenhum. — Eu coloco as minhas mãos em meus quadris. — Devolva.

— Não. — Ele joga o chaveiro em minha direção.

Eu deixo-o cair na entrada de automóveis aos meus pés e dou-lhe o meu melhor olhar intenso.

Sua boca se curva em uma linha fina e severa.

Ah Merda. Meu pulso dispara.

Ele aperta as mãos atrás das costas e anda em direção a mim, lenta e metodicamente, seus olhos perfurando os meus.

Dupla merda. Eu abaixo os braços para os meus lados e digitalizo o quintal. Nós estamos atrás da propriedade, escondidos da rua. Os carvalhos imponentes formam uma parede viva de privacidade entre os lotes. Não que eu esteja com medo de ficar sozinha com ele quando ele está assim. Ou talvez eu tenha, mas qualquer medo que eu tenho é sufocado pela mistura inebriante de dar e receber que nos funde em conjunto tão bem.

Não significa que eu tenho que aceitar um carro, embora. Eu olho para baixo no chaveiro.

— Olhos em mim!

Meu foco voa para as linhas esculpidas de seu rosto e a veia pulsando em sua testa. Tem sido alguns dias desde que eu o irritei, mas conheço esse olhar. Enquanto ele me circunda, eu quero tanto dançar como me encolher por dentro, antecipando uma mão estrangulando na minha garganta ou uma tapa com força na bunda. Talvez ele vá finalmente fazer sexo comigo, aqui mesmo em

plena luz do dia. Vou dar boas-vindas a qualquer ou todo ele. Estive em tal estado elevado de excitação desde que me mudei que só poderia retirar minha roupa e tomar a decisão por ele.

Ele pára atrás de mim, não me toca, mas perto o suficiente para agitar meu cabelo com sua respiração. — Eu tive meus dedos em sua boceta, meu pau em sua boca, e seu gosto em meus lábios. Eu sou a única pessoa no planeta que sabe o quão bonita você parece quando goza. Todas essas sardas em suas coxas, os sons que você faz quando dorme, a paixão que você evoca com um piano, tudo sobre você é inestimável e insubstituível. Então eu vou envolvê-la em coisas agradáveis e protegê-la em um carro seguro. E você vai me agradecer com esses lábios lindos ao redor do meu pau quando chegar em casa.

Meu coração eleva e mergulha com cada palavra, minha respiração brota ruidosamente.

— Este é quem eu sou, Ivory, e você é a parte essencial e mais importante de mim. — Ele dá um passo para trás. — Agora se curve.

Meus joelhos oscilam em suas palavras. Estendo a mão para os sapatos pretos em meus pés e as extravagantes calças jeans de designer em minhas coxas. A desvantagem de jeans de cintura baixa? Ele está dando uma visão ímpia da rachadura da minha bunda agora mesmo.

Ele bate a palma da mão contra a minha bunda com uma força que rouba minha respiração e me tomba para frente. Mas seu braço me pega pela cintura, e a mão nas minhas costas me mantém em uma posição meio dobrada. Doce Jesus, minha bochecha da bunda está em chamas. A ardência do calor para fora, circulando pelo meu sangue e reunindo entre as minhas pernas.

Ele esfrega o local dolorido, limitado pelo bolso fortemente costurado do meu jeans. — Pegue o chaveiro.

Pendurada sobre a cinta do seu braço, eu arrebato o chaveiro do pavimento de tijolo.

Ele agarra meu bíceps e me leva em direção ao carro. — Eu iria avermelhar a porra da sua bunda se você não estivesse prestes a mostrá-la ao

médico. — Ele para na porta do motorista. — Mãos no teto.

Merda. E agora? Eu deixo cair o chaveiro no assento e coloco as palmas das mãos na parte superior branca brilhante, borrando a pintura intocada com suor.

Seus dedos deslizam em torno de meus quadris e soltam o botão do meu jeans. Meu coração começa em um crescendo febril. Ele abre o zíper rapidamente, em um empurrão, puxa tudo para os meus pés.

Do lado de fora na luz do dia, nua da cintura para baixo... Esta é a primeira vez para mim. Eu não posso decidir se estou tremendo de emoção de alguém ver, do medo da inevitável dor, ou a partir da antecipação ardente dele me tocar novamente. Provavelmente todos acima.

— Se curve para baixo e segure o assento.

Quando eu sigo o seu comando, uma sensação de paz desce sobre mim. Tudo o que ele fizer em seguida vai me fazer sentir um pouco menos perdida. Toda vez que ele me leva na mão, ele abre outra porta que me mostre mais sobre mim mesma. A pessoa que ele revela não tem vergonha ou é fraca. Eu estou finalmente descobrindo o que quero.

Seus sapatos raspam contra os tijolos quando ele abaixa atrás de mim. Suas mãos envolvem em torno de minhas coxas, e na próxima pulsação, ele enterra seu nariz na minha boceta.

Um tapa de constrangimento ruboriza meu rosto. Mas rapidamente se transforma em uma torrente de desejo quando sua expiração pincela contra a minha carne. Uma inspiração profunda segue, e seus dedos apertam contra as minhas pernas.

Ele está me cheirando. Lá em baixo. Profundamente e repetidamente. Eu nunca teria imaginado ser tão selvagemente ativada por isso, mas eu estou tremendo e ofegante contra a sensação estranha e incrível. Ele está tremendo, também, e... Oh foda, ele está me lambendo, beijando minha boceta da maneira como ele beija minha boca. *Santa merda*.

Eu mordo meu lábio para silenciar o meu grito quando ele apunhala sua

língua entre as minhas pernas. Ele lambe minhas dobras, brutalmente morde a pele sensível, e me comicha com sua barba. É dor e prazer, soprano e baixo, e cada oitava no meio. Eu estou indo gozar. Eu sinto a força, e eu vou para aquele lugar maravilhoso, moendo minha boceta contra seu rosto e cavando meus dedos no assento de couro. Quase lá. Quase...

Ele dá um passo para trás.

Eu endireito e torço em torno para agarrá-lo, mas ele está bem ali, me pegando no emaranhado da minha calça jeans com as mãos sobre meus quadris e sua língua na minha boca. Ele desliza os lábios sobre os meus em pinceladas escorregadias, espalhando o sabor picante da minha excitação entre nós.

Ele quebra o beijo e arrasta minha calcinha pelas minhas pernas trêmulas.

Minhas entranhas pulsam, doendo para terminar o que começou. —Eu não gozei.

— Eu sei. — Ele puxa meu jeans para cima e fecha-o. Então ele pega a minha mão e a pressiona contra a sua ereção por trás de seu zíper. — Eu vou esperar por você.

— Você não vai à consulta comigo?

Pesar grava seu rosto, e ele solta minha mão.

Claro, ele não pode ir. Alguém pode nos ver juntos. Eu estapeio-me mentalmente. — É por isso que você me deu o carro.

Ele envolve meu rosto e me beija.

— Eu sinto muito. — Eu inclino para trás e olho para ele através dos meus cílios. — Eu fui uma espécie de pirralha sobre isso.

— Uma menina pirralha.

— Por que você não me contou?

Um sorriso estica seu rosto lindo. — Onde é que está a diversão nisso?

Ele gosta de mim reagindo com raiva para que ele possa me disciplinar para ele? A lição de hoje: o pior castigo é um orgasmo negado.

Quando estou sentada no banco do motorista, ele inclina-se para a

janela aberta e me dá um olhar duro. — Não discuta com o médico.

— Eu não vou.

— Obtenha os exames de sangue.

— Eu vou.

— E a prescrição do controle de natalidade.

Meu pulso pula. — Claro.

Aqueles olhos duros amolecem em um olhar que eu nunca vi nele antes. — Volte para mim.

Eu me estico e lanceio sua mandíbula sombreada. — Conte com isso.

# 33
# IVORY



Inquietação vibra através de mim quando saio de entrada da casa de Emeric. Talvez porque eu estou vestindo roupas de grife, dirigindo um carro caro, e obcecada sobre um homem com nenhuma idéia para onde estou indo. Eu conheço o meu caminho para a clínica, mas depois disso? Meses na estrada? Depois que eu me formar? Para onde vou e como vou chegar lá?

Eu sei que Emeric pretende se manter em torno de mim. De ambos, meus prazeres e meus problemas. Parte da razão pela qual eu quero ir para Leopold é sair de Treme. Bem, eu fiz, e aqui estou com um endereço que até Ann teria inveja. Mas eu anseio continuar a praticar piano, e não apenas ficar ao abrigo de qualquer instrutor. Leopold tem para oferecer os melhores instrutores. Como eu poderia jogar fora o meu sonho por um homem e me perdoar? Como Emeric poderia respeitar-me se eu fizesse isso?

Ele não faria isso. De todas as lições que ele me ministrou tanto dentro como fora da sala de aula, a mais profunda é a forma de reconhecer a minha própria força e ir atrás do que eu quero.

Em meio a meus pensamentos agitados, gostaria de ter noticias sobre a mãe e Shane. Eles questionaram onde eu estou? Emeric mantém as contas em dia, então talvez eles não se importem. Ou talvez eles estejam muito drogados para até mesmo notar a minha ausência. Eu tento não me debruçar sobre isso. As

coisas que eu quero deles, o seu interesse e preocupação, morreu com meu pai. Minha família está quebrada, uma verdade angustiante que aceitei há muito tempo.

Um par de minutos depois, eu estaciono o Porsche na frente da clínica Southern Family Health. Colocando o telefone no bolso de trás, eu entro no interior do edifício moderno de um andar.

Algumas pessoas enchem a sala de espera, mas nenhum deles olha para cima de seus telefones quando eu entro. Faço check-in, preencho os formulários e devolvo-os para a mulher de meia-idade atrás do balcão.

— Sente-se. — Ela penteia seu cabelo castanho encaracolado atrás da orelha. — Dr. Marceaux vai vê-la em breve.

Eu endureço, a minha atenção lançando-se sobre o rack de panfletos, procurando alguma coisa para validar o que eu acabei de ouvir. — Você disse Marceaux?

— É isso não... — Ela olha para o monitor do computador. — Aqui diz que você solicitou Marceaux.

Minhas veias viram gelo. Emeric mencionou de seu pai ser médico, mas eu assumi que o homem trabalhava em um hospital extravagante ou algo assim. Pelo amor de Deus, por que ele me enviou para ter a minha vagina examinada por seu pai? Talvez este médico seja um Marceaux diferente? É um sobrenome comum?

— Será que ele... — É muito arriscado perguntar isso? Foda-se. — O Dr. Marceaux tem um filho? Um professor?

— Oh, sim. — A mulher abre um sorriso enorme e se recosta na cadeira, olhando-me. — A partir do olhar em seu rosto, eu estou supondo que ele tem você sob seu feitiço, também.

— Não. Eu... — Minhas bochechas queimam. — O que você quer dizer?

— Toda vez que o homem bonito vem aqui, ele deixa todas as meninas em um estado de confusão. — Ela ri. — Pegue um número, mel. Há uma longa

fila de mulheres à espera de um pedaço daquele.

Ela seriamente apenas disse isso? Rangendo os dentes, eu encontro um banco e retiro o telefone. Eu tenho dois nomes na minha lista de contatos. Stogie e LordandMaster[43]. Este último foi a tentativa de humor de Emeric quando ele adicionou seu numero no telefone. Eu não tive a coragem para mudá-lo.

Eu abro uma janela de texto.

***Eu:*** *Você enviou-me para*[44] *seu pai??? Para obter o controle de natalidade? Você é louco?*

A porta da frente se abre, e uma mulher muito grávida caminha muito ostensiva para o balcão. Ela é tudo barriga. Magra e delicada em qualquer outro lugar. Como diabos ela anda tão graciosamente naqueles saltos altíssimos?

A vibração de um texto de entrada chama a minha atenção de volta para o telefone.

***LordandMaster:*** *Ele vai fazer tudo, mais o teste Papanicolau. Não me questione.*

Mas ele vai me ver em um vestido fino e checar-me por doenças sexualmente transmissíveis? Sinto-me doente.

***Eu:*** *Ele sabe sobre nós?*

***LordandMaster:*** *Sim*

Sim? Isso é tudo o que ele vai dizer?

Eu belisco a ponta do meu nariz, debatendo a astúcia em correr para fora.

— Eu preciso vê-lo agora. — Levantando à voz a mulher grávida traz os olhos para cima.

Ela reúne seu longo cabelo loiro e prende-o longe de sua tez pálida, sua postura tensa gritando de frustração.

— Senhora, — a recepcionista diz com firmeza, — Se você me der sua informação, eu vou marcar mais para...

— Volte lá e diga-lhe que Joanne está aqui.

Meu estômago encolhe a medida que todo o meu mundo se estreita para sua barriga. Ela não pode ser sua Joanne. Esta... Esta mulher está grávida. *Muito* grávida. Tipo facilmente sete ou oito meses além.

Emeric disse que ele não a vê em seis meses.

Meu peito aperta. Não, *não, não, não*. Emeric teria me dito.

A recepcionista pergunta. — Dr. Marceaux está esperando por você?

— Eu estou esperando seu neto. — Ela aponta para seu estômago. —Passe VIP. Preciso vê-lo. Agora.

Náusea quebra através do meu estômago, dobrando-me. *Não é verdade. Eu devo ter ouvido mal.*

A recepcionista amplia seus olhos, em seguida, desliza pelo corredor em direção a parte de trás.

Relaxando contra o balcão, Joanne repousa seu telefone na borda de sua barriga de bebê. O bebê de Emeric.

Minhas entranhas turvam com bile. Eu examino a sala de espera por um banheiro, e o meu olhar captura e bloqueia no dela. Ela me dá um sorriso apertado e segue em frente, olhando nas pessoas sentadas perto de mim.

Seu nariz pequeno, características planas lisas, e os olhos determinados estreitos dão-lhe um olhar do duende minúsculo, um que funciona bem para ela. Muito bem. Ela é dolorosamente bela, como uma mistura perfeita de Kristen Bell e Keira Knightley.

Não admira que ele a ama.

*A mãe de seu filho.*

Eu enrolo minhas mãos para parar o tremor. Por que ele não me contou? Ele está tentando resolver as coisas com ela? Assim, eles podem ser uma família feliz?

Lágrimas deslocam-se, queimando meus olhos, e uma dor horrível

tranca minha garganta. Eu salto do assento e caminho com toda a calma que eu posso para o banheiro de uma única pessoa. Tão logo que a porta se fecha, eu arrasto a respiração irregular e alta e bato na última chamada marcada no meu telefone.

A voz grave de Emeric raspa contra o meu tímpano. — Ivory.

— Sua namorada grávida está aqui.

*Por favor, me diga que estou enganada.* Meu peito dói tanto. Eu não posso respirar.

A linha fica em silêncio por um momento prudente. Em seguida, uma enxurrada de sons corre através. Seus exalar, a batida de uma porta, o rugido de um motor. — Eu estarei ai em três minutos.

Então é verdade. A gravidade disso rouba a força das minhas pernas. Eu deslizo para baixo da porta, caindo no chão, e tento manter as lágrimas de vibrar em minha voz. — Você mentiu para mim.

— Não falei...

— A omissão é o mesmo que mentir. — Eu espremo o telefone. — Suas palavras.

Sua respiração pesada raspa através do receptor. — Diga-me você não falou com ela.

— Por quê? — Meu queixo treme. — Porque eu sou o seu segredo sujo? Sua peça do lado enquanto você trabalha em sua relação naufragada...

— Que Deus me ajude... — Sua voz é tão fria que levanta os pelos no meu pescoço. — Eu vou quebrar a porra do meu cinto em sua bunda.

Eu abaixo o telefone, tomo um fôlego enorme calmante, em seguida, levanto-o de volta para o meu ouvido. — Você é um filho da puta.

— Continue Ivory. Você não estará caminhando por uma semana.

— Por que você não me contou?

Um baque alto vibra através do telefone, em desacordo com a sedosidade em seu tom. — Este é o meu problema que vai desaparecer muito em breve.

— O quê? — Indignação aumenta minha voz. — Você não pode simplesmente fazer um bebê e ir embora!

— Baixe a voz do caralho. Onde você está?

— No inferno.

— Melodrama não combina com você.

Eu soco um punho patético contra a parede de azulejos. — Foda-se.

— Foda-se *você* por fazer suposições sobre a merda que você não sabe nada! — Ele ruge.

—É o seu bebê?

— Eu lhe fiz uma pergunta! — Ele grita, em seguida, dar rédeas ao seu tom. — Você está me fazendo esperar.

— Bom. — Sentada contra a porta no chão do banheiro, eu chuto minhas pernas para fora na minha frente. — Você pode ir se foder enquanto espera.

— Eu estou do lado de fora. — As suas respirações dissonantes estica o silêncio, seguido pelo estrondo de uma porta de carro. — Ouça com atenção. Eu sei que você está ferida, e eu fiz isso. Mas você está indo obter a porra sobre isso e confiar em mim.

Ele não pode estar falando sério. Eu não me incomodo de responder.

— Eu vou lidar com Joanne, — diz ele, — E você vai ter a porra do check-up.

Ele termina a chamada, e eu olho para a tela em descrença. Eu permaneço no chão, rangendo os molares e amaldiçoando a criação do sexo oposto.

Homens que louvam e prometem são os que mais ferem. Eles coagem e subornam e transam com minha cabeça. Em seguida, eles fodem meu corpo e deixam o tipo de medo e cicatrizes que ninguém pode ver.

Eu pensei que ele era diferente. Agora eu não tenho certeza.

Mas eu sei que ele não é o tipo de conseguir uma mulher grávida sem garantia. Ele é muito controlador e obsessivo para não ser totalmente investido

na vida de seu filho.

É por isso que ele assumiu o negócio com a decana em vez de se mover fora do estado.

Eu amo isso nele. Mas eu odeio isso, também. Porque eu sou ciumenta e egoísta. Eu abraço a dor torcida no meu coração. Deus, essa porra dói.

Um punho bate na porta. — Ivory Westbrook?

A voz desconhecida é profundamente masculina. Provavelmente, a enfermeira disse ao pai de Emeric. Então, o que eu faço? Eu temo ver Emeric com Joanne, mas não posso ficar aqui para sempre.

Subo para os meus pés, enxugo lágrimas perdidas, e abro a porta.

O homem do outro lado é um pé mais alto do que eu. M.D. *Frank Marceaux*, está bordado em seu casaco branco, mas não há nada familiar em suas belas feições. Rugas alinham a testa, mas não muitas. Ele provavelmente está na casa dos cinquenta? Cabelo castanho-avermelhado penteados para trás e uma severa ruga na testa. Sobrancelhas grossas curvam sobre os olhos verdes, e um pequeno anel de ouro no lóbulo da orelha.

Mas é a sua presença que denota a semelhança familiar. Mãos atrás das costas, pés plantados em uma posição larga, ele me estuda com muito foco. Um arrepio desce pela minha espinha.

Ele levanta uma sobrancelha ruiva. — Você está pronta?

Não, definitivamente não. Eu deslizo o telefone no bolso de trás. —Sim.

Quando eu sigo-o através da sala de espera, meu olhar cai na janela e a cena se desenrolando no estacionamento. Meus passos fixam no chão, e cada célula do meu corpo se concentra em Emeric.

Ele anda um círculo em torno de Joanne. Sua boca se move, seus olhos brilham, mas a sua postura geral transmite calma confiança.

Ela olha para as mãos onde elas esfregam a barriga, cabeça baixa, e os lábios em uma linha fina. Provavelmente, a maneira como eu olho quando ele está me ensinando uma lição.

O ciúme queima quente e feroz no meu peito.

— Ivory, — diz Dr. Marceaux.

Dou um passo para seguir em frente, em seguida, faço uma pausa.

Emeric para logo atrás de Joanne, respirando em seu pescoço. Com os punhos na cintura, nenhuma parte dele toca-a, mas ele está tão perto. O tipo de proximidade que duas pessoas compartilham quando eles passaram muito tempo juntos. Quando eles são familiares e íntimos.

Meu coração aperta e encolhe. Ela o conhece melhor do que eu. Ele esteve dentro dela, colocou um bebê dentro dela, e eu sou... Eu não sei o que eu sou para ele. Nós ainda não tivemos relações sexuais.

— Ivory. — Dr. Marceaux para na minha frente, bloqueando minha visão. — Me siga.

Eu não consigo fazer meus pés se mover, mas meus olhos funcionam muito bem, meu cérebro queimando nas imagens de Emeric e Joanne e lágrimas rasga em todo o meu maldito rosto.

Dr. Marceaux gentilmente agarra meu cotovelo e me leva a uma sala de exames. No momento em que fecha a porta, ele esfaqueia um dedo para a mesa de exame. — Sente.

Eu salto ao comando em sua voz e corro para a mesa, enrugando o papel contra o vinil quando eu salto para cima.

Ele coloca uma caixa de lenços ao lado do meu quadril, o que me faz sentir como uma menina emocional. Eu pego um de qualquer maneira e limpo meu rosto.

Baixando para o banco, ele rola-o pelo chão até que está sentado na minha frente. — Ele não lhe disse sobre ela?

Eu pego um chumaço de lenços no meu punho e ergo meus ombros. — Não sobre a gravidez.

Um músculo tiqueia em sua mandíbula, e seus olhos vincam duros, acentuando as rugas dos cantos.

— É dele? — Pergunto.

— Ele não sabe.

Minha respiração engata. — Ele não sabe...? Ela estava com outra pessoa? Será que ela o traiu?

— Ele não tem provas disso.

— Oh. — Meu peito esvazia. — Ela disse a recepcionista que está carregando o seu neto.

Ele gira em direção as gavetas atrás dele e remove equipamentos e suprimentos, dando-me um alívio momentâneo de seu olhar de pedra.

— Eu sei que você está vivendo com ele. — Ele rasga e abre as embalagens de instrumentos. — Eu não vou palestrar sobre os riscos que você e ele estão tomando. Dei-lhe a minha opinião sobre isso no telefone a noite passada. — Ele se vira para mim, sua expressão pensativa. — Emeric é cabeça dura e imparável quando sua paixão é provocada.

Não concordo com a parte imparável. Pelo menos quando se trata de meus limites. Onde sua paixão está em causa, eu estive na extremidade disso por dois meses. Eu acho que é por isso que este segredo que ele está escondendo de mim se sente como uma lâmina no meu peito.

Dr. Marceaux desliza sobre óculos de leitura e agarra o monitor de pressão arterial. Sem pedir-me para trocar de roupa, ele começa um exame acima da cintura. Pelos os próximos dez minutos, ele cutuca, fura, e extrai o sangue, enquanto eu respondo às suas questões médicas, incluindo as embaraçosas sobre a minha história sexual e acidentes com proteção.

Ele mantém uma conduta profissional, mas me pergunto se ele pensa que eu sou apenas uma puta cavadora de dinheiro.

Enquanto ele faz anotações em seu tablet, a porta se abre.

Emeric desliza dentro, fecha a porta, e seus olhos gelados encontram e prendem os meus.

Arrepios varrem em cima de mim, e acho que é difícil olhar para longe.

Dr. Marceaux fala, sua voz entrecortada. — O que você está fazendo aqui?

Emeric não quebra o contato visual comigo. Há tantas emoções que escoa dele, eu não sei como classificá-las. A raiva é a mais fácil de reconhecer, travando sua mandíbula e engrossando as veias em seus braços tensos. Mas há uma corrente oculta de algo mais vulnerável. Seus dedos se contorcem em seus lados, e os tendões se destacam em seu pescoço. Ele está com medo? Medo de me deixar? Ou este é o meu pensamento positivo?

Dr. Marceaux se move em direção à porta, a voz baixa e dura. —Emeric, há cinco enfermeiras aqui hoje, observando cada movimento seu. Eu não vou ser capaz de conter a fofoca.

Emeric detém meus olhos enquanto fala com seu pai. — Após a cena que Joanne acaba de fazer, elas vão pensar que eu vim aqui para falar com você.

— Ela ainda está aqui? — Eu relaxo minhas mãos no meu colo e tento parecer corajosa e madura. — O que você falou?

— Vocês podem discuti-lo em casa. — Dr. Marceaux puxa um vestido da gaveta e define-o ao meu lado. — Dr. Hill virá a qualquer momento para fazer o exame pélvico.

— Eu vou ficar. — Emeric inclina-se contra o balcão, as mãos nos bolsos, acomodando-se.

— Não, você não vai. — Eu pego o vestido, virando-o em todas as direções para dar sentido a isso. — Isso é estranho o suficiente. Além disso, estou com raiva de você.

Ele agarra o avental das minhas mãos e prende-o aberto. — E vai continuar assim.

Dr. Marceaux agarra a maçaneta. — Vamos, filho.

Em um flash, Emeric fecha a distância entre nós, prende o cabelo em meu couro cabeludo, e põe a boca no meu ouvido. — Nós não terminamos.

Em seguida, ele segue seu pai para fora da sala, deixando-me sem ar e ainda mais confusa do que eu estava antes.

Atordoada, eu faço xixi em um copo no banheiro e mudo para o vestido estranho na sala de exame. O idoso Dr. Hill chega com a notícia de que eu não

estou grávida. Então ele me dá um pacote de pílulas anticoncepcionais, faz um exame de mama, e enfia a mão e outras coisas invasivas na minha vagina.

Até o momento que eu subo no Porsche, minha cabeça está batendo com uma barragem de perguntas. Para onde eu vou? O que eu devo fazer?

Eu agarro o volante e procuro meu instinto para a decisão certa. Indo para sua casa não significa que eu estou desesperada ou necessitada. Eu sempre posso ir para casa e voltar ao modo como as coisas eram antes.

Mas eu nunca fui a garota que vai a um argumento. Eu preciso de respostas, e só há um lugar para encontrá-las.

Poucos minutos depois, eu soco no código no portão de segurança, um código próprio que Emeric deixou-me inserir. Então eu estaciono ao lado do GTO e entro na casa pela porta dos fundos destrancada.

Schubert me cumprimenta na sala com um esfrega na perna e ronronar. Quando eu enrolo-o, estou distraída com a melodia abafada de um piano. Ele está tocando?

Eu dou ao gatinho um esfregar no nariz, coloco-o para baixo, e sigo as notas através dos corredores sinuosos.

Eu espiei em sua sala de música várias vezes, admirava seu Fazioli de longe, mas eu nunca fui. Eu tinha essa ideia de que ele iria me levar lá quando suas mãos estivessem curadas. Em seguida, ele se sentava atrás do teclado e tocava algo louco e incrível, como Ravel's Gaspard de la Nuit[45].

Quando eu chego mais perto, eu não ouvi Ravel ou Brhams ou Liszt. Ele está tocando *Metallica*.

Eu congelo na porta, realizada em deslumbramento paralisante quando a melodia familiar de "Nothing Else Matters[46]" envolve em torno de mim. A vinte pés de distância, ele balança no banco, de olhos fechados, perfil relaxado, e antebraços flexionando enquanto martela as teclas.

Ele é formado em conservatório, mas desempenha metal no piano? Sem uma folha de música. Apenas virtuosos podem tão bem replicar peças de

ouvido. Eu estou completamente e totalmente arrepiada.

Quando me lembro de respirar, meus pulmões se expandem, inalando a visão dele, o arranjo pungente de notas, e a energia no ar.

Cabeça para baixo, cabelo preto pendurado sobre a testa, ele balança sua mandíbula de lado a lado em um ritmo lento com a música. A melodia é um apelo desesperado infundido com saudade, e ele abre-se com movimentos especializados, batendo o pé descalço suavemente, sua postura uma potência contraindo o músculo sob a camisa branca.

O seu rosto brilha nos reflexos na luz, quando ele salta entre oitavas. A cada estalo de seu pulso, imagino a mão batendo na minha pele. O desenvolvimento e flexão de seus dedos me faz desejar que eles estivessem enrolados em volta do meu pescoço com a mesma paixão e intensidade. Seus quadris rolando, e eu tremo para montar seu colo e cavalgar a onda de seu corpo enquanto ele toca.

Nas mãos certas, o piano pode roubar a alma. Claramente, as suas mãos são feitas para as teclas, porque eu não sinto as notas dentro de mim. Elas me devoram como uma chama voraz escura.

Ele é tão sexy e talentoso. Eu não sei o que fazer com os sentimentos perigosos que ele move em mim. Eu deveria estar brava com ele e exigir respostas. Eu deveria me sentir perdida, incerta.

Em vez disso, sinto-me reivindicada, como se ele estivesse acariciando cada tecla comigo em sua mente. Nós não terminamos. Ele me quer aqui, mesmo que ele não reconheceu a minha presença.

Isso me leva vários segundos para perceber que a tampa está fechada sobre o Fazioli. Será que ele se esqueceu de abri-la? Olhando mais de perto, vejo algo que não lhe pertence.

Tiras pretas familiares engancham debaixo do piano, estica em toda a parte superior preta, e algemas de couro anexadas perto do teclado.

Meus pulsos disparam foguetes, e meu olhar move-se de volta para o seu rosto.

Seus olhos ainda estão fechados. Eu poderia escorregar para o corredor e... E então? Eu não vou a lugar nenhum até que eu fale com ele.

Estou com medo do que ele tem planejado para mim? Bem, meus lábios estão dormentes, e meu batimento cardíaco está sendo travado fora de controle. Mas estou certa de que essas algemas levarão a respostas sobre Joanne, assim como eu. Se a verdade é muito dolorosa, ele vai me liberar com uma palavra.

Eu fico mais firme, mas não completamente confiante o suficiente para entrar no quarto.

A canção chega ao fim, e ele descansa suas mãos em seu colo.

Erguendo a cabeça, ele vira seus olhos glaciais em mim. — Deixe todas as suas roupas na porta.

# 34
# EMERIC



— Metallica. — Ivory enfia as mãos nos bolsos de trás da calça jeans e me dá um sorriso hesitante. — Isso foi bom.

Fui treinado pelo melhor, formei-me em Leopold, e mantenho um assento na Orchestra Symphony de Louisiana. Nem uma única vez na minha carreira musical me importou o que alguém pensa do meu talento.

Até agora.

Ela esteve congelada na porta por cinco minutos, e *bom* é o único elogio que sai de seus lindos lábios?

Quando nos conhecemos, eu tinha medo que o equilíbrio entre nós seria fortemente derrubado, que eu iria dominá-la e tirar proveito dela. Eu peso quase o dobro do que ela. Tenho vinte e sete anos, e ela tem dezessete. Eu sou um dominante, e ela é minha estudante do ensino médio. Cristo, eu tinha tantas dúvidas.

Mas não mais.

Quando eu sento aqui, doído por ela, a mente brilhante de pianista derrama poesia sobre minha música, eu percebo que ela não se limita a deter o poder no quarto. Ela comanda as minhas emoções, testa a minha confiança, e assombra o meu pensamento, todos. Ela poderia me destruir, não apenas a minha sustentação, mas a própria fibra de quem eu sou, e ela nem mesmo sabe disso.

É minha responsabilidade equilibrar a harmonia entre nós e gerir os nossos papéis. Neste momento, ela está desobedecendo, e eu vou lembrá-la o que significa ser minha.

— Suas roupas. Agora.

Ela vacila no meu tom duro, ela olha para as restrições sobre o Fazioli. Seu peito se ergue uma vez, duas vezes. Em seguida, ela fecha os olhos e levanta a camiseta sobre a cabeça, deixando cair o material no chão.

Os seios dela incham mais enlaçados em taças-de-rosa, seu abdômen tonificado envolto em pele dourada escura. Essas pernas sexys... Eu aperto minhas mãos. Ela está me fazendo esperar, os dedos congelados no botão de sua calça jeans.

Eu levanto do banco do piano, o dominador em mim assume. Eu endireito minha coluna, rolo meus ombros, e até mesmo a minha respiração. Ela me olha com os olhos encapuçados, lábios entreabertos, as mãos caindo para enrolar contra suas coxas.

Conhecendo-a sei que a confiança em mim foi fraturada na clínica, é incrivelmente gratificante vê-la de pé aqui, muito menos considerando a minha ordem. Mas para nós funciona, é vital que eu empurre-a para a borda, para aquele lugar onde ela anseia e receia e me respeita, mas não tão longe que ela não consiga respirar.

Eu me forço a aliviar um pouco, para usar menos grunhido e mais fineses.

Aproximando-me dela lentamente, eu seguro seu olhar com foco agressivo. Quando eu invado seu espaço, seu queixo reduz, a respiração engata, mas aqueles enormes olhos castanhos ficam comigo, recusando-se a desviar o olhar. Tão corajosa. Tão porra intoxicante.

Eu abaixo em um agachamento e, com movimentos dolorosamente lentos, abro o zíper da sua calça jeans. Pairando meus lábios uma polegada da sua calcinha, eu arrasto o jeans por suas pernas. Ela treme quando eu olho para ela e tomo meu tempo beijando a pele ao redor do cetim rosa.

Com os dedos nas costas das suas pernas, eu prendo-as, falando suavemente, mas com firmeza. — Tire os sapatos.

Quando ela tira-os, sua obediência rápida constrói uma pressão de fome no meu pau. Minhas mãos rastreiam a elevação de seu traseiro, e os meus lábios seguem o mergulho de sua pelve. Ela suspira e revira os quadris, os dedos mergulhando em meu cabelo, agarrando-se a mim para o equilíbrio.

Foda-se, eu quero ela no meu pau, apertando em espasmos e dando-se a mim em todos os sentidos.

Eu chuto os tênis para o lado e guio os pés para fora da calça e meias. Com toques leves de pena, eu agrado a linha de sua coluna e brinco com o fecho do sutiã, enquanto vou levantando em seu corpo e beijando um caminho sensual entre os seios.

Sua cabeça cai para trás, e seu corpo esguio cai em meus braços. Ela cheira como o sabão jasmim, sensual com a excitação, e primorosamente Ivory.

Meu pau empurra na minha calça jeans, preso e exigente. Ainda não.

Eu provoco o fecho do sutiã, minha boca deslizando sobre sua delicada clavícula. Movendo-me mais acima, eu beijo a coluna esbelta do pescoço e mordisco ao longo de sua mandíbula.

Nossas testas tocam quando eu solto o sutiã e achato a palma da mão contra a sua coluna vertebral. Nossas respirações saem rápidas, fundidas juntas, nossos lábios gravitando mais perto, mais perto. Quando nossas bocas finalmente se juntam, ela derrete contra mim.

Minhas mãos levantam o seu rosto, os polegares acariciando suas bochechas enquanto eu devoro seus gemidos sedutores. Eu beijo-a de forma agressiva, ordenando-lhe sem palavras que confie em mim. Eu chicoteio minha língua contra a dela, uma promessa de dor iminente e êxtase. Sua boca em aceitação, e suas mãos agarram minha cintura, me puxando contra ela.

Eu quebro o beijo e deixo meus dedos cair com as alças sobre os ombros. Meus olhos nunca deixando os dela, eu puxo gentilmente o sutiã para baixo em seus braços. Seus mamilos estão tão duros nas fisgadas da renda sobre

eles. Eu lentamente desço o material, expondo sua deliciosa carne. Ela exala drasticamente à medida que o sutiã cai no chão.

Jesus, ela é a perfeição. Eu preciso me enterrar dentro dela e luto para pensar além da minha fúria de tesão.

Dando um passo para trás, eu deixo o meu olhar vagar pelo seu corpo longo, magro, adorando cada flexão, contração muscular e óssea frágil enquanto ela me olha com olhos redondos. Suas tetas completamente cheias elevam com suas respirações, os quadris estreitos viram com ansiedade, e uma mancha molhada escurece o cetim de sua calcinha rosa.

Seu corpo ama meu toque, mas sua mente não me perdoou. Se eu não deixá-la dar o próximo passo, ela só vai se sentir ainda pior depois.

Eu aceno para as calcinhas. — Tire-as ou diga sua palavra.

Mordendo o lábio, ela engancha seus polegares sob o cetim, desliza-o para baixo em suas pernas, e chuta-o afastado. Seu olhar nunca deixa meu rosto, me olhando com cautela, curiosidade e desejo inegável.

Eu rondo em torno dela, deleitando-me com sua nudez impressionante e a forma como sua respiração pára e principia com cada um dos meus passos. Meu dedo traça o padrão da tatuagem cobrindo da cintura até o ombro oposto.

Ela estremece contra a sensação, ofegante e esticando o pescoço para me ver.

Eu pressiono meu peito em suas costas, os dedos brincando com os ossos do seu quadril. — Você vai me contar sobre a tatuagem. Não agora. — Eu descanso minha boca na junção entre o seu pescoço e o ombro e lambo. —Talvez não hoje ou esta semana. — Corro minhas mãos em torno de sua pélvis, eu mergulho entre suas pernas e deslizo através de suas dobras molhadas. —Mas você vai me dizer em breve.

Ela solta um suspiro pesado e arqueia seu pescoço, inclinando a cabeça para o lado para me dar acesso mais fácil.

Eu enfio meus dentes em seu ombro e mordo. Ela choraminga e se contorce contra mim, erguendo os braços e os dedos buscando o meu cabelo.

Beijando a dor, eu recuo. — Siga-me. — Eu conduzo-a ao Fazioli e aponto para a borda acima do teclado. — Sente-se na borda. Pernas abertas. Pé direito sobre as mais baixas teclas, o pé esquerdo na parte mais alta.

A expressão dela aperta com a incerteza, mas ela sobe para a posição, preenchendo o silêncio com notas aleatórias.

Cintas de nylon passam por debaixo do piano e sobre a tampa, duas em cada lado e as quatro ligadas a algemas de couro. Eu prendo as duas em seus pulsos e aperto-lhes atrás dela com um puxão. Ela engasga.

Com os braços contidos em suas costas, os olhos acompanham meus movimentos, lábios separados e ombros levantados. Ela parece estar lutando em sua postura, lutando contra o medo que está puxando seu corpo sobre si mesmo.

Quando eu cruzo na frente dela, acaricio as costas dos meus dedos ao longo do interior de sua perna estendida. — Qual é a palavra que faz com que isto pare?

— Scriabin, — ela respira, me olhando com cautela.

— Você vai usá-la?

Ela acena com uma onda de medo em seus olhos. — Se eu precisar.

— Boa menina.

Com as outras duas algemas, eu bloqueio seus tornozelos contra a moldagem que enquadra a teclado. Então eu fico para trás e absorvo a visão erótica diante de mim.

Situada à beira da tampa, coxas abertas largas o suficiente para segurar o teclado inteiro entre seus pés e braços contido por trás dela, ela é uma imagem da luxúria e do tormento, força e confiança. Sua vagina está aberta, rosa e encharcada, implorando por meu pau. Sua língua espreita para fora e toca seu lábio inferior.

Eu nunca quis ninguém como a quero. Não apenas seu corpo. Quero tudo. Ela é a emoção mais forte que eu já senti.

Eu ajusto a dor latejante no meu jeans. — Eu estou tão excitado que quero rolar e morrer.

— Morrer é uma maneira de se livrar dessa ereção.

O brilho brincalhão em seus olhos me faz incrivelmente mais duro.

— Ou. — Ela morde o lábio. — Há... Você sabe a outra opção.

Eu seguro-a em um momento suspenso de contato visual enquanto minha mão desliza ao longo do meu pau preso. — É isso que você quer, Ivory? Sua boceta está encharcada e pronta para mim. Eu poderia deslizar para fora e fode-la tão duro que você iria sentir-me por dias.

Ela desvia o olhar, as narinas dilatadas e os músculos tensos nas algemas. Ela poderia ter estado pronta para se render esta manhã, mas não agora. Não depois de ver minha ex.

— Olhe para mim. — Eu espero por seus olhos, em seguida, chego para o meu cinto. — Você fica com dois golpes por se referir a alguém, além de si mesma como a minha namorada.

— Mas Jo...

— Não diga a porra do seu nome. — Calor percorre através das minhas veias. — Nós vamos chegar a isso, mas aqui mesmo, agora mesmo, é sobre *nós*. Você e eu e mais ninguém.

Rugas formam-se em sua testa, em seguida, suavizam longe. — Bom. Dois golpes. — O canto de sua boca eleva. — Faça o seu pior.

Ela está sorrindo agora, completamente sem a menor pista sobre onde eu vou estar fazendo o meu pior.

O meu pau se agita. — Quanto à atitude que você me deu no telefone... — Eu arranco o cinto livre do meu jeans e dobro-o ao meio. — Seis orgasmos para seus seis comentários malcriados.

— Orgasmos, huh? Ela ri, relaxando em suas restrições. — Puxa, isso soa como tortura.

Meus lábios se contorcem. *Oh, e será.*

35

# IVORY



A borda da tampa do piano escava em minha bunda, e os músculos do interior das minhas coxas tensos na posição bloqueada e aberta. Mas é o olhar azul aquecido rastreando cada linha do meu corpo que me mantém cativa. Eu endireito tão elevada quanto possível, meu coração batendo e corpo dolorido para a dor e afeição de Emeric.

Desde que eu estou sentada em seu alvo habitual, aonde ele vai me bater? Minhas coxas? Minhas costas? Eu olho para baixo na extensão do meu tronco, e um formigamento arrepia em meu pescoço. Com as pernas estendidas abertas amplamente e braços amarrados atrás de mim, meus seios e vagina estão na frente e no centro. Certamente, isso não é...

Meu olhar voa para cima, mas ele não está olhando nos meus olhos. Sua atenção está colada ao meu peito, o punho cerrado em torno das extremidades do cinto. *Não, ele não iria. Não em um lugar tão vulnerável. Meus mamilos pulsam com o pensamento.*

Caminhando para mim em passos silenciosos, ele desliza o banco para o lado e coloca seu rosto no meu, estudando minha expressão, observando-me respirar, olhando para as partes mais escuras, mais depravadas de mim.

Eu engulo. — Onde você está indo...

Ele trava sua boca contra a minha, lambendo e chupando e girando o

meu cérebro fora de seu eixo. Deslizando seus lábios ao longo do meu pescoço, para cima e para baixo, lentamente, dolorosamente, ele cobre minha garganta em sussurros de prazer. Minha cabeça cai para trás em um suspiro. Sua boca é tão suave e agarra-me como se ele estivesse beijando minha alma. *Por favor, não pare*.

Sua mão se junta, levemente acariciando o meu lado e por cima do meu peito. Esses quatro dedos, quatro pontos minúsculos de contato, carregam minhas veias com eletricidade e dedilham meu corpo através de vários arpejos em questão de segundos.

— Eu preciso de você. — As palavras correm pelos meus lábios, ofegante e espontaneamente.

— Você me tem, — diz ele em voz baixa, abaixa a cabeça, e morde o meu mamilo.

Eu uivo, consumida com dor, empurrando contra as algemas e indo a lugar nenhum.

Ele ri e morde novamente, puxando o nó com os dentes até que pulsa e se estende fora de forma.

Quando ele se move para o outro, eu prendo a respiração e balanço a cabeça.

Seus lábios pastam meu mamilo, provocando, e seus olhos cintilam nos meus com tanta necessidade rodando nas profundezas azuis profundas. —Respire.

No momento em que eu faço, ele afunda seus dentes. Eu grito em agonia e arqueio meus quadris, deslizando para fora da borda. Ele me pega, deslizando minha bunda de volta no lugar quando os dentes rasgam em minha carne sensível, chupando duro e me incendiando.

— Pare! — Eu soluço, torcendo meus pulsos nas algemas. — Por favor, pare.

Rolando sua língua, ele lambe a queimadura apavorante, sua voz um lima cortante. — Eu não ouvi a sua palavra.

Lágrimas inundam meus olhos, e todo o meu corpo treme como uma corda de harpa.

Ele se inclina para o meu rosto e arreganha os dentes. — Diga.

Eu chupo meu lábio inferior e olho para baixo. Porra parece que ele cortou meus mamilos fora, mas eles ainda estão lá, enormes, duros, e vermelho irritados. Nem uma gota de sangue.

Ele dá um passo para o lado e bate o cinto dobrado contra sua perna. — Onde está a pirralha metida de apenas um momento atrás?

— Você mordeu meus seios!

— Você acaba de aumentar sua contagem de orgasmo para sete. Você já terminou?

Se ele está tentando me provocar para dizer a palavra, ele vai ter que se esforçar mais.

Eu torço meu pulso nas minhas costas e giro. *Pena que ele não pode vê-lo*. — Eu estou bem.

Ele levanta o cinto e toca a alça de couro para o meu mamilo. Uma torrente de tremores ondula através de mim.

Seus olhos encontram os meus mais abaixo ao meu peito, em seguida, retornam para o meu rosto.

Eu endureço a minha expressão e levanto meu queixo.

O tempo para quando sua cabeça se inclina, e sua boca se abre ligeiramente. Em seguida, ele se mexe.

Chicoteia o couro em todo o meu mamilo inchado em um flash de fogo. Um suspiro sufoca na minha garganta, e lágrimas cegam minha visão. Ele não me dá um segundo para me reagrupar antes que ataque a outra mama.

Meu corpo arqueia de volta, e eu engulo meu grito enquanto minha mente luta para dar sentido à dor. Como eu cheguei aqui? Por que estou deixando isso acontecer? O que na porra santa eu estou fazendo?

O cinto bate no chão, fazendo-me saltar. Ele chega por trás de seu pescoço e arrasta a camisa sobre sua cabeça. O jeans pendura baixo em sua

cintura cônica, seu peito nu flexiona e ajunta com depressões e saliências.

Na próxima respiração, ele está em mim, com as mãos no meu cabelo e lábios perseguindo as faixas de lágrimas em minhas bochechas.

— Tão bonito quando você chora para mim. — Ele borrifa beijos nos meus olhos, nariz e boca enquanto seus dedos acariciam meu cabelo. — Oh, Ivory. Você não tem idéia do que você faz para mim.

O estrondo da sua voz e a ternura de seu toque acalma o fogo em meus mamilos e alimenta uma nova chama no fundo do meu núcleo.

— Diga-me, — eu digo, minha voz esganiçada.

Ele deixa cair sua testa na minha. — Eu vou te mostrar.

Arrastando o banco do piano mais perto, ele se senta. A posição coloca sua boca a polegadas de minha boceta. Dedos espalhados sobre as teclas, ele mergulha em uma canção violentamente estridente. Outro cover de metal, mas eu não posso nomeá-la. Eu estou perdida nas notas batendo, tremendo contra a dor em meus seios, e me perguntando se esses sete orgasmos será seus ou meus.

Eu testo as amarras em meus tornozelos, minhas pernas desconfortáveis no trecho estendido. — Que música é esta?

Seus olhos dardejam entre meus lábios e minha boceta, com as mãos batendo nas teclas. — “Symphony Of Destruction.” Megadeth[47].

Nunca ouvi falar disso, mas doce inferno soa ameaçador.

Ele se inclina para frente e pressiona sua boca contra a minha coxa. Meu corpo inteiro acalma em antecipação quando ele desliza os lábios para o meu centro. Suas mãos se movem freneticamente sobre as teclas, e quando ele atinge o vinco na minha coxa, ele muda de direção sem um deslizamento na melodia. Ele lambe um caminho para o meu joelho, mordiscando e sugando minha pele, então muda de volta mais uma vez para a minha boceta.

Com seus lábios pairando sobre o meu clitóris, a música muda para que eu reconheça imediatamente.

Rompi em um riso gemendo. — Só pode estar brincando comigo.

Ele me pisca um sorriso antes de enterrar o rosto entre as minhas pernas. Quando ele curva sua língua através das minhas pregas, o piano vibra ao som de “Smells Like Teen Spirit” do Nirvana[48].

A sensação brotando de seus lábios mergulha-me em uma confusão ofegante de desejo. Ele investiga profundamente com golpes lancinantes, e quando ele encontra o meu clitóris, ele não leva muito tempo. Eu já estou preparada com todo o tocar e beijar, e inferno, até mesmo os chicotes nos meus seios me fez molhada.

Eu venho com um alto, gemido ofegante, balançando meus quadris contra sua boca implacável quando meus membros empurram nos apoios.

Suas mãos atrapalham as teclas, perdendo o ritmo antes de pegá-la de volta.

— Esse é um, — ele diz com uma voz rouca.

Eu encontro seus olhos, ofegante e tremendo. — Não tem jeito. Eu...

*Não posso dizer que não posso*. Mas seriamente? Seis mais? Ele é muito diabólico com seus castigos. Vou morrer.

Ele pressiona um beijo para o meu clitóris, em seguida, ataca-o com os lábios e dentes. Eu grito através dos orgasmos dois e três. Depois disso, eu não ouvi mais a música ou senti as vibrações através de meus membros ou vi o quarto em torno de mim. Todos os sentidos estreitaram sobre a língua dentro de mim e no dilúvio das sensações subindo e ruindo atacando meu corpo.

Após a quarta versão, eu alcanço um estranho tipo flutuante de estado catatônico. Minha boceta formiga com excesso de estimulação, as terminações nervosas em meu clitóris ardem contra o golpe mais leve de sua língua. Mas ele não para. Não quando eu digo-lhe para ir para o inferno, ou chamo-o de sádico.

Ele me silencia apertando os dentes em volta do meu feixe de nervos.

Ele não está tocando o piano mais, porque os dedos talentosos estão dentro de mim, batendo-me em um inferno torturante de prazer.

— Você tem que parar. — Eu balanço com as restrições, minhas pernas abertas tremendo de exaustão. — Por favor. Terminei.

Seus lábios molhados embebedam-me, tocando, beijando e lambendo, seus gemidos vibrando um tipo diferente de música através do meu núcleo. Um momento depois, ele enrola três dedos dentro de mim e torce outro orgasmo agonizante do meu corpo.

— Seis. — Ele se inclina para trás e limpa a boca com as costas da mão. — O último será comigo.

— Não mais. — Minha cabeça está tão pesada que meu queixo cai contra o meu peito enquanto eu chupo por ar. — Por favor.

Ele levanta meu queixo com o dedo, seu olhar queimando em meus lábios, sua voz um sussurro áspero. — Eu amo quando você implora.

Ele se levanta, e com apenas alguns movimentos de seus pulsos, ele libera as minhas mãos e pernas das correias.

Eu caio contra ele, meus músculos como a água, derramando e caindo. Mas ele tem meu corpo flácido nos braços fortes e apoiado contra seu peito muito gostoso.

O calor de seus antebraços desaparece das minhas costas, substituído com a superfície dura da tampa do piano. Ele põe-me com a face para cima, pés apontando longe do teclado, os ombros na borda onde eu estava sentada. Minha cabeça pende para baixo, batendo contra as teclas.

Minha pele já hipersensível libera mais quente, e sangue corre para o meu cérebro com a força da gravidade. — O que você está fazendo?

Ele circunda o piano, inspecionando meu corpo, como se memorizando cada polegada. Seus dedos dão arrepios ao longo da minha pele quando ele os move, a partir de minha garganta, deslizando em meu esterno, virando em torno do meu umbigo, e parando entre as minhas pernas.

Minha pélvis levanta em direção ao seu toque, esforçando-se para manter esse ponto de contato. Apesar do fato de que ele acabou de morder e bater em meus seios e me torturar com orgasmos, eu quero mais. Ele deve ter feito um curto-circuito em meu cérebro.

Bloqueando os punhos em torno de meus tornozelos e pulsos, ele

efetivamente me fixa como um X em seu Fazioli. Quando ele retorna para a minha cabeça, ele me dá uma visão de cabeça para baixo da barra de aço empurrando contra seu zíper.

Ele abre a braguilha. — Você sabe como eu gosto que me chupe duro. — Empurrando para baixo seu jeans, ele lança seu pau considerável, a pele cor de rosa tensa sobre a ampla circunferência. — Você sabe o quão rápido ou lento deve mover essa língua ímpia.

Poças de calor palpitam entre minhas coxas com cada palavra.

Tocando a coroa para a minha boca invertida, ele pega seu comprimento e esfrega o salgado lubrificante em meus lábios. — Toque a mão direita contra o piano, se você quiser que isso pare. Diga-me que você entende.

— Eu... — Minha boceta aperta vazia e necessitada. Esse sentimento estranho querendo experimentar. — Eu vou bater se precisar.

Ele envolve uma mão embaixo da minha cabeça pendurada, seus dedos servem como um amortecedor entre o crânio e o revestimento de madeira. Com os olhos semicerrados e constantemente me olhando, ele agarra sua ereção, esfrega o eixo através das minhas bochechas, e bate a ponta contra meus lábios.

Abro a boca, instintivamente, ansiosamente. *Farei isso agora.*

Seu olhar firme para baixo no comprimento do meu corpo quando ele pressiona-se contra a minha língua. Seu exalar estremece, e ele empurra.

Ele não alivia. Ele empurra impiedosamente e repetidamente. Mais e mais, ele esfaqueia seu pau pelos meus lábios, fodendo minha boca, como se estivesse mergulhando entre as minhas pernas.

Suas coxas flexionam contra a minha testa enquanto seus dedos prendem contra o meu couro cabeludo, enredando no meu cabelo, e segurando a cabeça imóvel. Eu só posso estar lá, mãos e pernas amarradas, garganta relaxada, e mandíbula estendida por seu prazer.

Inclinando-se sobre o meu peito, ele aperta o meu peito com a mão livre, beliscando o mamilo e atormentando-o com sua boca quente.

Eu me rendo com espanto drogado quando seu comprimento leva mais

profundo contra a minha garganta, seus quadris moendo e rolando com sua urgência. Isto é como ele ficaria se estivesse enchendo minha boceta. A tensão de seus músculos, o cabo flexível de seu pau, e a dureza de seu pau compõe uma dança sedutora de intensidade. Ele dá tanto quanto ele leva, sua fome se espalhando sobre a minha pele, impossibilitando meus gemidos em volta por seu comprimento batendo, me ultrapassando.

Segurando minha cabeça contra seus impulsos, ele desliza a outra mão sobre minha barriga e conecta dois dedos dentro de mim, o que provoca um aperto carente através de meus músculos internos.

— Não vou durar muito tempo. — Sua respiração afiada agarrado ar. —Nós estamos fazendo isso junto.

Ele muda o seu toque ao meu clitóris escorregadio e aplica uma pressão contínua, sem interrupção. Meus quadris chegam para ele, moendo e balançando contra seus dedos. *Bem ali, bem ali.*

Um espasmo de formigamento de calor explode debaixo de sua carícia diabólica.

Ele empurra contra a minha língua, a testa caindo contra o meu peito quando ele nos afaga em gemidos, tremendo no nosso dueto orgástico.

Eu avidamente engulo o seu orgasmo, ofegante debaixo da onda do meu próprio. Seu pau em espasmos contra meus lábios, e as minhas coxas tremem através das réplicas remanescente de orgasmo número sete.

Ele recua se afastado e me liberta dos grilhões, levantando e me movendo, membro por membro derretida. Eu penduro como uma boneca de pano em seus braços enquanto ele me leva para o banco do piano e organiza as minhas pernas em uma posição de pernas abertas em torno de sua cintura.

Eu caio contra ele, peito a peito, pele com pele, e abraço seus ombros largos. — Essa foi a pior tortura de sempre.

Rindo, ele beija minha bochecha e chega atrás de mim, dedos no teclado. Com uma respiração profunda, ele nos envolve em uma canção suave, tranquilizante meu coração martelando com “Comfortably Numb de Pink

Floyd[49]".

Eu enrolo contra ele, absorvendo a flexibilidade e balanço de seu corpo enquanto ele toca. O ritmo de sua respiração sincronizada com a melodia, o ritmo da minha própria. Sua pele, tão suave e quente, cheira amadeirada e masculina e seguraça. Eu enterro meu nariz contra seu pescoço e encho meus pulmões.

Com meus braços e pernas unidos ao seu redor, me agarro para o pilar de seu torso. Este homem brutal é a minha casa. Seu inferno é meu céu.

Eu sou sua Ivory, e ele é minha nota mais escura.

Não importa o que aconteça, eu nunca vou me ressentir disso. Eu nunca vou me arrepender dele.

Ele termina a canção em uma chave baixa, profunda e desliza suas mãos fortes nas minhas costas, massageando minha espinha.

Abraçando-me mais apertado contra o peito, ele abaixa seus lábios para o meu ombro, seu tom calmo, gentil. — Eu não sabia que ela estava grávida até depois...

Depois de Shreveport. Depois de sua traição.

Eu beijo seu pescoço e passo os dedos pelos seus cabelos quando a amargura alarga dentro de mim.

— Ela está de sete meses. — Ele respira, para fora. — O bebê poderia ser meu. Ou não.

Eu ergo minha cabeça e encontro seus olhos duro. — Você acha que…?

Ele pisca sua expressão em conflito. — Eu não sei. Nunca houve uma indicação de traição, e eu sou muito foda observador.

Difícil argumentar sobre isso. — Então por que você questiona isso?

Ele enfia o meu cabelo atrás da minha orelha, seus dedos demorando em minha mandíbula. — Eu nunca pensei que ela iria me trair do jeito que ela fez. Se ela pode fazer isso...

— Ela poderia enganar.

Ele abaixa a mão para acariciar meu quadril, seus olhos seguindo o movimento. — Quando assumi Shreveport, eu trabalhava longas horas. Dia e noite. Eu raramente estava em casa.

Ela poderia ter feito qualquer coisa durante esse tempo. Com qualquer um. Talvez ele não fosse tão observador naquela época?

Eu engulo em torno da dor em minha garganta. — Por que ela estava na clínica hoje?

Seu olhar eleva para o meu. — Eu estive ignorando suas mensagens. A única maneira que ela sabe como me encontrar é através de meu pai.

— O que ela quer? — Minha voz treme com os nervos frágeis. — Quer voltar para você? Pegar você de onde parou?

— Sim. — Ele agarra a parte de trás do meu pescoço quando eu começo a me afastar. — Ela quer meu dinheiro, Ivory.

Acho isso difícil de acreditar. Qualquer pessoa com metade de um cérebro deve saber que qualquer amor que este homem oferece é mais valioso do que toda a riqueza do mundo.

Inclinado para frente, eu penteio os dedos sobre os cabelos curtos na parte de trás de sua cabeça. — Quanto dinheiro está falando?

— Metade da minha herança. Milhões. Eu ficaria feliz em dar-lhe se eu soubesse que a criança era minha. — Ele cruza os braços em minha volta, segurando-me contra ele. — Eu dei sangue meses atrás na minha demanda por um teste de paternidade. Ela ainda está a fornecer os resultados.

— Isso não augura nada de bom para ela. Quer dizer, se a criança é sua...

— Este seria um negócio feito, e ela seria uma mulher muito rica. —Ele olha para mim, os olhos girando em pensamento. — Ela sabe meus termos. Quero os resultados dos exames. Se o bebê não é meu, ela não recebe um centavo, e eu nunca vou ter que vê-la ou pensar sobre ela novamente. Se for meu, eu vou ser um pai em todos os sentidos da palavra.

E Joanne será totalmente incorporada em sua vida. Meu coração

gagueja e dar pausas.

Ele segura meu pescoço, procurando o meu rosto. — Não há Joanne e eu. Sou seu. Diga-me que você entende.

Eu fecho meus olhos contra a intensidade no seu. — Você disse que a ama.

— Eu também disse que a odeio. — Com um suspiro profundo, ele abaixa a testa na minha. — Então eu encontrei algo mais significativo do que o amor e o ódio.

Eu paro de respirar, meus olhos vibrando abertos. — O quê?

— Você.

Meu pulso solavanca com a rápida corrida de minha respiração. Como ele pode destruir a minha confiança e uni-la de volta tão completamente no espaço de tempo tão curto?

— Sinto muito, Ivory. Eu deveria ter lhe contado. — Ele esfrega minhas costas. — Você tem o suficiente para se preocupar, e eu só... Eu confio no meu instinto, e ele me diz que ela está mentindo.

— Eu te perdôo. — Profundamente. Indefinidamente. Eu descanso minha cabeça em seu ombro. — O que acontece agora?

— Eu nunca quis ameaçar sua carreira. Eu não me afastei deixando-a sem emprego com um bebê. Mas eu preciso saber se esse filho é meu. — Os músculos abaixo de mim endurecem com a tensão, e seu tom afia. — Ela tem até o próximo fim de semana para provar a paternidade. Se ela não cumprir o prazo, o Conselho de Shreveport receberá fotos incriminadoras suas, da suja e enganosa diretora de escola.



A semana seguinte passa em um borrão de inquietação. Com Lorenzo Gandara ainda à solta e minha paranóia constante sobre a minha situação de estar com Ivory, estou na borda, irritável, e muito fodido esgotado. Somando-se o meu stress sobre a minha apresentação na orquestra neste fim de semana.

Entre os encontros noturnos e ensaios gerais para a sinfonia e aulas particulares de Ivory e trabalhos de casa, há pouco tempo de inatividade. Nós passamos metade de nossas horas de vigília juntos, mas estamos focados em escola, prática de piano, e as tarefas necessárias da vida cotidiana.

As poucas vezes que eu fui capaz de dar-lhe atenção com os dedos em sua boceta, estávamos tanto apressados ou esgotados. Não transando com ela é um tormento pior que a morte, mas o momento e meu foco precisam ser perfeitos.

Eu quero sair com ela, e estou frustrado com a minha incapacidade de fazer isso. Ela nunca foi levada para um jantar romântico ou girada em uma pista de dança, toda arrumada para uma noite fora e apreciada por um homem que simplesmente gosta de sua companhia. Eu sofro para dar-lhe essas coisas, sem a expectativa de sexo. Mas me aventurar em público com ela tem que esperar.

O lembrete de que ela tem apenas dezessete anos, tempera algo da minha impaciência. Ela tem uma vida inteira ainda para ter experiência, e tenho

a intenção de ser uma parte dela.

Nesse meio tempo, eu estimo nossos breves momentos antes de dormir, os pequenos espaços de tempo quando ela enrola seu corpo em torno de meu. Com a bola de pelo derramando aninhado entre nossos pés, compartilhamos histórias sobre nossas vidas, pedaços aleatórios de nós mesmos, até que ela deriva na terra dos sonhos. Sem falhar, eu fico acordado por longas horas depois, segurando-a firmemente com o pensamento nas noticias iminentes de três coisas fundamentais que monopolizam minha mente.

Uma, é quinta-feira, e eu ainda não tive noticias de Joanne. Nem uma chamada ou um texto. A lógica diz-me que se o bebê é meu, ela teria fornecido as provas meses atrás. Mas ela fica fora em jogos de mente e fazendo-me esperar como um meio para me controlar.

Dois, meu pai acelerou o trabalho do exame de sangue de Ivory, e os resultados serão entregues a qualquer dia. Assim que eu tiver o seu atestado de saúde, eu não vou ser capaz de me impedir de transar com ela na próxima semana. Eu sei que ela pensa que está pronta, mas ela ainda está a usar sua palavra de segurança. Quando eu transar com ela, ela vai deitar abaixo de mim, como tem feito com qualquer outro idiota e silenciosamente vai me parar? Ou ela vai ficar comigo, fazer uma escolha consciente para entregar-se completamente?

Eu preciso encontrar pelo menos um dos seus limites rígidos e forçá-la a enfrentá-lo. Então eu vou saber.

A última coisa que ocupa minha mente é Lorenzo Gandara. Depois de programar o meu plano para removê-lo como uma ameaça à Ivory, eu estou preso em um padrão de espera, queimando para vê-lo ser concretizados. A espera é de enlouquecer, fazendo-me questionar a sagacidade na minha abordagem. Talvez eu devesse ter manipulado isso mais diretamente, os riscos legais que se dane.

Não ajuda que Ivory pergunta sobre ele todos os dias, porra. Eu tenho sido honesto com ela sobre o processo em curso, mas ele não garimpou para

fora, eu não esclareci a ela na minha intenção de matar diretamente o filho da puta.

Duvido que ela se importe desde que não interfira com o seu sonho. Ivory não tem nada, além de uma ambição. Ela vive com o lema, Tudo é possível, e o tudo de Ivory é a torre de Leopold. Eu não estou com pressa para perturbar o equilíbrio tênue entre ela e eu e a reitora, mas quando chegar a hora, Ivory e eu vamos ter que tomar algumas decisões.

Em uma nota positiva, Prescott Rivard parece estar cooperando. Eu atribuí as suas atividades ao meu PI, seus telefonemas e todos os movimentos monitorados de forma discreta e relatados de volta para mim. Não houve nenhuma indicação de retaliação.

Na sexta-feira, tudo muda.

A tarde chega a uma rápida sucessão de telefonemas e mensagens. A explosão de interrupções torna impossível a palestra, então eu dou aos alunos um trabalho ocupando eles e enterro minha cabeça no meu telefone. Ivory me olha com curiosidade de sua mesa, sua elevação de sobrancelha em um *Que diabos você está fazendo?* Arco de desconfiança.

Dou-lhe um olhar duro, mas por dentro, eu mal estou me segurando junto. No momento em que a campainha toca a hora final, eu sou incapaz de manter a porra das minhas emoções raivosas na baía.

Quando o último aluno sai da sala de aula, eu bato a porta fechada, arranco Ivory a partir de sua mesa, e lanço-a contra a parede mais próxima.

Ela grita, esticando os dedos dos pés para chegar ao chão. — O que você?

Eu ataco sua boca e devoro os lábios, morrendo de fome e possuído, minhas mãos voando sobre cada polegada sua que eu posso alcançar, acariciando, agarrando, segurando. Meu pau endurece, e meu pulso detona. Não há mais espera. Porra, eu preciso dela.

— Alguém... vai... ver, — ela diz entre beijos, tanto empurrando como puxando contra o meu peito, sua atenção se voltando em direção à janela na

porta.

Mordo os lábios, excitado na sensação suave de seu corpo ao longo do comprimento do meu. — Não há aulas à noite. Vá para casa. Eu te encontro lá.

Com uma quantidade estupenda de força de vontade, eu solto-a e invado em direção à minha mesa.

— O que aconteceu? — Ela olha para mim, os olhos arregalados e congelados, onde a deixei. — Isto é sobre...?

— Eu lhe dei uma ordem, — eu digo em voz baixa, áspera.

Virando as costas para ela, eu encho meus pertences na pasta, meu sangue rugindo com pesada necessidade, urgente. Se ela não sair logo, neste segundo, vou transar com ela contra o quadro.

No instante em que seus passos desaparecem pelo corredor, eu arrumo meu pau duro, tornando-o menos visível com a ponta presa sob o meu cinto. Então me arrasto atrás dela a uma distância modesta. Do lado de fora, eu a assisto a partir da entrada principal quando cruza o parque de estacionamento e sobe dentro do Porsche. Mesma coisa que faço todas as noites. Exceto que esta noite é diferente.

Hoje à noite, a espera acabou.

Os três minutos de carro parecem como três horas. Corro até a casa e encontro-a na cozinha com Schubert enterrado contra o pescoço dela.

Ela mordisca seu lábio inferior, seus enormes olhos marrons redondos e vigilantes. — Você tem os resultados do teste?

O teste de paternidade? O seu teste de sangue? Qualquer que seja o que ela pergunta, eu estou muito excitado para falar sobre isso.

Separados pelo comprimento da cozinha, eu dou um passo em direção a ela. — O bebê não é meu.

Ela enterra sua expressão contra a cabeça peluda de Schubert.

— Não faça isso. — Eu chego mais perto, dez pés de distância, e bebo em suas respirações vivificantes. — Nunca se esconda de mim.

Colocando o gato no chão, ela lhe dá uma tapinha no traseiro. Então ela

se endireita e me enfrenta de frente. Seus lábios comprimidos, mas o sorriso em seus olhos está cegando. — Você está... Feliz com isso? Ou você queria... —Seu olhar escurece sua voz quase um sussurro. — O bebê?

Dois meses atrás, eu tinha estado devastado pela prova de que Joanne tão insensivelmente me traiu e irritado por ela ter jogado fora nossa vida juntos. Mas agora? Eu estou flutuando em uma nuvem de emoções libertadas, e a chefe deles é gratidão. Quero agradecer a ela por ser uma puta traidora. Se ela não tivesse me traído, eu ainda estaria com ela, completamente alheio que o mais profundo, o amor mais forte brilha em olhos castanhos e, um coração altruísta de dezessete anos de idade.

Outro par de passos e eu paro. Seis pés de distância. Eu preciso dizer a Ivory o resto antes que ela esteja dentro do alcance do braço. Antes que eu perca a aderência sobre meu controle. — Eu quero um filho. Vários, na verdade. Algum dia. Num futuro muito distante. Com você.

Ela toca seus lábios entreabertos quando uma inspiração entrecortada sacode seu peito.

Eu dou mais um passo em direção a ela e toco os dedos ansiosos no balcão. — Lorenzo foi detido.

Ela suspira e coloca as mãos em volta do balcão, respirando profundamente.

Com uma ficha extensa, ele é procurado por suspeita de roubo, posse de drogas e agressão com arma mortal. Meu investigador identificou sua rotina e locais frequentados, passou as informações para o NOPD[50], e encostou duro no sargento de polícia até que prioridades foram ajustadas e a prisão foi feita.

Lágrimas nos olhos de Ivory, com as mãos tremendo contra a superfície do granito. — Quanto tempo?

— Ele está recebendo anos por várias ofensas. A fiança é fixada em torno de duzentos mil.

Ela balança a cabeça quando um sorriso trêmulo se desenrola em seus

lábios. — Obrigada.

Quando ela se move para se aproximar, eu impeço-a com uma expressão tensa. Eu a quero. Demais.

Ela inclina a cabeça e lambe os lábios. — Você acreditou em mim quando a minha própria família me chamou de uma prostituta e uma mentirosa. Tenho corrido dele por quatro anos, e em uma semana, você o afastou de minha vida. — Ela olha para mim com admiração. — Emeric, você fez algo que ninguém tem feito por mim em um tempo muito longo.

Ela não esclarece o que é, mas eu posso preencher os espaços em branco. Eu a fiz se sentir segura.

— Eu gostaria que fosse mais. — Eu flexiono minha mão na ilha, segurando seu olhar. — Quero que ele seja punido por estupro, Ivory. Se você mudar de idéia sobre a queixa, eu vou estar com você a cada passo do caminho.

— Não. — Sua mandíbula fixa. — Eu quero seguir em frente.

Ela está preocupada que ele virá atrás dela, e, francamente, eu também estou. Eu não a quero conectada a sua morte de forma alguma. Ele não vai ser preso para sempre, e eu vou ter que lidar com a sua liberdade inevitável quando esse dia chegar. Mas há menos risco para Ivory se ele não estiver culpando-a pelos os próximos muitos anos que ele estará apodrecendo em uma cela.

Quanto para a melhor notícia que recebi esta tarde... Eu fecho aos pouco a distancia final entre nós e espreito em torno dela, deslizando suavemente meus dedos por seu braço.

Ela treme, virando o pescoço para manter o contato visual.

Eu paro atrás dela e agarro seus pulsos. Com seu corpo de frente para o balcão, eu achato as palmas das suas mãos na porta do armário acima de sua cabeça. — Não mova suas mãos.

Ela sorri para mim por cima do ombro. — Se eu fizer?

*Pirralha.* Eu bato a mão contra seu lindo traseiro.

Ela ergue-se na ponta dos pés, a cabeça caindo para trás com um grito de surpresa. Mas suas mãos permanecem onde eu coloquei-as.

— Como uma boa menina, — eu sussurro em seu ouvido, fazendo com que todo o seu corpo trema.

Sua resposta me deixa muito aceso. Eu tenho estado duro desde o dia em que a conheci, mas eu estou finalmente, *finalmente*, indo desapertar essa dor sofrida entre nós.

A menos que ela use sua palavra.

Eu cubro suas mãos com as minhas, pressionando-a contra o balcão, um lembrete silencioso. Então eu movo para baixo nos seus braços nus, os dedos acariciando a pele, em seguida, mudando para acariciar as curvas exteriores de seus seios.

Ela ainda se mantém para mim, mas há uma oscilação sutil na sua postura quando ela levanta e se inclina em direção ao meu toque, a cabeça tombada e olhos alertas, seguindo cada movimento meu.

Eu vago minhas mãos sobre o material rígido de seu vestido preto, traçando o contorno de seus músculos e ossos do quadril por baixo. Quando eu chego à bainha em seus joelhos, eu recolho o vestido até as coxas, sobre seu traseiro flexível, e deixo-o agarrar-se ao redor de sua cintura.

Com os olhos voltados para me ver, ela olha para baixo quando eu deslizo minha boca para baixo na parte de trás do vestido. Ela suspira, curvando-se sobre o balcão e deixando cair a cabeça entre os braços levantados.

Agachando-me atrás dela, eu encho minhas mãos com suas altas bochechas redondas. A calcinha de renda preta parece tão maldita pecaminosa sobre ela. Pena que esta é a última vez que ela vai usá-las.

Eu aperto as pequenas tiras em torno de seus quadris e dou um puxão.

O som de rendas rasgando trás sua cabeça ao redor. — Eu gostava dessa.

— Eu vou te comprar uma centena mais e porra, rasgar cada uma delas fora de sua bunda linda.

Quando levanto, alcanço em torno da frente de suas pernas e arrasto as pontas dos meus dedos para cima em suas coxas. Seus membros tremulam e

gemidos roucos chamusca calor através do meu pau, engrossando-o ao aço doloroso.

Quando minha mão encontra o cabelo macio em sua boceta, eu puxo duro nos curtos fios. Ela morde o lábio, abafando um suspiro.

Meu coração bombeia mais rápido, mais duro. Eu pressiono meu peito contra suas costas, chuto os pés separados, e deslizo o dedo ao longo de sua fenda.

Sua cabeça cai para trás no meu ombro, e sua boca persegue a minha. Eu esquivo dela, fazendo cócegas com meus lábios ao longo de sua mandíbula, pelo seu pescoço, cobrindo a pele com minha respiração.

— Deus, Emeric. Eu nunca me senti assim.

— Shhh. — Eu mordisco em seu ombro, deixo-a sentir meus dentes, minha língua, e o calor me queimando por dentro.

Sua cabeça rola, expondo o pescoço para meus beijos. Eu chupo o lóbulo da orelha, circulando a minha língua quando mergulho meus dedos em sua boceta escorregadia. Porra, ela é tão quente e molhada e apertada.

Ela choraminga e esfrega sua bunda contra o meu pau, impulsionando os meus toques provocantes em uma ofegante moagem imperativa. Nossos corpos rolam juntos, caralho sem penetração. Meu pau está alinhado, mas as minhas calças estão no caminho.

Enfiei meus dedos em sua vagina molhada, saboreando o aperto de suas paredes internas. — Você está limpa, Ivory.

As mãos dela se contorcem contra a porta do armário. — Limpa?

— Os resultados dos seus exames. — Eu deslizo meu toque para sua borda anal. — Nós dois estamos limpos.

Ela aperta sua bunda. — Nós vamos pa...? — Seus glúteos espremem contra o meu dedo sondando. — Não! Não. — Ela ofega. — O que você está fazendo?

— Eu vou te foder, Ivory. Esta noite. Agora. — Eu sovo contra seu quadril, esfregando o dedo entre sua fenda, provocando o anel apertado de

músculo. Eu sofro para levá-la lá, para foder cada buraco em seu corpo.

Segurando seu quadril em um aperto de contusões, eu alcanço mais profundo entre as pernas dela, pressionando o dedo contra a pequena ruga de pele.

Lágrimas doloridas em um ruído agudo de sua garganta, e suas mãos caem do armário. — Scriabin.

Eu sacudo para trás, meu pulso acelerado e as mãos no ar. — Ivory?

*Puta que pariu, ela usou sua palavra. Ela usou sua porra de palavra.*

Ela balança contra um tremor de corpo inteiro, o tronco curvado sobre o balcão, coxas cerradas juntas e braços em volta de seu peito. —Eu n-n-não.

Frustração golpeia através de mim, com raiva e violência. *E irracional*. Eu forço-a de volta, respirando com força, em seguida, profundamente, desesperado para entender.

Relaxando meus braços ao meu lado, eu tento suavizar a minha voz. — Seja específica.

— Não a minha... — Ela empurra o vestido nas pernas e se vira para mim, olhos vidrados e aterrorizada. — Não por trás.

— Alguma vez você já foi tocada lá?

Seu rosto cai, e ela se enrola sobre si mesma.

Fodida raiva derrama pelas minhas veias como lava. Eu não a examinei de perto o suficiente para ver a cicatriz, mas é óbvio que alguém sodomizou ela. Possivelmente vários.

Imagens horríveis vêm através do meu cérebro, chutando meu coração em uma orquestra macabra de violência.

— Sem anal. — Eu aperto minhas mãos trêmulas e dou um passo cauteloso para frente. — Esse é o seu limite?

— Eu não posso, Emeric. — Ela bate de costas contra o contador, sua expressão apertada em tormento. — Por favor, não faça isso.

Meu estômago cai. Ela acha que eu iria forçá-la?

— Ivory. — Outro passo, minha voz rouca, com dor no coração. — Eu

não vou tocar lá. Eu prometo.

Ela olha para a porta, com o queixo tremendo e os joelhos se contraindo. Ela parece que quer sair correndo.

— Olhos sobre mim, — eu digo com cuidado e espera por ela para obedecer. — Esse é o seu único limite?

*Por favor, diga sim.* Eu tinha certeza de que ela estava disposta a ter relações sexuais. Como diabos eu subestimei isso?

— E-Eu não sei.

Meus pulmões apertam, trabalhando por ar. Eu estou apenas fora do alcance do braço, respeitando sua zona de segurança. Mas eu não estou pronto para voltar atrás. Tenho certeza para caralho que não vou desistir.

Ela tem todo o poder aqui, e maldição, eu vou fazer o que for necessário para ter certeza que ela sabe disso.

Eu mantenho o meu nível de voz, mas firme. — Você tem duas opções. Um. Caminhar pelo corredor, sentar atrás do piano, e esperar por mim para começar a sua lição. Dois. Suba as escadas até o quarto, remova suas roupas, e espere por mim para te foder. — Eu aço meu olhar. — Sem anal, Ivory. Você tem minha palavra.

Braços ao redor de seu peito, ela esfrega seus bíceps, ainda não olhando para mim.

Eu infundo meu tom com convicção. — O que quer que você escolha, não haverá decepção ou vergonha. Não de mim ou você. Compreende?

— Sim. — Um sussurro trêmulo.

— Vá.

No segundo que ela está fora de vista, eu giro para o balcão e agrido o meu punho contra o granito. *Foda, foda, foda*. Eu deveria ter sabido que ela não queria ser tocada lá. Eu não deveria tê-la empurrado.

Não, isso é besteira. Se eu pudesse pensar além do meu pau doendo por um maldito minuto... *Respiração profunda.*

Nós apenas demos um enorme passo em frente, porra. Ela usou sua

palavra e me mostrou um de seus limites. Agora eu posso confiar nela para usá-la novamente. Eu vou esperar por ela durante uma eternidade se tiver que ser.

A almofada de pés minúsculos me chama a atenção para o chão. Schubert esfrega em torno de mim e inclina seu corpo contra a minha perna, cobrindo minhas calças pretas com pelo laranja.

Eu chego para baixo e enrolo-o.

— Ela vai me desligar, não é? — Eu pressiono meus lábios contra sua cabeça, segurando-o contra o peito. — Foda-se, eu quero matar todos os caralhos dos idiotas que já a tenha tocado.

Ele ronrona como um motor e arqueia seu pescoço para um arranhar. Enrolando meus dedos sob o queixo, eu atendo. Logo, meu pulso equilibra, e meus músculos afrouxam.

— Vamos encontrar a nossa menina.

Eu coloco-o no chão e sigo-o para fora da cozinha, a sala de lareira, e na sala de estar. Ele vira fora em direção aos sofás e se estende para fora em uma das almofadas.

Para frente e para baixo do corredor é a sala de música. Para a esquerda e para o...

Um sapato preto delicado encontra-se no tapete no foyer. Meu pulso salta.

Eu vou em direção a ela, afrouxando a gravata em volta do meu pescoço enquanto eu olho para cima da escada. O segundo sapato pousa na curva das escadas.

*Ela escolheu o quarto.*

Meu pau tem contrações, e minha respiração acelera. Eu me lanço para frente, correndo as escadas e ao virar da esquina.

A visão de seu vestido preto no chão no corredor me estimula mais rápido, a construção de uma pressão de fome na base da minha espinha. Quando eu chego à porta do quarto, acho-a fechada, a maçaneta adornada com seu sutiã de renda preta.

Cristo, ela está me virando do avesso. Eu ajusto a dor rígida em minhas calças e puxo em várias respirações calmantes. Então eu abro a porta.

# 37
# IVORY



A porta do quarto se abre, e eu solto um suspiro de alívio.

Eu pouso no lado da cama, nua e vulnerável, quando nós olhamos fixamente um para o outro. Ao vê-lo emoldurado na porta e me olhando com aqueles olhos de pedra varre o meu fôlego.

Eu estou tão conflituosa sobre por que eu usei a minha palavra. Como eu deixei um paralisante momento de terror substituir cada onça de confiança que tenho nele?

Não só Emeric parou, ele não explodiu em um acesso de raiva. Sua reação paciente e um controle confiável provam que o meu medo dele era injustificado e fraco. Eu sou tão disfuncional que não posso ter um relacionamento íntimo com um homem que preferiria morrer a me colocar em perigo?

Sua camisa azul de botão está aberta no colarinho, a gravata de cor cobalto sem nó e pendurada em seu pescoço. O colete é multicolorido xadrez de azul, cinza e preto. Seria algo monótono em um cabide, mas com seus olhos safira, queixo talhado, e a massa confusa do cabelo preto, ele vende-o como um modelo de catálogo de tendências.

Jesus, ele é dolorosamente bonito. Mas é a sinergia de sua aura comandando e a devoção inabalável de que o torna particularmente eficaz em

roubar meu coração.

Em vez de forçar-se na minha bunda ou me chutar para fora de sua vida, ele me deu uma escolha. Não havia um milésimo de segundo de debate em minha mente. Eu nunca vou aceitar de bom grado o sexo anal, mas ele nunca vai me forçar. Minha fé nisso tornou fácil para deixá-lo um rastro de roupas.

Agora que ele está aqui, eu não sei o que dizer ou como orientar-nos de volta para a forma como as coisas eram. Mas eu não tenho que fazer nada.

Ele atravessa a sala com passos sem esforço, segurando meu rosto em suas mãos fortes, e escova os lábios contra os meus. — Você está bem?

— Sim. — Minha respiração em soluços. — Eu sinto muito.

— Nunca se desculpe por usar a sua palavra. — Ele beija a minha boca e recua para trás para olhar nos meus olhos. — Todo mundo tem limites.

Eu empurro minha cabeça. — Você? Quais são os seus?

Ele abaixa agachado entre as minhas pernas e desliza as mãos no meu pescoço. — Defecação.

— Defe... O quê?

— Excrementos. Fezes. Isso é um grande e gordo não.

— Oh meu Deus, as pessoas fazem isso?

— Sim. — Ele luta com um sorriso cheio de tiques e ganha, achatando seus lábios. — E brutalidade. Também meu limite.

Minha garganta convulsiona. — Como é que a sua mente vai até lá?

— Você tem que perguntar?

Eu sorrio. Ele é um pervertido, homem excêntrico, e maldito se eu não amo isso nele. — É bom saber que você não vai tirar proveito do fraco Schubert.

Ele faz uma cara de nojo. — Essa foi a *sua* mente indo para *lá*.

— Você começou isso.

Ele molda as mãos em volta da minha cintura, seus polegares traçando meus quadris. — Não compartilho. Sempre. Você é minha. Sou seu. *Esse* é o meu limite mais duro.

— Você prefere que eu defeque em você a ter relações sexuais com

outra pessoa?

— Sim. — Seu olhar voa ao meu, as profundidades azuis endurecidas cimentadas com um tom mordaz. — Se outro homem sequer tocar você, minha reação será assassina. Lembre-se disso.

— Ok, — eu sussurro.

Ele levanta seus dedos fazendo uma descida na frente do colete, liberando lentamente cada botão enquanto seus olhos descem sobre o meu corpo. — Toque-se.

Separando minhas pernas, eu deslizo a mão entre minhas coxas. O colete cai no chão, e os meus mamilos apertam contra a vibração repentina de excitação.

Ele remove a gravata e desabotoa a camisa da mesma maneira sem pressa, aparentemente satisfeito com a sua visão de mim. Sua cabeça move minuciosamente, os lábios separando enquanto seu olhar segue o rolar de meus dedos contra o meu clitóris.

Eu golpeio suavemente, observando-o me ver, meu pulso enrolando um ritmo legato suave através de minhas veias.

Ele dá de ombros para fora das mangas da camisa, expondo bíceps curvos e peitorais definidos e abdominais. Então, ele se agacha para remover os sapatos e as meias, nunca olhando para longe. — Deite-se. Alargue as suas pernas.

Eu subo em direção ao centro, deitando de lado no colchão, e agito os dedos sobre minhas dobras molhadas. A sensibilidade do meu toque e sua atenção ininterrupta em mim ateia combustível no fogo ardente no meu núcleo. Estou tão em sintonia com ele, para a harmonia de suas respirações e as contrações musculares sutis em suas mãos. Isso vem de um hábito de prazer sexual de sua presença, e está solidificada no conhecimento que ele nunca vai me deixar para baixo.

Com uma economia de movimentos, ele solta o cinto, abre suas calças, e empurra a última de suas roupas no chão. Eu vi partes de seu corpo de rocha-

forte em pedaços, mas nunca tudo dele ao mesmo tempo, totalmente sem roupas. Doce céu, ele dá um novo significado ao corpo humano.

Seu pau se levanta e se projeta acima das colunas de suas poderosas coxas. Ele não se toca, nem sequer reconhece-o quando se aproxima, os olhos fixos nos meus e expressão intensa.

Ele agarra meu tornozelo e circula o colchão, arrastando as pernas e girando a minha posição até que minha cabeça está perto da cabeceira da cama. Ele para com os pés no pé da cama e se inclina para frente.

O recuo do seu joelho no colchão inicia um sobressalto no meu coração. O olhar predatório em seus olhos para meu fôlego. Ele rasteja sobre mim, pernas nas laterais das minhas, rondando nas mãos e joelhos e abrangendo as minhas coxas.

Eu esperava que ele arrancasse minhas pernas abertas e enfiasse entre elas, mas ele provou várias vezes que ele não é como os outros.

Pairando sobre mim, ele funde a sua boca para a minha enquanto sua mão vagueia meu corpo, acariciando e afagando meu peito, coxas e vagina. Sua língua febril, exalações pesadas e toques diabólicos dirigem-me sem fôlego e insana.

Eu puxo em seu ombro, tentando trazê-lo mais perto. — Você... Vai deitar em cima de mim? Deixa-me sentir o seu peso?

Ele já me teve presa contra uma parede, me amarrou a um piano, e me tocou contra a ilha de cozinha, mas eu nunca estive nesta posição com ele. Não importa quantas vezes imaginei, eu sei que vai ser diferente de tudo que eu já experimentei.

Com minhas coxas espremidas entre as dele, ele segura a parte de trás da minha cabeça com as duas mãos e reduz seu longo corpo em cima de mim. Procuro seus olhos no meu rosto enquanto seu peso me afunda no colchão, seu peito cobrindo o meu no calor e muscular.

Minha boca cai aberta, em um suspiro feliz, e ele pega, sua língua deslizando e reivindicando, seus lábios firmes, agressivos, e todo meu. O

tamanho volumoso dele me sufoca, em segurança, a sua força um escudo de proteção, e as mãos apoiando minha cabeça como se em súplica.

Nós nos beijamos por meio de uma sonata interminável de batimentos cardíacos e gemidos, nossas testas rolando juntas e quadris moendo avidamente. Nossos corpos balançam em uma onda sincronizada, prendendo o comprimento de aço dele entre nós.

Estou com medo do meu sempre amoroso amante pensando em sua ampla circunferência sendo enviada dentro de mim. Mas eu estou pronta. Eu nunca estive tão pronta para isso.

Eu flexiono meus quadris, tentando abrir minhas coxas. Por que ele não espalhou minhas pernas ainda?

— Não me teste, Ivory. — Ele chega entre nós e esfrega os dedos ao longo da costura escorregadia da minha boceta. — Onde minha cabeça está agora, eu vou dividir você pela metade.

Na próxima respiração, ele nos vira, me rolando em cima e dobra minhas pernas para ficar em cima de seus quadris.

— Eu estou dando isso para você. Só desta vez. — Ele sobe mais sua cabeça e aperta os degraus escalonados da cabeceira da cama. — Minhas mãos não se moverão. Eu vou segurar aqui e ficar parado enquanto você transa comigo.

Oh.

Uau.

Ok, isso é... Diferente. E muito bom.

Até eu olhar para baixo para o enorme, longo pau subindo na minha frente. Como é que isso funciona? Ele quer que eu... Sente-me nessa coisa?

Eu encontro seus olhos, balançando a cabeça. — Eu nunca…

Seus dedos bloqueiam em torno dos degraus, sua expressão de dor. É de raiva?

— Nunca esteve por cima? — Ele rosna.

— Nunca. — Energia nervosa escorre através de mim. Eu seguro seu

eixo com as duas mãos, acariciando para cima e para baixo, familiarizando-me com o seu tamanho. — Eu não sei, Emeric. Eu nem mesmo sei se pode caber...?

Sua respiração sai correndo. — Droga, Ivory. Ele vai se encaixar. — Os tendões em seus antebraços tensos com seu domínio sobre a cabeceira da cama. — Você está me atormentando aqui.

Flexionando suas coxas debaixo de mim, ele me alfineta com um olhar que é tão essencialmente quem ele é. A confiança todo-poderosa em seus olhos me diz para calar a boca e prestar atenção porque ele está prestes a compartilhar uma experiência alucinante comigo. É a sua expressão mais poderosa, que provavelmente me alcança me situando, sem uma única palavra falada, mais vezes do que eu gostaria de pensar.

— Esse olhar que você está me dando... — Eu aperto meus dedos ao redor de seu pau, apreciando o som da sua respiração estrangulada. — Você faz isso quando está no palco?

Seus quadris deslocam debaixo de mim, sua voz torturada. — O quê?

— Você olha fodendo as mulheres na platéia?

— Ivory, pegue no meu pau antes que eu perca a porra da minha mente.

Eu abaixo e coloco um beijo na coroa bulbosa em uma afetuosa saudação. O próximo beijo é um apelo para ser gentil.

Então eu subo de joelhos e posiciono-o entre as minhas pernas.

Fiel à sua palavra, ele não empurrou ou moveu as mãos. Seus olhos brilham como chamas azuis enquanto ele espera por mim para atraí-lo para dentro.

Eu abaixo em cima dele, polegada por polegada, maravilhada com a sensação de alongamento, o deslizar fácil, o ajuste perfeito. Nunca era molhado, este cuidado. Foda-se, eu me sinto tão cheia. Com fome. *Aliviada.*

O som do seu gemido gutural impele-me mais rápido. Quando ele está totalmente dentro, eu aperto meus músculos internos em torno dele.

Seus olhos se fecham, flexionando os músculos em sua mandíbula, seu corpo tremendo debaixo de mim. Eu não acho que ele está respirando.

— Emeric?

Um grunhido gutural é a única resposta que ele dá, cobrando meus sentidos já sobrecarregados com tontura. E eu ainda nem me movi.

Eu me inclino para frente e pressiono meus lábios no cume do seu peito tenso. — É isso. Estamos fazendo isso.

Seus olhos se abrem, e ele libera um riso dolorido. — Nós não *estamos* fazendo nada. — Suas mãos apertam em torno da cabeceira da cama, seu olhar duro e exigente. — Foda-se em meu pau, Ivory.

Eu rolo meus quadris, testando a sensação dele deslizando contra o meu interior e me enchendo de choques de estática.

Seu corpo inteiro treme debaixo de mim. — Mais rápido.

Com as palmas das mãos sobre o peito, eu giro ao longo de seu eixo, levantando e balançando. O arrastamento, os golpes que agradam são irreais. Os pequenos choques de eletricidade, a respiração ofegante, os sons das nossas respirações, centralizando tudo à nossa volta para onde estamos unidos.

Ele levanta a cabeça, me olhando intensamente. — Monte-o.

Eu faço, de bom grado e com abandono.

— Porra, moa-o. — Sua mão desliza a partir da cabeceira da cama, mas com a mesma rapidez, ele ajusta seu aperto. — Mais duro, Ivory. Mais profundo.

Eu me solto, levantando os braços atrás da cabeça, fechando os olhos, e circulando meus quadris. Quando eu salto, meus seios balançam e range a estrutura da cama. Quando eu carrego para baixo e duro, meu clitóris pega fogo.

Eu poderia vir assim. Um orgasmo genuíno. Com um pau dentro de mim. O pau de Sr. Marceaux. Difícil de ignorar o significado disso.

— Ah, foda-me. — Os gemidos da cabeceira em seu aperto. — Olhe para você.

Abro os olhos e colido com os dele, um sorriso puxando meu rosto. —Eu estou fodendo meu professor.

— Jesus Cristo, Ivory. — Seus bíceps flexionam acima de sua cabeça, suas coxas endurecendo debaixo de mim. — Dê-me sua boca.

Eu deslizo para cima do seu peito e empurro meus quadris, deliciando-me com a sensação do novo ângulo. Quando eu chego a seus lábios, sua língua procura a minha, girando e degustando.

Ele estala os dentes para mim, seus músculos se ajuntando e se contraindo. — Sua boceta desleixada está pingando em cima de mim.

Sua boca suja fortalece a maré de combustão dentro de mim. Eu varro minhas mãos sobre seus bíceps e seguro seu rosto, o risco de sua barba raspando minhas palmas. Ele aprofunda o beijo, o forte trecho de sua mandíbula tão erótica como o caminho pecaminoso que ele desliza sua língua.

Eu sinto falta de suas mãos sobre mim embora, e da picada de seu cinto, seu prazer doloroso. Eu não gosto de seu silêncio, desejo. Eu sofro por suas ordens rosnadas comandando cada movimento meu. Mas ele parece incapaz de falar de repente. Com seu corpo tão rígido e duro, eu suspeito que ele esteja usando uma forte dose de concentração para não mover os quadris ou soltar a cabiceira.

Não há mais tortura.

Com minhas mãos em seu rosto, eu beijo-o ferozmente, apaixonadamente, enquanto trabalho minha boceta para cima e para baixo de seu comprimento, procurando o local. Quando eu encontro-o, todos os meus nervos, células e pensamentos correm para meu ventre, reunindo, pressurizado, e explodindo através do meu corpo em uma série acelerada de percussões.

Minha boca se abre em um grito silencioso, meu olhar fixo em seus olhos. Seus lábios abrem comigo, suas pupilas dilatam, e suas mãos voam para a parte de trás da minha cabeça. Então, ele está me beijando impiedosamente, martelando seus quadris, e me levando em espiral através de outro orgasmo.

Suas mãos rolam no meu rosto, boca e respiração consumindo a minha. Nossa batalha de línguas, lambendo e atacando quando seu peso esmaga meu peito e seu pau me enche. Mais e mais, ele bate seus quadris com impulsos maus, duro. Eu chego para baixo, coloco minhas mãos sobre o músculo duro de sua bunda, pela primeira vez, e aperto.

Meu Deus, é uma bunda perfeita. Ele é perfeito em todos os lugares. A canela em sua língua. As notas graves escuras em sua voz. O talento musical em suas mãos. A visão dele de jeans e camiseta, gravata e colete, e tudo. Eu nunca vou ter o suficiente.

Seu ritmo mergulhando em saltos e em espasmos, caindo em uma nota abrupta. Ele rasga sua boca para longe, sua mão caindo para o colchão para apoiar o arco de suas costas enquanto ele ruge através de seu orgasmo. Seus olhos ficam comigo através de cada grito ofegante, me dizendo que eu sou a razão para seu prazer, o coração dele.

Abaixando a cabeça no meu ombro, ele parece estar terminando, tentando firmar sua respiração palpitante. Mas a pressão de seus dentes contra a minha pele me segura em uma borda elevada de excitação.

Um momento depois, ele fixa meus braços acima da minha cabeça, os quadris balançando, o pau latejando dentro de mim. — Lembre-se de sua palavra.

Meus olhos se arregalam. — Nós não terminamos?

Ele faz um som de estalo com a língua, fecha uma mão forte em torno do meu peito, e morde o meu mamilo.

Então, ele me fode.

Por horas.

Seus ritmos abrangem entre suave e selvagem, seu ritmo mudando rapidamente com inúmeras posições alternadas. Ele me põe nas mãos e joelhos e dá palmadas na minha bunda enquanto ele empurra por trás. Ele me joga de costas, prendendo minha garganta com os dedos, e me fode com minhas coxas apertadas em conjunto entre as suas. A coreografia fica um pouco nebulosa depois disso quando meu corpo se rende ao mundo flutuante, pervertido do Emeric Marceaux.

Grande parte dos slides da noite passam em minhas pálpebras pesadas em um manto de pele lisa de suor, carícias ternas e beijos apaixonados. Mas como este é Emeric, e seu caminho é infundido com a dominação, que exige

uma subtileza emocional e mental que vai muito além do ato técnico do sexo. Ele me diz quando, onde e como duro, e eu rolo com ele, anseio por isso, a minha necessidade de satisfazê-lo superando tudo o mais.

Por sua vez, ele me dá prazeres. Direto em um coma.

— Ivory? — Ele morde minha coxa.

Eu não consigo nem mover-me. Por que eu preciso? Ele vai mover-me.

Tendo acabado de sair do chuveiro, onde ele me bateu contra a parede de azulejos, eu deito de bruços na cama. Nua, corada, saciada, eu tento falar-me para levantar minha mão e remover o cabelo pingando do meu rosto. *Eu vou fazer isso em um minuto.*

Ele se move para cima do meu corpo flácido e escova os fios molhados atrás da minha orelha. — Você é dez anos mais nova que eu. Não me diga que um homem velho a desgastou.

Eu ronco... A extensão da energia que posso reunir. Mas em minha defesa, ele trabalha duas horas por dia.

O colchão salta quando ele se desloca em torno de mim, beijando cada polegada do meu corpo da cabeça aos pés. Não leva muito tempo antes que eu caia na felicidade totalmente adormecida sob o seu afeto.

Quando acordo, ele está estendido a meu lado, com uma toalha enrolada na cintura, arrastando um dedo ao longo da minha espinha.

— Quanto tempo estive fora?

— Quinze minutos.

Cruzo os braços sob meu rosto e encontro seus olhos encapuzados. —Eu nunca fiz isso.

Ele chega por trás dele, pega um copo de água a partir da mesa de cabeceira, e o segura para mim. — O quê?

Depois de uma bebida refrescante longa, eu entrego-o de volta e mudo de assunto. — Você não comeu o jantar.

Ele retorna o copo, em seguida, encontra-se em seu lado, descansando a cabeça na curva de seu braço. — Nenhum de nós comeu. Termine o que ia

dizer.

Eu estendo a mão e traço a curva de seu lábio superior. — As coisas *depois*. Isto. Sempre foram sexo e correr, geralmente seguido por chorar e me esconder. — Eu dou-lhe um sorriso suave. — Eu gosto disso. Muito.

Ele me puxa contra seu peito e beija a minha testa. O silêncio de nossas respirações envolve-nos, e ele me abraça assim por muito tempo que eu me pergunto se ele adormeceu.

Eventualmente, seu sussurro quebra o silêncio. — Eu gosto disso, também, Ivory. Tanto é assim que eu tenho pavor disso ser tirado de nós.

Eu envolvo um braço em torno de sua grande volta. — Nós vamos ter cuidado.

— Precisamos nos manter abaixo do radar na escola.

Eu arranho minha unha em seu mamilo. — Você precisa parar de dar-me esses olhares.

— Que olhares? — Um sorriso brinca em seus lábios.

— Os que dizem... — Eu aprofundo a minha voz. — *Venha aqui, senhorita Westbrook. Olhe para mim, senhorita Westbrook. Nos seus joelhos...*

Ele se eleva com um sorriso maroto no rosto.

Eu rolo fora de alcance, o meu tom de zombaria caindo na gargalhada. — *Chupa meu pau, senhorita Westbrook.*

Ele pisca os dentes e se arrasta atrás de mim, perdendo a sua toalha no processo.

Meu olhar mergulha para baixo no peito e para em seu pau. Está... *Mole*? Puta merda, parece estranho. Eu inclino minha cabeça, tentando obter uma visão melhor.

Ele senta-se sobre os tornozelos e estreita os olhos. — Você vai me dar um complexo.

— Eu nunca... — Eu me inclino sobre seu colo e envolvo minha mão em torno dele. Ainda é pesado, só... — Tão suave.

Ele me olha com curiosidade. — Mantenha-se a tocá-lo, e não vai ser.

Com certeza, dentro de segundos, ele começa a endurecer. Eu estou familiarizada com esta parte, e ele é o maior e pior de todos eles. Ironicamente, ele é também o mais seguro.

Ele move o braço em volta e dá uma tapa na minha bunda. — Eu não terminei com você, mas precisamos comer.

Nós fazemos isso através de metade de uma pizza de pepperoni gourmet antes dele me dobrar sobre a ilha da cozinha e provar exatamente como ele não tinha terminado comigo.

Espero que ele nunca esteja.

# 38
# EMERIC



Na noite seguinte, eu estico atrás do piano durante o intervalo da Ninth Symphony Mahler's[51] e dou um puxão na gravata estrangulando meu pescoço. O smoking é um dos muitos da minha coleção particular, adaptado e projetado com acabamento de qualidade. Não importa como porra é caro. Os tecidos que restringem me faz comichão e me deixa superaquecido. Parece totalmente pretensioso e só não combina comigo.

Nem a música.

Joanne nunca frequentou minhas performances, alegando o tédio em ouvir as mesmas obras-primas em programas de concertos ano após ano. Eu posso culpá-la?

Embora compreenda os clássicos, duvido que Gustav Mahler destinasse a suas sinfonias para se tornar assuntos comercializados de repetição mecânica. Em seus cinquenta e um anos, ele só conduziu sua segunda sinfonia dez vezes.

Eu examino o estilo Beaux-Arts [52] do teatro Philharmonic, rodeado por uma orquestra de velhos peidões pomposos e músicos em tempo integral, a maioria dos quais têm as suas próprias salas de residentes. Ao invés de compor música moderna apaixonada, eles parecem ter desperdiçado os seus talentos extraordinários sobre reciclagem de rotina do repertório clássico.

Mas eu não estou contente. Nem um pouco.

Então por que estou aqui, chafurdando neste jeremiad[53]?

Garantir um lugar na sinfonia foi uma progressão natural na minha carreira musical, uma altamente notável. Era um meio de autojustificativa, a validação de todo o meu trabalho duro e talento. Não foi até que o objetivo foi alcançado que eu percebi que era a aspiração errada para mim.

Eu quero criar a minha própria música, tocar em minha imaginação, e transformar piano clássico em algo fresco e selvagem. E eu quero compartilhar essa paixão, ensiná-la, e abrir as mentes ansiosas para novas ideias.

Eu olho nas silhuetas sombreadas sentadas atrás da seção de cordas, de frequentadores de concerto nos bancos de varanda. Um sorriso contrai os meus lábios quando a pergunta de Ivory brinca em minha mente.

*Você olha fodendo as mulheres na platéia?*

Talvez, há vários meses após Joanne, quando o destaque dos meus concertos era encontrar a minha próxima foda. Agora?

Meu olhar se conecta com a característica mais interessante no teatro, a única razão pela qual eu estou sorrindo esta noite.

Ela se senta na primeira fila, brilhando como uma ária brilhante cercada por instrumentais escuros. Seu vestido Versace vermelho segue as linhas sinuosas do seu corpo das mamas aos pés, a fenda no alto da coxa limitada com strass Swarovski[54].

Eu sei todos os detalhes, porque eu escolhi a dedo por mim mesmo, assim como eu fiz com todas as suas roupas. Mas eu escolhi este vestido especial para uma noite como esta, imaginando-a usando-o enquanto me assiste tocar.

Apesar das minhas dúvidas sobre ela assistindo ao concerto, vê-la naquele vestido de noite quase faz o risco vale a pena. Quase.

Os pais de alunos da Academia Le Moyne frequentam estes locais, e embora Ivory foi separadamente com Stogie no reboque, eu me preocupo com as pessoas erradas fazendo as conexões corretas sobre o nosso relacionamento. Mas ela pediu para estar aqui, me seduzindo com, por favor, em seus lábios. Então, eu

garanti dois lugares na primeira fila para ela e seu par.

Sentado ao seu lado, Stogie relutantemente veste o smoking que eu comprei para ele, sua mão grande repetidamente esfregando a cabeça calva, como se lamentando a ausência de seu boné de beisebol amado. E que par que eles fazem. Dois músicos apaixonados por interpretação clássica, e esta é sua primeira apresentação filarmônica?

Eu me pergunto se isso atende às suas expectativas. Eu vou prestar muita atenção à reação de Ivory depois do show, assim como suas respostas para as outras coisas que eu planejei para ela nos próximos meses. Ela alega que quer participar de Leopold, que seu maior sonho é sentar-se onde estou sentado agora, *em um local de lotação esgotada, tremendo sob as luzes do palco.*

Mas o que ela realmente sabe sobre o mundo da música e as oportunidades disponíveis para ela? Tenho a intenção de esclarecê-la. Então, se ela ainda quiser ir para Leopold, eu tenho um plano para que isso aconteça.

A duas seções de distância, meus pais ocupam seus lugares ticket-temporada, cabeças inclinadas em conjunto na conversa. Pedi-lhes para que não se aproximassem de Ivory esta noite, a fim de manter a sua dissociação de mim fora da escola.

Eles de bom grado aceitam os riscos do nosso enredamento. Mas também coloca o modo de vida dos meus pais em perigo. Se eu estou preso com ela, ninguém vai a um médico, cujo filho é um criminoso sexual condenado. E a minha mãe? Leopold iria queimá-la na fogueira. Então, eu tenho segurado mamãe fora das introduções.

O show termina, e as próximas três semanas flutuam em uma névoa de êxtase de Ivory.

Quando a Ação de Graças chega, eu finalmente cedo às exigências da mamãe para encontrá-la.

Quando eu conduzo minha garota-estudante de dezessete anos de idade a casa dos meus pais para o jantar de peru, estou em xeque, não sentindo nada fácil sobre o segredo do nosso relacionamento.

No momento em que a minha mãe abre a porta e olha para minha mão, onde ela abraça firmemente a Ivory, sinto arrepios no pescoço.

Sim, eu sou seu professor. Sim, eu empurrei meu pau nela, de forma rigorosa e com a depravação inalterada, manhã e noite. Mas a profundidade dos meus sentimentos por ela vai muito além dessas leis de merda e eu realmente não dou a mínima para o que os outros pensam.

Mas meus pais se preocupam. Eles também são excessivamente solidários e dedicados a minha felicidade. É por isso que eu a trouxe aqui. Ela teve um pai como o meu uma vez.

Eu quero que ela experimente esse tipo de amor novamente.

# 39
# IVORY



Depois do jantar, eu me inclino para trás no sofá, deslocando o cós da minha saia para aliviar a minha barriga doendo. Eu não sei se é do meu excesso do peru, purê de batatas e pão amanteigado, ou se eu estou cheia do antigo nervosismo simplesmente por estar a sós com Laura Marceaux.

— Eu vejo por que ele está tão deslumbrado com você. — Ela sorri para mim calorosamente e reclina na cadeira ao lado do sofá.

Meu olhar vagueia pela porta da cozinha e pousa na camiseta branca que se estende nas costas de Emeric. Sentado à mesa com seu pai, ele está na parte de trás de uma cadeira, em uma conversa profunda. Eu não posso ver seu rosto ou ouvir as suas palavras, mas as notas de fundo em sua voz vibram através de mim, acalmando-me como uma canção de ninar sensual.

Ele não usa cuecas sob seu jeans, e neste momento, o jeans paira perigosamente baixo em seus quadris, mal cobrindo os músculos rígidos de seu traseiro. Se ele se inclinar um pouco mais, minha visão se tornará muito mais perturbadora.

Eu limpo minha garganta. — Estou deslumbrada com ele, também.

Ela roda o vinho tinto no copo, estudando-me atentamente. É tão estranho ver os olhos azuis de Emeric acentuado em uma expressão tão macia. Ela é intimidantemente bonita. Não existe um punhado de cinza em seu cabelo

preto na altura dos ombros. Mas há décadas de sabedoria na maneira como ela olha para mim, como se pudessem ler os meus pensamentos e dar sentido a eles.

Ela bebe seu vinho. — Vocês dois parecem felizes. Talvez um pouco na borda, compreensivelmente, mas feliz. Vocês só têm vivido juntos por... Um mês?

— Cinco semanas.

Será que ela acha que é insuficiente? Que cinco semanas não é tempo suficiente para medir a importância de um relacionamento?

Quero salientar que estamos emocionalmente envolvidos pelo tempo de três meses e a parte de sexo real não aconteceu até três semanas atrás, mas isso é TMI[55]. Além disso, no caminho para cá, Emeric me proibiu de agir estranha sobre nós. *Não tenha vergonha. Seja você mesma. Eles não vão nos julgar.*

Como se vê ele estava certo. Laura continua assim e a coisa mais importante em sua mente é suas histórias sobre a infância geniosa de Emeric. Sua bondade, eventualmente, abre-me o suficiente para compartilhar memórias de meu pai. Nós evitamos claramente discussões sobre Leopold, o conflito de interesses demasiado sensível. Mas isso não nos impede de nos estabelecer em uma troca confortável, como se eu fosse apenas uma namorada normal, conhecendo a família.

Uma hora mais tarde, eu estou completamente extasiada com ela. Sua disposição é tão leve e refrescante. Seus olhos suaves e sorriso sincero irradia o tipo de serenidade que só vem de felicidade profunda.

Ela é a personificação do calor e afeto maternal. Um contraste tão devastador com a minha própria mãe. Ela me faz sentir aceita e alimentada e... Jovem, mas apenas na melhor maneira.

Na cozinha, Dr. Marceaux se levanta da mesa, aperta o ombro de Emeric, e desaparece no final do corredor que leva mais fundo na propriedade.

— Se você não se importa... — Laura se levanta da cadeira. — Eu estou indo ver onde Frank foi. — Quando ela passa o sofá, ela se abaixa e agarra

a minha mão. — É tão bom finalmente conhecê-la, Ivory.

Eu deixo a ternura de suas palavras me comoverem. — Você também.

Emeric não se moveu de sua cadeira na cozinha, seus antebraços dobrados na parte de trás da cadeira.

De pé, eu escovo para baixo a glamorosa saia no meio da coxa. Eu me sinto bonita, mas não chamativa, a minha blusa verde sem mangas equipada com botão sobre uma camisa fina. Se eu fizesse minhas próprias compras, essa roupa é algo que eu teria escolhido.

Eu me aproximo de suas costas e aumento o zoom no auge da pele acima de seu jeans baixo pendurado. Sua bunda não mostra a fissura. Ele está muito confortável para isso. Mas uma sombra brinca no vale entre as bochechas musculosas. É muito convidativo para ignorar.

Eu mergulho um dedo abaixo do jeans e traço essa fenda sexy.

Ele faz uma respiração longa, profunda, sua voz rouca. — Ivory.

Acariciando o topo de sua fenda, eu coloco a minha boca ao lado de sua orelha e sussurro: — Eu amo a sua bunda.

Seus quadris endurecem, e sua testa baixa para os braços dobrados. — Minha bunda te ama.

Minha respiração vacila. Sua bunda me ama ou ele me ama? Eu quero que isso signifique ambos.

Eu coloco minhas mãos sobre os músculos magros ao longo de sua coluna vertebral e acaricio em círculos lentos. Continuo a achar surpreendente que eu sou capaz de tocá-lo assim. Apenas caminhar até ele quando estamos sozinhos e mostrar-lhe afeição. Quão louco é que eu realmente quero colocar minhas mãos nele?

As últimas cinco semanas mudaram drasticamente minhas percepções sobre mim e sobre a minha capacidade de fazer coisas normais com um homem.

Inclinando-me, eu fecho meus braços ao redor de seus ombros e pressiono a minha parte superior do corpo contra o dele.

Com a cabeça inclinada para baixo, ele envolve uma grande mão em

torno de ambos os meus pulsos, prendendo-os contra seu peito. — Uma das coisas mais eróticas que uma mulher pode fazer é escovar seus seios contra as costas de um homem, e Ivory, seus peitos são pecadores.

Jesus, seus pais podiam ouvir. Eu tento levantar meu peito para longe, mas ele me segura ainda com seu aperto em meus braços. Meus olhos em atenção para o corredor vazio.

— Mesmo sexy quando você não está mesmo tentando me excitar. — Ele vira a cabeça e morde meu bíceps.

Minha boca abre em um suspiro silencioso, minha respiração suspensa em antecipação. O que eu vou fazer com este homem impertinente? Se ele me toca de uma maneira mais provocativa, não importa onde estamos ou quem está assistindo.

Ele desliza os lábios pelo meu braço, e eu derreto contra suas costas.

Sua mão livre deriva atrás de mim, agarrando a pele nua de minha coxa por baixo da saia. — Será que minha mãe deu-lhe o terceiro grau?

Eu beijo seu pescoço, saboreando seu cheiro quente. — Eu me tornei impermeável aos métodos de interrogatório Marceaux.

— É mesmo?

A pressão de aperto de de seus dedos ao redor de minhas mãos chuta até meu pulso. Seu polegar acaricia a parte de baixo do meu pulso, e eu sei que ele pode sentir a palpação batendo forte do meu coração lá.

Eu enterro meu nariz no cabelo macio atrás da orelha, inalando o cheiro da madeira de seu shampoo. — O que você falava com o seu pai?

— Você. Nós.

Com a algema da mão em volta do meu pulso, ele me puxa para seu lado. Em seguida, se levanta da cadeira, atropela seu cinzento chapéu de feltro da mesa, e coloca-o na cabeça com uma inclinação tão sutil que poderia ser acidental.

Eu não estou enganada. Tudo que ele faz é insidiosamente calculado.

Como combinar seu jeans e camisa branca com um fedora[56]? Aparentemente inofensivo, como se ele só jogou algo sobre ele. Mas caramba, ele sabia que parecer sexy iria me trabalhar em uma espuma sexual.

É seu olhar firme, porém, os oceanos profundos de seus olhos sob a aba do chapéu, que me faz não querer desviar o olhar.

A sala escurece em torno de nós até que eu sou somente consciente dele e a batida pulsante entre nós. Eu afundo nas ondas sedutoras do desejo, naquele abismo deliciosamente escuro que anseia por seu aperto punitivo, a voz grunhida e golpes ferozes.

*Não aqui.*

Com grande esforço, eu me puxo de volta para a superfície e respiro fundo. — Você falou com seu pai sobre nós? O que ele disse?

Será que seu pai condena nosso relacionamento? Emeric está a ter segundos pensamentos?

Os dedos ao redor do meu pulso apertam, e ele arranca o braço atrás das costas. O movimento me empurra até contra sua grossa ereção.

Seus olhos enlaçam o meu. — Ele queria ter certeza que tenho todas as minhas bases cobertas, que eu tenha pensado através de tudo. — Com meu braço preso nas minhas costas, ele embala o rosto com a mão livre. — Eu estou trabalhando através de algumas medidas de precaução para nos manter seguros, até você se formar.

— Como o quê? — Eu odeio essa ameaça iminente constante de alguém nos ferir.

Ele escovas sua boca contra a minha. — Confia em mim?

— Profundamente.

Seus dentes pegam meu lábio inferior. — Vamos para casa e cuidar de seu bichano[57].

Eu sorrio no beijo. — Schubert?

— Ele também.

Nós damos nosso adeus aos seus pais, subimos no carro e dirigimos até sua casa sem atacar um ao outro. Mas no segundo que a porta da garagem se fecha atrás do GTO, ele me dá um olhar que liquefaz cada osso do meu corpo.

Em uma fluidez de movimento, ele joga o seu chapéu, libera o cinto de segurança, e arremessa sua cadeira para trás, longe do volante.

Suas mãos voam para o seu zíper, puxando-o para baixo e liberando seu pau duro. — Escarranche em mim.

Um comando rouco, e estou instantaneamente molhada.

Eu me lanço para ele, batendo o joelho no console quando eu caio em seu colo. Ele arrasta minhas pernas em volta dele, minha bunda batendo na direção e tocando a buzina. Nós rimos com nossas bocas se fundindo, com as mãos debaixo da minha saia e meus dedos se enredando em seu cabelo sexy-como-o-inferno.

Puxando a frente da minha calcinha para o lado, ele mergulha o dedo dentro de mim. — Então, porra pronta.

Então ele me bate para baixo em seu pau.

Eu lamento através das sensações que estouram, cerrando os músculos internos e arqueando as costas. Ele agarra minha bunda com uma mão e a parte de trás da minha cabeça com a outra, empurrando vigorosamente e me segurando com tanta força que ele é a única coisa que existe.

Ele empurra abaixo de mim batendo duro com mexidas rigorosas enquanto a mão na minha cabeça dirige o ângulo e a profundidade do beijo. Sua língua fode minha boca da forma como seu pau enche minha boceta. Profundamente, com urgência, e completamente desenfreado.

Seus músculos agitam e contraem. Seus gemidos roucos endurecem meus mamilos, e o sensual rolar com fome de seus quadris me reduz a uma poça tremula de rendição.

Eu dissolvo nas faixas de aço de seus braços enquanto ele me beija sem sentido, arrasta-me para cima e para baixo de seu comprimento, e toma-me dentro e fora enfiando-se no meu corpo.

Gozo duro e longo, as unhas arranhando seu couro cabeludo e seu nome uivando da minha garganta. Ele empurra dentro de mim em um uso implacável, deixa cair sua cabeça no meu ombro, e persegue o seu orgasmo com um gemido profundo e gutural.

Quando ele levanta a cabeça, nós olhamos fixamente um para o outro, ofegantes, agarrando-nos firmemente juntos, lábios tocando e soltando. Ele arrasta o nariz ao longo do meu, os olhos tão perto, nunca olhando para longe. Estou tão perdida neste homem, então sobre a minha cabeça, coração bem aberto, e alma tremendo.

Nós não somos apenas um professor e aluna, um dominador e uma submissa, um homem e uma mulher.

— Nós somos um concerto atemporal. — Eu beijo seus lábios. — Uma obra-prima musical.

Ele arrasta a sua boca em toda a minha mandíbula, seu pau empurrando dentro de mim.

— “Like Scriabin’s ‘Black Mass[58]?”

Muito dissonante.

Eu arqueio meu pescoço para seus lábios. — Eu estava pensando ao longo das linhas de Beethoven — Ode à Alegria.

— Coxo. — Ele morde a pele debaixo da minha orelha. — Nós somos mais como “Hot For Teacher” de Van Halen[59].

Meu Deus. Eu sufoco o meu sorriso. — Você está arruinando a minha analogia. Isso não é nada de um concerto.

— Nós vamos compor nossa própria obra-prima. — Sua boca desliza pelo meu pescoço, beijando e lambendo. — Uma canção que nunca vai acabar.

Eu amo o som disso.

# 40
# IVORY



Duas semanas mais tarde, eu caminho em frente ao estacionamento da escola, cavando através da minha mochila pelas  chaves do carro. O sol a  muito tempo se foi, e o tempo está correndo em algum lugar ao sul do meio-sono. Cara, minha bunda está se arrastando.

Na escola, Emeric tem me trabalhando duro atrás do piano, em preparação para o desempenho de férias neste fim de semana. Em casa, ele me trabalha duro contra a parede, presa a sua cabeceira da cama, e ajoelhada sob o calor de seu cinto. Ele é um homem, de uma alta intensidade sem fim e destreza cardiovascular. Pela minha vida, eu não sei onde ele encontra a sua energia.

Há apenas alguns carros espalhados no lote, o Porsche em uma extremidade e o GTO em outra. A escuridão em torno esfria o ar, esfriando minha pele sob o agasalho leve. A iluminação escassa não ajuda a minha procura pelas chaves. Eu torço ao redor dos livros de texto em minha mochila, cabeça baixa, amaldiçoando sob a minha respiração.

*Encontrei-as.* Eu aperto o botão de desbloqueio e estremeço com o chilrear alto.

Quando eu olho para cima, fico cara a cara com a última pessoa que eu esperava ver.

A seis pés de distância e inclinando-se contra o Porsche, meu irmão me

dá um não bom sorriso. — Onde você esteve, Ivory?

Meus músculos congelam. Como ele sabe que é o meu carro? Ele esteve me seguindo? Será que ele sabe onde eu moro? Com quem eu estou vivendo?

Eu remexo com o chaveiro. Não adianta esconder. Eu já fiz a maldita luz do carro acender. — Demorou dois meses para me procurar? Uau, Shane. Eu acho que deveria me sentir especial que você notou minha falta em tudo.

Ele endireita e arranca um cigarro do maço no bolso. A linha do cabelo loiro recuou ainda mais de sua testa larga pálida, bochechas afundadas sob os olhos escuros. Ele parece tão cansado como eu me sinto. E mais magro. Sua calça jeans e camisa de flanela penduram em seu corpo alto e magro.

Que diabos aconteceu com ele? Isso tem alguma coisa a ver com a prisão de Lorenzo? Meu peito aperta.

— Belo carro. — Ele acende o fumo e desliza a mão sobre o teto branco. — Como você emplacou isso? Voltando as manobras?

Meus dedos trêmulos enrolam em torno da alça da minha mochila. Emeric estará bem atrás de mim, e Shane irá reconhecê-lo a partir da noite em que ele quebrou o nariz de Shane. Se eu correr de volta para dentro, talvez eu possa contornar ele.

Eu giro na direção do Crescent Hall. Muito tarde. Emeric vem a meio caminho através do lote, seus passos largos comendo o pavimento e indo direto na minha direção. Eu não consigo ver o seu rosto daquela distância, mas eu sei exatamente o que iria encontrar em seus olhos. Os pelos levantam em meus braços.

Como posso avisá-lo que a linha sombria atrás de mim é meu irmão? Qualquer coisa que eu faça fará Shane suspeitar. Ele está bloqueando o meu caminho para o carro, mas eu poderia andar na direção oposta, indo em direção à estrada ou algo assim. Emeric me perseguiria.

Shane faria também. Ele veio aqui por uma razão, e ele não vai sair até que ele consiga-a.

Não há nada que eu possa fazer para parar este confronto iminente.

Eu giro de volta para Shane, meu estômago rolando. — O que você quer?

Ele exala um fluxo de fumaça. — Mamãe foi embora.

— Então? Ela sempre vai...

— Não, ela arrumou suas coisas há um mês e porra disparou... — Seus olhos se deslocam sobre o meu ombro, estreitando. Sua boca cai aberta em descrença. — Porra, eu conheço esse cara.

Merda. Meu pulso pula na minha garganta. Por que Emeric não poderia apenas deixe-me lidar com isso?

— Existe algum problema aqui? — Sua voz fria está bem atrás de mim, sinto formigamento na minha espinha.

Os passos de Emeric vindo a minha frente, com as mãos cruzadas atrás das costas rígidas, seu terno caro permeia o ar com autoridade.

Shane poderia ter perdido peso, mas sua estrutura é mais larga e mais alto do que Emeric. Se isso se transformar em um lance físico, Emeric nunca poderia ser capaz de tocar piano novamente.

Eu passo para o lado de Emeric. Ele se mexe comigo, como se para me bloquear de novo, depois pára, plantando seus pés em uma posição larga. Ele sabe tão bem quanto eu a importância de manter uma postura neutra na frente do meu irmão. Ele está aqui para investigar um intruso, não para proteger sua namorada.

Shane olha-o na da cabeça aos pés, sacudindo suas cinzas na distância de seis pés entre eles. — Você trabalha na escola de Ivory? Como um professor ou algo assim?

Emeric inclina a cabeça, os olhos em Shane. — Srta. Westbrook, este homem está lhe incomodando?

Eu preciso escolher minhas palavras com cuidado. A intensidade no brilho disparando no olhar entre Shane e Emeric me diz que ele está tentando descobrir por que um arrogante professor da minha escola entrou num bar e lhe

deu um soco há quatro meses.

Eu olhei para os ângulos de pedra-dura do perfil de Emeric e voltei-me para Shane. — Este é meu irmão, e ele estava de saída.

Shane sorri. — Preciso de algumas respostas, mana. Tipo, eu não sei... Com quem é que você vive? E por que esse garoto de fraternidade... — Ele ondeia o cigarro para Emeric — Quebrou a porra do meu nariz?

Com sua atenção aparafusada sobre Shane, Emeric não se move, nem uma contração. Seu silêncio é um pouco chocante, mas há um propósito em tudo o que faz. A palavra falada revela coisas. Mudismo mostra que dá pouca importância. Mas Shane não vai deixar isso pra lá, então eu abro minha boca.

— Eu estou ficando com uma amiga da escola. — Eu organizo meus lábios em uma exibição de deslumbramento. — Ela tem uma casa enorme e tem todos esses carros sobressalentes. — Eu faço um gesto para o Porsche. — Você pode me culpar por me mudar para fora da nossa lixeira e ir viver em uma mansão? Uma mansão, Shane. De verdade.

Ele me estuda com ceticismo. — Não sabia que você se importava com essas coisas.

Eu não, caramba, mas não posso dizer exatamente a verdade. — Onde a mãe foi?

Ele deixa cair o cigarro e esmaga-o com sua bota. — Não sei. — Suas sobrancelhas reúnem, seu foco voando para Emeric e de volta para mim. — O telefone dela tá desligado. Sem nota. Nenhuma chamada. Nem mesmo um *Foda-se. Tenha uma ótima vida.*

Mesmo em suas frequentes ausências, ela sempre manteve contato com Shane.

Eu esfrego meus braços. — Você acha que ela está em apuros?

— Nah. — Ele dá de ombros, olha para o pavimento. — Ela encontrou algo melhor, isso é tudo.

Algo melhor do que a família. De certa forma, eu acho que fiz também.

Trocamos um olhar suspenso, e naquele mais ínfimo piscar de olhos, eu

vejo o menino que conhecia antes que ele se alistasse na Marinha. O irmão que costumava ir a pé comigo para a escola, colocar goma no meu cabelo, e desenhar pênis em meus livros de música. O filho que amava seu pai tanto quanto eu fiz. Quando nos olhamos fixamente um para o outro, nós compartilhamos um momento cru de perda, pelo nosso pai, nossa mãe, e o amor que uma vez tivemos um para com o outro.

Ele pisca, quebrando a conexão, e agarra a parte de trás do pescoço. — Alguém ainda está pagando as contas.

Eu espero por Emeric para reagir, mas ele ainda permanece silencioso como uma torre de vigia, sem dúvida, pesando cada palavra falada e se preparando para expor seu relacionamento comigo se Shane fizer algo estúpido.

— Eu não vou deixá-lo sem-teto. — *Por agora*. Eu envio um agradecimento silencioso ao homem ao meu lado por cobrir as despesas e fazer isso mais fácil.

— Eu estou indo embora por um tempo. — Shane caminha em nossa direção, lentamente, os braços ao lado do corpo, a expressão solene. — Mas eu não quero perder a casa do pai.

Minha cabeça nada. — Aonde você vai?

Ele pára ao alcance do braço de Emeric e corajosamente arranca algo da lapela da jaqueta de Emeric.

A tensão se infiltra na postura de Emeric, seus lábios comprimindo em uma linha. Eu paro de respirar.

Shane mantém um dos pelos laranjados de Schubert entre os dedos pinçados.

Um sorriso torce seus lábios. — Eu costumava viver com um gato. O porcaria soltava pêlo em toda a minha roupa. — Ele movimenta rapidamente o pêlo e nivela em mim com um olhar conhecedor. — Sinto falta dele.

Pavor incha na parte de trás da minha garganta, e minha pele irrompe em um suor doentio. Ele sabe. Oh Deus, ele sabe, porra.

Seu olhar atinge o meu, seu tom amargamente macio. — Foda-se.

Empurrando as mãos nos bolsos, ele se afasta. — Tenha uma ótima vida.

Eu prendo minha respiração enquanto sua silhueta escura atravessa o estacionamento e se funde com as sombras da rua. A estrada que vai levá-lo ao ponto de ônibus. Para onde quer que vá. Esperemos que para um lugar onde ele esqueça tudo sobre mim e o homem ao meu lado.

O sussurro afiado de Emeric me sacode para fora da minha estagnação sem fôlego. — Entra no carro.

# 41

# EMERIC



Eu estico meu andar, corro mais duro, mais rápido, deixando queimar devastando profundamente em meus músculos. O display digital na esteira lê *13 km*. Eu tenho mais duas milhas a percorrer, mas eu poderia abreviar esta manhã. É sábado, e eu estou ansioso para rastejar de volta para a cama com Ivory.

Eu ainda estaria com ela, se meu despertador interno não tivesse me acordado. Ou talvez tenha sido um pesadelo. Acordado ou dormindo, eu não consigo parar essa sensação crônica de pavor.

Já se passaram cinco dias desde que Shane Westbrook desapareceu. Ele saiu do estacionamento, e *poof*. Foi. Depois que eu coloquei Ivory em seu carro, eu dirigi pelas ruas, procurando por ele. Então eu entreguei a caça para o meu investigador.

Não houve um sinal dele na sua casa ou na minha, nos bares em Treme, ou em qualquer lugar em New Orleans.

De todas as maneiras que ele poderia expor minha relação com Ivory, eu repetidamente me pergunto, *por que ele faria isso*? Ele não tem nada a ganhar com isso, exceto a minha retaliação. Por que morder a mão que paga suas contas? Fazer isso só faria com que ele perca a casa de seu pai, o que parecia ser o objetivo de sua visita surpresa. Isso, e para dizer adeus a Ivory.

Bons ventos o levem fodido.

A minha respiração no ritmo de meus tênis quando os meus pensamentos correm à frente sobre esta noite. O feriado da celebração da Câmara de Música será um evento esgotado. Ivory está um ano à frente de seus colegas e é também extremamente talentosa para os concertos que ela toca.

Mas estou ansioso para estar lá. Eu quero estar ao lado dela esta noite e todas as noites depois, com uma visão de perto de cada momento que ela treme sob as luzes de seus sonhos.

A meio caminho da minha calma desacelerar, a campainha toca. Eu bato o botão de parar e pego uma toalha, o meu pulso acelerado.

O portão de segurança, não inclui a entrada da frente, para que qualquer pessoa possa andar até a porta da frente. Quem diabos estaria aqui às sete da manhã?

Eu corro pela casa, enxugando o suor do meu peito nu e pescoço.

Ivory fica ao lado da porta da frente aberta, de costas para mim, sua silhueta aureolada pelo rubor da aurora.

Que porra é essa que ela está fazendo? Ela está bloqueando minha visão de quem está na varanda. Se for alguém da escola...

— Eu sou uma amiga de Emeric, — diz uma voz felina familiar.

Em três passos, eu alcanço a porta e encontro os olhos castanhos vívidos de Deb. Ela passou algum tempo arrumando seu cabelo castanho claro esta manhã, seus peitos cheios e pernas bem torneadas em exposição no vestido miserável.

Eu suspeito que esta visita seja uma mistura de negócios e lazer. —Você deveria ter ligado.

— Eu pensei... — Seu sorriso revela seus pensamentos sujos. Ele desliza quando ela pega o olhar de Ivory. — Eu não sabia que você tinha companhia.

Não é nenhum de seu negócio como eu gasto meu tempo. Mas ela é gente boa, e eu não tenho nenhuma razão para ser um idiota.

Ivory cruza os braços sob o peito, os seios ameaçando derramar fora de

sua minúscula camisa. Então ela vira seu olhar em mim. — Você a conhece?

— Sim. — Eu aperto o músculo na parte traseira de seu braço e aplico uma pressão de aviso. — Esta é Deb.

Ivory define sua mandíbula e amplia sua postura em um atrevido short de dormir que revela mais bunda do que cobre. Meu pau contrai.

— Ivory. — Eu espero por ela para olhar para mim. — Deb e eu temos algumas coisas a discutir. Vá preparar o café.

Ela aperta os lábios comprimidos, estudando Deb por debaixo de seus cílios, então tempesteia fora para a cozinha.

Estou tentado a arrancar esses pequenos shorts sexy para baixo e colocar listras na porra da sua bunda.

No momento em que ela desaparece ao virar da esquina, Deb passeia dentro e acaricia as mãos sobre meus peitorais. — Deus, eu senti sua falta.

Aperto-lhe o pulso e guio-o de volta, endurecendo a minha expressão com um olhar que faz com que ela murche sua postura.

Ela torce seu braço até que eu solto-a, decepção vincando seu rosto. — Quem é ela?

Eu fecho a porta da frente. — *Ela* é sério.

— Eu vejo isso. Ela é também um pouco territorial, você não acha? Onde você a encontrou?

— *Onde* não é importante. O que importa é que ela não vai a lugar nenhum.

Ela varre meu rosto, e seus ombros caem. — Jesus. Você a ama?

Também nenhum de seus negócios. Eu viro as costas e vou em direção a cozinha, esperando que ela siga. — Você conseguiu a gravação?

Ela me alcança, mergulha a mão em sua bolsa, e mostra-me um pen drive.

Eu tomo-o dela, esperando infernalmente que eu nunca vá ter de usá-lo.

Na cozinha, Ivory se inclina sobre a minha máquina de café Astra de vários dólares, olhando todos os botões. Quando ela olha para cima, sua atenção

bloqueia em Deb, e um músculo salta em sua bochecha.

Ela muda o foco em mim, seu dedo às cegas, insolente, apunhalando botões. — Essa coisa não funciona.

Eu sinto meu sorriso todo o caminho para o meu pau. — Você colocou os grãos?

— Grãos? — Ela olha para o funil no topo. — Isto?

Adorável. Com minhas mãos nos quadris, eu vou para o lado dela.

Deb se instala na ilha atrás de nós. — Lugar legal.

A confirmação de que ela nunca esteve aqui deve aliviar um pouco do ciúme malcriado de Ivory. Eu dou uma espiada para ela.

Não. Os braços de Ivory voltam a uma posição cruzada sob seu peito arfando.

Centrando-me no café, eu nivelo o grão na colher, descartando aqueles que se elevam acima da borda. É um hábito pouco prático, que eu desfruto pela pura trivialidade disso.

— Sessenta grãos? — Pergunta Ivory.

— Sim. — Eu compartilho um sorriso com ela, maravilhado com a riqueza de sua mente. — Se eu encher totalmente a colher até a borda.

Deb nos observa a partir da ilha. — Por que sessenta?

Ivory se inclina contra o balcão. — Beethoven contava sessenta grãos toda vez que ele fazia café. Ele afirmou que fez o copo perfeito. — Ela levanta a sobrancelha para mim. — Ele era rigidamente meticuloso.

Ela está tentando me insultar, mas eu sei que ela ama a minha atenção aos detalhes.

— Então... Ivory? — Deb pousa o queixo na mão. — Você é uma musicista como Emeric?

— Sim. — Ivory sorri, docemente. — Emeric e eu fomos para Leopold juntos.

O que ela está fazendo?

Seu sorriso não parece tão doce quando ela olha em minha direção.

—Ele ainda tem dificuldade em aceitar que eu me formei com honras maiores do que ele.

Eu mordo o interior da minha bochecha. Vou deixa-la com vergões que ela vai ver triplo.

Com o café feito e servido, Deb passa os próximos vinte minutos descrevendo sua relação adúltera com o marido da reitora, Howard Rivard. Ela está transando com o Sr. Rivard por semanas, sem o seu conhecimento das gravações ou suspeita de chantagem. É mais do que suficiente.

Ivory se recusa a se juntar a nós na ilha, mantendo a sua posição teimosa contra o balcão. Durante o relato de Deb, a expressão de Ivory se transforma entre o choque e desgosto, tudo isso mantendo um olhar pesado de antagonismo.

Deb parece alheia, sua atenção totalmente focada em mim. — Para um velho, ele é realmente muito viril. — Ela pisca para mim. — Mas ele não é nada como você, Senhor.

— É isso. — Ivory vem em direção à ilha e bate uma mão na superfície, a outra apontando trêmula para Deb. — Quem é ela para você?

Olhando para o meu pulso, eu percebo que eu não estou usando o meu relógio. Mas eu sei que ainda é cedo. Eu vou ter muito tempo antes de seu desempenho para dar uma punição apropriada.

Fingindo ignorar a explosão de Ivory, eu digo. — Obrigado, Deb, por ver através disto.

Ela se levanta, olhando para Ivory e de volta para mim, seus lábios para baixo. — É isto então.

— É. — Há apenas uma mulher no meu futuro, e ela está em débito para uma surra. — Eu vou levá-la para fora.

O olhar fumegante de Ivory segue-me para o corredor até eu virar a esquina. Levo Deb até a porta, fecho-a com um suspiro aliviado de finalidade, e volto para a cozinha.

Os passos de Ivory ao longo do balcão, mãos fechadas em seus lados.

— Você teve relações sexuais com aquela mulher. Isso é óbvio. Mas o que mais está acontecendo? Por que ela faz coisas para você? — O tom sobe para um arremesso maníaco, seus passos acelerando enquanto ela contorna a ilha. — Oh, certo. Porque ela quer. Ela é tão quente para você. Estou surpresa que ela não puxou o seu pau para fora e chupou...

— Ivory.

O comando da minha voz traz seu ritmo para um ponto final.

Entrelaçando os dedos atrás das costas, eu dou-lhe uma lista de comandos curtos, específicos e pontuo-os com um severo, — Agora.

Um rubor se espalha de seu pescoço até o peito, e eu aposto que ele viaja mais para baixo e lambe sua boceta doce como um beijo quente, molhado. Ela quer que eu ofereça mais do que ela teme-o.

Ela pisa para fora da cozinha. Eu derramo outra xícara de café.

Suas necessidades, desejos e medos são profundos. Tão profundo que ela poderia facilmente perder o seu caminho na escuridão. Ela precisa de uma corda, não aquela que a amarra a seu passado terrível, mas uma linha forte, inquebrável para guiá-la para frente. As amarras podem segurá-la, mas eu estou puxando a outra extremidade.

Eu nunca a deixarei ir.

Com Schubert aos meus pés, eu faço-lhe um prato de sobras de frango, sorrindo para a memória do tom severo de Ivory, quando ela se virou. *Sem sobras de comida, Emeric!*

Sentando o gato no meu colo, eu deixo-o bater no prato de frango na ilha. É um segredo inofensivo entre Schubert e eu.

Eu coço seu pescoço, enquanto ele come e desfruta o meu café. Quando ele terminou, eu tomo um banho e entro em um par de jeans. Então eu pego meu cinto favorito, um pedaço de corda, e encontro-a esperando por mim na sala de música.

Nua e dobrada sobre o teclado do piano, ela descansa suas palmas na tampa ao lado dos punhos. Exatamente como eu instruí. Seu mau humor pode

ser o meu combustível, mas sua obediência é a porra do meu fogo.

Sem falar, eu bloqueio os pulsos nas algemas e uso a corda para amarrar um arnês de mama simples ao redor do peito, certificando-me que as seções verticais pressionem contra seus mamilos. Ela me olha com enormes olhos castanhos, sua curiosidade momentaneamente superando sua raiva.

Uma vez que seus peitos cheios estão amarrados, eu aperto as correias, apertando-a contra o piano até o peito escovar no teclado.

Quando eu tomo a minha posição atrás dela, a visão erótica equilibra minha excitação no limite de detonação.

Em golpes provocando, eu traço o cinto através da elevação perfeita de seu traseiro. — Quais são as primeiras regras que eu te ensinei?

Com o rosto pressionado para a superfície do piano, os lábios empurram para fora em um suspiro pesado. — Sem mentiras. Não questionar seus métodos. Nunca desviar o olhar. — Ela estica o pescoço para olhar para mim. — E sempre chamá-lo  fora por ser um idiota.

Eu balanço o cinto, meu pau pulsando dolorosamente ao ouvir o som de seu grito. — Peça desculpas.

— Foda-se. Essa é a *minha* regra, e vai permanecer. Qualquer coisa que você está fazendo com essa mulher... — Seu queixo treme sua voz um grunhido puto. — Você é um idiota.

Eu sufoco o meu sorriso e dou-lhe outro golpe duro. — Você simplesmente dobrou sua surra. Diga-me o que estava passando pela sua fodida cabeça teimosa quando abriu a porta.

— Eu verifiquei através da janela em primeiro lugar. Eu nunca a vi antes. Não na escola ou...

— Você tem certeza sobre isso? Você pode identificar todos os pais de todos os alunos?

Ela aperta os olhos fechados e gemendo. — Não.

— Você está fodida.

— Sim.

— Sem riscos desnecessários, Ivory.

— Ok. — Ela agita seus quadris.

Eu deixo o cinto cair, batendo, batendo e batendo no seu traseiro como um tambor, cada golpe enchendo a sala com seus gemidos musicais.

Quando seu traseiro brilha quente e vermelho, eu curvo-me na curva de sua coluna vertebral, firmemente abraçando seu tronco esguio, e deixo-a sentir-me respirar com ela. Meus lábios tocam seu ombro, e gagueja em sua respiração. Eu apanho seu seio, apertando a corda em torno de seu mamilo, e ela mói a bunda febril contra meu pau preso.

Eu seguro-a lá, acariciando e beijando, até que suas respirações caem em ritmo com a minha. — Quando eu conheci Deb durante o verão, ela tinha alguns problemas financeiros. Paguei a sua dívida, e ela fez alguns favores para mim. Nosso relacionamento era físico, prático e conveniente. — Eu lambo a pele macia em seu pescoço, acariciando sua orelha com um tom de murmúrio. — Nós não temos sido íntimos desde que a escola começou.

Ela balança a cabeça, seu corpo inteiro levantando em direção a minha voz, tremendo sob os meus lábios, e ronronando para o meu toque. —Imaginar você com ela me faz sentir realmente torcida.

Bem-vinda ao meu mundo. Com o cinto em meu aperto, eu provoco-a com ele, arrastando o couro acima e para baixo no V de suas coxas. — Você nunca vai vê-la novamente.

— Graças a Deus.

Eu liberto-a de forma abrupta e recuo. — Eu, por outro lado, tenho que gastar horas todos os dias com Prescott, Sebastian, e todos os outros idiotas que tocaram em você.

— Merda. — Ela fecha os olhos. — Eu nunca tinha pensado nisso.

Eu balanço o cinturão de novo, mais e mais, sem pausa. Ela fica tensa, choraminga, e empurra nas restrições. Meu pau palpita com o som de cada golpe duro, meu foco bloqueado no furtar de sua bunda linda quando eu alterno entre suas bochechas, coxas, e os lados de suas pernas.

Dentro de minutos, ela afunda na dor, seus músculos relaxam, toda a pele lisa de ouro uma tela de listras cor de rosa.

Cada estalar de calor é um vergão de lembrete de que ela não é a única que se sente ciumenta, possessiva, e torcida. Mas há um propósito mais profundo para a dor. Ela lhe dá o poder de abrir sua mente. Para consertar lesões emocionais infligidas por homens que a usaram. Para colocar todos os seus medos em minhas mãos, confiando em mim para protegê-la.

— Por favor, Emeric. — Ela inclina o pescoço para me ver, com os olhos semicerrados e nublados em uma névoa de agonia e prazer.

Seu olhar suplicante e a corrida com fome de sua respiração empurra uma corrente primária através de mim. Adoro transar com ela, mas nada se compara a este momento quando ela implora com uma expressão encapuzada, seus dedos enrolando contra as algemas, e sua excitação escorrendo por suas coxas.

Eu seguro a corda em suas costas e aperto o cinto sobre os mamilos, estimulando-a até que ela libera um gemido rouco. Então eu golpeio de novo, mais forte, mais rápido, saboreando o vínculo em nosso contato com os olhos.

Ela é minha e seu olhar me diz que ela sabe disso, seu corpo tremendo para mim para levá-la e empurrá-la. Para puni-la tão dolorosamente que ela chora só para mim, sabendo que eu vou mantê-la a salvo de qualquer pessoa que deseje mal a ela.

Quando as lágrimas finalmente chegam, ela despenca sobre o teclado e deixa cair a cabeça sobre a tampa do piano. Sua pele ondula com tremores, seus quadris rolando com necessidade irracional. Ela é tão cativante, eu largo o cinto, incapaz de retardar o meu frenesi urgente para remover os meus jeans.

Eu luto com o jeans pelas minhas pernas e meus pés. Então eu me atiro para ela, mergulhando dedos dentro de sua boceta molhada apertada e espalhando-a aberta. Ela geme e mói contra a minha mão, me fazendo assim tão duro e eu não tenho paciência para desacelerar isso.

Eu seguro meu pau com os dedos trêmulos, alinho os nossos corpos, e

me enterro em um longo impulso. Nós gememos em conjunto, nossos quadris batendo juntos e aprofundando a ligação. Cristo, ela é gostosa pra caralho. Eu bombeio mais, afundando e recuando, obcecado e encantado com o aperto confortável de sua vagina.

Deslizando as mãos sobre os braços, eu ligo meus polegares sob as algemas e enlaço nossos dedos. Ela agarra no meu aperto e aperta para baixo em torno do meu pau, suas respirações um motivo musical de desejo.

Suas reações, suas emoções, cada movimento que ela faz me pertence. Inteiramente sob meu comando para dobrar a minha vontade. Ela me possui, assim, em todas as mesmas maneiras. Eu sou dela.

Inclinando-me sobre ela de volta, eu mostro-lhe através do calor do meu corpo contraindo-se que ela me possui. Quando eu bato dentro dela, perdido em seu calor, ela descansa a bochecha no piano e suspira com os olhos fechados. Sua boca suave, a sensação de seu corpo contra o meu, e o êxtase de seus músculos se apertando em torno de meu pau impulsionar-me para liberação.

— Nós vamos gozar, Ivory. — Eu bombeio meus quadris e aperto meus dedos ao redor dela enquanto a pressão no meu pau constrói, ameaçando explodir. — Agora.

Com sua mente e corpo sob o meu comando, ela salta para fora do penhasco comigo, gemendo e ofegando enquanto nós mergulhamos juntos em uma explosão em harmonia, corpos tremendo de prazer.

Eu deslizo meus lábios sobre sua espinha, revestindo sua pele com a alçada da minha respiração. Ela é tão sensível, tremendo contra o meu toque. Porra, eu amo isso, quase tanto como a forma como ela se esforça nas restrições arqueando para a escova da minha boca. Eu vou ficar lá, segurando-a em alivio saciado, hipnotizado pela linguagem lírica dos nossos batimentos cardíacos.

Eventualmente, nós nos puxamos exaustos a partir do estado de bem-aventurança. Depois que eu desato ela, nós tomamos o café da manhã e voltamos para a cama em um nó entrelaçados de membros. Lá, eu faço amor com ela sem luta ou urgência. Meus quadris moem preguiçosamente entre as coxas, seus

tornozelos cruzados nas minhas costas, e minha mente deleita-se com a sensação erógena de ternura. Eu posso transar com ela gentilmente ou violentamente, missionário ou de cabeça para baixo. Não importa contanto que eu esteja dentro dela, com ela, ligado a ela em todos os níveis.

Muito cedo, o sol se inclina pela janela e mergulha atrás do horizonte. Eu não quero deixar o casulo de seu corpo, mas é hora de ficar pronto.

Banhado, raspado e preparado, estou à cômoda no meu smoking, fodendo com o laço em volta do meu pescoço. O som de seus passos que saem do armário traz minha cabeça em torno.

O primeiro vislumbre para meu coração. Quando eu absorvo a vista, meu pulso pára reiniciando, assinalando mais alto, mais rápido, e golpeando o carrilhão de adoração completa e absoluta.

Ivory vestia renda, o vestido Louis Vuitton embainhava sua figura deslumbrante a partir do decote bateau[60] aos sapatos cristal em seus pés. Eu comprei o vestido depois da primeira vez que a ouvi tocar, sabendo sem dúvida que ela iria usá-lo para o desempenho de hoje à noite em um teatro lotado.

— Vire-se. — Minha voz vacila. Eu tusso atrás do meu punho. — Gire ao redor.

Um sorriso tímido levanta seus lábios enquanto ela gira. Seu longo cabelo escuro envolve em um nó elegantemente desarrumado na parte de trás de sua cabeça, com mechas rebeldes arrastando abaixo de seu pescoço. Finas alças contornam em torno dos ombros de Ivory, deixando a extensão de suas costas em uma linda exibição.

Os arabescos pretos de sua tatuagem, uma elegante videira sinuosa da cintura até sua nuca, floresce girando sobre sua coluna vertebral e em torno de seus ombros. Isso me captura tão foda, meu peito arde com o lembrete de respirar.

Cruzo o quarto até que estou corretamente em cima dela, eu escovo meus lábios ao longo de seu ombro. — Tão linda que eu estou *tremendo*.

Eu deixo-a sentir os tremores em meus dedos enquanto traço a arte delicada em sua espinha.

Ela cantarola baixinho, a cabeça tombada. — A tattoo foi o meu primeiro arranjo musical.

Eu congelo, em seguida, retomo o meu carinho, meu estômago torcido. — Você tinha treze anos.

— Sim. Eu a obtive depois que meu pai morreu. — Sua mão alcança para trás e encontra a minha que está em meu lado, trazendo-a para frente para descansar em seu quadril. — Logo depois que Lorenzo...

Só a menção de seu nome faz-me querer bater meus punhos em seu rosto até que ele se engasgue com seu sangue.

Ela relaxa seus ombros tensos. — O tatuador recusou-se por causa da minha idade. Até eu sugerir um tipo diferente de pagamento.

Eu continuo a traçar as espirais de tinta, deixando a suavidade de sua pele acalmar a minha raiva crescente. — Você ofereceu-lhe sexo.

Ela balança a cabeça. — Eu precisava dessa tatuagem.

De costas para mim, eu não posso ver seus olhos, mas a emoção em sua voz aperta o meu peito.

— Meu pai falava que ele não se limitava a ouvir as notas quando ele tocava. Ele podia vê-las ondulando pelo ar como arabescos. Cada canção era uma imagem gráfica em sua mente, e ele desenhava esses enfeites nas margens de suas partituras de música.

Quando eu tinha treze anos, eu brinquei com meu pau, enquanto sonhava com uma garota “qualquer garota” tocando-o.

Quando ela tinha treze anos, ela vendeu seu corpo para um tatuador por uma lembrança permanente de seu pai morto.

Olho para baixo na curva de suas costas, meu dedo seguindo os cachos de tinta com nova apreciação. — Que música é essa?

Ela me dá um sorriso aguado por cima do ombro. — Sua favorita executada por Herbie Hancock [61] “*Some Day My Prince Will Come*”.

Eu não sou príncipe, mas quando eu estou enterrado dentro de Ivory, eu sempre[62] gozo.

Pisando em torno dela, eu removo uma pulseira de platina do meu bolso e fecho-a em torno de seu pulso.

Ela estuda-o com os olhos arregalados, segurando a pequena charmosa rã entre os dedos. — Edvard Grieg[63] manteve uma estatueta de rã no bolso em todos os momentos.

Eu curva uma mão ao redor de sua cintura, os dedos acariciando suas costas nuas. — E ele iria esfregá-la antes dos concertos para ter sorte.

Ela balança a cabeça e me beija, respirando contra meus lábios, — Obrigada.

Naquela noite, ela toca com mais paixão e habilidade do que todos os seus colegas combinados. Stogie assiste do público, com o rosto esticado em um sorriso enorme. Eu assisto a partir das linhas laterais do palco, meu coração batendo em sincronia com os seus dedos.

Tudo é perfeito.

Joanne, Shane, e Lorenzo se foram. Prescott e Ss. Augustin estão sobrepujados. A reitora não tem nada sobre mim, enquanto eu tenho chantagem suficiente para arruinar sua carreira. Eu fui tão cuidadoso.

Tudo é perfeito.

Muito perfeito. Como se a vida me entregou uma canção cheia de alegria profundamente na alma e disse-me para saborear cada nota.

Porque, eventualmente, a música vai acabar.

# 42
# IVORY



O Natal vem e vai em um borrão de presentes extravagantes e sorrisos na casa de seus pais. Emeric e eu passamos o resto do nosso intervalo de duas semanas em casa, na cama, escondidos em uma bolha indestrutível de sussurros, toques, beijos e bem-aventurança. A cada segundo com ele se parece como um sonho, que a qualquer momento, alguém vai apertar cruelmente meu ombro e me forçar a acordar.

Desde que me mudei, nossas saídas de casa têm sido limitadas a escola, visitas semanais a Stogie e jantares de fim de semana na casa dos Marceaux. Não há noites de encontros no cinema, jantares românticos no bairro francês, ou passeios de mãos dadas ao longo do rio Mississippi. Agimos normal na privacidade de nosso próprio mundo, como fazer uma maratona em uma série de TV estrelada por piratas barbudos com dentes perfeitos.

Realmente não importa o que fazemos, enquanto eu possa fazer com ele.

Quando eu me formar, estaremos livres da restrição aluno-professor. Não haverá mais se esconder e viver no medo. Então…?

Ele diz que Leopold é minha, se eu quiser. Eu não sei como. Se ele quebrar seu acordo com a reitora, todo o nosso mundo vai desabar. Tenho a intenção de prosseguir em mancha no meu próprio. Talvez isso vá me levar anos.

Talvez eu vá me mudar para lá e bater nas portas dos recrutadores cada dia até que eles fiquem doentes de me ver.

Ele diz que vai mudar para Nova York comigo enquanto eu trabalho no meu grau. Isso faz meu coração ascender, mas não posso pedir-lhe para deixar o seu emprego e sua família.

Ele diz que eu posso fazer o que eu definir a minha mente adiante. Eu acredito nele.

Dezembro termina com uma passagem discordante na minha vida, uma coda[64] para Treme e minha família quebrada.

Janeiro é o prelúdio de uma nova música, prometendo um ano de decisões difíceis.

Fevereiro desliza perto em um glissando[65] de lição de casa, aulas de piano, e noites calmas com Emeric.

Março começa com uma contagem regressiva para as férias de primavera, o tempo excepcionalmente quente e...

A infecção da bexiga.

De cócoras no banheiro, eu curvo-me de dor. Eu não me movi durante trinta minutos, a cada gota pequenina de xixi sai fogo entre minhas pernas queimando. — Eu vou estar atrasada para a escola.

Emeric se agacha na minha frente e repousa a palma de sua mão na minha testa, a preocupação escurecendo seus olhos azuis. — Ainda sem febre, mas você vai ficar em casa, e ponto final. — Ele empurra um copo de água na minha mão. — Beba.

Mais água significa mais urinar, o que significa mais ardência. — Não mais.

Ele organiza os dedos ao redor do copo, forçando-me a segurá-lo. — A desidratação é a razão pela qual você está sentada aqui.

— E muito sexo. — Eu gerencio um sorriso e tomo um gole.

— Isso não existe. — As mãos dele deslizam para cima das minhas

coxas nuas, acariciando com ternura. — Continue a beber.

Eu forço o fluido para baixo com um olhar. O cabelo preto em cima de sua cabeça é uma rebelião emaranhada de sensualidade, enquanto as laterais cortadas gritam Sr. Professor limpo/cortado. Com seu queixo barbeado, potente perfume masculino, e o arrogante colete cinza e jaqueta, ele está pronto para enfrentar o mundo. Ou, pelo menos, uma escola cheia de adolescentes privilegiados.

Meu rabo de cavalo sujo pende a frente da única coisa que eu estou usando... Uma camisa Guns N' Roses. Eu não vou estar pronta para ir tão cedo. Meu estômago afunda. Pela primeira vez em quatro anos, eu vou perder um dia de escola.

— Eu sei que dói. — Ele leva o copo, define-o no chão, e escova o polegar sobre meu lábio inferior. — Meu pai virá com remédio.

Meu corpo aperta contra uma onda aguda de dor, liberando outro fluxo de xixi. Eu gemo, meus olhos lacrimejando através da terrível queimação.

— Foda-se. — Ele pega o nó em sua gravata. — Eu vou ficar aqui.

— Para quê? — Eu pego sua mão, parando o seu ataque ao colarinho da camisa. — O que você faria? Sentaria aqui e me veria fazer xixi o dia todo?

Seus olhos brilham. — Sim.

— Terrível idéia. — Eu enlaço nossos dedos e os mantenho entre os joelhos. — Como vai parecer se nós dois estivermos fora? Nenhum de nós nunca faltou à escola. As pessoas vão notar.

Ele arrasta a mão livre pelo seu rosto, sua expressão de dor. O segredo do nosso relacionamento, vendo-me doente, deixando-me sozinha, tudo isso o atormenta.

Eu me inclino e beijo sua boca, desejando que meus dentes estivessem limpos. — Isso é constrangedor o suficiente sem seus olhos de falcão em toda a minha intimidade.

Não é realmente tão ruim assim. Estou bem ajustada à sua capacidade de invasão. Se eu estou no meu período ou usando o banheiro, ele não tem noção

de limites pessoais, sempre pairando, interrogando e examinando-me por dentro e por fora. Eu entendo, no entanto. Porque eu sou tão obcecada por ele.

Endireitando as costas, eu uso um de seus comandos favoritos. — Vá.

Espero sua mandíbula endurecer e sua voz quebrar as paredes em sua indignação. Mas o que eu encontro em seus olhos é algo totalmente diferente. Algo que está se expandindo entre nós durante meses, dobrando de tamanho quando estamos juntos, e crescendo em força quando estamos separados. Como se finalmente ousado o suficiente, tudo o que já sentia um pelo outro se reúne em um único sentimento monumental e brilha no seu olhar.

Ele envolve suas mãos em torno de meus quadris. — Eu te amo.

Aí está. Falou, sem fogos de artifício, sem lágrimas chorosas, e absorvidas sem o ricochete de um trovão distante.

É simples, real, e ali mesmo ao ar livre.

Em um banheiro.

Eu seguro seu rosto, olhos ligados, corações batendo em sincronia. —Você esperou até agora para me dizer isso?

O canto de sua boca levanta. — Não é como se você já não soubesse.

— Sim, mas uma menina não esquece a primeira vez que sua paixão diz essas palavras. — Eu luto com um sorriso. — Eu sempre vou lembrar-me deste momento com a imagem de um assento sanitário imprimindo um aro na minha bunda.

Ele descansa sua testa contra a minha. — Você disse paixão?

— Não é qualquer paixão. — Eu toco nossos lábios. — Uma queda por meu professor quente, que também acontece de ser o meu arrogante Mestre. E o homem que eu amo.

Não importa se eu estou sentada em um vaso sanitário, espalhada em seu piano, ou montando seu colo. Este é o nosso mundo secreto, e é mais significativo do que toda aspiração que eu já estabeleci para mim mesma. Nosso relacionamento não é prático ou conveniente. E não é apenas físico. Precisamos um do outro, não porque nossos corpos se encaixam tão bem juntos, mas porque

os nossos corações batem a mesma melodia, pela mesma razão.

— Diga, — ele respira.

— Eu te amo. — Eu não sou a primeira mulher que disse essas palavras para ele, mas eu vou ter a maldita certeza que eu serei a última. Eu penteio os dedos pelo seu cabelo. — O tipo de amor que não termina em traição.

Suas mãos apertam contra os meus quadris. — Não vai acabar em tudo. *Sempre*.

Ele me beija apaixonadamente, dolorosamente, sua boca moldando contra a minha, como se tentando transmitir a profundidade de suas palavras. Ele me beija até minha bexiga grita novamente.

Demorando mais do que deveria, ele me enfia na cama e empilha a mesinha de cabeceira com alimentos e água. Então ele sai da sala e retorna alguns minutos mais tarde, com Schubert empacotado em seus braços.

Eu enrolo no meu lado, sorrindo, apesar do desconforto. — Você pensou em tudo.

— Nem tudo. — Colocando Schubert ao meu lado, o gatinho faz um ronronar preguiçoso de contentamento. — Eu ainda não descobri uma maneira de ficar em casa com você.

— Você está atrasado, Sr. Marceaux. Saia daqui.

Ele pressiona um beijo de desejo em meus lábios. — Meu pai tem o seu próprio código para entrar, portanto, fique aqui. Durma um pouco. Ele vai chegar em breve.

Eu fecho meus olhos e aconchego em Schubert, tentando ignorar o desejo irritante para fazer xixi novamente. Sinto Emeric pairando na porta por um momento em silêncio antes de seus passos desaparecerem pelo corredor.

O sinal sonoro do alarme me diz que ele armou-o. A batida da porta pontua sua frustração sobre deixar-me.

O sono me puxa dentro de minutos. É um tipo desorientador, desconfortável de sono que me salta entre a consciência e a terra dos sonhos. Minutos passam, ou talvez horas, enquanto minha mente repete a ternura de

Emeric enquanto meu corpo me pede para liberar minha bexiga.

Em algum momento, o sistema de alarme da entrada soa por trinta segundos, puxando meus olhos abertos. Eu me forço a fazer uma corrida louca para o banheiro. Depois de uma grande quantidade de alívio fluindo com escaldante dor, eu debato sobre vestir um par de shorts. No mínimo, eu deveria colocar roupas íntimas.

Foda-se. Estou doente, ele é um médico, e o armário é também extremamente longe. Esticando a camiseta para baixo nas minhas coxas, eu rolo debaixo das cobertas e espero pela chegada abençoada do remédio.

Devo ter adormecido. Schubert salta para fora da cama, assustando-me em um estado sonolento de piscar intermitente quando eu tento fazer sentido a silhueta na porta.

Jeans Azul. Camiseta preta com decote em *V*. Pele escura. Braços reforçados... Eu fico olhando para a tatuagem *Destroy* em seu pescoço e sufoco.

Estou sonhando? Tendo um pesadelo? Isso não pode ser real. Interiormente, eu me dou um once-over. Meu coração está batendo, pulmões ofegantes, garganta apertada. Isso está realmente acontecendo. Um espasmo convulsiona pelo meu corpo.

Lorenzo encara de volta com os olhos arregalados. — Você deveria estar na escola.

Gelo satura minhas veias quando eu embaralho para trás, arrastando o lençol comigo. — Você deveria estar na cadeia!

Ele inclina a cabeça e dá um passo para dentro do quarto. — Como você sabe sobre isso?

— Por que você está aqui? O que você quer? — Com respirações ásperas, eu enfio a mão debaixo das cobertas e cavo em volta. Onde está meu telefone? Foda-se, eu sei que Emeric deixou bem perto de mim. Cadê? Cadê?

Ele esgueira para a sala e faz uma pausa na frente do armário. A cama fica no centro com o banheiro do outro lado da porta. Há um bloqueio na porta. Eu deslizo meu caminho através do colchão nessa direção.

Mantendo seu corpo inclinado para mim, ele olha para dentro do armário, seu olhar vil manchando tudo o que ele olha. — Shane e eu estivemos cobrindo este lugar.

Shane...? Cobrindo...? Minha cabeça gira quando eu secretamente procuro através dos cobertores. Onde está o maldito telefone?

Seus olhos trancam em minhas mãos trêmulas, e eu congelo. Eu não quero dar-lhe alguma razão para me atacar.

Shane está na casa? Eles estão aqui para roubar Emeric? Lorenzo foi preso por roubo, mas... — Como você entrou?

Eu lentamente giro minhas pernas debaixo das cobertas, na esperança de topar com o telefone enquanto sutilmente me aproximo da borda mais próxima ao banheiro.

Lorenzo cruza os braços sobre o peito e me estuda. — Eu conheço estes sistemas de alarme. Há um código mestre, bem como os códigos atribuídos a cada usuário. Shane adivinhou o seu na terceira tentativa.

*A data que meu pai morreu.* Meu coração afunda.

Ele dá um estalar de língua. — O elo mais fraco na segurança é sempre o ser humano.

Apertos de dor sufocar meu peito. Porque isso está acontecendo? Eu não posso suportar que ele me toque novamente. Que diabo é que eu vou fazer?

Meus olhos um borrão de lágrimas. — Você tem que sair. Eu estou esperando uma entrega a qualquer momento.

Ele anda mais perto. — Seu irmão está fora de vigia.

E Shane não sabe que eu estou em casa? *Porra. Porra. Porra.*

Eu fujo para mais perto da borda, desembaraço minhas pernas dos cobertores.

Lorenzo para a dez pés da cama, me observando. — Não faça nada estúpido, Ivory. Eu sei que o terno que você está tendo um caso está na escola. Temos horas antes de ele chegar em casa. — O sorriso dele forma uma fissura viciosa em toda a sua face. — Você me deve meses.

Mudando de rumo, ele se volta para o pé da cama. Antecipando a minha fuga para o banheiro? Ele é mais rápido, mais forte. Se eu correr, ele vai me bater lá.

— Onde está o cofre? — Ele pergunta quando circula o colchão.

É no escritório de Emeric, e eu sei a combinação. Mas ele não vai ter apenas dinheiro. Não agora que ele está me vendo. Eu empurro minha atenção no armário.

Ele segue o meu olhar, o seu corpo virando, distraído.

Eu perco meio segundo digitalizando nos lençóis pelo o telefone antes de empurrar para fora da cama e correr como o inferno para o banheiro. Com o coração acelerado, eu derrapo através da porta enquanto ele persegue, gritando, — Ivory!

Eu estou ofegante no momento em que a porta se fecha. Eu bato o bloqueio. Aciono-o novamente. E de novo. Então eu passo para trás, tonturas, náuseas, lutando para respirar. Será que a moldura da porta se mantém? A moldagem parece grossa e resistente. Mas vai manter Lorenzo fora?

Não por muito tempo.

Seu punho bate na porta. — Ivory! Abra essa porra agora!

Eu giro, olhando algo no banheiro para escapar, autodefesa, uma arma. A janela de meia-lua é muito alta, muito pequena, muito inquebrável. Eu rasgo gavetas abertas e armários, cavando por algo, qualquer coisa.

Oh Deus, isso não pode estar acontecendo. Quando ele saiu da cadeia? Por que ele alvejou esta maldita casa?

*Shane.*

Aquele filho da puta egoísta sabia que eu vivia com Emeric. Ele esteve fora por três meses. Mais do que tempo suficiente para descobrir onde eu moro. Ou talvez ele soubesse o tempo todo.

As batidas pesadas na porta endurece meu estômago. — Ivory, se você não abrir a maldita porta, nós vamos ter que fazer isso da maneira mais difícil.

Um frio varre a minha espinha. As batidas param.

Eu apanho uma escova de dente e descarto-a por uma escova de cabelo. Que porra é que eu vou fazer com isso?

— Aqui, gatinho, gatinho, — Lorenzo chama, em voz baixa.

A escova de cabelo bate no chão enquanto todo o sangue no meu corpo corre para os meus pés. *Não, não, não.*

— Vamos lá para fora, Schubert.

Sua voz soando doce e enjoativa e persuasão suave torcem meu estomago e inunda meus olhos de lágrimas. Então ele assobia, usando a mesma chamada de gato que ele me ouviu usar durante anos.

Tudo dentro de mim se enrola em horror. Eu vôo para a porta e pressiono as palmas das mãos contra ela. *Corra, Schubert. Oh Deus, por favor, corra.*

Meu batimento cardíaco golpeia passando meus ouvidos quando o silêncio chama firmemente do outro lado. Eu olho para baixo na alavanca. Emeric iria me espancar apenas por pensar em virá-lo. Mas Schubert...

Seu longo uivo de dor penetra a porta e me chocalham os ossos.

Um soluço rasga da minha garganta, e tremores violentos balançam minhas pernas. — Deixem-no ir! — Minha mão cai para a maçaneta da porta, apertando-a em um aperto de morte. — Vamos falar sobre isso. Apenas... Por favor, deixe-o ir.

Schubert solta outro grito de lamento, este mais alto, mais frenético.

Eu arranco a porta aberta e tropeço fora, os olhos procurando freneticamente.

Lorenzo se inclina com um ombro contra a parede ao lado do banheiro, com a mão no pescoço de Schubert quando flagela o gato com o seu corpo se contorcendo de dor.

— Pare! — Eu me lanço para ele, gritando e tremendo de histeria. —Você está machucando ele!

Ele me chuta no estômago, batendo o ar fora de mim e me envia alastrando pelo chão. Sua mão aperta em torno desse pequeno pescoço com tanta

força que Schubert arqueia de volta, as pernas se espalhando e se debatendo contra a sufocação.

Eu me esforço para os meus pés, o medo me dilacerando quando eu me jogo para ele novamente.

— Por favor, o deixe ir. Por favor, — Eu lamento incontrolavelmente, agarrando-o pelo braço, incapaz de remover o seu aperto torturante. — Ele não pode respirar. Oh Deus, pare!

— Fique em suas mãos e joelhos, bunda no ar.

Cada músculo do meu corpo trava de terror quando o buraco vulnerável em minha parte traseira aperta em angústia relembrando. *Eu não posso. Não lá. Eu não posso. Eu não posso.*

— Faça-o! — Ele ruge.

Minha cabeça balança por conta própria, assumindo o controle de minha resposta. Eu quero ser forte o suficiente para fazer o que for necessário para libertar Schubert. Mas meu queixo cola fechado, minhas pernas param congeladas. Eu não posso senti-las.

Todo o seu comportamento altera, torcendo e apertando, sua expressão transformando de podre e feio para horrivelmente mal. Vejo sua intenção chegando uma fração de segundo antes que aconteça. Mas eu me movo muito lentamente, muito foda fraca para remover a mão do pescoço de Schubert, para parar o balanço do braço, para evitar o meu amado gatinho de bater na parede.

O corpo mole de Schubert cai no chão, e algo dentro de mim quebra, separa, e murcha distante. Meus ouvidos escutam-o bater contra o chão de madeira. Meus olhos rastreiam a curvatura imóvel inábil em sua espinha. Mas minha mente se recusa a aceitá-lo. *Ele não está morto. Ele não está. Ele não pode morrer.*

O piso sobe e bate contra meus joelhos. Eu estou gritando, mas há uma palma da mão sobre a minha boca. Eu estou rastejando e alcançando, mas o peso pesado nas minhas costas me pressiona para baixo. Eu estou chorando, mas eu não sinto as lágrimas. Determinação me impulsiona, meus braços se esforçando

para meu gatinho quebrado, dolorido para segurá-lo. Ele precisa de mim para consolá-lo, para consertá-lo.

Mas sua cabeça está no ângulo errado. Olhos abertos. Parado. Olhando, mas não vendo. Oh, Deus, por que ele não se move?

A parte sã do meu cérebro sabe. Mas eu enterro-a, concentrando todas as minhas forças para chegar a ele, desesperada para sacudi-lo acordado, para ouvir o ronronar, para vê-lo deslocar aqueles olhos sem piscar.

Até que sinto a imprensa de carne dura sondando entre as minhas pernas.

Morto, escuridão congelante se estabelece em meus sentidos. Entorpecendo a mão no meu quadril. Aliviando o peito nas minhas costas. Cortando o som das respirações famintas.

— Scriabin, — eu soluço, meus dedos alongando e colidindo contra a almofada macia de uma pata do gatinho. — Scriabin.

Só mais algumas polegadas, e eu serei capaz de puxar Schubert em meus braços.

A pressão forte contra o meu núcleo ajusta, o realinhamento com o anel de músculo na minha bunda. Eu aperto meus olhos fechados. Prestando atenção ao meu corpo que vai trazer dor agonizante, então eu concentro-me nas notas na minha cabeça, a sonata dissonante, escuro amortecimento onde eu posso manter meu gatinho.

*Lute, Ivory.* A voz de Emeric estilhaça pela minha mente. *Lutar e porra vencer.*

A ereção empurra contra a minha barreira, queimando minhas terminações nervosas. Eu torço meu pescoço e afundo meus dentes na carne dos bíceps de Lorenzo. Duro.

Ele resfolega e eleva o braço para trás.

Assim quando seu punho voa em minha direção a voz frenética de Shane ecoa de algum lugar lá embaixo. — Lorenzo! Homem, onde está você?

O soco conecta com o meu rosto.

# 43

# EMERIC



Eu coloco o GTO em marcha lenta no portão e soco no meu código. Com todos os vizinhos no trabalho, a rua está deserta e tranquila. Eu não gosto de tranquila. Faz os meus instintos formigar com a paranóia.

Sem dúvida, meus nervos estão relacionados com o risco no cancelamento de minhas aulas da tarde. Mas desde que meu pai atrasou na clínica, eu reivindiquei uma emergência familiar, as consequências que se fodam, eu pego suas prescrições no caminho de casa.

Quando o portão se abre, eu sigo pela calçada ao redor da parte de trás da propriedade, perguntando se Ivory ouve o barulho do motor.

Eu piso no freio. O que...?

Um Honda preto velho está estacionado perto da porta de trás. Desconhecido. Desocupado. Sem placas.

Meu estômago endurece em gelo. *Ivory.*

Eu não respiro até que eu estou na casa. *O alarme não está armado.*

A próxima respiração não vem até chegar à cozinha. *Passos no segundo andar.*

Corro através da sala de estar, cada célula do meu corpo hiperalerta. *Quem está aqui?*

— Lorenzo, ele está na garagem! — Uma voz de homem ecoa no andar

de cima. — Onde está você?

*Shane.* Meu sangue corre frio quando corro em direção ao foyer. Ele disse *Lorenzo*? Como isso é possível?

Lorenzo está na porra da minha casa.

Com Ivory.

Raiva impele-me a subir as escadas, cada passo um adversário entre mim e ela. Subo mais rápido, levando dois... Três degraus de cada vez.

— Que porra é essa? — Shane ruge da direção do meu quarto. — Sai de cima dela!

Não! Oh, Jesus, porra, não! Urgência funde em meus músculos, empurrando-me mais rápido, mais duro, bloqueando meu maxilar. Eu não posso ouvi-la. Por que eu não posso ouvi-la?

Eu alcanço o último degrau, mas a distância restante parece que está forçando o meu coração a explodir para fora do meu peito. O percurso é muito grande, o salão muito longo. Estou muito longe. Eu nunca deveria ter a deixado. Eu falhei com ela, e eu estou caralho fumegante no meu pesar. Malditamente balançando no meu desespero para chegar até ela.

Eu sigo os sons do aumento dos gritos. Quase lá. Mais alguns passos. Corro através da porta, meu foco cai sobre o outro lado do quarto.

Ivory está imóvel em minha camiseta. Sangue em seus lábios. Expressão vazia. Schubert em seus braços. Morto.

Os punhos fechados de Shane. Feridas na face e no braço de Lorenzo. Seu zíper aberto.

Cada captura instantânea no milésimo de segundo cauteriza em mim com uma crueldade que cambaleia meus passos.

Ninguém me percebe.

Eu estou em desvantagem, desarmado, e excessivamente-tão-forjado com fúria. Tudo dentro de mim puxa para Ivory, mas eu luto contra isso, recusando-me a olhar para ela ou pensar sobre ela. Se eu fizer, eu vou perder a minha fodida cabeça.

Aderindo para a borda da sala, eu fecho a distância. Ivory está a poucos passos de distância do confronto entre Shane e Lorenzo.

— Você a estuprou, filho da puta? — Shane dá um soco em Lorenzo e erra a cabeça se esquivando. — Ela estava dizendo a verdade todo esse tempo?

Decisão letal fria se espalha através de mim, soltando minha respiração. Meus punhos flexionam para a destruição. Meu coração endurece para a morte permanente, irrevogável. Eu vou acabar com isso.

Meus impulsos assumem minhas mãos caindo para a minha cintura e puxando-as livre quando veneno ferve nas minhas veias.

Lorenzo amplia sua postura. — Cara. Olhe o que ela fez na minha cara.

— Você estava em cima dela! — Shane ataca, balançando os braços.

Lorenzo abaixa, conecta-o pela cintura, e leva-o ao chão em uma série de socos.

Eu me aproximo com meus pés rápidos e silenciosos, deslizando a extremidade do cinto pela fivela. Um pé de distância, eu estou atrás de Lorenzo. Shane se espalha em sua volta com Lorenzo ajoelhado sobre ele. Estou certo de que Shane me vê, mas ambos estão dando socos, bloqueando, grunhindo.

Enfio o cinto sobre a cabeça de Lorenzo e seguro minha loucura em conjunto com ambos os punhos.

Os olhos de Shane, vermelhos e indignados, colidem com os meus. Lorenzo vira seu pescoço.

Eu aperto o cinto em torno da garganta de Lorenzo, arrebatando o final com toda a força da minha ira.

Seu corpo arremessa para trás com a crueldade da minha força, batendo no chão, com as mãos arranhando no cinto. Eu caio sobre ele, puxando mais duro, sustentando com fins maliciosos.

Shane arrasta para o corpo resistindo de Lorenzo e olha para mim com olhos selvagens. Como é que eu vou lutar com ele, enquanto seguro o cinto?

Com um grito de raiva, ele bate um joelho no peito de seu amigo, seus punhos socando no rosto de Lorenzo. Eu vacilo, atordoado, e reajusto meu

aperto, puxando o cinto com uma vingança.

O peso de Shane detém Lorenzo para o chão quando eu fico em cima deles e torço o garrote apertado, mais apertado, o imperativo brutal para que isso acabe cortando minha respiração vacilante.

Dedos apertados ao redor do couro, eu encontro o olhar marrom quebrado de Ivory. Eu estou matando um homem na frente dela, friamente, conscientemente, e sem desculpas. Não há como voltar atrás com isso.

Suas pernas apoiam sua postura imóvel. Suas mãos pegam o corpo morto de Schubert. Os olhos dela ficam com os meus, mas ela não está aqui. Ela não está comigo.

Provavelmente para o melhor, porque eu não vou parar até que este filho da puta não possa mais machucá-la.

O telefone no meu bolso vibra com uma chamada recebida. A escola? Meus pais? Os malditos policiais no acompanhamento de atividade suspeita? Porra!

A mandíbula de Lorenzo boceja em um grito silencioso. Esfregaços de sangue em seu rosto, olhos inchados, sua tez minguando de vermelho para azul.

Eu estou de um lado, com as mãos entorpecidas ao redor do cinto. Do outro lado de Lorenzo, Shane pressiona-o contra o chão enquanto seu corpo se contorce, pernas chutando, os dedos arranhando o couro em torno de sua garganta.

Estrangulamento é uma maneira dolorosamente lenta para ir. Naqueles minutos angustiantes, a enormidade do que eu estou fazendo tem tempo para deslizar por baixo da minha pele e sufocar meus órgãos vitais. Eu me mantenho forte com o lembrete de que a minha responsabilidade de proteger Ivory substitui todo o resto.

Os dedos de Lorenzo caem longe de sua garganta, e com um movimento de sua perna, ele perde a luta.

Está feito.

Shane cai de bunda no chão, com as mãos voando para a parte de trás

de sua cabeça, a boca aberta com o esforço. Horror. Choque.

Adrenalina formiga através das minhas pernas quando eu solto o cinto e pressiono meus dedos trêmulos contra o inchado *Destroy* na garganta de Lorenzo. Sem pulso. Há ironia nisso, algo que eu vou contemplar quando nossas feridas não forem mais cruas.

Eu passo para trás e dou de ombros para fora da minha jaqueta, suando contra ataques conflitantes de alívio e realidade.

Eu acabei de matar um homem.

Um homem que invadiu a minha casa.

Que matou o nosso gato.

Que tentou e talvez, conseguiu estuprar Ivory *novamente*.

Porque eu não estava aqui.

Meu peito queima, todo o meu mundo girando e girando em direção a ela. — Ivory?

Pela primeira vez desde que entrei, ela se move. Apenas seus olhos, deslocando-os para os meus. Sangue nas bordas de suas narinas, manchas em seus lábios, e caem para frente de sua camiseta.

Meu estômago torce. Eu preciso levar o gato, abraçá-la, obliterar a distância entre nós. Estendo a mão para ela.

Ela empurra para trás, seus braços apertando ao redor do corpo pendurado de Schubert.

Não está pronta para deixá-lo ir? Não está pronta para eu tocá-la?

Eu entendo, mas caramba, eu sinto sua rejeição como um punho no coração.

Um olhar sobre Shane confirma que ele ainda está atordoado, olhando para o corpo com os olhos vidrados sem piscar.

Meu bolso vibra com um alerta do texto. Droga. Quem está tentando chegar a mim tem um terrível timing.

Eu afrouxo a gravata e jogo-a. Então eu passo na frente de Ivory e escovo meus dedos em sua mandíbula. Ela não reage, o olhar distante, fora de

foco. Quando eu baixo o meu carinho para o braço em torno de Schubert, ela lança um grito angustiado e tropeça para trás.

OK. Eu não vou separá-la do gato. — Eu só preciso saber que você está bem.

Seu comportamento frio, individual, exceto os braços, que detêm Schubert mais apertado.

— Eu lutei com ele. — Sua voz é um metrônomo oco. — Mordi. Arranhei o rosto.

— Boa garota. — Eu quero puxá-la contra mim tão forte, mas se eu fizer, eu vou desvendar. Eu tenho que manter-me calmo até esta confusão estiver contida. — Ele estup...?

— Não. — Um lampejo de vida agita nas profundezas marrons enlameadas dos seus olhos. — Shane o parou.

Será que seu irmão tem um lance de culpa? Um transplante cardíaco repentino? Uma agenda oculta? O inferno sabe por que ele entrou em cena, mas porra, eu estou respirando um pouco mais fácil sabendo que ele fez.

O chiado de Shane cresce mais alto, mais frenéticos sobre os olhos injetados de sangue do desperdício de vida que era Lorenzo. Talvez Shane não seja uma ameaça no momento, mas ele vai ser se ele correr. Honestamente, ele parece a segundos de ter um colapso.

Outro texto vem. Eu puxo o telefone do meu bolso, mas o grito gutural de Shane chama a minha atenção.

Ele cobre o rosto com as mãos, lamentando como a porra de um amor perfeito. — Ele era meu melhor amigo. — Seu corpo duro. — Oh Deus, ele salvou a minha vida, e nós o matamos.

Eu mantenho uma postura elevando-me acima dele, uma posição de poder. — Nós matamos o saco de merda que tem estado estuprando sua irmã por quatro anos.

Puxando sua mandíbula fechada, ele olha para o lado.

Ivory olha para o chão, sua expressão em branco. Ela está em choque.

Mas ela é forte como o inferno. Não há dúvida em minha mente que ela vai me desrespeitar novamente em algum momento.

Eu me foco em Shane e aço minha voz com autoridade. — Você está na merda mais profunda do que eu estou.

Seus olhos elevam lágrimas caindo pelo rosto. — Como é isso? Nós dois...

— A lei Castle. No estado de Louisiana, tenho o direito de defender a mim e aos outros na minha propriedade. Isso inclui o uso de força letal contra intrusos. Homicídio justificável. — Aponto para Ivory. — Eu estou muito justificado.

O problema é que se eu chamar a polícia, eu vou ser preso por um crime diferente. Minha estudante do ensino médio não estava apenas visitando minha casa enquanto eu estava no trabalho. Ela *vive* aqui. Eu não vou ser capaz de esconder isso. Não com Shane envolvido. Se eu entregá-lo, ele vai devolver o favor.

Eu tenho duas escolhas. Chamar as autoridades e enfrentar um julgamento aluno-professor divulgado que iria destruir não só o meu futuro, mas o de Ivory. Ou lidar com o corpo e fazer tudo isso ir embora.

A segunda opção só funciona com a cooperação de Shane. Tanto quanto eu quero enterrar seu rabo inútil com Lorenzo, nós estamos nisso juntos.

Eu olho para o meu telefone. Uma chamada perdida e dois textos de meu investigador.

*Smith: Gandara está livre.*

Sem brincadeira. Eu olho para Schubert nos braços de Ivory, com o pescoço pendurado desajeitadamente, provavelmente quebrado. Uma nova onda de raiva afunila através de mim.

*Smith: Solto ontem. Meu CI apenas me contatou. Advogado argumentou PTSD como fundamento para uma defesa de insanidade. Tem*

*um apelo. Reduziu a sentença. Eu vou estar em contato assim que localizar o paradeiro de Gandara.*

Lorenzo teve um ano reduzido na sua sentença. Pelo menos agora eu não preciso me preocupar sobre como lidar com a sua libertação.

Eu digito um reconhecimento, uma vez que é o que eu faria se eu não estivesse de pé sobre um corpo morto. Vou deixar o investigador procurar por Lorenzo. É um risco, mas eu preciso ver se a sua investigação leva-o de volta para mim.

O olhar de Shane salta entre o telefone na minha mão e a porta, como se estivesse considerando fugir. — Você não pode chamar a polícia, homem. Eu o parei de estuprá-la! — Sua voz se eleva. — Eu matei o meu melhor amigo. Por ela.

— Cale a boca. — Eu bati enviar sobre o texto e perfuro o meu olhar no dele. — Você invadiu a minha casa. Você é cúmplice de assassinato. Se você correr, eu vou fazer a chamada. Se você me dê o que eu quero, isso fica entre nós três.

Ele engole. — O que você quer?

— Respostas. Cooperação. — Eu aponto a mão no corpo. De jeito nenhum eu posso levantar esse grande filho da puta sozinho. — Então você vai rastejar de volta em qualquer buraco que você esteve nos últimos três meses e nunca mais voltar.

— Ok. — Ele acena, sua garganta sacudindo e olhos astutos. — Eu posso fazer isso.

Eu não confio nele, porra. Em um mundo perfeito, eu teria matado Lorenzo sem outra alma saber sobre isso. Duas testemunhas são dois riscos demasiados. Ivory não vai me trair, mas seja qual for o conhecimento que ela tem sobre os meus próximos passos poderiam incriminá-la. Eu preciso distanciá-la disso.

Eu também preciso desembaraçá-la de Schubert.

— Ivory. — Enquanto eu espero ela olhar para mim, eu me lembro da razão pela qual corri para casa. — Você precisa usar o banheiro?

— Eu... — Ela abraça o gato contra seu pescoço, olha para as pernas nuas, no piso pela porta do banheiro, e de volta para suas pernas. — Eu poderia ter... — Seu queixo treme. — Eu sinto muito.

Sente muito por quê? Soltar a bexiga, enquanto lutava contra um estuprador?

Eu capturo seu braço e puxo-a para mim. — Eu espero que você não fique toda chateada sobre isso.

Sua mão acaricia o pelo do gato. — Eu também espero.

Eu deslizo meu braço em volta da sua cintura, deslocando-a contra mim com Schubert entre nós. Eu passo a minha outra mão sobre os olhos, escovando-os fechados, acariciando sua pele macia, deixando-a chorar sua morte.

Ele foi um presente de seu pai, seu conforto quando ela estava com medo, seu amigo quando ela não tinha ninguém. Ele era tudo o que tinha a última vez que perdeu alguém que amava. Agora ela me tem.

Eu seguro-a até que as lágrimas caem e acaricio suas costas enquanto ela silenciosamente soluça. Seu tremor me faz doer. Sua dor aumenta a minha própria.

Shane nos observa há alguns pés de distância, os olhos molhados e turvos, ruídos de estrangulamento na garganta como se ele estivesse tentando conter seu choro. Talvez seja sua culpa. Espero que ele se engasgue com ela.

Eu relutantemente me inclino para trás. — É hora de dizer adeus.

O olhar de devastação em seu belo rosto ameaça me trazer de joelhos.

Eu fortaleço a minha postura e faço um gesto para Shane. — Seu irmão vai levar Schubert.

Seus braços apertam em torno do gato quando um soluço sobe do fundo do peito.

Eu embalo seu rosto. — Eu sinto muito, Ivory. Eu daria qualquer coisa

para tornar isso mais fácil. — Eu pressiono um beijo na sua testa. — Nós vamos enterrá-lo no quintal. Vou construir um memorial lá, o que você quiser, ok?

Lágrimas escorrem pelo seu rosto, misturando-se com o sangue em seus lábios enquanto ela olha para o gato.

Eu aceno para Shane.

Depois de alguns gritos de protesto, ela solta seu aperto. Shane empacota o corpo contra o seu peito, seu rosto caindo.

Viro-a, guiando até o banheiro, para preparar o banho. — Eu volto já.

Agarrando uma toalha, eu passo para fora, fecho a porta atrás de mim, e encontro os olhos de Shane. — Quem sabe que você está aqui?

Ele recua. — Ninguém. Eu juro.

Sua promessa não significa nada para mim.

— Vá para fora da porta de trás e pegue o remédio no meu GTO. Estacione o Honda na garagem. Você vai encontrar uma lona e fita adesiva lá dentro. — Eu deixo cair a toalha ao lado do corpo. — Pegue qualquer outra coisa que possa precisar.

Se ele fosse correr, ele teria feito isso até agora. Se ele mudar de idéia, eu não serei capaz de detê-lo. Então eu deixo-o lá com o gato nos braços e espero que ele seja mais esperto do que parece.

No banheiro, eu dou a Ivory algumas pílulas para dormir, arregaço as mangas e, silenciosamente, suavemente, banho-a em sonolência. Eu odeio sedá-la, mas eu não quero deixá-la acordada e de luto por ela mesma. Ela precisa estar em coma por pelo menos as horas que levam para lidar com o corpo.

A vontade de ligar para os meus pais coça em mim. Minha mãe poderia ficar com ela enquanto eu estiver fora. Mas tornando-os acessórios para a eliminação de um corpo não é uma opção.

Quando um punho bate na porta do banheiro, um pouco da tensão alivia dos meus ombros.

Eu olho para baixo em Ivory, sua pele rosada do calor da água e seus olhos encapuzados com a fadiga. — Se eu te deixar aqui por alguns minutos,

você vai se afogar?

Seus cílios levantam, e uma pitada de um pequeno sorriso toca os lábios. — Se você não parar de pairar, eu poderia afogar *você*.

Essa é a minha menina. Pressiono um beijo em sua testa, o nariz, a boca. Então eu vou para a porta.

— Emeric?

Viro-me, meu pulso cantando ao som de sua voz.

Ela inclina a cabeça para trás na borda. — Obrigada.

Duvido que ela esteja me agradecendo por uma coisa específica. Sua gratidão é sempre abrangente. Cristo, eu amo essa garota.

— Eu já volto. — Eu escorrego para fora e fecho a porta.

Shane já tem o corpo envolto em lona e fita adesiva. Ele varre a toalha sobre o piso de madeira, retirando toda a urina ou sangue, sua expressão incolor e gravada em tormento.

Eu passo ao lado dele. — Parece que você já fez isso antes.

— Nunca.

Medo, choque, repulsa... Há tantas emoções irresistíveis em um sussurro, eu acredito nele.

Com o corpo ensacado, o transportamos para o corredor. Eu deixo-o nas escadas e volto para Ivory.

Até o momento que eu a visto, dou-lhe o medicamento, e levo-a para a cama, ela está em sono profundo sob o peso da sedação.

Eu verifico no local nos pisos de madeira por sangue a cada passagem que eu faço através da sala. Eu vou fazer uma limpeza completa mais tarde, mas ao olho despretensioso, não há nenhuma indicação de que um crime foi cometido aqui.

Eu troco em uma Henley[66] e calça jeans e encontro Shane sentado no degrau mais alto, olhando para o espaço.

— Vamos acabar com isso. — Minha voz o fazendo saltar.

Poucos minutos depois, o corpo é colocado na Honda na garagem.

Eu entrego a Shane uma pá. — Onde está Schubert?

Ele pega isso, seu olhar cavando no baú fechado do carro. — Não devemos lidar com isso em primeiro lugar?

— Ao anoitecer. — Eu ando para o corredor que leva para o quintal. —Nós precisamos conversar.

Lá fora, o sol se põe atrás da torre monolítica de minha propriedade, desaparecendo do céu em raios de violeta.

Rodeado por carvalhos e arbustos floridos, eu defino o corpo de Schubert no chão e Shane cava um ponto ao lado do banco de concreto no jardim. — Onde você esteve nos últimos três meses?

Ele apunhala a pá através da cobertura e inicia o buraco. — Não em Nova Orleans.

Se eu pressionar, ele provavelmente vai mentir sobre a sua localização. Ele disse que voou. Talvez isso vá ajudar o investigador a segui-lo neste momento.

Sento-me no banco e olho em seu cabelo loiro recuando, tez pálida, e a estupidez que emana de seus olhos opacos. Difícil de acreditar que ele está relacionado com Ivory.

Com uma respiração profunda, eu descanso os cotovelos sobre os joelhos espalhados. — Diga-me como isso aconteceu.

Trabalhando a pá através da sujeira, ele diz em voz baixa, cansada, — Lorenzo me ligou ontem, disse que estava liberado... — Ele para, olha para mim, hesitante. — Ele estava na prisão por roubo.

Ele é qualquer porra comigo ou ele não sabe sob meu envolvimento na prisão de Lorenzo. Tão burro como ele é, eu estou inclinado a este último. Isso significa que ele não queria mencionar a condenação de roubo por outra razão. Eu posso imaginar o por que.

Ele retorna à sua tarefa. — Ele me ligou quando saiu, disse que perdeu seu apartamento e precisava de dinheiro rápido. — Ele puxa a pá com mais

sujeira, evitando meus olhos. — Eu lhe devia minha vida, então eu lhe ofereci uma solução e voei para casa para ajudá-lo.

Eu penso sobre isso quando as peças lentamente se encaixam. Shane deve ter estado seguindo Ivory, antes que ele se aproximasse dela no estacionamento. Se assim for, ele já sabia onde ela morava. Quando ele me viu naquela noite e me reconheceu como o cara que lhe deu um soco, ele descobriu nosso relacionamento e com quem ela vivia. O nosso calendário é óbvio, então ele apostou no pressuposto de que estaríamos na escola.

— Você veio aqui para me roubar. — Minhas mãos se apertam. — Como você entrou?

Ele faz uma pausa, em seguida, recomeçou a cavar. — Imaginei seu código.

Porra. Isso é um enorme descuido maldito da minha parte.

Então o que? Lorenzo entrou sozinho enquanto Shane se manteve vigiando? Ela lutou com ele. De alguma forma, o gato foi puxado para ele. Não vou exigir esses detalhes de Shane. Ela vai me dar um relato honesto quando ela estiver pronta.

Ele olha para o chão, a voz apertada. — Ela não deveria estar aqui.

— Só que ela estava. O que você acha que Lorenzo pretendia fazer com ela depois que a estuprasse? Será que ele a teria deixado viva para apontá-lo como culpado depois que ele roubasse o lugar?

— Oh Deus. — Sua cabeça abaixa, os dedos envoltos tão firmemente em torno do punho da pá que ele tem de está cortando a circulação.

— Você sabe por que eu soquei você naquela noite?

Ele olha para a terra, as narinas dilatadas.

— Ela veio para a escola com um lábio rebentado. — Eu deixei minha repulsa cortar as palavras.

Seus olhos se fecham com o rosto comprimido de dor.

Eu encontro um tipo doente de conforto em sua culpa. — Um irmão deveria proteger sua irmã. Enfrentar valentões para ela. Caminhar pela porra do

fogo por ela.

Ele se inclina na pá como uma muleta, seu corpo inteiro tremendo. —Eu sou fodido, ok? — Ele deixa ir o aperto e esfrega as mãos sobre a cabeça, os olhos fortemente com angústia. — Ela tentou-me dizer há anos, mas eu não ouvi. Eu estava tão... Zangado com ela. Sobre a coisa da escola e sua relação com o pai. Então, aqui está ela, vivendo nesta mansão enorme...

Eu não acho que ele está falando para meu benefício, e eu não dou a mínima para o que as suas justificações são. Eu só preciso saber se ele vai ser uma constante ameaça para Ivory.

Erguendo-me do banco, eu pego a pá e cavo. — Então, o chamado de Lorenzo lhe deu a idéia para tirar dela. Com sua experiência de roubo, você aproveitou a oportunidade para roubar um pouco de sua felicidade para si mesmo.

Ele deixa cair os braços para os lados e olha para a casa, com a voz um sussurro resmungando. — Sim.

Eu coloco o gato no buraco, engulo um nó de tristeza, e volto à sujeira. — Eu deveria estar enterrando você em vez de Schubert.

Uma carranca contorce seu rosto, seus olhos ignorantes iluminados com convicção. — Eu prometo que não vou causar-lhe mais problemas. Foda-se, eu vou passar o resto da minha vida, porra ficar o inferno fora dela. É a única coisa que eu posso oferecer a ela.

Eu vou ter um investigador na minha folha de pagamento para o resto de sua vida para ter certeza disso. — É hora de lidar com a outra coisa.

— Sim. — Ele levanta o queixo, olhando para o céu escurecendo sobre o horizonte oriental. — Eu conheço um lugar.

44

IVORY



No momento que acordo, meus músculos se contraem em memória dos acontecimentos do dia. Uma lâmpada fraca brilha na escuridão do quarto, lançando sombras sobre a expressão austera do meu irmão onde ele espreguiça-se em uma cadeira ao lado da cama. É perturbador vê-lo em casa, em um lugar que está sempre representando segurança, felicidade e amor. Mas eu não estou com medo. Emeric iria matá-lo antes de permitir que ele estivesse sozinho comigo novamente.

Eu mudo a minha atenção para baixo no comprimento do colchão e encontro a devoção atenta nos olhos de um azul cintilante. Meu coração sibila.

Emeric me disse uma vez que se alguém me tocasse, sua resposta seria assassina. Ele é um homem de palavra. Lorenzo está desaparecido. Morto. Não é capaz de me machucar. Eu ainda me sinto fortemente ponderada por choque, meu interior dolorido com a perda de Schubert e bobinando de preocupação com Emeric fazendo uma aposta tão drástica com o seu futuro para me proteger. Mas nós vamos passar por isso junto, não importa o quê.

Sentado na cama ao lado dos meus pés, ele traça uma mão ao longo do contorno da minha perna nos cobertores. Seu rosto esculpido é suavizado em um semblante calmo enquadrado em exaustão. Os picos de seu cabelo preto em um caos de perfeição, vestido em uma Henley cinza que se estende sobre os ombros,

acentuando a força de seu pescoço. Ele corre o risco arriscando o seu pescoço por mim várias vezes, e hoje não foi diferente.

Meu sorriso de agradecimento vem facilmente. — Quanto tempo eu estive fora?

Sua mandíbula desloca triturando a goma em sua boca. — Seis horas.

Estou ciente de que ele passou tempo lidando com o corpo de Lorenzo. O que ele fez com ele? A cintilação em seu olhar me diz que ele antecipa a questão, mas há um olhar duro lá também. Ele não vai me dizer.

Eu não quero que ele carregue esse fardo sozinho, mas seria importante para ele me manter isolada dos detalhes. Empurrando-o sobre ele só iria fazê-lo frustrado e em conflito.

Eu posso ser racional sobre uma coisa.

Sua mão se move ao longo da curva do meu joelho, seu polegar acariciando contra os lençóis. — Seu irmão está saindo. — Ele olha para Shane com aço em sua voz. — Para o bem desta vez.

Soprando um suspiro, eu verifico o que estou vestindo... Outra das camisetas de Emeric. Sem calcinha. Eu viro para sentar-me contra a cabeceira da cama, arrastando as cobertas comigo, e encontro os olhos de Shane.

Ele vem para a borda da cadeira e esfrega as mãos sobre sua calça jeans, observando o movimento. — É um pouco tarde, mas eu estou dizendo isso de qualquer maneira. — Ele olha para mim. — Eu sinto muito.

Duas palavras não apagam anos de abuso e besteira. No entanto, suas ações hoje, e ele me escolher acima de Lorenzo, bateu duro e verdadeiro, fraturando a barreira feia entre nós.

Uma rachadura não derruba uma parede. Mas isso não deixa para trás um ponto fraco precioso, que sempre estará lá. Sempre que eu penso nele, eu vou sentir a rachadura e lembrar com carinho.

Emeric estuda nossa interação, sua expressão neutra, suas carícias persistentes no meu tornozelo.

Shane levanta a mão e pega a minha, fazendo uma hesitação estranha

no espaço que nos separa antes de prender os dedos juntos.

Ele sorri tristemente, aperta minha mão, e sussurra: — Foda-se, Ivory.

Eu aperto de volta. — Tenha uma boa vida, Shane.

Ele afasta sua mão, então o seu olhar, e sai pela porta sem olhar para trás.

Uma pontada de perda aperta o meu peito. O impulso para impedi-lo tenciona as minhas pernas.

Mas ele invadiu a casa de Emeric. Ele me batia há anos. Não sou mais uma vítima. Com esses lembretes, eu deixo-o ir.

Emeric segue-o para fora. Quando retorna, poucos minutos depois, ele se despe, desliza para a cama atrás de mim, e curva seu corpo ao redor do meu. Eu me deleito no calor de sua pele e embaralho nossas pernas juntas, derretendo contra seu peito com um suspiro.

Em vez de exigir que eu fale ou coma ou tome o meu remédio, ele toca a boca no meu ombro, em seguida, meu pescoço e mandíbula. Quando viro em seus braços, ele brinca com meus lábios separados e afunda sua língua para deslizar contra a minha. A barba no queixo esfrega suavemente. O cheiro de canela subindo em sua respiração, seus lábios uma pressão firme de sensualidade.

Sua boca é o melhor lugar para se perder.

Com a minha mão sobre os recortes sensuais em sua cintura, eu belisco, lambo, e provo, tomando o meu tempo, seguindo o seu exemplo. É um beijo sem expectativa, uma fusão de lábios simplesmente para o conforto na conexão.

Mantemos este humor suave para o restante da noite.

Na manhã seguinte começamos com uma luta.

Ele diz que não estamos indo para a escola. Ele pode fazer o que quiser. Eu vou. Ele acha que eu preciso descansar e se recusa a me deixar sozinha em casa. É sexta feira. Eu posso descansar no fim de semana. Se ambos perdemos mais um dia, nós podemos muito bem anunciar nosso relacionamento

pelo interfone.

Argumentamos por uma hora. Eu ganho. Acontece de ser um dia sem complicações. E infrutífero. Minha concentração é uma merda. Emeric pode ter estado certo sobre uma coisa. Eu preciso de descanso do tipo mental.

Na tarde de sábado, o local dolorido no meu estômago, onde Lorenzo me chutou vira uma sombra violenta de roxo. O horror de Emeric ao ver isso é o impulso para a nossa conversa inevitável.

Nós mergulhamos na banheira, minhas costas contra seu peito e as suas pernas suportando as minhas. Quando eu o atualizo através do que aconteceu, ele faz redemoinhos de sabão sobre a minha pele, seus dedos massageando e calmante. Dou-lhe todos os detalhes corajosos, minha voz forte no início. Quando eu conto a ele sobre a minha desmiolada tentativa de usar a minha palavra segura, seu corpo se transforma em pedra debaixo de mim. Minha voz oscila a partir daí. Até o momento que eu recordo aqueles momentos finais com o corpo de Schubert em meus braços, eu desmorono contra ele.

Isso dói. Aquela bolinha de pelo era uma parte essencial da minha vida, e me dói a sua ausência. Mas eu não estou quebrada. Não é como quando eu perdi o meu pai. É mais fácil desta vez. Eu sinto em cada toque e olhar que Emeric me dá, que o tão necessário apoio de outra pessoa me segurando durante aqueles momentos em que eu me esforço para estar em paz.

Naquela noite, ele ronca suavemente atrás de mim, seu peito pressionado para minhas costas, nossos membros emaranhados, corpos alinhados. Eu não posso acompanhá-lo durante o sono, minha mente muito inquieta, pensando sobre sua reação ao usar a minha palavra com Lorenzo.

Nada mudou entre Emeric e eu. Nós não tivemos sexo desde esse dia, mas eu tive uma infecção da bexiga. Seus olhares persistentes ainda me faz ronronar. Seus beijos enrolam os dedos dos meus pés. O que eu não sei é como vou reagir quando ele me prender para baixo, agarrar minha garganta, ou levantar o cinto. Eu confio nele, de forma inequívoca. Mas eu confio em uma palavra — qualquer palavra — o suficiente para usá-la novamente?

Antes que eu o conhecesse, a sonata de Scriabin era uma massa negra em minha mente, o lugar que eu fui quando as coisas terríveis aconteciam com o meu corpo.

Nos últimos cinco meses, essas notas escuras se tornaram sinônimo de Emeric e a segurança que ele me dá. Eu arruinei-o, usando com o homem errado?

Eu toco a sonata em minha cabeça, mas eu não sinto isso. Eu preciso ouvir isso.

Saio de baixo do peso pesado dos seus braços, eu escuto sua respiração por um tempo, em seguida vou à ponta dos pés para a sala de música.

Com a porta fechada, o quarto é suposto ser à prova de som. Sento-me atrás do piano, imergida no silêncio e limpo minha cabeça. Depois de algumas respirações calmantes, eu corro meus dedos sobre as teclas e facilmente para a Sonata No.9 de Scriabin.

É difícil no primeiro momento, a melodia batendo pela sala num ritmo desconexo. Mas eu continuo, transformando a minha interpretação do estranho e neurótico para algo mais nebuloso e meditativo. A sonata deriva em torno de mim em uma nuvem de notas. Minha mente absorve, reflete.

Ela se sente segura. O tipo de seguro que me bate durante meus momentos mais sombrios. Está fazendo isso agora, derretendo o quarto, nebulizando minha cabeça, e me imergindo em dissonância.

Exceto que de repente, eu não me sinto bem a tocando. Eu descanso minhas mãos no meu colo. A Sonata era um lugar para ir, uma palavra a dizer quando eu alcançava o meu limite. Mas eu gosto dela? Na verdade não. Não... Emociona-me.

Eu quero tentar algo diferente. Algo além de Chopin, Rachmaninov, e Debussy[67].

Minha atenção se desloca em direção à porta, e eu me assusto.

Emeric se inclina contra a armação, os braços relaxados ao lado do

corpo, seu telefone em uma mão. Ele tem estado em constante comunicação com o seu investigador ao longo dos últimos dois dias. Provavelmente rastreando Shane. Talvez algo envolvendo Lorenzo, também. Ele não me diz, e eu não pergunto.

As calças de pijama pretas sentam-se sedutoramente baixa em seus quadris excelentes, o *V* de seu abdominal apontando como uma flecha para o bojo macio sob o algodão.

Eu levanto uma sobrancelha. — Há quanto tempo você esteve ai?

— Eu a segui. — Suas sobrancelhas juntas, seus olhos escuros, assombrados. — Você tocou Scriabin.

— Sim. Eu precisava saber. — Eu olho para o teclado. — Eu não terei medo de dizer *não*. Com a palavra. — Eu volto-me para ele. — Confie em mim em usá-la.

Ele se endireita, estudando-me atentamente. — Certifique-se, Ivory.

— Tenho certeza. É seguro. — Eu enrugo meu nariz. — E tipo importuno.

Seus olhos se iluminam. — Estou intrigado. — Ele anda em direção a mim. — O nome de uma música que não é importuno.

*O tique-taque do seu relógio. A harmonia de suas respirações. O ritmo do seu coração. As notas que eu me sinto quando você está perto.* — "I Will Follow You into the Dark[68]"

Ele para atrás de mim e coloca o seu telefone no banco ao lado do meu quadril. — Death Cab for Cutie?

Eu concordo.

— Interessante escolha. — Ele move meu cabelo de lado e traça os dedos ao longo da linha do meu pescoço. — Toque.

— Eu não tenho a folha de música.

— Você não precisa. — Seus lábios tocam o caminho do seu dedo, sua respiração acariciando meu ouvido. — Você tem o melhor professor do mundo.

Eu tremo. — Tão arrogante.

Ele dá em meu pescoço uma mordida de advertência e anda para trás. — Levante os braços.

Eu lembro as palavras dele a noite que eu chupava seu pau no teatro de Le Moyne.

*Eu quero você nua, sentada em meu piano e rolando seus quadris como se estivesse transando com as notas.*

Ele puxa a camiseta sobre a minha cabeça e ela cai, deixando-me completamente nua sob seu olhar. Com as mãos na minha cintura, ele me levanta, toma o meu lugar, e me coloca em seu colo, de frente para o teclado.

Isto é diferente. Estou até um pouco maior, mas como seus braços vêm em torno de mim e suas mãos guiam as minhas para as teclas, eu relaxo meu peso em suas coxas poderosas. Joelhos juntos entre os seus, eu tremo por antecipação.

Ele baixa a música em seu telefone e define-o no banco. Na próxima respiração, o arranjo de inspiração da música e as letras gotejam do alto-falante. Suas mãos se movem sob as minhas e me guiam através da simples complexidade dos acordes.

Eu abro meus dedos através dos espaços entre os dele. Minhas mãos são menores, magras, e de pele mais escura, mas elas moldam em torno de seu requinte, como se nossas mãos fossem destinadas a serem unidas desta forma, para a realização de um ao outro, para criar música juntos.

Desastrados juntos, eu torno-me frustrada por minha incapacidade de pegar. Eu posso recriar peças clássicas sem partitura, apenas as que eu já desempenhei um zilhão de vezes. Como é que ele simplesmente arranca notas misteriosas fora do ar sem orientação visual? É insano. E brilhante.

— Ouça. — Ele escova a boca em toda a minha nuca. —Sinta.

Eu fecho meus olhos e foco nas batidas, o deslizar de seus dedos, com a supremacia e flexibilidade de seus músculos comprimindo em torno de mim. Sua respiração no meu pescoço e as contrações musculares em suas pernas

torna-o mais fácil de prever seus movimentos e ritmos. Eu não sinto apenas a música. Eu sinto-o quando os vocais nos conduzem através de cada medida, pintando imagens apaixonadas por medo de está com o coração cheio de amor.

Eu não sei quantas vezes ele repete a canção. Eu estou perdida em seus braços e o significado das letras. Nosso amor é arriscado, aventureiro e real. É estabelecido no medo? Talvez, mas é um medo respeitoso, porque o nosso amor é todo-poderoso e potente.

A pele esticada no peito esfrega contra minhas costas nuas, o atrito eroticamente agradável, o corpo de um condutor de calor sensual e som. Eu rolo meus quadris contra os dele, liberados pela minha nudez, balançando ao som da música e fodendo as notas.

Ele geme um estrondo sedutor, e uma de suas mãos desliza para fora abaixo da minha. Eu carrego a melodia, as teclas em falta, mas mantenho-me enquanto ele arrasta os dedos pela minha coxa, ao longo de minhas costelas, e em volta do meu mamilo.

Eu suspiro enquanto seu pau incha debaixo da minha bunda.

Sua outra mão desliza a partir do teclado para se juntar a primeira, e meu pulso acelera. Seus dedos vagueiam com fome em torno de meus seios, para cima e para baixo em minhas pernas, sobre meus braços, sempre retornando ao meu peito. Quando os lábios caem para minha garganta, minhas mãos vacilam, arruinando a melodia, mas eu não me importo. Ele está tocando uma música melhor, a nossa música, definido como o ritmo da nossa respiração e corações batendo.

Além disso, sua ereção é todos os tipos de distração, presa embaixo de mim e do bombeamento de sangue. Eu quero levá-lo para fora da calça e deslizar para baixo no comprimento duro enquanto eu continuo a tocar.

Eu abro minhas pernas, ligando-as sobre as dele, minhas mãos confundindo duas notas da canção. — Emeric.

Sua língua traça a concha da minha orelha, seus dedos mergulhando entre as minhas coxas, sondando, rolando o meu clitóris, e afundando em minha

boceta. — Tão molhada para mim.

Ofegante, eu desisto do teclado e fixo em suas coxas onde elas flexionam entre as minhas. Os impulsos diabólicos dos dedos me fazem arquear minhas costas, me fazem gemer, e impulsionar-me em um crescendo de ebulição da luxúria.

Eu puxo a calça do pijama. — Tire isto. Eu preciso de você.

A gravação para nas extremidades do telefone, o silêncio repentino amplificando o coro das nossas respirações pesadas.

Ele aperta meu clitóris com uma quantidade perversa de pressão, um disparo doloroso de prazer através do meu núcleo. Trabalhando ambas as mãos entre as minhas pernas, ele dá um tapa com movimentos e mergulhos dentro. Se é cruel ou gentil, dar ou tomar, cada toque é uma declaração de compromisso total.

Com um braço em volta da minha cintura, ele levanta meus quadris e enfia as calças no chão, chutando-as fora. Eu tremo quando ele me reduz para o seu pau e empurra para dentro. Ele é duro e persistente, espesso e agressivo, seus dedos cavando contra os meus quadris e controlando o deslize para cima e para baixo do meu corpo com uma poderosa confiança.

Aperto seus fortes antebraços e penduro-me, minha cabeça cai de volta para o ombro e meus músculos internos em espasmos em torno de cada impulso. O deslize profundo do pau de aço quente estica minha boceta e me enche. Meu corpo canta para ele a cada batida pulsante entre as minhas pernas, puxando-o, apertando para baixo e, segurando-o lá. Ele pertence a mim, comigo.

— Tão porra apertada. — Ele empurra seus quadris. — Vazando em cima de mim. — Ele resmunga, apertando os dedos contra os meus quadris. —Amo a sua pequena boceta quente.

Eu amo a porra da sua boca suja.

Ele mói contra mim em círculos apertados, seu timbre baixo e áspero. — Reproduza a música.

Agora? Sem a gravação? Mesmo que eu tivesse concentração total, eu

iria pelejar. Mas, enquanto ele está me fodendo? De jeito nenhum.

Eu viro meu pescoço para olhar para ele. Sua mão mergulha no meu cabelo, puxando minha cabeça para frente e dobrando-a para o lado. O arranhão de seus dentes em meu ombro me faz tremer. A porra da mordida que segue rasga um grito da minha garganta.

A queimadura de ardor se infiltra em meus músculos, cobrando e rolando como eletricidade líquida. Puta merda, vai deixar uma marca.

Eu apunhalo minhas unhas contra seus antebraços duros. — Você é um animal.

Ele ri, levanta-me todo o caminho fora de seu pau, e bate a mão contra a minha bunda. Com um grito, eu caio para frente e me abanco no piano, dedos abertos sobre as teclas.

O homem sabe exatamente como conseguir o que quer.

Ele me puxa de volta para baixo, empurrando dentro de mim com uma força que traz lágrimas aos meus olhos. É bem-aventurada dor, insuportável, do tipo que estimula a mente, desperta o corpo, e treme a alma.

Ele aumenta a sensação de rolar para empurrar contundindo, garantindo que eu sinta cada polegada de espessura dele arrastando em minhas paredes sensíveis.

— Reproduza a música, Ivory. — Ele morde o meu ombro, levantando a mão para amassar meu peito.

Com cursos focados, eu lanço-me as partes que me lembro mentalmente, me lanço através de acordes e deixo meus dedos seguir adiante.

Ele beija meu pescoço, provando minha pele, nossos corpos balançando e tremendo em conjunto, enquanto a música nos persuade em uma dança lânguida. Ele me fode lentamente, sensualmente. O movimento de nossos quadris ondeando em sincronia com os dedos sobre as teclas com o som do nosso sussurrar em um ritmo apaixonado de fazer amor.

Somos a canção de amor final.

A ponta da sua língua circunda minha orelha. — Goze.

Meu corpo obedece instantaneamente, e eu gemo através da ondulação vigorosa de prazer, apertando ao redor de seu comprimento, os dedos pressionando as teclas sem rumo.

— Ivory. — Ele geme, segurando meus quadris contra ele quando o pulso quente de seu pau incha dentro de mim, me marcando, me alegando.

Eu torço o pescoço para vê-lo no meio de seu prazer.

O ar corre de meus pulmões com a visão de suas pupilas dilatadas cercadas por redemoinhos intensamente belos de fogo azul. Eu costumava odiar os olhos, incapaz de imaginar delicadeza ou a segurança nessas profundidades cristalinas. Eu estava muito errada. Esta é a única visão que eu quero, quando eu acordar, quando eu for dormir, e todos os segundos entre eles.

Levanto-me fora dele e rapidamente giro escarranchando em seu colo, deslizando de volta para o seu pau. O beijo que se segue é uma busca mútua dos lábios, reunindo-se no espaço entre nós e motivada por uma necessidade compartilhada para se conectar em todos os sentidos.

Ele é tudo para mim. O auge da minha felicidade. Todas as estradas, no entanto perigosas e sinuosas, levam a este homem, meu professor, a música da minha alma.

Eu quero ir para Leopold e aprender com o melhor dos melhores, mas aqui estou eu, sentada no pau de um de seus alunos mais brilhantes. Se, se trata de pura sorte ou algum tipo de destino mágico que me trouxe até aqui, não vou desperdiçá-lo.

Inclinando-me para trás, eu enquadro o seu rosto esculpido com as mãos. — Ensina-me a tocar.

— Senhorita Westbrook. — Seus lábios formam uma linha firme. — Eu estou ensinando...

— Não. — Eu beijo aquela boca dura, porque a sério, é muito sexy para ignorar. — Ensina-me da maneira que você fez esta noite. Sem a teoria da música clássica e livros técnicos. Eu quero tocar... O que eu quero tocar.

Um sorriso muito masculino viola os seus lábios, ele repuxa o pau

dentro de mim. — Vire-se. Mãos nas teclas.

E por aí vai. Pelas próximas semanas, ele me ensina a tocar qualquer rock ou música pop que se adapte ao meu humor, segurando, tocando, beijando, e me fodendo.

Algumas músicas são mais difíceis do que outras. Todas elas me desafiam. Eu não uso partituras de música, mas eu não preciso delas. Não com os dedos abaixo dos meus, mostrando-me, e sua voz no meu ouvido, me instruindo.

Dominando música moderna não vai me ajudar a entrar em Leopold, mas o homem oh homem, que me expõe a todo um mundo de compositores fora das salas de aula e livros didáticos. Eu descubro uma paixão para misturar obras-primas clássicas com os melhores quarenta hits. Há algo sobre a originalidade e distinção em colocar meu próprio toque na música. Ela atinge uma brilhante nota respirando dentro de mim.

É claro, o entusiasmo de Emeric em ensinar e me disciplinar não é uma surpresa. Ele fica fora sobre isso, especialmente quando eu falho. Deus, o homem gosta de bater em minha bunda. Mas é o seu encorajamento sem fim que me faz lembrar por que estou tão ferozmente, profundamente, loucamente apaixonada por ele.

O meu décimo oitavo aniversário cai na última sexta-feira, em Abril. Naquela manhã, eu acordo com ele montando meus quadris, mãos plantadas em ambos os lados da minha cabeça e olhos azuis enchendo meu horizonte. *Perfeito.*

Ele coloca seu rosto no meu, sua expressão séria. — Eu vou fazer-lhe algumas perguntas, mas antes de responder... Leve-me para fora da equação. Eu vou onde quer que você vá. Nós ficamos juntos, não importa o quê.

Okaaay. Eu concordo.

Ele procura o meu rosto. — Você quer ir para Leopold?

— Claro. — Eu levanto as sobrancelhas. — O que mais eu poderia fazer da minha vida?

— Qualquer coisa que você quiser. — Ele me beija, sua voz um ritmo

de seda em notas. — O que Ivory Westbrook quer?

Bem, isso é fácil. — Eu quero tocar piano, com você no centro do palco ao meu lado.

Ele sorri, evidentemente gostando dessa resposta. — Como você vai chegar lá?

Hum. É esta uma pegadinha? Eu sempre acreditei que rigoroso treinamento, persistência e prestígio vão me ajudar a alcançar meu sonho. Não é Leopold a melhor maneira de obter essas coisas?

Eu franzo meus lábios. — Eu não sei.

Ele chega para algo acima da minha cabeça e me entrega... Um bilhete de avião? — Vamos descobrir.

# 45
# EMERIC



Sábado de manhã, nós não voamos para fora de New Orleans. Eu dirijo com Ivory uma hora e meia de distância para pegar um avião em Baton Rouge. Uma cidade onde não conheço ninguém. Mas à medida que caminhamos através do aeroporto, não nos tocando, estou desconfiado da porra de cada pessoa olhando em nossa direção. Será que eles me conhecem? Eles são filiados com Le Moyne? Eu poderia explicar a nossa viagem como viagem de negócios para a escola, mas isso não impede a minha pele de rastejar com a paranoia.

Quando saímos do avião ao nosso destino, eu finalmente me deixo relaxar.

Ivory se senta ao meu lado na limusine, seus olhos correndo em todos os lugares, sua expressão uma representação fascinante de deslumbramento. O sorriso largo, olhos brilhantes, e saltando hiperativa tem sido contínuo desde que eu lhe dei o bilhete de primeira classe na noite passada. Ela nunca esteve fora de Nova Orleans. Nunca esteve em um avião ou em uma limusine ou hotel.

Vou mostrar-lhe todos os cantos do mundo, se mantiver esse sorriso no seu rosto.

Já se passaram dois meses desde que Schubert morreu, e sua felicidade não está totalmente restabelecida. Até agora. Foda-se, se isso não faz todo o meu nervosismo anterior valer a pena.

Pela primeira vez desde que deixamos Baton Rouge, eu a acaricio, não como um professor, mas como o homem que a ama. Na privacidade da limusine, eu envolvo um braço em torno de sua parte inferior das costas e puxo-a contra o meu lado. Descansando meus lábios contra sua têmpora, eu afago a junção de sua coxa e quadril.

Ela suspira, seu corpo derretendo em meu aperto. — Uma limusine, Emeric. É... Desnecessário, mas uau. — Ela se inclina para frente, o olhar fixo na janela lateral e queixo caído enquanto acompanha a metrópole circunjante ao redor dos arranha-céus de vidros. — Eu não posso acreditar que estou em Nova York.

Eu capturo uma mecha de seu cabelo e puxo. — Não pode?

Ela me desliza um sorriso sexy, se retorce no banco, e joga uma perna em meu colo, escarranchando, peito a peito.

Com as mãos no meu rosto, ela toca seu sorriso ao meu. — Eu não posso. Eu não posso. Eu não posso.

Eu deveria dobrá-la por cima do meu colo e bater em sua bunda perfeita, mas estamos a cinco minutos de distância da nossa primeira parada. Então, ao invés, eu belisco seu mamilo através do vestido e seguro.

Ela agarra meu pulso e tenta empurrar para trás, mas o movimento aperta os dedos e alonga a carne rígida.

Agarrando minha gravata, ela puxa duro. Isso só traz nossos lábios mais próximos. Aproveito, beijando-a com avidez, enquanto aperto o inferno fora de seu mamilo.

Seu corpo salta uma curva tortuosa de carne embrulhada em seda preta quando ela exala forte. — Eu nunca vou dizer *não posso* novamente. Só por favor... Meu seio!

O sangue corre para o meu pau, erguendo-o.

Eu a solto. — Boa garota.

Ela esfrega o peito. — Tão malvado.

Eu espio o sorriso empurrando através de seu biquinho. — Você ama

isso.

Ela desliza para fora do meu colo, mas permanece perto, inclinando-se sobre minhas coxas para olhar pela minha janela. — Será que vamos a Leopold em primeiro lugar?

Ruas familiares e locais passam. Estamos a uma quadra.

Ela acha que estamos vestidos para uma reserva de jantar extravagante e que o objetivo da viagem é abrir os olhos para a vida no campus de Leopold.

O que ela não sabe é que eu a trouxe aqui para abrir as portas.

Quando a limusine pára, ela olha para frente do prédio e suspira. Seu cotovelo oscila a uma polegada do meu rosto em sua corrida em meu colo para sair no lado mais próximo das portas dianteiras brilhantes.

Eu encontro os olhos do motorista no espelho retrovisor. — Nós vamos demorar um par de horas.

Quando me junto a ela na calçada, o vento forte arrepia a parte de trás do meu pescoço. Mas eu quase não sinto isso no calor de seu sorriso deslumbrante conforme ela passeia pelo campus onde passei cinco anos da minha vida, ganhando a minha graduação e mestrado.

— Puta merda. — Ela engancha um braço ao redor do meu, apertando com força. — Isso está realmente acontecendo. Eu estou realmente aqui.

Por mais que eu deteste o nosso segredo, eu forço o tom de aviso pelos meus lábios. — Senhorita Westbrook.

— Merda. — Ela deixa cair o braço, os passos afastados a uma distância adequada, e olha para frente. — Desculpe. — O canto de sua boca tremendo. — Sr. Marceaux.

*Espertinha.* — Siga-me. — Eu conduzo-a para dentro e pelos corredores.

Eu não estive aqui desde que me formei há quatro anos. Nostalgia cai sobre mim, mas eu não aproveito o tempo para olhar ao redor. Temos um compromisso.

Ela caminha rapidamente para manter-se com os meus passos largos,

seus saltos estalando contra o chão de cimento. — Você não é um guia de turismo muito bom. Desacelere.

— Vamos explorar mais tarde. — Eu paro em uma porta fechada no Richter Hall e me viro encarando-a.

Ela me estuda, olha para a porta, e olha para trás. Suas mãos alisam a frente de seu vestido. — O que estamos fazendo? — Ela estreita os olhos, a suspeita açoitando através de seu tom. — O que você fez?

— Você está aqui para fazer uma audição.

Sua boca cai aberta, trabalhando para formar palavras. — Agora? — Ela agarra o charmoso sapo em sua pulseira, esfregando com os dedos ansiosos, sua voz um sussurro áspero. — Por que você não me contou?

— Devido a isso. — Eu toco suas mãos remexendo e solto meu braço. — Seu entusiasmo sobre esta viagem teria sido arruinado pelos seus nervos.

Ela balança a cabeça bruscamente, os olhos arregalados e aterrorizados.

O corredor está vazio, mas não vou arriscar um beijo. Em vez disso, eu a deixo ver as profundezas do meu apoio e amor em meu olhar. — Lembre-se, o seu som é a primeira coisa que os membros do painel irão julgar, e eles vão fazer isso nos primeiros trinta segundos.

— Oh Deus. — Ela inala profundamente. — Que música eu toco?

— Toque a que você mais se identifica, o que você sente que toca melhor, e o que se encaixa no seu estilo e aspirações. Deixe-os ver o coração requintado de Ivory Westbrook.

Eu verifico o meu relógio. Está na hora. Afastando-me, eu abro a porta.

A sala de aula no estilo estádio não mudou, desde todos aqueles semestres que passei tomando notas lá em cima nas arquibancadas. O mesmo piano de cauda Steinway se apresenta na frente, perto da porta. É como entrar em um túnel do tempo.

Com Ivory ao meu lado, eu me direciono para a mulher de meia-idade e dois velhos homens magros na primeira fila. Eu nunca os conheci, mas eu estive em contato com a mulher, Gail Gatlin, que está presente e atravessa a sala

para nos cumprimentar.

Seus olhos cinzentos severos erguem para mim por trás dos óculos de aros em ouro. Cabelo castanho areia penteado para trás com uma tez que, provavelmente, vê pouca ou nenhuma luz do sol. Sua estatura é pequena e atarracada, mas ela irradia autoridade confiante.

Ela estende a mão, apertando a minha. — Bem vindo de volta, Sr. Marceaux.

— Obrigado por nos ver hoje. — Eu sinalizo para Ivory. — Esta é minha prootegida, Ivory Westbrook.

— Eu sou Senhorita Gatlin. — Gail aperta a mão estendida de Ivory. — Você deve ser bastante especial para o Sr. Marceaux trazê-la até aqui ele mesmo. Sua avaliação do seu talento foi convincente o suficiente para reunir um painel de juízes em um sábado.

Em outras palavras, não perca seu tempo. Eu não a teria trazido aqui se eu não achasse que ela pudesse.

Gail acena para os dois homens que esperam na fila da frente. — Nós não costumamos interagir com os candidatos, mas uma vez que esta é uma audição incomum, vai ser um pouco de forma livre. Comece quando estiver pronta. — Ela balança a cabeça ao piano e toma seu assento.

Ivory se instala por trás do Steinway, seus dedos esfregando o charmoso sapo. Eu encontro uma cadeira lateral onde tenho uma vista direta para o rosto dela enquanto ela olha para o teclado.

Minhas pernas oscilam, e fico tenso pela quietude. O que ela vai tocar?

Neste momento, seu sorriso me lembra da “Silent Lucidity” de Queensryche[69]. Os cantos dos lábios se levantam em legítima posse, as suas feições arqueando-se em competência luminosa quando ela olha seu sonho diretamente nos olhos. Um sonho que está apenas começando.

Mas Queensryche não estará em seu repertório. Ela pesquisou Leopold durante anos e sabe que a audição requer peças padrão de concertos do século

19, os movimentos contrastantes de uma partitura de Bach não acompanhados, e arpejos em três oitavas com bloqueio duplo.

O que quer que ela escolha para tocar, ela pode fazer-lo com os olhos fechados.

Inclinando-se sobre as teclas, ela move os dedos e oscila em um prelúdio de queima lenta. Eu não reconheço imediatamente a nota. Não é barroca ou clássica... Minha respiração pega. É uma banda pop irlandesa.

Meu corpo inteiro trava, minhas mãos enrolando em volta do descanso de braço. Que diabos ela está fazendo?

Os acordes desesperados de Kodaline “All I Want” [70] enchem a sala com correntes pesadas de tristeza e positividade. As letras não ditas rabiscam em minha mente, uma mensagem que só pode ser interpretada como, *acabou, mas eu vou encontrar alguém. A vida continuará.*

É uma canção de rompimento.

Meu coração para, afundando no poço da negação conforme o piano ruge as notas pesadas na minha cabeça. Por que ela está tocando isso? É uma mensagem para mim?

*Olhe para mim, Ivory.*

Seus olhos piscam para mim e voltam para o teclado, um vislumbre rápido demais para ler. Eu sofro para que ela olhe para cima novamente, para me dar algo que vai me tirar desta nebulosa mente fodida.

Eu lhe disse que iria segui-la em qualquer lugar. Eu a trouxe aqui sabendo que ela iria entrar. Eu estou totalmente comprometido a voltar para New York com ela. Então, o que diabos ela está tentando me dizer? E por que ela está arruinando sua audição fazendo isso?

Os juízes mudam desconfortavelmente em seus assentos. A qualquer segundo, eles estarão interrompendo-a.

Isto tudo está errado. Não, não é errado. Há tanta paixão e profundidade na maneira como ela atinge essas notas. Sua execução é perfeita.

Mas a música não mostra seus talentos técnicos. Ela definitivamente não cumpre os requisitos da audição.

Gail levanta a mão em um movimento de parada, aborrecimento mordendo através de seu tom. — Senhorita Westbrook.

Ivory faz uma pausa, olhando para a mulher com expectativa.

Com um suspiro incomodado, Gail aponta para as paredes circundantes. — Esta é Leopold. Não Escola Pop.

Sutilmente, lentamente, os olhos de Ivory movem-se e se conectam com os meus. Nesse fragmento de segundo, eu vejo o coração da mulher que eu amo, e ele está sorrindo para mim com determinação radiante. É apenas um momento de contato com os olhos, mas sinto-a como se ela estivesse ao meu lado, me assegurando que tudo está certo em nosso mundo. Minhas veias tamborilam em meu pulso.

Ela sabe exatamente o que ela quer, e ela não está me contando. Ela está me mostrando da forma mais fundamental possível. Em uma audição que é o seu sonho. Através de uma canção que ela mais se identifica.

Eu mantenho uma expressão de indiferença e calmamente dobro minhas mãos no meu colo. Mas por dentro, estou tremendo sob o choque da descoberta. Ela não está terminando comigo. Ela está dizendo adeus a Leopold. O que eu não entendo é por quê? O que mudou?

Gail se recosta na cadeira. — Por que você quer ingressar nesta escola?

Com seus ombros para trás e coluna reta, Ivory levanta o queixo. — Para aprender com os melhores dos melhores.

— Entendo. — Gail ajusta os óculos. — O que você está procurando em um instrutor?

Ivory sorri, seus olhos em chamas. — Perícia, é claro. A mão firme para me empurrar. Uma mente não tradicional para expandir a minha própria. E disciplina. — Seu olhar se desloca para mim e de volta para os juízes. —Quando for necessário.

Sua resposta é dirigida a Gail, mas sei que essas palavras são para mim.

Eu incorporo todas as características que ela mencionou. Eu sou seu instrutor ideal.

A boca de Gail forma uma linha plana. — Leopold é uma escola tradicional, e nossa formação concentra-se em clássico, barroco...

Ivory se volta para o teclado e o busto se firma para a seção mais forte de Islamey de Balakirev.

Se ela não tem a intenção de ir à escola aqui, eu não sei o que ela está tentando provar. No entanto, a tremenda intensidade de seu desempenho bate através da sala com gosto. Não há nenhuma falta de ritmo, nota, erros dinâmicos. Cada som que ela produz é impecável.

Todos os três juízes inclinam-se para frente em suas cadeiras, os olhos arregalados, bocas separadas. Sim, eles estão impressionados. Eles devem estar. Eu aposto que eles nunca viram alguém tentar Islamey em uma audição, e muito menos recitá-lo com habilidade impecável.

Ivory encerra a peça curta e levanta uma sobrancelha para eles. Eu sinto meu orgulho varrer todo o caminho até os dedos dos pés.

Gail repousa os dedos sobre a boca, em seguida, suaviza o cabelo para trás. — Ok, Srta. Westbrook. Você tem a nossa atenção.

Usando um sorriso privado, Ivory se levanta, ajeita o vestido preto, e passa em direção a eles. — Eu passei toda a minha vida dizendo, ‘quero entrar em Leopold’. A maioria dos músicos não, sabe? Mas eu tenho ostentado pouco. Existem alguns instrutores de piano brilhantes fora destas paredes. Felizmente, eu posso passar os próximos, porém, muitos anos aperfeiçoando minhas habilidades sem me mudar para Nova York.

Meu coração bate tão alto que me pergunto se eles podem ouvi-lo em toda a sala. Subo para os meus pés e passo ao lado de Ivory, as mãos cruzadas atrás das costas, em apoio silencioso.

Gail está com sua expressão gravada em determinação. — Eu preciso conversar com meus colegas... — Quando os dois homens acenam para ela, ela endurece sua voz. — Ficaríamos honrados se você pudesse se juntar a nós.

Ivory acena. — Obrigada, mas eu já fiz a minha decisão.

Estendendo um braço, Gail entrega-lhe um cartão de visita. — É uma oferta aberta. Se você não encontrar o instrutor que você está procurando, este ano, no próximo ano, ou a qualquer momento no futuro, vamos ter um assento para você.

Adeus são trocados e Ivory e eu andamos em silêncio pelos corredores, batendo a cabeça com perguntas.

Quando chegamos a um pátio vazio do lado de fora, já não posso segurar minha língua. — Diga-me por que você fez isso. Que diabo mudou em sua mente?

Ela envolve seus braços ao redor da cintura dela e estremece contra o frio no ar. — Eu não quero viver aqui. Está frio demais.

Eu ouço o sorriso em sua voz, retiro meu casaco, penduro-o em seus ombros.

Ela toca na lã, mantendo seus passos no ritmo com o meu. — Quando eu estava sentada atrás daquele piano, imaginei como seria aprender de um instrutor, um mentor, que não fosse você. Então eu toquei a música que *me* encaixava em vez dos requisitos. Uma canção que expressa paixão e voz, algo que eu nunca senti através das notas de livros didáticos. Os juízes não aprovaram, e foi quando eu soube. — Ela pára e pisca para mim. — Se eu me matriculasse aqui, eu seria obrigada a me submeter à instrução de alguém que não me *conhece* enquanto pratico música que não me toca.

Espirais de calor espalharam-se através do meu peito, mas eu pergunto se ela considerou todas as ramificações. — Você não vai receber um grau sob a minha tutela. Se você ainda está intencionada em conseguir um assento na sinfonia, você não terá o pedigree e prestígio para colocá-la lá.

Ela encolhe os ombros. — Uma sinfonia, um teatro, um estádio... O onde, não é importante. Quero as luzes, o público, e a música. Eu acho que tenho muito a descobrir, e se verificar que o grau é necessário, eu vou buscá-lo. — Ela levanta o cartão de visita e sorri.

— É por isso que você tocou Islamey.

— Planos de backup são bons de obter. Nunca se sabe. O meu instrutor atual pode pousar seus olhos em outra estudante. — Ela sorri. —Professores do ensino médio têm uma maneira de se apaixonar rápido e ignorantemente.

Minha mão flexiona, queimando para bater contra a sua bunda. —Você me impressiona.

Ela sorri. — Eu tento.

À medida que serpenteamos para o prédio ao lado, eu dou-lhe uma excursão adequada. Seu interesse no campus concentra-se em onde eu passei o meu tempo ao invés de como as instalações iriam ajudá-la se ela mudasse de ideia. Ela parece bem e verdadeiramente em paz com sua decisão.

Desde que é fim de semana, os corredores estão escuros e vagos. Ainda assim, mantenho uma distância profissional, caminhando lado a lado, conforme eu indico meu lugar cativo favorito e compartilho memórias sobre as pessoas que eu convivia.

— Eu não entendo. — Ela me segue em um corredor sem saída. — Eu te conheço há oito meses, e eu só ouvi você tocar rock clássico no piano.

— Rock clássico?

— Guns N 'Roses, Megadeth, AC/DC... Quero dizer, essa é a sua praia, sendo assim como você lidou com a formação clássica aqui se você não está nela?

— Eu estava prestes a mostrar-lhe.

No final do corredor vazio, eu mexo a maçaneta da última porta. Ela abre, e eu arrasto-a para dentro, fechando e trancando-a atrás de mim.

Minha mão atinge o interruptor de luz na memória reflexiva, e a fluorescente vibra à vida.

A espartana, sala da prática à prova de som é grande o suficiente para segurar o piano vertical e duas pessoas. Ela olha em volta e me dá um olhar confuso.

Eu me inclino contra a vertical. — Passei todos os dias aqui, praticando

as músicas que eu gostava, sem a instrução rígida de meus mentores. Sentei-me ali com meus fones de ouvido e minha lista de reprodução no repeat. Este é o lugar onde eu me apaixonei por metal no piano.

Ela passa a mão ao longo do teclado coberto, avançando em direção a mim. — Todo dia? Neste piano?

— Sim.

Tirando o casaco, ela enrola-o sobre o banco. — Sozinho?

— Claro.

Ela para apenas fora do alcance do braço. — Alguma vez você trouxe uma garota aqui?

— Apenas uma. — Meu pau contrai. — Sua calcinha está em perigo de ser roubada.

— Eu não estou usando calcinha.

Porra, eu estou duro. Como é que eu perdi a sua boceta nua quando ela estava me montando na limusine?

Eu olho para a porta e lembro que a tranquei.

Um sorriso perverso torce seus lábios. — Você gozou aqui?

Eu tusso através de uma risada.

Ela dá um passo em frente a mim e aperta minha gravata. — Você gozou.

Eu totalmente fiz.

Ela olha para baixo no piano, mordiscando seu sorriso. — Aposto que você esguichou nas teclas. Gostaria de saber se há ainda...

— Você quer ver o meu gozo? — Eu aperto-lhe o pulso e seguro a palma da mão contra a minha ereção desesperada por alívio. — Você pode vê-lo escorrer para fora de sua boceta.

Minha outra mão vai para o seu cabelo, enredando-se nos fios grossos quando eu puxo a sua boca para a minha.

O beijo desliza passado de gentil e mergulhando direto para golpes duros e agressivos. Seus dedos me apertam através das calças, estimulando meus

quadris em movimento, balançando contra sua mão enquanto minha língua açoita e lambe sua boca. Mordo com força o seu lábio inferior e santo fodido inferno, as suas unhas cavam minhas bolas.

Eu giro-a para a parede carpetada, peito a peito, e fixo os braços acima da sua cabeça. Ela olha para mim, os lábios carnudos, sensuais, e inchados com luxúria. É esse olhar sexy-como-inferno que ela sempre me dá depois que eu beijo-a até o torpor. O tipo de beijo que faz com que todo o seu corpo pesado fique mole com o desejo.

Moendo meu pau contra sua boceta, eu paro a minha língua ao longo de seu pescoço. — Lembra-se da primeira vez que ficamos nesta posição?

Ela arqueia seu pescoço para minha boca. — No salão no primeiro dia de escola. Não é bem a mesma posição.

— Eu queria restringir-lhe apenas como agora e morder sua boca inteligente. — Eu afundo meus dentes em seu lábio inferior, sem piedade, e solto-a.

Sua respiração acelera. — Você me assustou muito naquele dia.

— E agora?

— Você me assusta de uma maneira diferente. — Ela beija o ponto sobre o meu coração, fazendo minha pulsação correr. — Da melhor maneira.

— Nivele as palmas das mãos contra a parede.

Quando ela segue o meu pedido, eu inclino meu peso contra ela, confinando-a enquanto eu abro o meu cinto, desesperado para soltá-lo. Cristo, eu preciso dela. Eu estou tremendo com a urgência de me enterrar dentro dela e empurrar duro, rápido e sem pedir desculpas. Eu não me importo mesmo onde estamos.

Deslizo minha calça e cueca para minhas coxas e agarro meu pau, acariciando com uma mão conforme eu arranco o seu vestido com a outra.

Meus dedos encontram-na nua, suave e encharcada. Graças a Deus, porque eu já estou fazendo fila e... Ahhh! Foda-se, o primeiro impulso dentro dela sempre rouba o meu ar. Ela é tão apertada, tão molhada e quente. Eu deixo,

não retendo enquanto bombeio nela, uma e outra vez, perdido no aperto confortável de seu corpo.

As mãos dela ficam na parede, as coxas tremendo contra a minha.

Eu a levanto, envolvendo suas pernas em volta da minha cintura, e dirijo meus quadris, profundamente, violentamente. — Eu, porra amo sua buceta.

Com um gemido, ela inclina a parte traseira, os tornozelos cruzados contra a minha bunda, aqueles olhos castanhos escuros dilatados e fixos em mim.

Meu corpo aperta com desespero para gozar. Ela se sente muito boa, pra caralho perfeita enrolada no meu pau. Quero explodir.

Eu aperto a parte de trás de sua cabeça e pressiono sua boca contra a minha. Não beijando. Eu estou muito selvagem e frenético para isso. Eu tranco nossos lábios, mantendo-nos firmemente junto, saboreando sua respiração, quando eu gemo e empurro e fodo-a ao clímax.

Seu peito se ergue através de uma série de crescentes gemidos, as mãos deslizando para cima e para baixo na parede. No instante em que aperta em torno de mim e seu corpo estremece na liberação, venho tão duro que minha cabeça gira. — Poooorra!

Eu largo minha testa dela e seguro-a contra a parede, preguiçosamente beijando e ofegante através das vibrações remanescentes de prazer.

Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço, lábios entreabertos e a minha provocação. — Você é tudo que eu quero.

Eu golpeio minha língua contra a dela. — Você é tudo o que eu preciso.

— Mmm. Eu amo isso.

Eu me retiro do calor do seu corpo, sabendo que estarei de volta até o final do dia. — Nós só temos vinte e quatro horas. Hora de ver a cidade.

Por meio da limusine, eu dou-lhe um rápido passeio pelo Central Park para a Estátua da Liberdade. Nós caminhamos nas ruas apinhadas da Times Square. Nós jantamos em um restaurante chique que eu tive que reservar com

dois meses de antecedência. Não é meu estilo, mas é algo que eu queria que ela experimentasse.

Tarde da noite, deitamos nus na cama na Suite Presidencial no Four Seasons Hotel. Eu estive dentro dela por tanto tempo que meu pau está dormente. Mas, em cerca de vinte minutos, eu vou estar duro novamente.

Ela me olha com suas pálpebras pesadas, com os braços estendidos acima da cabeça, pulsos amarrados juntos com o meu cinto. Ela não se incomoda de movê-los ou me pedir para desata-la. Eu não tenho certeza se ela tem a energia para falar.

Eu deslizo sobre suas curvas e beijo seu quadril, beliscando o osso com pressão suficiente para fazer tremer.

— Como você entrou... — Ela torce seus pulsos na manilha da correia. — Nisso?

Rastejando de volta até o seu corpo, eu desato a correia e massageio seus braços. — Quando eu tinha quinze anos, eu encontrei alguns livros guardados no escritório do meu pai.

Seus olhos se alargam, acordando em estado de alerta. — Como livros de sexo sujo?

Eu enrolo meus dedos em torno de um dos seus seios, segurando e rolando minha língua ao redor do seu mamilo. — Livros BDSM. Fetiches. Coisas do tipo Mestre/escravo. Eu estava instantaneamente, — "*Duro como uma puta pedra*" — Intrigado. Os próximos anos, eu pesquisei. Obcecado com isso. Mas eu não tinha coragem suficiente para tentar qualquer coisa até que eu fui para a faculdade.

A veia em sua garganta pulsa. — Com uma garota aqui em Nova York?

— Ninguém importante. Eu não me lembro do nome dela.

Ela relaxa contra os lençóis macios, seus dedos sem pensar vasculham meu cabelo enquanto eu lambo, beijo e acaricio seus seios. Ela é tão malditamente bonita que eu não posso manter minhas mãos longe dela.

Seus dedos ainda no meu cabelo. — Quais os riscos que você tomou

hoje? Se eu houvesse aceitado um lugar na Leopold, o que teria acontecido com o seu trabalho e a reitora?

— Os riscos são nulos. Eu quero que você se concentre em se formar. — Dou-lhe um olhar de aço. — Confie em mim.

— OK.

Trazê-la aqui não coloca a sua educação em risco. Eu sabia que os juízes iriam aceitá-la. Se Beverly Rivard é falsa pelas minhas costas, isso não impedirá Ivory de se formar na Le Moyne ou alcançar o futuro que ela quer.

Há apenas três semanas restantes na escola, e Beverly acredita que eu já empurrei a inscrição do Prescott além do processo de candidatura. Eu não fiz, e eu não vou. Ele vai entrar em um conservatório. Só não vai ser Leopold. No momento em que Beverly ficar sabendo, Ivory estará graduada e eu vou ter a minha demissão entregue.

Eu fiz um monte de exame de consciência ao longo dos últimos meses. Ivory quer aprender, e eu quero ensinar. Nós vamos chegar nessas coisas um do outro. Então?

Ela tem uma imagem muito específica do que seu objetivo final parece... As luzes, o público, a música. Minhas aspirações não são muito diferentes.

Eu sei exatamente como vou fazer nossos sonhos se alinhar.

# 46
# EMERIC



Na segunda-feira seguinte a nossa viagem para Nova York, eu me encontro sentado no escritório de Beverly Rivard, trocando olhares com ela do outro lado da mesa. Eu não tenho idéia do por que estou aqui, só que fui convocado após o segundo período. É sobre Leopold? Andrea Augustin? Prescott? Cada possibilidade é uma intrusa vingativa tentando penetrar minhas defesas e roubar o meu futuro com Ivory.

Nos oito meses em que conheci Ivory, tem sido uma guerra maldita, o mundo inteiro contra ela e eu. Mas Shane está posicionado, trabalhando em sua patente para montar uma equipe, no Tennessee. Lorenzo ainda é MIA[71], meu investigador particular tem vergonha de relatar que a pista esfriou.

Eu estive esperando pelo pontapé final.

Beverly prolonga o silêncio, observando-me com olhos afiados, provavelmente uma tentativa de deixar-me desconfortavel.

Eu estou lutando uma batalha de alta adrenalina em meu interior, mas eu seguro minha postura frouxa e forço um olhar entediado no meu rosto.

Ela endireita as longas mangas do paletó e dar pancadinhas no coque acinzentado em sua nuca. Quando ela termina de se envaidecer, ela olha por baixo do nariz para mim e funga. — Eu tenho uma notícia infeliz.

Seja o que for, ela parece absolutamente soberba sobre isso. Isso não

augura nada de bom para mim.

Eu resolvo recostar na cadeira com descontração exagerada.

Ela desbloqueia o tablet na mesa e encontra meu olhar. — Uma de suas alunas foi expulsa esta manhã.

Tenho dezenas de estudantes, mas no fundo eu sei, *eu porra sei* quem ela quer dizer, e é um soco excruciante no estômago.

O segundo soco vem quando ela gira o tablet e desliza-o sobre a mesa.

Um vídeo sem som toca na tela. É granulado e escuro em torno das bordas, mas o palco do teatro Le Moyne brilha sob as luzes do teto. Na frente e no centro está Ivory, passando pelo piano em um vestido impresso com margaridas amarelas e brancas.

Eu presto atenção com horror quando ela pisa fora do palco, caminha até a borda da tela, e se ajoelha entre um par de pernas nuas. Escuridão encobre tudo na frente dela. O rosto, roupas, sapatos, nada identifica a pessoa sentada nas sombras da primeira fila.

Mas eu me lembro do olhar sedutor em seus olhos antes que o vídeo mostrasse isso. Lembro-me de suas palavras antes que seus lábios se movessem silenciosamente na tela.

*Eu me rastejo para você. Curvo-me a você. O que você quiser, eu quero. Apenas... Dê-me isso.*

Meu interior endurece em brasas ardentes, sibilando vapor por dentro de minhas veias. Se o olhar de Beverly não estivesse queimando dentro de mim, se as consequências deste vídeo não estivessem me fervendo em fúria combustível, gostaria de ver o resto dele com um pau duro e um sorriso com fome. Em vez disso, eu me forço a vê-lo como o homem que Beverly pensou que ela contratou. Um professor cansado, insensível que só se preocupa com sua própria agenda.

Eu ritmo minha respiração e mascaro a minha expressão, cotovelo no braço da cadeira, queixo apoiado em uma mão vagamente. Eu gostaria de desligar o vídeo, mas eu preciso saber se o ângulo da câmera me capturou

quando saí.

As imagens mostram um lado indistinguível do cabelo de Ivory e sua cabeça balançando para cima e para baixo em um colo. Ele termina com ela após uma silhueta obscura no escuro.

Nada no vídeo me incrimina. Difícil de encontrar alívio nisso, quando Ivory foi expulsa da escola a apenas três semanas de sua porra de graduação.

Beverly estuda meu rosto, a boca comprimida em uma linha. Ela está procurando por uma reação minha. É preciso cada pingo de controle que tenho para não dar-lhe um disparo rápido de perguntas crivadas em meus pensamentos com buracos sangrando.

Eu não sou o único professor de Ivory, mas eu aposto que eu sou o único que Beverly chamou para uma visualização do vídeo. O que ela sabe? A filmagem é de cinco meses atrás. Há quanto tempo ela sentou sobre isso? Por que ela está apenas a usando agora?

Algumas dessas respostas podem revelar-se se eu entender como e por que o teatro foi equipado com uma câmera ao vivo.

Eu ergo a minha cabeça. — O consentimento assinado dos pais é exigido por lei para fotografar ou filmar um estudante, especialmente quando se invade sua privacidade. O que você está pensando? Você sabe que essas leis estão lá especificamente para proteger más condutas de estudantes da atenção do público.

Ela vira seu olhar para o tablet na minha frente. — A escola não colocou câmeras. Foi um dispositivo pessoal de alguém.

Aí vamos nós. Esse alguém é, ou Andrea Augustin ou Prescott. Ambos sabiam que mudei as lições de Ivory para o teatro, e ambos têm um motivo para me foder. Mas se eles armaram pra mim, saberiam que eu estava na filmagem.

Meu pulso se precipita quando eu empurro um tom desapaixonado através da minha voz. — Tentaram interrogar a Senhorita Westbrook antes de a mandaram para casa?

— Sim, claro. Ela se recusou a... Participar.

— Explique.

— Ela não disse uma palavra depois que eu mostrei-lhe o vídeo. — Ela encolhe os ombros. — É o seu funeral.

Cristo, Ivory deve estar pirando lá fora agora. Por que não me chamou?

Minha temperatura sobe, mas eu mantenho uma fachada fria. — Ela não lhe disse a identidade do menino no vídeo?

Beverly bufa. — Ela não respondeu a nenhuma das minhas perguntas.

Em um caso de aluno-professor, o aluno é vítima e, portanto, imune à punição da escola ou ação penal. Tudo que Ivory tinha que fazer era dizer o meu nome, e eu já teria sido exonerado.

Em vez disso, ela deixou Beverly assumir que sua má conduta sexual foi com outro estudante, sabendo que resultaria em sua própria expulsão. Quatro anos no Le Moyne, e ela desistiu de seu diploma do ensino médio. Um diploma do Le Moyne. Um que seu pai sacrificou tudo para ela receber.

E ela se afastou dele.

*Para me proteger.*

Vou corrigir isso agora.

— Esse sou eu. — Eu toco na tela do vídeo.

Beverly pisca. — Sr. Marceaux...

— Certamente você descobriu isso com base no tamanho substancial do pau. — Eu sorrio. — Eu posso puxá-lo para fora se você precisa de provas.

Ela parece que vai vomitar, mas abaixo do desgosto, não há uma sugestão de choque. — Eu não sei o que você está fazendo, mas eu não acredito por um minuto que você pretende arruinar sua carreira e ir para a cadeia por essa... Essa... — Ela estremece com meu olhar assassino. — *Menina.*

A evidência de quão profundo eu irei por Ivory está apodrecendo no fundo de um pântano da Louisiana.

Eu puxo o telefone do bolso e chamo-a.

Beverly estica um braço por cima da mesa. — O que você está fazendo?

— Emeric. — O som da voz encharcada de lágrimas de Ivory faz um buraco dentro do meu peito.

Eu pressiono o telefone apertado ao meu ouvido. — Onde você está?

— Sentada no estacionamento. — Seu tom sobe uma oitava. —Oh Deus, Emeric. Eu queria chamá-lo, mas eu estava com medo que você estaria com a reitora...

— Eu estou com ela agora. — Eu sorrio com a visão de Beverly violentamente moendo sua mandíbula. — Volte para dentro.

— Mas eu...

— Você não está expulsa. Venha diretamente para seu escritório. — Eu termino a chamada.

Beverly empurra para frente, as mãos sobre a mesa e olhos duros e afilados. — Eu vou te entregar às autoridades.

Só que ela não tinha feito a chamada ainda.

Porque ela ainda precisa da minha referência para Prescott. E porque má conduta entre um aluno e professor seria má publicidade para Le Moyne.

— Vamos chegar ao ponto, Beverly. — Eu coloco o telefone no meu joelho e tamborilo os dedos contra ele. — É claro que você puxou este vídeo fora de seu arsenal para se livrar de Ivory. Diga-me por que você escolheu, hoje, de todos os dias, para fazê-lo.

Ela endireita e desenha uma respiração profunda. — Eu recebi um telefonema perturbador na noite passada. — Um rubor zangado aflora em seu pescoço. — Você a levou para Leopold. Para uma audição.

Minhas suposições estavam certas sobre sua dupla conexão. — Quem te chamou?

— Alguém que tem acesso aos registros de admissão. A faculdade Leopold está em um alvoroço sobre a jovem virtuosa do Le Moyne. No entanto, não há uma pessoa que tenha mencionado o nome de Prescott.

Vou sair do limbo aqui. — Prescott configurou a câmera e deu-lhe meses atrás. Você não quis usá-la, porque você não queria um escândalo. Agora

você está em pânico, porque você percebeu que eu não tenho nenhuma intenção de empurrar o seu filho inútil após as audições.

Um, ele não é bom o suficiente para Leopold. Dois, eu chamei a atenção para mim mesmo após a audição de Ivory. A faculdade Leopold iria questionar por que eu não trouxe Prescott para uma boa audição. Alguém iria cavar, e isso levaria ao envolvimento da minha mãe.

Beverly me chamou para que ela pudesse entregar a *lamentável notícia* de Ivory e regozijar-se por ter a mão superior. Ela esperava que eu deixasse Ivory tomar a queda sozinha e empurrasse Prescott para manter o meu trabalho.

Agora, em um aperto fraco em palhas, ela está ameaçando chamar as autoridades. Exceto pelo vídeo não me envolver.

Ela nada tem.

Eu puxo o tablet mais perto e lanço um browser. — Ivory vai se formar a partir do Le Moyne, e você irá tratá-la com o maior respeito.

— Não! — Beverly me olha tão duro. Eu acho que seus olhos poderiam estourar. — Quero ela fora da minha escola.

Registrando em uma plataforma de armazenamento em nuvem, eu acesso a conta que configurei no caso de Beverly decidir ser uma cadela.

Chutar Ivory fora da escola? Definitivamente uma cadela.

Eu sigo até o primeiro vídeo e ligo o tablet, de preferência, apreciando a virada simbólica de mesas.

Beverly arrebata-o da minha mão. Enquanto ela olha para a tela, os dedos apertam em torno do invólucro de plástico.

Um punho bate suavemente na porta.

Deixo Beverly assistir seu marido cravar a bunda de Deb e abro a porta. Encontro-me com enormes olhos castanhos, avermelhados e inchados.

Ivory entra em silêncio. Eu fecho a porta, emaranhando nossos dedos juntos, e guio-a a uma das cadeiras em frente à mesa de Beverly.

Nós nos sentamos lado a lado, de mãos dadas. Ela move o olhar de nossos dedos para Beverly, em seguida, para o meu rosto, as sobrancelhas

erguendo em questão.

Eu gostaria de beijá-la, mas poderia empurrar muito. — Beverly estava prestes a dizer-lhe para voltar para a aula.

Beverly olha para cima da tela, sua tez numa folha em branco. Ela não chora, se enfurece ou congela. Eu suspeito que ela já saiba que seu marido enganava-a. Mas, dada a sua forte necessidade de manter uma imagem que cative e impressione todos ao seu redor, ela não quer que ninguém saiba que seu casamento é uma pilha fumegante de merda.

Eu imagino que exatamente agora ela está mentalmente cagando conforme ela pensa sobre as consequências se esses vídeos algum dia vierem a público. Sua carreira como reitora? Fodida. O rosto de seu marido em todos os comerciais de carro? Sempre associado com o dinheiro na bunda de Deb. Conexões de Prescott para outras faculdades? Tão inútil quanto a sua capacidade musical.

Com um olhar de derrota, ela desliga o tablet e coloca-o para baixo. — O que você quer?

Eu aperto a mão de Ivory. — Eu já te disse.

Beverly define sua mandíbula. — Eu não posso permitir isso... — Ela acena com a mão entre nós. — Para continuar na minha escola. Termine as coisas com a Srta. Westbrook.

*Como o inferno.* Mas estou disposto a fazer concessões. — Ivory permanece. Vou apresentar a minha demissão imediatamente.

Ivory se encolhe ao meu lado. — Emeric, não...

Eu circulo meus dedos ao redor do seu pulso em uma manilha apertada, lembrando-a de confiar em mim. Eu a tenho.

Meu olhar inabalável estreita em Beverly. — Diga à Ivory para voltar para a aula.

Beverly olha para mim do outro lado da mesa, os olhos, dois caldeirões profundos de ódio. — Srta. Westbrook, volte para a aula.

# 47
# IVORY



Eu acordo da mesma forma que faço quase todas as manhãs. Sonolenta, feliz, excitada. Exceto que hoje é diferente.

Hoje, eu sou uma sonolenta, feliz, excitada graduada em Le Moyne Academy.

A cerimônia de ontem foi realizada no teatro do campus. O mesmo teatro que quase me custou esse diploma. Stogie e os pais de Emeric estavam lá. A decana exigiu que Emeric não mostrasse seu rosto, embora eu esteja certa que vislumbrei seu fedora no meio da multidão. Quando eu perguntei a ele sobre isso, ele me beijou em um estupor quente, grudento. Eu adoraria um daqueles beijos agora.

Eu acochego-me atrás de mim, esperando chocar-me com a sua pele quente. Em vez disso, eu encontro cobertores frios e vazios.

Soprando um suspiro, eu sento e olho para o relógio. *7:13.*

Maldito seja ele. Ele me disse que os exercícios matinais iriam parar. Eu odeio acordar sozinha.

Eu saio da cama, enrolo um manto em volta do meu corpo nu, e parto para encontrá-lo.

Dez minutos mais tarde, eu venho para cima sozinha e verifico a garagem. O GTO está desaparecido. Talvez ele esteja pegando o café da manhã?

Quando eu me viro para a cozinha, algo se move na minha visão periférica. — Diabos?

Eu giro, assim como uma pequena raia negra dardeja em todo o chão e desaparece em torno da ilha. Existe um rato na casa?

Cautelosamente, eu vou à ponta dos pés em torno do canto e suspiro. — Oh, meu... O quê? — Eu cubro meu sorriso com os dedos trêmulos.

Um olhar para aqueles olhos amarelos brilhantes transforma minha visão em um borrão molhado.

Um gatinho. Ele trouxe para casa um gatinho. Minha garganta fecha-se.

Pele preta carvão cobre o corpo do gato dos picos das orelhas à ponta da cauda. Eu pressiono meus lábios juntos quando um soluço sobe.

Na próxima pulsação, estou chorando. Uma confusão maldita de choromingos encharcados, coriza, e soluços ruidosos sem razão que faça sentido. Eu fiz a mesma coisa quando meu pai me deu Schubert.

Eu limpo o meu rosto com as costas das minhas mãos e lentamente me abaixo em um agachamento, cuidando para não assustar... Ele? Ela? Conhecendo Emeric, ele iria querer outro homem na casa.

Excitação corre através de mim quando eu espio dois amuletos pendurados no colar preto.

Eu ofereço minha mão em saudação. Ele cheira os dedos, marca-os, e me marca como sua. Eu derreto.

Escavando-o, eu o acaricio contra o meu pescoço e afundo no ronronar vibrante. Eu senti tanta falta disso.

Com dedos trêmulos, eu examino os amuletos de prata. O primeiro é uma etiqueta de identificação redonda com um nome gravado. *Kodaline.*

A música da banda pop irlandesa que toquei na minha audição.

Balanço a cabeça, sorrindo. Deus, eu amo esse homem demais.

O segundo amuleto é um medalhão em forma de coração com uma clave de sol elevada na frente. Eu abro o trinco e uma pequena nota dobrada cai na palma da minha mão.

Deslizando para o banco mais próximo, eu defino Kodaline no meu colo e abro o pedaço minúsculo de papel.

É um endereço no Bairro Francês. Rabiscado após o nome da rua em sua caligrafia masculina sexy está escrito: *Não me deixe esperando*.

O que ele fez agora?

Eu sorrio quando tomo banho, arrumo meu cabelo, e deslizo em um vestido rockabilly[72] ocasional preto com estampa rosa e cinza. O corpete sedutoramente abraça meu decote. Um laço sedutor abraça a cintura, e a saia repousa nos joelhos. Eu combino-o com sapatos vermelhos pin-up macios e saltos tão confortáveis como pode ser de qualquer maneira. Sapatos sem saltos seriam mais prático, mas eu quero ter uma boa aparência para ele, para o que ele tem planejado.

Meu sorriso cresce mais e mais em toda minha arrumação, fazendo o meu rosto doer em sua recusa a ir embora. Sorri é tanto uma parte de mim, como as roupas que ele escolhe com a dor que ele me presenteia com ela, e a música que ressoa no meu coração.

Com o endereço no GPS do meu telefone, eu sigo as instruções para um lugar onde tem um café da manhã popular no Bairro Francês. A brisa morna beija meu rosto enquanto eu ando depressa ao longo da passagem de laje, cercada pelo ambiente da história e arquitetura marcante de Nova Orleães.

Luz solar reflete ao largo dos campanários, empenas, e telhados com coberturas vermelhas. Orvalho se agarra aos postes de iluminação a gás. Turistas ansiosos se reúnem em torno dos vendedores que armam barracas sob as árvores que florescem em Jackson Square. É uma bela manhã do sul. Como poderia eu me afastar de tudo isso?

Eu entro no restaurante e imediatamente avisto-o em uma mesa de canto tomando seu café. Seus olhos azuis encontram os meus, e pela segunda vez esta manhã, eu derreto.

Ele me observa atentamente quando eu atravesso a movimentada sala

de jantar, seu olhar vagando acima e abaixo e dentro de mim.

Quando eu chego à mesa, ele se levanta e enlaça nossos dedos. — Você está deslumbrante.

Seu cabelo preto em mechas desgrenhadas cai sobre os lados cortados, sem dúvidas molestadas pelos seus dedos desde o momento em que ele acordou. Sua camisa de botão azul cobalto corresponde a cor dos seus olhos e encontra-se aberta ao longo de uma camiseta branca. O jeans relaxado da calça que se encontra baixa em seus quadris cônicos, um ajuste tão perfeito, é como se cada fio foi tecido para abraçar seus passos de pernas longas e embalar seu bojo impressionante.

Ele se parece com um homem que tem a intenção de passar o dia a passear ao longo do cais. Talvez seja esse o plano?

— Você parece muito legal mesmo. — Eu sorrio para ele. Ao invés de sentar em frente a ele, eu sego-o ao seu lado, envolvo meus braços ao redor de seus ombros largos, e mantenho meus lábios nos dele. — Obrigada por Kodaline.

— Amigos rápidos, eu presumo?

— Amor instantaneo.

Ele orienta a conversa através do café da manhã, mantendo o bate-papo descontraído e despretensioso. Ele não me disse como passou minhas últimas três semanas da escola, mas todo o seu comportamento tem sido focado e alimentado com um propósito. Quando eu pergunto, é sempre a mesma resposta. *Confie em mim.*

Estou recebendo esse olhar agora, a espero para ver o brilho nos seus olhos. Não me importa o que ele está escondendo de mim. Eu estou contente em simplesmente desfrutar de sua companhia, segurando sua mão como sua namorada e beijar seus lábios em público. Não mais se esconder ou viver com medo. Nós estamos finalmente livres.

Depois do almoço, passeamos ao longo das ruas estreitas do Bairro Francês, dedos entrelaçados, compartilhando persistentes olhares e sorrisos.

Com lojas abaixo e casas acima, as linhas dos edifícios deslumbram com os suportes de ferro redondos forjados a mão, colunas jônicas caneladas e famosas varandas por suportar arremessamentos.

Ele pára na frente de uma dessas estruturas, puxa um chaveiro do bolso, e inclina a cabeça para cima. Eu sigo o seu olhar e perco o fôlego.

Uma enorme placa, rodada pendurada em correntes de metal debaixo da saliência imponente. Emoldurada em arabescos pretos de ferro forjado, o nome da empresa deixa a minha boca seca.

EMERIC E IVORY

DUELOS DE PIANO BAR

Minha respiração retorna em uma lufada, apenas para ser levada novamente quando Emeric me pega fora de meus pés. Embalando-me contra seu peito, ele abre a porta de vidro e me carrega além da porta.

— Puta merda. — Meu coração bate. Meus braços tremem. Meu corpo inteiro flutua através de um sonho. — Como você...? Quando você...? Isto é nosso? Eu não posso sequer...

— Fácil. — Ele me põe para baixo com as pernas bambas e tranca a porta atrás de nós. — Obtenha respirações profundas.

Meu peito se ergue quando eu torço nas paredes profundas de mogno, espelhos góticos, e pisos de mosaico preto e marfim. É elegante e sofisticado, na moda e salão de cocktails. Mesmo no coração do Bairro Francês, só o valor da propriedade neste lugar deve ter custado milhões. Eu estou chocada em silêncio estupefata.

Dois pianos de cauda encontram-se em uma plataforma no centro, com as faces em extremidades opostas. Os teclados estão juntos o suficiente para compartilhar o banco comprido entre eles. Estes serão os nossos pianos? Onde vamos tocar juntos? Com as luzes, o público, a música?

— Oh meu Deus, Emeric. Belisque-me.

Ele faz mesmo no mamilo, com força suficiente para fazer-me ganir.

Levando-me para o ornamentado bar ao redor, ele se inclina contra a borda. — Quando eu o comprei há alguns meses, eu tentei encontrar uma brecha, mas por causa disto... — Ele faz em gesto de aspas com os dedos “nas prateleiras de bebidas alcoólicas na parede” — seu nome não estará na licença de negócio até que você esteja com vinte e um. — Ele levanta a mão e pressiona um beijo nos meus dedos. — Até então você vai ser a Sra. Ivory Marceaux.

Meu coração canta uma melodia desmaiando. — Você tem certeza disso?

— Pode apostar sua doce bunda. — Ele bate a palma da mão contra a minha bunda com uma pancada ecoando. — Vá explorar.

Há tanta coisa para apreciar. Eu estou tremendo através do significado disso. Um piano bar. Assim como meu pai.

Arrepiada, lágrimas de alegria caem pelo meu rosto quando eu faço um circuito em torno do topo das mesas altas, cadeiras de veludo vermelho macios, e sofás de couro preto. Lustres de luz de velas iluminam o espaço em um brilho quente. E os pianos...

Faço uma pausa ao lado de um dos Steinways, e meu dedo encontra instantaneamente um arranhão familiarizado na tampa. Meu olhar aguado agarra o de Emeric no outro lado da sala.

Apoiado no bar, ele desliza um chiclete na boca e cruza os tornozelos. — Eu comprei no dia em que conheci Stogie. É seu.

Eu olho para trás ao piano e engulo em torno da felicidade engrossando na garganta. — Você vai me fazer chorar feio.

— Eu vou te comprar um piano todos os dias para o resto de sua vida só para ver suas belas lágrimas. — Ele anda em minha direção, com as mãos cruzadas atrás das costas.

Aquele olhar em seus olhos, a devoção bordada em desejo, é o meu foco central, minha nota musical, o que induz a onda perfeita de vibrações dentro de mim, me equilibra.

Ele move-se atrás de mim, desliza um braço em volta da minha cintura e me segura contra ele, seu pau endurece contra a minha bunda. —Stogie vendeu sua loja.

Eu olho para ele, assustada.

Ele escova sua boca contra a minha orelha. — A dor na bunda não vai se aposentar, mas nós trabalhamos em algo. Ele está me ajudando com o inventário e contratação, e eu o coloquei em uma daquelas Creole townhouses[73] a uma quadra.

Superada com emoções, tento decifrar meu cérebro, a análise através de tudo o que ele fez e o futuro que está espalhado diante de mim. — E sobre o seu ensino? Como é que este bar cumpre isto?

— Eu ainda tenho você. Quando você me superar...

— Eu nunca vou superar você.

— ... Há um segundo andar completo com uma entrada separada na parte de trás. Vou abrir uma Escola de velhos-caras do rock para o público e ensinar metal no piano.

Uau. Ele pensou em tudo, o que me deixa com apenas uma coisa a dizer.

*Obrigada.* Eu poderia vocalizar isso um milhão de vezes, mas eu não preciso. Ele vê os lágrimas salgadas que percorrem pelo meu rosto. Ele sente o tremor do meu corpo contra o dele. Ele ouve o apito correndo em minha respiração.

As palavras não são necessárias porque temos algo melhor. Nossas próprias notas. Somos apenas nós e nossa música, a música pulsando entre nós, nutrindo, fundindo e fazendo de nós um.

Ele me vira em seus braços e me agarra firmemente contra ele. Eu tranco minhas mãos atrás das suas costas, descanso minha bochecha na parede quente do seu peito, e fecho os olhos enquanto ele nos balança para a batida de nossos corações. Em breve, vamos fazer isso, aqui mesmo, enquanto a multidão

aplaude e grita e pede por um bis.

Eu suspiro. A realidade é melhor do que qualquer sonho que eu imaginei.

Ele conecta um dedo embaixo do meu queixo, elevando meu rosto, e coloca sua boca na minha. Ele tem gosto de canela e desejo, os lábios firmes, um conforto devorador de familiaridade.

Ele me passa seu chiclete com um rolo de sua língua. O próximo curso de varredura ele recupera-o. A mordida de seus dentes no meu lábio nos mantém juntos.

Suas mãos deslizam por baixo do vestido e prendem nas costas das minhas coxas, levantando-me para a beira do piano para que ele possa aprofundar o beijo. Assim, ele pode provocar os dedos entre as minhas pernas. Assim, ele pode rasgar...

Lá se vão as minhas calcinhas, um pingo de seda atirada atrás dele.

Eu agarro seu cabelo sexy enquanto seus dedos afundam dentro de mim, meu interior está em tumultos sob o carinho sensual de seu toque. Sua outra mão puxa para baixo o corpete do meu vestido. Em seguida, os lábios estão lá, enrolados no meu mamilo, sugando-o profundamente em sua boca quente.

Minha cabeça cai para trás, minha espinha curvando-se contra o agarre de seu braço nas minhas costas quando gemidos derramam da minha boca. Jesus, ele sabe como trabalhar os dedos. No piano. Na minha boceta. Em volta do meu coração.

Eu amo este homem. Eu o amo, e quando ele estiver com noventa e eu oitenta, eu ainda vou amá-lo. Eu sorrio para a imagem de seu corpo enrugado.

Seus olhos levantam aos meus e sua boca libera meu mamilo. — O que é tão engraçado?

Eu traço a curva molhada de seu lábio com um dedo. — Quando você estiver velho demais para levantá-lo, eu ainda te amarei...

Ele enrola seus dedos dentro de mim e coloca seu rosto no meu, arreganhando os dentes em um sorriso malicioso. — Viagra, querida.

Eu balanço minha cabeça. Ele tem uma solução para tudo.

Ele remove os dedos de dentro de mim e aborda o botão do seu jeans. — Eu passei todos os dias aqui pelas últimas três semanas. — Ele baixa seu zíper e puxa a saia do meu vestido para fora do caminho. — Todos os dias imaginando a fodendo aqui, apenas como isto.

— Você poderia ter me dito. — Eu equilibro na borda do piano, minhas pernas nuas tremendo em torno de seus quadris. — Eu viria.

— Oh, Ivory. — Ele entalha a ampla cabeça de seu pau contra a minha boceta. — Você vai vir.

Seu olhar detém o meu quando ele empurra. Um gemido profundo baixo resoa em seu peito.

Prazer inunda meu corpo em torrentes de açoites, um em cima do outro, reunindo em uma névoa esmagadora de necessidade.

Ele me beija apaixonadamente quando nossos corpos deslizam juntos, balançando contra a borda do piano. Meus dedos afundam em seu cabelo. Nossas respirações se misturam em uma harmonia de gemidos ofegantes, e meus quadris absorvem o impacto dos seus enquanto ele nos fode freneticamente.

Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ele envolve uma mão ao redor da minha garganta. Ele aperta, e eu choramingo feliz contra a pressão.

Eu amo o jeito que ele me segura. — Mais forte.

Seus dedos apertam, e ele dirige seus quadris mais rápido, implacável em sua urgência.

Nós tencionamos para todos os outros agarres, as mãos, os olhos fixos à medida que subimos perdidos em nosso mundo particular de notas e sonhos.

48
IVORY



## Três anos depois.

Pessoas de todo o mundo vêm para o French Quarter para se alimentar, para cultura e música. Bourbon Street é uma festa sem fim, dia e noite. Nosso duelo de piano bar fica bem no centro disso, crescendo com o excesso de turistas entusiasmados. Na maioria das noites, a fila da porta serpenteia em torno de duas quadras.

O som da risada, vidros tinindo, e os sapatos arranhando carregam a atmosfera de excitação. Estamos tão cheios esta noite, o calor do corpo combinado sufoca o ar, fez o ar mais quente pelas luzes brilhantes acima de mim.

Eu tremo só com nervos felizes e levo um longo gole da minha cerveja, devolvendo-a para a prateleira no meu piano.

Stogie fica atrás do bar, tão antigo como as vigas de noventa anos, sorrindo um sorriso jovial. Laura e Frank Marceaux tomam a sua bebida na área de estar, cercados por seus amigos.

Compartilhando o banco ao meu lado, Emeric enfrenta o outro lado, a mudança de seu quadril, criando um deslizamento agradável contra o meu.

Nossos pianos se posicionam em direções opostas e um pouco fora do

centro para permitir margem de manobra conforme vamos tocar lado a lado.

Ele se inclina para trás contra o teclado do meu piano, seus olhos varrendo o meu vestido na cor marfim. — Você parece boa o suficiente para comer hoje à noite, Sra. Marceaux.

Eu olho em seus jeans, camiseta branca e o chapéu fedora de feltro cinza, e malditamente perto, ronrono com satisfação. — Espero que você esteja com fome, Sr. Marceaux.

— Infinitamente. — Ele lança para mim, agarrando meu cabelo e me dando um beijo tão escandaloso que a multidão explode em assobios e vaias.

Quando ele quebra o beijo, meu corpo nada em seu calor persistente.

Concentro-me em seus olhos azuis brilhantes. — O que estamos duelando em primeiro lugar?

Sorrindo, ele pousa os dedos em seu teclado e cutuca o ombro contra o meu. — Guns N´Roses.

Eu inclino meu sorriso para cima e tremo sob as luzes. — E Kodaline.

Em seguida, a música começa...

# PLAYLIST

Scriabin’s Sonata No.9

“Toxicity” by System Of A Down

Balakirev’s Islamey

“Patience” by Guns N’ Roses

“Nothing Else Matters” by Metallica

“Symphony of Destruction” by Megadeth

“Smells Like Teen Spirit” by Nirvana

“Comfortably Numb” by Pink Floyd

“I Will Follow You Into the Dark” by Death Cab for Cutie

“All I Want” by Kodaline

# Notes

[←1]

**Alexander Nikolayevich *Scriabin*** *foi um compositor e pianista russo nascido em Moscovo, em 6 de janeiro de 1872 (OS: 25 de dezembro de 1871). As suas principais influências foram Frédéric Chopin e Richard Wagner. Scriabin foi um dos mais inovadores e mais controversos compositores modernos.*

[←2]

Estilo de casa de quartos que estão conectados sem um corredor (muitas vezes com um único piso).

[←3]

Os tradicionais *pianos Steinway* dispensam apresentação, a *marca* é reconhecida mundialmente e requisitada pelos melhores pianistas, teatros e instituições.

[←4]

Marca de Sapatos - Os *sapatos Dr*. *Martens* revelam as influências punk da grife.

[←5]

O **Estudo Transcendental Nº2 "Fusées" ou "Molto Vivace" em Lá Menor** é o segundo dos Estudos Transcendentais de Franz Liszt. É um Estudo que trabalha as alternâncias das mãos, os saltos, as progressões, dentre outras partes da técnica pianística.

[←6]

Uma classe que quase todo mundo falha devido a uma recusa de "vestir fora.”

[←7]

Ar-condicionado.

[←8]

Uma demonstração de base da escala D-flat maior no piano.

[←9]

Hipsters são uma subcultura de homens e mulheres normalmente em seus 20 e 30 anos que valorizam o pensamento independente, contra-cultura, política progressiva, uma apreciação da arte e indie-rock, criatividade, inteligência e brincadeiras espirituosas. Hipsters rejeitam atitudes culturalmente ignorante de consumidores em geral, e são freqüentemente vistos usando modas inspiradas, jeans apertados, tênis da velha escola, e oculos, por vezes, de Armação Grossa.

[ ← 10]

Aqui a autora faz um trocadilho com a palavra idiota — Dickhead. E pau — Dick.

[ ← 11 ]

Pagina onde constam os dados pessoais do aluno.

[ ← 12]

Ao longo do sistema Classificado para determinar a inteligência de alunos, mas de vez em quando ele faz refletir o poder do cérebro de uma pessoa.

[←13]

Avaliação de estupidez. Um teste dado na escola que julga seu valor como ser humano. Quanto menor a pontuação, mais dispensáveis você é para o governo.

[ ← 14]

Citação de Johann Sebastian Bach.

[←15]

Uma pessoa que age favoravelmente com seus superiores para ganhar estátus que irá, eventualmente, ser usado para sua vantagem. Tais como um aumento, promoção, ou aceitação em um grupo. Normalmente brown-noser fará qualquer coisa para ganhar a aprovação de sua pessoa de escolha. Algo como um puxa-saco.

[←16]

Um termo na música.

[←17]

Uma expressão para mostrar surpresa ou de exclamação.

[←18]

É uma palavra latina que significa "antes da guerra".

[ ← 19]

Touching base — *ter relações sexuais com sua namorada, esposa ou qualquer um em base regular.*

[←20]

Um tipo específico de motocicleta, geralmente distinguido pela sua aerodinâmica 'corcunda-over' lugar sentado e alta relação potência-peso.

[←21]

Escola em tempo integral do ensino médio.

[←22]

Carros que foram construídos nos Estados Unidos por empresas norte-americanas a partir do final dos anos 50 até 1972, durante a crise do petróleo, onde todos eles sugavam, que na década de 80 começou a pegar novamente com o Mustang corpo raposa, capri mercúrio, camaro IROC, monte carlo ss, e Buick Grand National.

[←23]

Antonio Giacomo Stradivari - aperfeiçoado a arte inconfundível de fazer instrumentos de corda, como violinos, violas e violoncelos, contrabaixos, violões e harpas. Conhecido pelo nome latinizado de Stradivarius, foi um inventor instrumentista italiano nascido em Cremona (onde viveu durante toda sua vida), ducado de Milão, famoso por seus instrumentos de sons perfeitos e célebre fabricante de violinos.

[←24]

*O **staccato** ou «destacado» — designa um tipo de fraseio ou de articulação no qual as notas e os motivos das frases musicais devem ser executadas com suspensões entre elas, ficando as notas com curta duração. É uma técnica de execução instrumental ou vocal que se opõe ao legato.*

[←25]

Islamey (legendado Oriental Fantasy), Op. 18, é uma composição para piano do compositor russo Mily Balakirev, escrito em setembro 1869.

[←26]

**Semicolcheia** é o nome da Figura musical cuja duração é de 1/16 de uma semibreve ou metade de uma colcheia. A **semicolcheia** é representada por um quadrado preenchido com haste e duas bandeirolas. Esta nota musical vale 0.25.

[←27]

Étude Op. 10, No. 5, em sol bemol maior, é um estudo para piano solo, composto por Frédéric Chopin em 1830.

[←28]

Um bastão é uma vara que é utilizada por condutores principalmente para ampliar e melhorar os movimentos manuais e corporais associados a com dirigir um comjunto de músicos.

[←29]

Sergei Prokofiev começou a trabalhar em seu Piano Concerto No. 2 em Sol menor, Op. 16, em 1912 e concluído em 1913. Mas este concerto está perdido; a pontuação foi destruída em um incêndio após a Revolução Russa. Prokofiev reconstruiu o trabalho em 1923, dois anos depois de terminar seu Terceiro Concerto, e declarou ser "tão completamente reescrito que poderia quase ser considerado [Concerto] No. 4".

[←30]

*Carbonara* ou *spaghetti* alla *carbonara* é uma receita tradicional italiana de massa. O seu nome é derivado da palavra italiana carbone, que significa carvão.

[←31]

Estampa **Paisley**. A estampa mais famosa dos anos 70 continua em alta! Sua origem é indiana e persa, surgindo no século 18.

[←32]

*Famoso concerto de Sebastian* Bach.

[←33]

*O Violino Guarneri é o mais caro do mundo precisamente o Vieuxtemps, avaliado em mais 15,8 Milhões de dolares cerca de R$ 31,7 milhões de reais!!! O instrumento já passou pelas mãos de vários solistas* internacionais e seu último dono é o financista e filantropo britânico Ian Stoutzker, que comprou o violino de Sir Isaac Wolfson, fundador do Wolfson College, em Oxford, na Inglaterra.

[←34]

Quesadilla é uma comida típica mexicana feita com tortillas recheada de queijo e grelhadas para fundir o queijo.

[←35]

Uma verificada de cima a baixo. Uma rápida análise ou pesquisa; especialmente: a olhar de avaliaçãoabrangente rápida <me deu a once-over>.

[←36]

Dolce & Gabbana é uma grife italiana internacionalmente famosa, criada pelo estilista siciliano Domenico Dolce, e pelo vêneto Stefano Gabbana, em Milão, na Itália.

[←37]

Marca famosa e uma das mais poderosa grife do mundo.

[←38]

Um nome latino ecoa com pompa no universo da moda de luxo: Oscar de la Renta. Com estilo único transformou seu nome e sua grife em sinônimos de tapete vermelho.

[←39]

Quando o assunto é requinte e bom gosto a rede de lojas de departamento *NEIMAN MARCUS* é o destino certo para os abonados.

[←40]

O Quebra-Nozes é um ballet em dois atos, originalmente coreografado por Marius Petipa e Lev Ivanov... Tchaikovsky compos as peças de O Quebra-Nozes em Rouen, França.

[←41]

Definição tremolo, um efeito trêmula ou vibrando produzidos em determinados instrumentos e na voz humana, como para expressar emoções.

[←42]

O **PORSCHE CAYENNE**, um dos lançamentos mais polêmicos da montadora em toda sua existência, foi introduzido no mercado. Depois de alguns anos de desenvolvimento, a marca alemã apresentou sua interpretação para o conceito de veículo utilitário esportivo ou SUV (sport utility vehicle). Hoje em dia o modelo é apontado como um dos principais fatores para o sucesso atual da montadora.

[←43]

Senhor e Mestre.

[←44]

Abreviatura Moronic para "seu", "você é", ou "você está". Ele não deve ser pronunciado "yur", mas sim como ele se parece: ur (que rima com purr, pele, ela, etc.).

[←45]

Música composta por Maurice *Ravel* em 1908. Foi inspirada em uma série de poemas em prosa fantásticos do escritor Aloysius Bertrand.

[←46]

Musica da banda norte-americana Metallica de heavy metal originaria de Los Angeles, mas com base em San Francisco.

[←47]

*"**Symphony of Destruction**" é um single de 1992, feito pela banda de thrash metal estadunidense Megadeth. Foi apresentada no álbum Countdown to Extinction.*

[←48]

*"**Smells Like Teen Spirit**" é uma canção da banda grunge norte-americana Nirvana, sendo a faixa de abertura e primeiro single do segundo álbum da banda, Nevermind, lançado em 1991.*

[←49]

**Comfortably Numb** é uma canção do Pink Floyd, escrita pelo guitarrista David Gilmour e por Roger Waters, baixista da banda. Foi uma das principais e mais reconhecidas músicas da banda. Foi gravada no álbum duplo The Wall de 1979.

[←50]

New Orleans Police Department, mas também conhecido como "Não é nosso problema, Cara", "Isso é o NOPD para você."

[←51]

A Sinfonia n.º 9 de Gustav Mahler foi escrito entre 1908 e 1909, e foi a última sinfonia que ele completou.

[←52]

Beaux Arts é um estilo arquitetônico oriundo da "École des Beaux-Arts" de Paris. Este estilo influenciou fortemente a arquitetura dos EUA no período 1880-1920. Trata-se de uma arquitetura muito ornamentada com colunas, flores, estátuas e com diversos outros elementos decorativos desenhados de forma menos rígidas.

[←53]

Lamentação; lamuria.

[←54]

Embelezar jóias, peças de vestuário, acessórios e projetos de decoração para casa com espumantes strass cristal Swarovski e pedras extravagantes.

[←55]

Too Much Information - muito mais do que você precisa / quer saber sobre alguém.

[←56]

Chapéu de feltro.

[←57]

Aqui deixo boceta como bichano já que eles fazem uma referência ao seu gato.

[←58]

Sonata para Piano No. 9, Op. 68, vulgarmente conhecida como a Sonata Missa Negra, é um dos mais antigas... Como outras obras tardias de Scriabin, a peça é altamente cromática e atonal.

[←59]

Esta musica encontra-se no sexto álbum de estúdio lançado pela banda americana de hard rock Van Halen, no início de 1984. Este álbum está na lista dos 200 álbuns definitivos no Rock and Roll Hall of Fame. Tradução: Tesão pela professora.

[←60]

Barco em francês, é assim que se chama – por causa do formato – o decote que vai de ombro a ombro.

[←61]

(Chicago, 12 de Abril de 1940) é um pianista e compositor norte-americano, considerado um dos mestres do jazz. "*Some Day My Prince Will Come*" - Um dia o seu Principe virá - é uma canção popular da Walt Disney *composta* em 1937 para o longa-metragem Branca de Neve e os Sete Anões.

[←62]

Aqui a autora faz uma analogia com a palavra come – Virá/venho.

[←63]

Edvard Hagerup Grieg (Bergen, 15 de Junho de 1843 — Bergen, 4 de Setembro de 1907) é o mais célebre compositor norueguês, um dos mais célebres do período romântico e do mundo.

[←64]

Coda - Indica um pulo para a frente na música até a passagem final, indicada pelo mesmo sinal. Só é usada depois que a música já foi executada uma vez e uma indicação D.S. al coda ou D.C. al coda foi seguida.

[←65]

Glissando - Uma variação contínua de altura entre os dois extremos.

[←66]

**Henley:** São camisetas que podem ser descritas como uma versão pólo sem a gola que vêm geralmente com dois, três, quatro ou cinco botões “rasgando” o peito.

[←67]

Famosos pianistas.

[←68]

"Eu te seguirei no escuro" é uma canção da banda de rock indie Death Cab for Cutie, o terceiro single de seus Planos de álbuns quinto, lançado em 30 de Agosto, de 2005.

[←69]

"Silent Lucidity" é um single pela American banda de metal progressivo Queensrÿche do Império, álbum de 1990. A canção foi o maior hit da banda.

[←70]

Kodaline é uma banda Irlandesa. Quando o clipe de **All I Want** foi lançado, o Kodaline estava prestes a lançar o seu primeiro EP, o “The Kodaline EP”, o clipe foi um sucesso imediato, e surpreendeu a todos, tanto pela sua história interessante quanto pela qualidade da canção em si. All I Want foi um fenômeno instantâneo, e começou a mudar a história da banda.

[←71]

Desaparecido em ação.

[←72]

O estilo Rockabilly iniciou-se nos E.U.A. dos anos 50, como uma mistura inusitada entre o rock e a música country. As garotas rockabilly se vestem de maneira bastante sexy, mas de forma “doce” e “comportada” (ao mesmo tempo!).

[←73]

Os edifícios e arquitetura de Nova Orleans são um reflexo da sua história e do património multicultural. New Orleans é mundialmente famosa pela sua variedade de estilos arquitectónicos originais, de Creole townhouses para as grandes mansões em St. Charles, a partir das varandas do bairro francês. Townhouses são estruturas estreitas, de três andares feitas de estuque ou tijolo. Um arranjo assimétrico da fachada, com uma varanda no segundo andar fica perto da linha de propriedade.